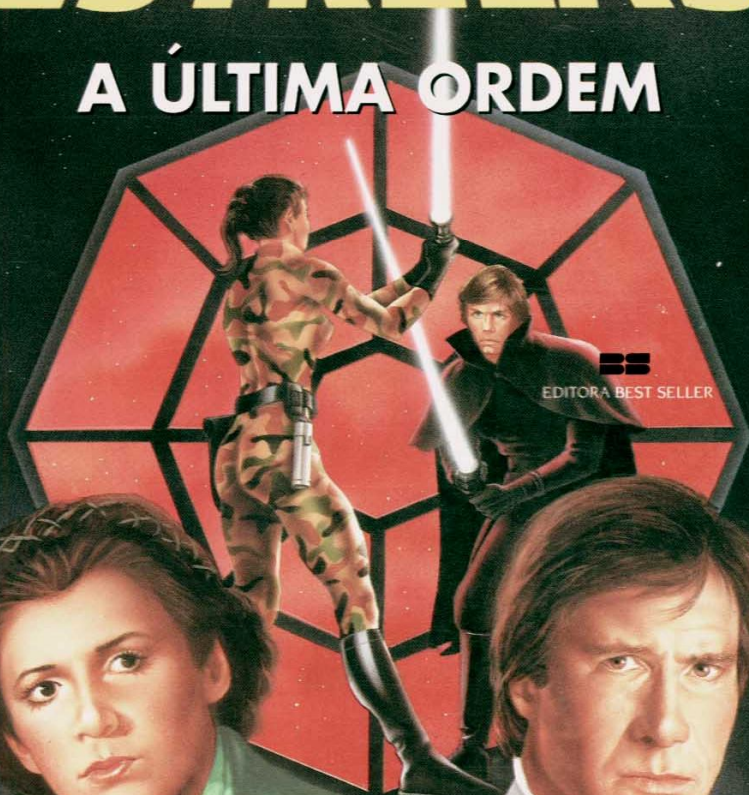


A TRAGÉDIA INSTALA-SE NA GALÁXIA!
PARTE III

GUERRA NAS ESTRELAS

A ÚLTIMA ORDEM



BS
EDITORA BEST SELLER

TIMOTHY ZAHN

NAS PROFUNDEZAS DO ESPAÇO, UMA AVENTURA EMPOLGANTE

A ameaçada República oscila ante os ataques do grande Almirante Thrawn. Han e Chewbacca lutam pelo universo, enquanto Leia, enfrentando traições, procura manter a Aliança unida e prepara-se para o nascimento de seus filhos gêmeos.

Suplantada pelas frotas do Império, a galáxia ainda abriga uma esperança: o envio de uma pequena força de combate, com Luke Skywalker, para o centro da fortaleza que abriga as terríveis máquinas produtoras de clones. Lá, o ensandecido

Mestre Jedi C'baoth aguarda Luke para o combate final!

Conclusão da trilogia épica iniciada com os best sellers *Os Herdeiros do Império* e *O Despertar da Força Negra*.

TIMOTHY ZAHN

A Última Ordem

GUERRA NAS ESTRELAS Parte III

Título original: *The Last Command - Star Wars*
Copyright © Lucasfilm Ltd., 1993

Licença editorial para o Círculo do Livro.
Todos os direitos reservados.



CIRCULO DO LIVRO

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil
adquiridos por Círculo do Livro Ltda.,
que se reserva a propriedade desta tradução.



EDITORA BEST SELLER

uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 - CEP 01410-901 - Caixa Postal 9442
São Paulo, SP

Fotocomposição: Círculo do Livro Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

Deslizando através da escuridão do espaço profundo, o destróier estelar *Quimera* apontou sua forma triangular para o sistema-alvo, a três mil anos-luz de distância. E preparou-se para combate.

— Todos os sistemas de combate estão prontos, Grande Almirante — informou o oficial de comunicações de seu console. — A força-tarefa começa a acusar prontidão.

— Certo, tenente. Me avise quando todos estiverem a postos — disse o Grande Almirante Thrawn. — Capitão Pellaeon?

— Senhor?

Pellaeon procurava sinais de cansaço no rosto do superior. A exaustão que ele mesmo sentia. Afinal, não se tratava apenas de mais um golpe tático contra a Rebelião... não era um ataque a comboio, nem de uma expedição para atingir alguma insignificante base planetária e depois fugir. Após quase um mês de preparações frenéticas, a campanha de Thrawn para a vitória final do Império estava para ser lançada.

Mas se o Grande Almirante sentia alguma tensão, não dava nenhum indício disso.

— Comecem a contagem — ordenou, como quem pedisse o jantar.

Pellaeon voltou-se para o monitor holográfico traseiro, onde um grupo de figuras tridimensionais com um quarto do tamanho natural permanecia em posição de sentido.

— Sim, senhor. Cavalheiros, em posição de lançamento. *Belicoso*: três minutos.

— Afirmativo, *Quimera*. Boa caçada — desejou o capitão Aban, sem conseguir que sua aparência ocultasse a ânsia de combater a Rebelião.

A imagem estremeceu e desapareceu quando o *Belicoso* ergueu seus escudos defletores, cortando a comunicação de longo alcance. Pellaeon voltou-se para a imagem seguinte.

— *Incansável*: quatro ponto cinco minutos.

— Recebido — acusou o capitão Dorja, batendo o punho direito cerrado na palma esquerda, num antigo gesto mirshaf de vitória.

Em seguida, sua imagem também desapareceu. Pellaeon consultou o

relógio de pulso.

— *Justiceiro*: seis minutos.

— Estamos prontos, *Quimera* — relatou o capitão Brandei, com voz suave e controlada.

Apesar da dissimulação, Pellaeon percebeu algo. Mesmo com a falta de detalhes na imagem reduzida, a expressão no rosto do oficial do *Justiceiro* era transparente. Ele queria vingança.

— Capitão Brandei, estamos em guerra — afirmou Thrawn, que se aproximara por trás de Pellaeon. — É a pior oportunidade possível para retaliações pessoais.

— Sei qual é meu dever, senhor — respondeu Brandei, em posição de sentido.

— Será mesmo, capitão? — indagou o Grande Almirante, fitando-o.

— Sim, senhor. — O brilho irado desapareceu dos olhos de Brandei. — Meu dever é para com o Império, para com o senhor e para com a nave e o pessoal sob meu comando.

— Muito bem — aprovou Thrawn. — Em outras palavras, seu dever é para com os vivos, não os mortos.

— Sim, senhor.

— Nunca se esqueça disso — avisou o Grande Almirante.

— A sorte da guerra pode melhorar e piorar, entretanto fique certo de que a Rebelião será punida pela destruição do *Implacável* no combate pela Frota *Katana*. Porém, o pagamento irá ocorrer no contexto de nossa estratégia geral, não como um ato de vingança particular. — Os olhos vermelhos estreitaram-se. — Além do que não permito uma atitude dessas em nenhum capitão do Império sob meu comando. Espero que tenha sido claro.

Pellaeon nunca tivera Brandei na conta de muito brilhante, mas era esperto o suficiente para reconhecer uma ameaça direta como aquela.

— Claríssimo, Grande Almirante.

— Ótimo — falou Thrawn, olhando para ele. — Já recebeu seu horário de lançamento?

— Sim, senhor. *Justiceiro* desligando.

— Continue, capitão — pediu o Grande Almirante, olhando para Pellaeon, que consultou a prancheta de leitura.

— *Nêmesis*...

Terminou a lista sem mais nenhum incidente e quando o último holograma desapareceu, a verificação final da frota completou-se.

— A operação está correndo dentro do horário planejado

— comentou Thrawn quando Pellaeon retornou a seu posto, em frente ao

console de comando. — O *Tempestade* informa que os cargueiros-guia foram lançados no horário, com todos os sistemas cem por cento. E acabamos de interceptar um pedido de socorro de Ando.

Eram o *Belicoso* e sua força-tarefa, bem no horário.

— Alguma resposta, senhor?

— A base rebelde de Ord Pardron acusou recebimento — informou o Grande Almirante. — Será interessante observar que tipo de reforços vão mandar.

Pellaeon concordou. A Rebelião já conhecia o suficiente as táticas de Thrawn para acreditar que o ataque em Ando seria um engodo e talvez respondessem de acordo. Por outro lado, uma força de ataque, de um destróier estelar e oito cruzadores *Dreadnaught* da Frota *Katana*, não poderia ser menosprezada.

Mandariam algumas naves para Ando para combater o *Belicoso* e mais alguns para Filve a fim de conter o *Justiceiro*, e outros para Crondre, contra o *Nêmesis*, e assim por diante. Quando a *Mão da Morte* atingisse Ord Pardron, a própria base teria suas defesas reduzidas e pediria de volta todos os reforços que a Rebelião pudesse reunir.

E era para lá que os reforços iriam. Deixando o verdadeiro alvo para o Império.

Pellaeon olhou pelo visor para a estrela do sistema de Ukio a frente, emocionado ao contemplar o enorme conceito de todo o plano. Com os escudos planetários, capazes de suportar qualquer quantidade de bombardeio turbolaser e de torpedos de prótons, a estratégia moderna convencional sustentava que a única maneira de subjugar um mundo com escudo planetário era desembarcar forças terrestres de alta mobilidade, e mandá-las destruir o gerador de energia do escudo. Entre os disparos das tropas terrestres e o subsequente ataque orbital, o planeta atacado sempre estava em péssimo estado quando era tomado. A outra alternativa, que seria desembarcar centenas de milhares de soldados numa campanha bélica de grandes proporções, podia arrastar-se por meses, ou até mesmo vários anos. Era considerado impossível capturar um planeta ileso, com todos os geradores de escudos defletores funcionando.

Aquele dogma militar seria quebrado. Assim como Ukio.

— Interceptamos sinais de socorro vindos de Filve, Almirante. Ord Pardron responde — anunciou o oficial de comunicações.

— Ótimo. Mais sete minutos e podemos ir andando — disse Thrawn, apertando os lábios. — Acho que seria bom saber se nosso exaltado Mestre Jedi está disposto a fazer a parte dele.

Pellaeon ficou ressabiado. O superior referia-se a Joruu C'baoth, o

clone maluco do falecido mestre Jedi Jorus C'baoth. No mês anterior declarara a si mesmo o verdadeiro herdeiro do Império. O capitão não gostava de falar com ele mais do que Thrawn; contudo, se não se apresentasse para fazê-lo, receberia uma ordem.

— Pode deixar que eu vou, senhor — ofereceu-se, levantando em seguida.

— Obrigado, capitão.

Como se pudesse ter recusado...

Sentiu a influência mental assim que saiu da zona de proteção dos ysalamiri espalhados ao redor da ponte de comando, em suas molduras nutrientes. Mestre C'baoth parecia impaciente para que a operação se iniciasse. Pellaeon preparou-se da melhor forma possível e, lutando contra a pressão imposta por C'baoth para que se apressasse, prosseguiu em direção à sala de comando de Thrawn.

O aposento estava iluminado, contrastando com luz suave e difusa que o Grande Almirante apreciava.

— Capitão Pellaeon, estava esperando por você — recebeu-o C'baoth, no meio do anel de monitores.

— O resto da operação tomou todo o meu tempo — respondeu o capitão com certa rigidez, tentando ocultar seu desagrado pelo outro. Sabia, porém, como eram fúteis essas tentativas.

— Mas claro — assentiu o Mestre Jedi, sorrindo, divertido com o desconforto de Pellaeon. — De qualquer forma, não importa. Presumo que, afinal, o Grande Almirante Thrawn esteja pronto.

— Quase. Queremos esvaziar Ord Pardron o máximo possível antes de avançarmos.

— Você continua a presumir que a Nova República vai dançar ao tom da música do Grande Almirante?

— Eles vão cair — opinou Pellaeon. — O Grande Almirante estudou muito o inimigo.

— Estudou a arte do inimigo — repetiu C'baoth, com um careta de desdém. — Isto pode ser útil quando a Nova República só tiver artistas para lançar contra nós.

Um alarme no console livrou Pellaeon de responder.

— Estamos nos movendo — lembrou ele a C'baoth, iniciando a contagem mental dos setenta e seis segundos que levariam para chegar a Ukio.

Tentava afastar as palavras de C'baoth de sua cabeça. O próprio Pellaeon não entendia como Thrawn era capaz de descobrir os segredos de uma espécie através de sua arte. Mas tivera provas suficientes para confiar no

instinto do Grande Almirante para esses julgamentos.

Por outro lado, o Mestre Jedi não estava interessado num debate honesto sobre o assunto. Durante o último mês, depois de ter se declarado herdeiro legítimo do Império, vinha fazendo uma certa guerra de nervos contra a credibilidade de Thrawn, insinuando que a verdadeira visão vinha da Força. E portanto, através dele, e não do Grande Almirante.

Pellaeon não concordava com o argumento. O Imperador mergulhara de cabeça nessa história de Força e nem ao menos fora capaz de prever a própria morte em Endor. O fato, porém, era que as sementes de discórdia que C'baoth tentava semear começavam a brotar entre os oficiais mais novos de Thrawn.

Para o capitão, esse era outro motivo pelo qual o ataque teria de ser bem sucedido. O sucesso dependia tanto da interpretação de Thrawn sobre a cultura de Ukio, como de sua tática militar. Baseava-se na convicção de que os habitantes de Ukio tinham pavor do impossível.

— Ele não pode estar certo sempre — comentou C'baoth. Pellaeon sentiu um arrepio na espinha por ter os pensamentos invadidos.

— Você não tem nenhum respeito pela privacidade alheia, tem?

— Sou o Império, capitão Pellaeon — afirmou o Mestre Jedi, os olhos brilhando com fanatismo. — Seus pensamentos fazem parte de seu serviço a mim.

— Meus serviços são prestados ao Grande Almirante.

— Você pode acreditar no que quiser. — C'baoth sorriu. — Quando a batalha aqui tiver terminada, quero mandar uma mensagem para Wayland.

— Anunciando seu retorno, sem dúvida.

O Jedi insistia há quase um mês que pretendia retornar ao seu planeta, Wayland, onde assumiria o comando das instalações de clonagem do Imperador, no interior do monte Tantiss. Até então, tentava alterar a posição de Thrawn, que só conversava sobre o assunto, sem decidir nada.

— Não se preocupe, capitão Pellaeon. Quando a hora chegar, pretendo voltar a Wayland. Por isto quero que entre em contato com eles depois da batalha e ordene que criem um clone para mim. Um clone muito especial.

O Grande Almirante vai ter de autorizar isso, pensou Pellaeon.

— Que tipo de clone você quer? — Foram as palavras que saíram de sua boca, inexplicavelmente.

O capitão piscou, confuso. C'baoth sorriu, divertido.

— Desejo um servo. Alguém que estará esperando por mim cada vez que eu retornar. Feito com um dos troféus mais valiosos do Imperador. Amostra B, vinte e três, trinta e dois, cinquenta e quatro, se não me engano. Você irá, claro, exigir segredo absoluto ao comandante da guarnição.

Não farei nada disso, pensou Pellaeon. Mas não foi o que disse:

— Certo.

Escutar o som da própria voz concordando deixou-o chocado. Pellaeon prometeu a si mesmo que logo depois do término da batalha iria contar toda a conversa a Thrawn.

— Também irá manter esse pedido como um segredo entre nós dois — disse C'baoth. — Depois de cumprir meu desejo, você esquecerá de tudo.

— Com certeza — concordou o capitão só para contentar o outro.

Contaria tudo a Thrawn. O Grande Almirante saberia o que fazer.

A contagem atingiu o zero e o planeta Ukio apareceu no monitor principal.

— Devemos acompanhar no monitor tático, Mestre C'baoth.

— Como quiser — respondeu o Jedi, acenando.

Pellaeon inclinou-se para tocar o botão apropriado no console e o monitor holográfico tático apareceu no centro da sala. O *Quimera* aproximava-se em sua órbita alta sobre o equador ensolarado; os dez cruzadores Dreadnaught que compunham a força-tarefa dividiam-se em posições exteriores e interiores de defesa. O *Tempestade* aproximava-se pelo lado escuro do planeta, fechando o cerco. Outras naves, comerciais e cargueiros, eram vistas penetrando nos orifícios que se abriam, por instantes, criados pelo Controle de Terra no escudo de energia de Ukio: uma bolha que parecia uma neblina azulada em volta do planeta. Dois pontos piscaram, em vermelho: os cargueiros-guia lançados pelo *Tempestade*, com aparência tão inocente quanto o resto dos veículos não militares, procurando abrigo no espaçoporto do planeta. Junto com eles, arrastavam quatro companheiros invisíveis.

— Invisíveis para quem não tem olhos para enxergá-los. — comentou C'baoth, intrometendo-se de novo nos pensamentos de Pellaeon.

— Então agora pode ver as próprias naves, é? Como aumentou seu poder...

O capitão tivera a intenção de irritar C'baoth um pouco. Porém, o esforço foi inútil.

— Consigo enxergar os homens dentro desse seu precioso escudo de camuflagem — afirmou o Mestre Jedi. — Posso ler os pensamentos deles e dirigir-lhes a vontade. O que importa o metal em si?

— Acho que devem existir muitas coisas que não importam a você — declarou Pellaeon. — E de soslaio, viu C'baoth comentar com um sorriso:

— O que não importa a um Mestre Jedi não importa ao Universo.

As naves de carga aproximavam-se do escudo.

— Eles vão largar os cabos de reboque logo que estiverem no interior da proteção do escudo — informou Pellaeon. — Está pronto?

— Aguardo as ordens do Grande Almirante — C’baoth estreitou os olhos e comentou cheio de ironia.

Por mais um instante Pellaeon ficou observando o Mestre Jedi e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Lembrava-se da primeira vez que o outro tentara esse tipo de controle à longa distância. Recordou-se da dor que apareceu no rosto de C’baoth; o olhar agoniado com a concentração e o sofrimento demonstrado para manter o contato mental.

Cerca de dois meses antes, Thrawn dissera que C’baoth jamais seria uma ameaça ao Império, pois lhe faltava a habilidade de aprender a concentrar seu poder por muito tempo. De alguma forma, em poucos meses, C’baoth desenvolvera o controle necessário.

O que o colocava na posição de ameaça ao Império. Uma ameaça real e perigosa.

O intercomunicador sinalizou.

— Capitão Pellaeon?

Controlando da melhor forma possível os temores, o capitão estendeu a mão para o console e abriu o canal de comunicação. Por um instante, pelo menos, a frota precisava das habilidades de C’baoth. Felizmente, C’baoth também necessitava deles.

— Estamos prontos, Grande Almirante.

— Fiquem de prontidão! Os cabos de reboque foram soltos agora.

— Estão livres — confirmou C’baoth. — Estão se movendo para os pontos determinados.

— Confirme que estão abaixo do escudo planetário — pediu Thrawn.

Pela primeira vez um lampejo do cansaço anterior passou pelo rosto do Mestre Jedi. Com o escudo impedindo que o *Quimera* detectasse os cruzadores e ao mesmo tempo bloqueando os próprios sensores das naves camufladas, a única maneira de saber onde estavam, era que C’baoth localizasse as mentes que tocava de forma precisa.

— As quatro naves localizam-se abaixo do escudo — informou ele.

— Tem certeza absoluta? Se estiver errado...

— Não estou errado, Grande Almirante — interrompeu C’baoth. — Vou fazer minha parte nessa batalha. Preocupe-se com a sua.

Por um instante o intercomunicador permaneceu em silêncio. Pellaeon pôde imaginar a expressão de Thrawn.

— Muito bem, Mestre Jedi. Prepare-se para fazer a sua parte. Escutaram o ruído de abertura do canal de comunicação.

— Aqui fala destróier imperial *Quimera*, chamando o comando de Ukio — contactou o Grande Almirante Thrawn. — Em nome do Império, declaro que o sistema de Ukio está de novo sob a nossa jurisdição e sob a proteção de forças imperiais. Baixem o escudo, desativem todas as unidades militares e preparem-se para uma troca organizada de comando. — Não houve resposta. — Sei que estão recebendo esta mensagem — continuou Thrawn. — Se não responderem, serei obrigado a presumir que pretendem resistir. Nesse caso, não me restará outra alternativa, a não ser iniciar as hostilidades.

Outra vez, apenas o silêncio.

— Estão transmitindo. Parece um pedido de socorro, mais urgente do que o primeiro — informou o oficial de comunicações.

— Tenho certeza de que o terceiro vai ser ainda mais urgente — comentou Thrawn. — Prepare-se para disparar a primeira seqüência. Mestre C'baoth?

— Os cruzadores estão prontos. E eu também — anunciou o Jedi.

— Espero que sim. A menos que o sincronismo seja perfeito, todo esse espetáculo será inútil. Bateria três de turbolaser: disparem a seqüência um à minha contagem. Três... dois... um... fogo.

No holograma tático, um raio duplo esverdeado saiu das baterias do *Quimera* na direção do planeta abaixo. Os disparos tocaram a névoa azulada e compacta do escudo planetário, espalhando-se quando a energia foi dissipada e refletida de volta ao espaço...

Quase ao mesmo tempo, os dois cruzadores camuflados que pairavam abaixo do escudo, ativaram seus turbolaser através da atmosfera, apontados para duas das maiores bases de defesa terrestre.

Isto foi o que Pellaeon viu. Os habitantes de Ukio, sem saber dos cruzadores camuflados, assistiram à passagem de dois disparos pelo seu até então impenetrável escudo planetário.

— Terceira transmissão interrompida, senhor — anunciou o oficial de comunicações, sorrindo. — Acredito que tiveram uma surpresa.

— Pois vamos convencê-los de que estamos falando sério

— disse Thrawn. — Preparem a seqüência número dois. Mestre C'baoth?

— Os cruzadores estão prontos.

— Bateria dois: prepare-se para disparar à minha contagem. Três... dois... um... fogo!

Novamente o raio esverdeado representando o turbolaser surgiu na imagem holográfica e os cruzadores fizeram sua parte, completando a ilusão.

— Muito bem — disse Thrawn. — Mestre C'baoth, mova os cruzadores para as posições três e quatro.

— A sua ordem, Grande Almirante Thrawn.

Inconscientemente, Pellaeon preparou-se. A sequência quatro possuía como alvo dois dos trinta geradores do escudo planetário. Deflagrar tal ataque significaria que Thrawn desistia do objetivo inicial de tomar Ukio com as defesas intactas.

— Destróier Imperial *Quimera*, aqui é Tol DosLla, do Centro de Comando de Ukio — anunciou uma voz do comunicador.

— Pedimos que cesse o bombardeio enquanto discutimos os termos da rendição.

— Meus termos são muito simples. Você vai começar desligando seu escudo e permitindo que minhas forças terrestres desembarquem. Elas receberão o controle do escudo e de todos os centros de armamentos de defesa espacial. Todos os veículos bélicos de porte médio serão recolhidos para as bases designadas, passando ao controle do Império. Apesar de permanecerem disponíveis para nós, seu sistema político e social continuará como sempre, sob o controle de seus líderes. Desde que o povo não se amotine, claro.

— E uma vez que essas mudanças sejam implementadas?

— Então farão parte do Império, com todos os direitos e deveres que essa situação gera.

— Não vão cobrar impostos de guerra? — indagou desconfiado DosLla.
— Nem fazer convocação forçada de nossos jovens?

Pellaeon podia imaginar o sorriso de Thrawn. Não, o Império não repetiria mais as convocações forçadas. Não enquanto a coleção de cilindros Spaarti de clonação funcionasse a contento.

— Não. Como deve saber, quase todos os mundos do Império pagam impostos de guerra, porém existem exceções. E provável que a parte de vocês seja paga com a produção de alimentos e manufaturados.

Uma longa pausa seguiu-se às declarações de Thrawn. DosLla não era bobo e Pellaeon acreditava que sabia muito bem quais os planos do Grande Almirante para o planeta. Em primeiro lugar, iria apossar-se do controle das defesas espaciais e terrestres, depois passaria a dirigir o sistema de distribuição de alimentos, as fábricas e os vastos complexos de agricultura e pastagens. Em pouco tempo, todo o planeta se tornaria apenas um fornecedor para a enorme máquina de guerra do Império.

— Vamos baixar os escudos planetários, *Quimera*, como prova de boa vontade — disse DosLla, mantendo o tom de desafio, mas já derrotado. — Quanto às instalações de armamentos espaciais e terrestres serem entregues ao Império, precisamos de certas garantias em relação à segurança do povo de Ukio, e quanto ao nosso território.

— Com certeza. Um representante está a caminho para discutir os detalhes com seu governo. Enquanto isto, presumo que não faça objeção a que nossas tropas assumam posições defensivas?

Thrawn não tripudiou sobre os vencidos, como muitos outros teriam feito. Uma pequena cortesia, bem calculada, assim como o restante do ataque. Permitia que os líderes de Ukio conservassem sua dignidade, diminuindo assim a resistência, até que fosse tarde demais.

Um suspiro se fez ouvir pelo comunicador.

— Não fazemos objeções, *Quimera*.

No holograma tático, o escudo azulado apagou-se.

— Mestre C'baoth, coloque os cruzadores em posições polares — ordenou Thrawn. Não queremos que nenhuma das naves de transporte esbarre num deles. General Covell, pode começar a levar suas forças para a superfície. Assuma posições defensivas ao redor de todos os objetivos e áreas de segurança.

— Certo, Grande Almirante — respondeu o general, um tanto resabiado.

Pellaeon sorriu, ao perceber o tom do outro. Os comandantes e generais só agora haviam tomado conhecimento do projeto de clonagem em andamento no monte Tantiss; Covell era um dos que ainda não se haviam acostumado com a idéia.

Talvez o fato de que três das companhias de assalto que comandava serem compostas de clones tivesse algo a ver com a demonstração de ceticismo.

Nos hologramas táticos as primeiras naves-transporte saíam do *Quimera* e do *Tempestade*, em direção aos alvos assinalados. Clones, a ponto de cumprir as ordens imperiais, assim como tripulações clonadas nos cruzadores camuflados haviam desempenhado bem a sua função.

Um pensamento desagradável ocorreu a Pellaeon. Será que C'baoth tivera facilidade para realizar sua parte porque os milhares de homens clonados eram uma combinação de mais ou menos vinte mentes? Ou pior ainda: será que parte do controle preciso do Mestre Jedi devia-se a ele próprio ser um clone?

De qualquer forma, o que poderia acontecer com o projeto do monte Tantiss entregue nas mãos de C'baoth, com sua sede de poder? Devia levar essas perguntas ao Grande Almirante...

Pellaeon olhou para C'baoth, lembrando-se da transparência de seus pensamentos. Contudo, o Mestre Jedi não estava tomando conhecimento de sua presença. Olhava atento para a frente, os olhos atentos, a pele do rosto esticada. Um breve sorriso começara a formar-se nos lábios.

— Mestre C’baoth?

— Estão lá — murmurou C’baoth, a voz rouca e profunda. — Estão lá, sim.

O capitão franziu a testa, olhando para o holograma tático.

— Quem está aonde?

— Em Filve. Meus Jedi estão em Filve! — exclamou, voltando os olhos na direção de Pellaeon.

— Mestre C’baoth, confirme que os cruzadores assumiram posição nos pólos do planeta — ordenou Thrawn, pelo comunicador. — Depois confirme os combates...

— Meus Jedi estão em Filve — interrompeu C’baoth. — Que me importam esses malditos combates?

— C’baoth...

Com um aceno de mão, C’baoth desligou o controle do comunicador, à distância.

— Agora, Leia Organa Solo... você será minha — murmurou, com expressão sonhadora.

O *Millenium Falcon* manobrou para estibordo, enquanto o caça TIE passou direto, com os canhões disparando e tentando seguir-lhe as manobras. Cerrando os dentes, Leia Organa Solo observou enquanto o inimigo explodia numa bola de fogo e destroços, abatido por um dos caça asa-X da escolta. O céu girou no visor acima deles quando a nave retomou o rumo original.

— Cuidado! — avisou Threepio, no assento atrás dela, enquanto outro caça se aproximava pelo flanco.

O aviso foi desnecessário. Com lentidão exasperante, o *Falcon* girou para oferecer chance de tiro às metralhadoras ventrais. Mesmo através da porta cerrada da cabine de comando, Leia escutou o brado de guerra wookie e, em seguida, o TIE seguiu o destino de seu companheiro.

— Belo tiro, Chewie — aplaudiu Solo, nivelando outra vez a nave. — Wedge?

— Estou aqui, *Falcon*. Por enquanto está tudo livre, todavia parece que mais uma esquadrilha de TIE está a caminho.

— Certo — respondeu Han; depois voltou-se para Leia. — A viagem é sua, meu bem. Ainda quer tentar aterrisar?

— O capitão Solo não está sugerindo... — começou Threepio, incapaz de conter a preocupação.

— Cale a boca, lata velha dourada! — Cortou Han. — Leia?

Ela olhou para o destróier do Império e para os oito cruzadores Dreadnaught que o acompanhavam, pairando ameaçadores sobre o planeta.

Aquela teria sido sua última missão diplomática antes do período de descanso para o nascimento dos gêmeos; uma viagem rápida para acalmar o nervoso governo de Filve e demonstrar a determinação da Nova República em proteger os sistemas daquele setor.

Que bela demonstração...

— Não há forma de passarmos por todos — disse ela, com relutância. — Mesmo que pudéssemos, duvido que iriam arriscar-se a abrir o escudo para nos deixar entrar. E melhor batermos em retirada.

— Para mim está ótimo — garantiu Han. — Wedge? Vamos sair. Fique conosco.

— Entendido, *Falcon*. Nos dê alguns minutos para calcularmos o salto de volta.

— Não se incomode, forneço os números daqui.

— Entendido. Esquadrilha Rogue, formação de defesa.

— Sabe, estou começando a ficar cansado disso tudo — comentou Han, passando o comando ao computador. — Pensei que tinha dito que seus amigos noghri iam deixá-la em paz.

— Isto não tem nada a ver com os noghri. Estamos assistindo as brincadeiras do Grande Almirante Thrawn, com seus novos Dreadnaught — respondeu, sentindo um pouco de dor de cabeça.

Seria impressão ou as forças do Império' ao redor de Filve abandonavam o cerco? Olhando para o marido, percebeu que ainda considerava o fato de o Império ter conseguido a Força Negra como sua responsabilidade exclusiva.

— E verdade. Mas não achei que fosse colocá-los em funcionamento tão depressa — respondeu Han, girando o nariz do *Falcon* para o espaço aberto.

Leia engoliu em seco. Sentia uma estranha tensão, como uma presença malévola e distante que pressionasse sua cabeça.

— Talvez ele tenha suficientes cilindros Spaarti para clonar engenheiros e técnicos, além de soldados.

— Não deixa de ser um pensamento divertido — respondeu Han. — Wedge? Olhe para Filve e me diga se estou vendo coisas, sim?

— Quer dizer algo como toda a frota interrompendo o ataque e vindo na nossa direção? — perguntou Wedge, demonstrando a mesma surpresa.

— Exato.

— Creio que é isso mesmo que estão fazendo. Um ótimo momento para a gente ir embora, eu diria.

— Pode ser...

Leia achou que algo corria mal e olhou para o marido.

— Han?

— Filve mandou um pedido de socorro antes de erguer o escudo, certo?

— perguntou ele.

— Certo.

— E a base da Nova República mais próxima é Ord Pardron, certo?

— Certo — concordou Leia, com cautela.

— Muito bem. Esquadrilha Rogue, vamos mudar o curso para estibordo.

Fiquem comigo.

Ele acionou o controle e o *Falcon* iniciou uma curva fechada para a direita.

— Cuidado, *Falcon*. Esse rumo vai nos levar direto à esquadrilha de caças TIE — avisou Wedge.

— Não vamos tão longe assim. Aqui está nosso vetor — disse Han, corrigindo o curso da nave e examinando o monitor traseiro. O computador de bordo emitiu um sinal sonoro, avisando que os cálculos estavam prontos.

— Lá vão as coordenadas...

— Espere um pouco, *Falcon* — pediu Wedge. — Temos companhia a estibordo.

Leia olhou na direção indicada, sentindo um aperto no estômago ao ver os caças inimigos aproximando-se, perto o suficiente para escutar qualquer transmissão feita aos caças de escolta. Mandar as coordenadas para Wedge seria um convite para que fossem recebidos por um comitê de recepção em seu destino.

— Talvez possa ajudar, Alteza — ofereceu Threepio. — Como sabe, domino seis milhões de formas de comunicação. Poderia transmitir as coordenadas para o comandante Antilles em boordist, ou na linguagem comercial vaathkree, por exemplo...

— E quem iria fazer a tradução? — lembrou Han, de mau humor.

— Mas claro... não tinha pensado nisso. — exclamou o dróide, embaraçado.

— Não se preocupe. Wedge, você esteve em Xyquine dois anos atrás, não esteve?

— Estive... uma manobra Cracken?

— Isso mesmo. Em dois; um, dois.

Ao lado de fora, Leia viu a formação de defesa que se reunia ao redor do *Falcon*.

— O que vamos conseguir com isto? — indagou ela.

— Fugir — esclareceu Han, consultando o monitor de retaguarda. — Pegue as coordenadas, acrescente dois ao segundo algarismo de cada uma e depois envie o resultado aos caças.

Alterar o segundo algarismo não iria mudar a aparência geral dos números, mas garantia que qualquer perseguidor errasse o alvo por mais de

dois anos-luz.

— Bem bolado — comentou Leia, entendendo à medida que fazia os cálculos. — E quanto a essa manobra complicada que acabaram de fazer? Foi só para despistar?

— Isso mesmo. Complica as coisas para quem esteja olhando. Pash Cracken inventou essa manobra sem sentido depois do fiasco em Xyquine — explicou Han. — Acho que temos dianteira suficiente para deixá-los para trás. Vamos tentar.

— Não vamos saltar para a velocidade da luz? — indagou ela. Tentou eliminar as recordações desagradáveis que vieram à

sua mente: recordou a fuga de Hoth, com toda a frota de Darth Vader nos calcanhares. Naquela oportunidade o hiperdrive estava avariado...

— Não se preocupe, querida — disse Han, adivinhando-lhe os pensamentos. — Nosso hiperdrive está funcionando muito bem.

— Espero que sim.

— Enquanto estiverem nos perseguindo não irão incomodar-se com Filve — explicou Han. — E quanto mais os afastarmos, maior a probabilidade de os reforços de Ord Pardron chegarem a tempo.

— Acredito que já demos a eles tempo suficiente — disse Leia, assustando-se com a passagem de um raio esverdeado perto do visor. Em seu ventre, percebeu a inquietude dos gêmeos. — Podemos, por favor, sair daqui?

Um segundo raio resvalou no escudo defletor, reforçando o pedido.

— Tem toda a razão. Wedge? Está pronto?

— Quando quiser, *Falcon*. Vá na frente. Seguiremos assim que estiver a salvo.

— Certo — concordou Han, acionando os manetes do hiperdrive, num movimento suave.

Através do aço transparente acima deles, as estrelas se tornaram riscos luminosos. O *Falcon* escapara.

Leia respirou fundo e soltou devagar o ar. Na barriga, percebia a ansiedade dos gêmeos; por um instante, dedicou-se mentalmente a acalmá-los. Era uma sensação estranha, tocar mentes que lidavam com sentimentos e sensações em estado puro, ao invés de imagens e palavras. Era muito diferente de Han ou de Luke e dos outros.

Diferente, também, da inteligência distante que estivera orquestrando o ataque do Império.

Atrás dela, a porta abriu-se para dar passagem ao corpanzil de Chewbacca.

— Boa pontaria, Chewie — saudou Han, enquanto o wookiee desabava

na poltrona ao lado de Threepio. — Teve mais algum problema com o braço mecânico horizontal?

Chewbacca rugiu uma negativa. Depois pousou os olhos escuros em Leia e formulou uma pergunta.

— Estou bem — assegurou ela, contendo lágrimas inexplicáveis. — De verdade.

Percebeu que Han também a fitava, com a testa franzida.

— Você não estava preocupada, estava? Era só uma força-tarefa do Império. Nada sério — comentou ele.

Leia balançou a cabeça.

— Não foi isso, Han. Havia mais alguma coisa naquele lugar. Uma espécie de... — Ela balançou a cabeça outra vez.

— Não sei explicar.

— Talvez seja algo parecido com sua indisposição em Endor

— sugeriu Threepio. — Quando desmaiou, lembra? Chewbacca e eu estávamos consertando a nave e...

O wookie rugiu um aviso e o dróide calou-se. Tarde demais.

— Deixe continuar — pediu Han, desconfiado. — Que indisposição foi essa?

— Não foi nada, Han — assegurou Leia. — Em nossa primeira órbita ao redor de Endor, passamos pelo lugar onde a Estrela da Morte foi destruída. Por alguns segundos, senti a presença do Imperador ao meu lado. Só isso.

— Só isso? — repetiu, escandalizado, olhando de soslaio para Chewbacca. — Um imperador morto tenta dominá-la e você acha que não vale nem a pena comentar?

— Não seja bobo — protestou Leia. — Não aconteceu nada de grave. Acabou rápido e não houve nenhum efeito mais tarde. De verdade. De qualquer forma, o que senti em Filve foi diferente.

— E bom saber — troçou Han. — Por acaso algum médico examinou-a após isso?

— Bem, ainda não tive tempo...

— Vamos ao médico assim que voltarmos.

Leia suspirou e concordou com um gesto. Conhecia bem aquele tom de voz. Não pretendia iniciar uma discussão.

— Se der tempo...

— A gente arranja tempo. Ou mando Luke trancar você no centro médico quando voltarmos. E sério, meu bem.

Leia pressionou a mão dele, sentindo um aperto parecido no coração ao fazê-lo. Luke, sozinho em território do Império... mas estaria bem. Tinha de estar bem.

— Está certo. Prometo que vou marcar.

— Ótimo. O que sentiu em Filve?

— Não sei — hesitou Leia. — Talvez tenha sido o mesmo que Luke sentiu no *Katana*. Sabe... quando os clones da tropa de choque desembarcaram...

— Pode ser — concordou Han, com ar de dúvida. — Pode ser. Mas aqueles Dreadnaught estavam bem longe.

— Devia haver muito mais clones, também.

— E melhor eu e Chewie trabalharmos naquele estabilizador de fluxo iônico antes que estoure de vez. Você vai ficar bem aqui?

— Estou ótima — garantiu Leia, contente por mudar de assunto. — Vão indo vocês dois.

A outra possibilidade era algo que ela não desejava considerar no momento. Havia rumores, na época, de que o Imperador possuía a habilidade de usar a Força para exercer controle direto sobre seus militares. O Mestre que Luke enfrentara, em Jomark, possuía a mesma habilidade...

Acariciou o ventre protuberante e focalizou o pensamento nas duas pequenas almas em seu interior. De fato, não era algo em que quisesse pensar.

— Presumo que o senhor tenha algum tipo de explicação — declarou Thrawn, com voz fria.

Vagaroso, C'baoth levantou a cabeça para encarar o Grande Almirante. Com um esgar de desagrado, fitou o ysalamiri que Thrawn trazia preso aos ombros.

— O senhor também tem uma explicação, Grande Almirante Thrawn?

— Você interrompeu o ataque a Filve — acusou Thrawn, ignorando a pergunta. — Depois envolveu toda a força-tarefa numa perseguição inútil.

— E você, Grande Almirante Thrawn, fracassou em trazer meus Jedi. Você, seus noghri domesticados e os militares do Império... todos falharam — afirmou C'baoth, com voz poderosa.

Os olhos do Grande Almirante se estreitaram.

— E mesmo? Mas não fomos nós que deixamos Luke Skywalker escapar, depois que o fizemos ir a Jomark.

— Vocês não entregaram o Jedi Skywalker. Ele veio porque eu o chamei com a Força — argumentou C'baoth.

— Você se esquece que foi a Inteligência do Império que plantou o boato de que Jorus C'baoth fora visto em Jomark. Que foi um transporte do Império que o levou até lá e foram nossas naves de carga que proporcionaram os suprimentos para o castelo, na pista construída pela nossa

engenharia — respondeu Thrawn. — Em resumo, o Império fez sua parte para que você pudesse *chamar* Skywalker. E você falhou em mantê-lo lá.

— Não. Skywalker fugiu de Jomark porque você deixou Mara Jade escapar e envenená-lo contra mim. E ela vai pagar por isso, está ouvindo? Vai pagar.

O Grande Almirante permaneceu em silêncio por um longo tempo.

— Você lançou toda a força tarefa em perseguição ao *Millenium Falcon* — disse ele, por fim. — Conseguiu capturar Leia Organa Solo?

— Não — respondeu C’baoth, sem se dar por achado. — No entanto, não porque não queira vir. Ela quer. Assim como Skywalker.

— Quer vir até você? — indagou Thrawn, olhando para Pellaeon.

— Sim, muito — murmurou o Mestre Jedi, com a voz suave e sonhadora. — Leia quer que ensine os filhos que vão nascer. Ensiná-los a serem Jedi. Criá-los à minha própria imagem. Porque eu sou o Mestre. O único Mestre que existe.

A disposição de C’baoth pareceu mudar e olhou para Thrawn, num misto de tom solene e súplica: — Precisa trazer meus Jedi, Grande Almirante Thrawn. Precisamos libertá-la e tirá-la do meio daqueles que temem seus poderes. Se não fizermos isto vão destruí-la.

— Claro que precisamos — respondeu Thrawn, tranqüilizador. — Porém, precisa deixar esta tarefa para mim. Só preciso de um pouco mais de tempo.

C’baoth franziu a testa e cofiou a barba, tocando o medalhão que trazia ao peito. Pellaeon sentiu um arrepio, jamais se acostumaria aos mergulhos nebulosos na loucura do clone. Sabia que fora um problema universal com os primeiros experimentos de clonagem: uma instabilidade emocional e mental, inversamente proporcional ao ciclo de crescimento. Alguns dos documentos científicos sobre o assunto haviam sobrevivido às Guerras Clônicas e Pellaeon lembrava de um deles, afirmando que nenhum clone gerado em menos de um ano seria bastante estável para sobreviver fora de um ambiente controlado.

Dada a destruição que liberaram na Galáxia, Pellaeon sempre presumira que os mestres dos clones tinham pelo menos uma solução parcial para o problema. Se haviam descoberto a causa da loucura latente, era uma outra história.

Thrawn poderia ser o primeiro a compreender esse fato.

— Muito bem, Grande Almirante — disse C’baoth, de súbito. — Você terá uma última chance. Mas aviso; será mesmo a última. Depois, eu mesmo tomarei providências. E vou preveni-lo de mais uma coisa; se não conseguir cumprir mesmo uma pequena tarefa como essa, talvez eu o julgue indigno de

liderar as forças militares do meu Império.

Os olhos avermelhados brilharam, porém Thrawn apenas inclinou a cabeça.

— Aceito seu desafio, Mestre C'baoth.

— Ótimo — respondeu o Mestre Jedi, ajeitando-se na poltrona e fechando os olhos. — Agora pode sair, Grande Almirante Thrawn. Desejo meditar e planejar o futuro de meus Jedi.

Por um instante o Grande Almirante permaneceu ali, em silêncio, os olhos fitando C'baoth. Depois, voltou-se para Pellaeon.

— Você me acompanha até a ponte, capitão. Quero estudar os sistemas de defesa de Ukio.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, contente por sair de perto do Mestre Jedi.

Antes, por um breve lapso de tempo, fez uma pausa, olhando para C'baoth. Havia algum assunto que queria discutir com o superior? Tinha quase certeza que sim. Algo relacionado a C'baoth, clonagem e o projeto do monte Tantiss... Porém o pensamento lhe fugia e, com um encolher de ombros, deixou a questão de lado. Com certeza viria à tona na hora apropriada.

Deu a volta aos monitores agrupados e seguiu o superior para fora da cabine.

Chamava-se Calius saj Leeloo, a Cidade do Cristal Brilhante de Berchest, e transformara-se numa das maravilhas da Galáxia. Era mesmo um gigantesco diamante, circundado pela espuma do mar vermelho-alaranjado de Leefari. Fora lapidada no cristal a duras penas durante décadas por artistas locais, cujos descendentes continuaram a guiar e estimular seu lento crescimento.

Na época da Velha República Calius, o local havia sido um grande ponto turístico, com a população vivendo confortável do dinheiro deixado pelos milhões de seres que a visitavam e a seus arredores. Porém, o caos das Guerras Clônicas e a ascensão subsequente do Império deixaram marcas indeléveis e Calius foi forçada a voltar-se para outras fontes de renda.

Entretanto, a época dos turistas deixara um saldo de rotas comerciais bem estabelecidas entre Berchest e os centros maiores. A solução óbvia, portanto, foi Calius transformar-se em entreposto comercial; e embora ainda não tivessem atingido o nível de Svivren, ou Ketaris, seus habitantes conseguiram um grau razoável de sucesso intermediando mercadorias, das mais diversas, oriundas do espaço sideral.

O único inconveniente é que localizava-se dentro das fronteiras do Império e naquele exato momento, um batalhão das tropas de choque abria caminho pela avenida principal apinhada de gente; as armaduras brancas refletindo o avermelhado dos edifícios ao redor. Dando um passo para afastar-se deles, Luke Skywalker puxou o capuz sobre o rosto. Não percebeu nenhum sinal de alerta nos soldados, mas quando se estava entre as linhas do Império, não se podia correr risco algum. Os inimigos passaram sem mais do que um olhar ocasional e, com um suspiro de alívio, Luke voltou a contemplar a cidade. Entre os soldados, havia tripulantes em folga de serviço e contrabandistas esperançosos de conseguir um bom negócio. A atmosfera opressiva, comercial e estranha, contrastava com a beleza serena da pequena metrópole.

E em algum lugar daquela beleza serena escondia-se algo bem mais perigoso do que meros soldados das tropas de choque. Um grupo de clones.

Pelo menos era o que acreditava a Inteligência da Nova República. Interpretações trabalhosas, de milhares de mensagens interceptadas do

Império, apontavam Calius e o sistema Berchest como um dos pontos de transferência da remessa de duplicatas humanas que começavam a tripular as naves e transportes militares da máquina bélica do Grande Almirante Thrawn.

Aquele fluxo de clones precisava ser contido com rapidez. Isto significava descobrir a localização dos tanques de clonagem e destruí-los. O que implicava seguir as rotas de tráfego de um ponto conhecido. O passo seguinte seria verificar se os clones de fato passavam por Calius.

Um grupo de homens vestidos com túnicas de comerciantes de Svivreni virou uma esquina dois quarteirões adiante e, como tinha feito tantas vezes durante os últimos dois dias, Luke projetou a Força para senti-los. Uma rápida verificada foi suficiente; não apresentavam a aura diferente que percebera nos soldados clones que o atacaram, a bordo do *Katana*.

Enquanto refreava a consciência, algo mais chamou sua atenção. Alguma coisa que quase deixara passar, perdido no caos de pensamentos humanos e alienígenas ao redor, como pequenos pedaços de vidro colorido numa tempestade de areia. Uma inteligência fria e calculista, que Luke sabia ter encontrado antes, porém não conseguia identificar devido à torrente de pensamentos que o envolvia.

O possuidor da mente estava consciente de sua presença em Calius, claro. E o vigiava.

Só, em território inimigo, com a nave estacionada a dois quilômetros de distância, no espaçoporto de Calius, tendo como única arma um sabre-laser que o identificaria no instante em que fosse acionado, não se podia dizer que a situação fosse boa. Mas a Força estava com ele... e no cômputo geral, entre o bem e o mal, igualava as chances.

Alguns metros para a direita localizava-se a entrada para um túnel de pedestres. Dirigindo-se para lá, Luke apertou o passo, buscando na memória o mapa da cidade, para saber onde desembocava aquela passagem. Lembrou-se que seria levado ao outro lado do rio congelado que cruzava a cidade, rumo a parte mais alta que dominava o mar, habitada pelas classes mais abastadas. Atrás de si, percebeu um desconhecido tomando o mesmo caminho e, à medida que deixava para trás os turbilhões de pensamentos da multidão, conseguiu identificar o perseguidor.

A situação não era tão ruim como imaginara. Contudo, havia perigo em potencial. Suspirando, Luke parou e esperou. A curva suave do túnel ocultava as duas entradas e seria um bom lugar para um confronto.

Seu perseguidor chegou ao final da curva. Como se antecipasse que a presa pudesse surpreendê-lo, parou antes de se expor. Projetando a Força, Luke notou que o desintegrador era sacado do coldre...

— Tudo bem — murmurou ele. — Estamos sozinhos. Pode sair.

Houve uma breve hesitação e Luke viu a surpresa. Em seguida, Talon Karrde apareceu.

— Estou vendo que o Universo não deixa de me surpreender a cada dia — comentou ele, inclinando a cabeça numa saudação abreviada; depois guardou a arma no coldre. — Pela maneira que vinha agindo, achei mesmo que seria um espião da Nova República. Todavia tenho de admitir que você era a última pessoa que eu esperava encontrar.

Luke observou-o, tentando saber o que pensava. Da última vez que se avistaram, logo depois da batalha do *Katana*, o outro enfatizara que ele e seu grupo de contrabandistas permaneceriam neutros na guerra.

— E o que pretendia fazer?

— Não tinha a menor intenção de entregar você, se é o que quer saber — afirmou Karrde. — Se não fizer diferença, prefiro continuar andando. O povo daqui não costuma conversar nos túneis de pedestres por muito tempo. E nossas vozes são ouvidas bem longe, no túnel.

E se houvesse uma emboscada esperando por eles do outro lado? Nesse caso, Luke saberia a tempo.

— Para mim está ótimo — concordou e fez um gesto para que o outro o precedesse.

Karrde sorriu, assumindo a dianteira.

— Você não confia em mim, não é?

— Deve ser influência de Han. Ou talvez, sua. Ou talvez de Mara — desculpou-se Luke, caminhando ao lado do outro, percebendo uma preocupação sutil à menção do nome.

— Por falar em Mara, como vai ela?

— Está quase recuperada — informou Luke. — Os médicos me disseram que curar esse tipo de dano neurológico não é difícil, contudo leva tempo.

Karrde concordou, fitando a entrada do túnel.

— Fico agradecido que tenham tomado conta de minha amiga. Nossas instalações médicas não conseguiriam lidar com esse tratamento — declarou.

— Era o mínimo que poderíamos fazer, depois da ajuda que nos deram com o *Katana*.

— Pode ser.

Atingiram o final do caminho e entraram numa rua mais vazia do que a anterior. A frente e acima deles, podiam observar as três torres esculpidas do quartel-general do governo, dominando a vista do mar. Usando a Força, Luke verificou as pessoas que passavam. Nada.

— Está indo para algum lugar em particular? — indagou a Karrde.

— Não. Só estou dando uma volta pela cidade. E você?

— A mesma coisa — respondeu o Jedi, procurando imprimir à voz o mesmo tom casual do outro.

— E também encontrar um ou dois rostos familiares? Isso significava que Karrde sabia porque estava ali. Aquilo não deveria surpreendê-lo.

— Se estiverem aqui, posso encontrá-los. Suponho que não tenha nenhuma informação útil para mim?

— Talvez... tem dinheiro suficiente para pagar por ela?

— Conhecendo seus preços, é provável que não — refutou Luke. — Entretanto poderia estabelecer uma linha de crédito quando voltar...

— Se voltar — lembrou Karrde. — Considerando quantos soldados do Império existem entre você e uma área segura, diria que não é um bom investimento no momento.

— Assim como você que está no alto da lista de contrabandistas mais procurados pelo Império? — contestou Luke.

— Acontece que Calius é um dos poucos lugares onde estou a salvo. O governador de Berchest e eu nos conhecemos há alguns anos. Na verdade, existem certos itens importantes para ele que só eu posso conseguir.

— Artigos militares?

— Já disse que não faço parte de sua guerra, Skywalker — lembrou Karrde, com frieza. — Sou neutro e tenha a intenção de permanecer assim. Pensei que tivesse sido bem claro para você e sua irmã.

— Sim, não se preocupe. Só pensei que os eventos do mês passado pudessem tê-lo feito mudar de idéia.

A expressão de Karrde não se alterou, entretanto Luke percebeu uma certa contrariedade.

— Não estou gostando que o Grande Almirante Thrawn tenha acesso a uma fábrica de clonagem — admitiu o contrabandista. — Isso tem o poder de alterar o equilíbrio a favor dele, a médio prazo, e nenhum de nós deseja que isto aconteça. Contudo estão exagerando o problema.

— Não sei o que chama de exagerar — alertou Luke. — O Império conseguiu a maior parte dos duzentos cruzadores Dreadnaught da Frota *Katana* e agora têm um suprimento ilimitado de tripulantes.

— Eu não usaria a palavra ilimitado — discordou Karrde. — Os clones só podem ser produzidos a uma velocidade limitada, se se pretende confiar a eles naves de combate. Um ano por clone, no mínimo, se bem me lembro da velha regra.

Um grupo de cinco vaathkree passou à frente deles pela rua larga. Até então o Império só clonara humanos, no entanto Luke os verificou, da

mesma forma. De novo, nenhum resultado.

— Um ano por clone, você diria?

— No mínimo. Os documentos de antes das Guerras Clônicas que examinei sugerem três a cinco anos como o período apropriado. Mais rápido do que o ciclo humano, com certeza, mas difícil o suficiente para causar pânico.

Luke olhou para as torres esculpidas, translúcidas e alaranjadas, contrastando com as nuvens imaculadas e brancas sobre o mar.

— O que diria se revelasse que os clones que nos atacaram no *Katana* foram produzidos em menos de um ano? — indagou Luke.

— Depende de quanto tempo menos — afirmou Karrde, dando de ombros.

— O ciclo completo durou de quinze a vinte dias. O contrabandista parou e olhou para Luke.

— Pode repetir?

— Quinze a vinte dias.

Por um instante Karrde fitou-o. A seguir, voltou-se devagar e continuou a caminhar.

— É impossível. Deve haver algum erro nesse cálculo.

— Se quiser posso conseguir uma cópia dos relatórios. Os olhos do contrabandista perderam-se à distância, antes de responder.

— Isso explicaria Ukio.

— Ukio?

— Você não sabe? Há dois dias, o Império lançou um ataque múltiplo sobre os setores de Abrion e Dufilvian. Danificaram várias bases militares em Ord Pardron e capturaram o sistema Ukio.

Luke sentiu um frio no estômago. Ukio era um dos cinco maiores produtores de alimentos para a Nova República. As repercussões só no setor de Abrion seriam nefastas.

— Ukio foi muito danificado? — quis saber o Jedi.

— Parece que não. Minhas fontes informaram que foi tomado com todos os armamentos de defesa espacial intactos.

— Pensei que isso fosse impossível.

— Um dos requisitos para a escolha dos Grandes Almirantes era a vontade de realizar o impossível — afirmou Karrde. — Ainda não tenho os detalhes do ataque, mas deve ser interessante saber como fizeram.

Esse fato significava que Thrawn tinha os Dreadnaught do *Katana*, os homens para tripulá-los e agora conquistara a possibilidade de alimentar seus clones.

— Isto representa o começo de uma série de ataques — ponderou Luke.

— O Império está se preparando para lançar uma ofensiva em grande escala.

— Parece que sim... cá entre nós, acho que você é muito bom em seu trabalho.

Luke estudou o outro. Estava calmo, contudo a sensação interna havia mudado.

— E nada disso faz você mudar de idéia, Karrde?

— Não pretendo me juntar à Nova República, Skywalker. Por vários motivos. Um deles é que não confio em todos os que participam de seu governo.

— Acho que Fey'lya já está bastante desacreditado...

— Não estou me referindo apenas a Fey'lya — interrompeu

Karrde. — Sabe tão bem quanto eu o conceito que os mon calamari têm a respeito de contrabandistas. Agora que o almirante Ackbar assumiu outra vez o posto no Conselho e como Comandante Supremo, todos nós, do ramo, vamos precisar tomar mais cuidado.

— Que é isso? Está achando que Ackbar vai ter tempo de pensar em contrabando?

— Na verdade, não — admitiu o contrabandista. — Mas também não estou disposto a arriscar minha vida.

— Muito bem. Então vamos manter nossas relações no campo comercial. Precisamos saber sobre os movimentos e os planos do Império, que é interessante para você também. Podemos comprar essas informações?

Karrde considerou a idéia.

— Talvez... Mas apenas se eu tiver a palavra final sobre o que vou passar a você. Não quero transformar meu grupo numa célula da Inteligência da Nova República.

— Concordo. Vou estabelecer uma linha de crédito logo que voltar — afirmou Luke, pensando que não conseguira o que esperava, mas era melhor do que nada.

— Talvez a gente possa começar com uma troca direta de informações — sugeriu Karrde, olhando para os prédios de cristal ao redor. — O que está procurando em Calius?

— Vou fazer mais do que isso. E se eu confirmar que os clones estão por aqui? — Ofereceu Luke, sentindo um toque distante na cabeça.

— Onde?

— Naquela direção... a mais ou menos meio quilômetro — falou Luke, apontando para a direita e à frente. — E difícil saber com precisão.

— Dentro de uma das torres — estimou Karrde. — Bem seguro e fora da vista de olhos curiosos. Imagino se existe algum modo de entrar para dar uma olhada.

— Espere um pouco! Estão se movendo — disse Luke, franzindo a testa, num esforço evidente para manter o contato.

— Estão se dirigindo... não na nossa direção, mas para perto daqui.

— Talvez estejam indo ao espaçoporto. É provável que usem a rua Mavril... dois quarteirões naquele lado.

Regulando a velocidade da caminhada entre a urgência e a necessidade de não chamarem atenção, os dois levaram três minutos para atingir o espaçoporto.

— Vão usar uma nave de carga ou mesmo de passageiros

— afirmou Karrde, enquanto paravam num local de onde poderiam avistar a rua sem o perigo de serem atropelados pelos transeuntes apressados. — Um transporte militar chamaria muita atenção.

Luke concordou. Recordando a planta da cidade, lembrou-se de que Mavril era uma das ruas largas o bastante para permitir o uso de veículos.

— Gostaria de ter trazido binóculos — murmurou ele.

— E melhor assim. Você já chama bastante atenção do jeito que está — aconselhou Karrde, esticando o pescoço para espiar por sobre a multidão. — Algum sinal deles?

— Com certeza dirigem-se para cá — afirmou Luke, projetando a Força e tentando distinguir a presença dos clones em meio a um mar de pensamentos. — Uns vinte ou trinta, eu diria.

— Um ônibus fechado, então. Vem vindo um lá longe... atrás daquele turbocaminhão Trast — indicou Karrde.

Luke respirou fundo, utilizando o máximo da Força. Estremeceu.

— Estou vendo. São eles.

— Preste atenção, podem ter deixado alguma janela de ventilação aberta.

O ônibus avançou na direção deles, flutuando em seus repulsorlifts, até parar, a cerca de um quarteirão. O turbocaminhão decidira que estava na hora de fazer a curva, e a realizou da forma mais vagarosa possível, parando o tráfego atrás dele.

— Espere aqui — pediu Karrde, mergulhando na corrente de pedestres que seguiam naquela direção.

Luke ficou observando a área, os sentidos alertas para o fato de ele ou Karrde serem reconhecidos. Se tudo aquilo fosse uma armadilha, agora seria o momento ideal para atacar.

O turbocaminhão completou a curva e o ônibus prosseguiu. Passou por Luke, desaparecendo em poucos segundos ao redor de uma das construções de cristal avermelhado. Recuando para a travessa atrás de si, Luke aguardou nas sombras alguns minutos, até que Karrde retornasse.

— Duas janelas estavam abertas, porém não consegui enxergar muita

coisa lá dentro. E você?

Luke balançou a cabeça, numa negativa.

— Também não pude ver nada, mas tenho certeza de que eram eles.

Por um instante, Karrde ficou pensativo. Depois assentiu.

— Certo. E agora?

— Vou ver se consigo decolar antes — informou o Jedi. — Se puder rastrear o vetor de hiperespaço deles, talvez possa estabelecer a direção geral. Embora duas naves com certeza fizessem melhor esse trabalho...

Karrde sorriu.

— Você vai me desculpar se eu recusar a oferta, mas voar ao lado de um agente da Nova República não é o que chamo de neutralidade — afirmou Karrde, olhando por sobre o ombro de Luke, para a rua além. — De qualquer forma, creio que prefiro descobrir alguma coisa por aqui. Ver se consigo identificar o ponto de origem.

— Boa idéia — concordou Luke. — E melhor eu correr até o espaçoporto para decolar logo.

— Manterei contato — despediu-se Karrde. — E veja se abre uma linha de crédito bem gorda.

Em pé, à janela da Torre Número Um do Governo Central, o governador Staffa baixou o macrobinóculo.

— Era ele mesmo, Fingal. Não tenho a menor dúvida. O próprio Luke Skywalker — declarou esfregando as mãos e olhando para o homenzinho curvado a seu lado.

— Acredita que tenha reparado no nosso transporte especial? — indagou Fingal, ajustando o próprio macrobinóculo.

— Claro que sim. Por que acha que foi correndo à rua Mavrille?

— Só pensei que...

— Então não pense, Fingal — cortou o governador. — Não acredito que esteja preparado para isto.

Staffa caminhou até sua escrivaninha, largou o macrobinóculo numa gaveta e apanhou a prancheta de leitura referente às ordens do Grande Almirante Thrawn. Tratava-se de uma ordem bizarra, em sua opinião, ainda mais peculiar do que as misteriosas transferências de tropas que o Alto Comando Imperial vinha fazendo através de Calius, recentemente. Contudo, nas circunstâncias em que se encontrava, não tinha escolha a não ser acreditar que Thrawn sabia o que estava fazendo.

— Quero que envie uma mensagem ao destróier estelar *Quimera* — ordenou Staffa a Fingal, acomodando-se na poltrona, com a prancheta no colo. — Codificado, de acordo com as instruções: Informo ao Grande

Almirante Thrawn, que Skywalker esteve em Calius e que eu tive oportunidade de observá-lo próximo ao ônibus especial. De acordo com as instruções recebidas do Grande Almirante Thrawn, foi permitido que partisse de Berchest sem ser incomodado.

— Certo, governador — respondeu Fingal, fazendo anotações em sua prancheta, sem demonstrar surpresa. — E quanto ao outro homem, governador? O que estava com Skywalker, lá embaixo.

Staffa passou a mão no queixo. O preço pela cabeça de Talon Karrde atingia quase cinquenta mil, uma bela quantia de dinheiro; uma quantia que nem mesmo um homem com salário de governador planetário seria capaz de recusar. Sempre soubera que chegaria o momento de terminar suas discretas relações comerciais com Karrde. Talvez fosse chegada a hora.

Mas, não. Ainda não. A guerra ainda se espalhava pela Galáxia. Mais tarde, quando a vitória estivesse próxima e as fontes de abastecimento mais seguras... quem sabe! Sim, aguardaria mais um pouco.

— O outro homem não tem importância — disse a Fingal. — É um agente especial que designei para ajudar a seguir Skywalker. Pode esquecê-lo. Continue seu trabalho. É preciso codificar e enviar a mensagem.

— Sim, senhor.

O painel deslizou, e por um segundo, quando o homenzinho virou-se, Staffa teve a impressão de ver um brilho malévolo e inteligente nos olhos escuros do subordinado. Um efeito da luz ambiente, pensou o governador. Ao lado da lealdade indiscutível de Fingal, sua qualidade mais evidente era a também indiscutível falta de imaginação.

Respirando fundo, Staffa tentou esquecer Fingal, espiões rebeldes, e até mesmo o Grande Almirante. A seguir, recostou-se na cadeira e começou a considerar como utilizaria o carregamento que o pessoal de Karrde estava desembarcando no aeroporto.

Lentamente, como se subisse por uma longa escadaria, Mara Jade despertou de um sono profundo. Abriu os olhos, olhou ao redor do aposento, pouco iluminado, e imaginou onde diabos estaria.

Tratava-se de um hospital... Era óbvio pelos biomonitores, os biombos portáteis e outras camas que existiam por perto. Porém não era uma das instalações de Karrde; pelo menos não uma que conhecesse.

Contudo, a disposição dos móveis era bastante familiar. Tratava-se de uma área hospitalar padrão do Império.

Por um instante teve a sensação de estar sozinha, mas por pouco tempo. Silenciosa, deslizou para fora da cama e permaneceu agachada, fazendo um reconhecimento rápido de suas condições físicas. Não sofria nenhum tipo de dor, tonturas ou tampouco ferimentos aparentes. Vestiu o roupão e calçou os chinelos, que localizou ao pé da cama, depois caminhou para a porta, preparando-se para silenciar ou desligar o que quer que a esperasse do outro lado. Acenou para o controle da porta e quando esta foi aberta, saltou para a ante-sala...

— Oi, Mara — cumprimentou Ghent, levantando os olhos do computador. — Como está?

— Nada mal — respondeu surpresa, acionando a memória. Olhando para o garoto, lembrou-se de que Ghent era um dos que trabalhavam para Karrde e, talvez, o melhor pirata de *software* na Galáxia. O fato de estar sentado a um terminal significava que não eram prisioneiros, a menos que os captores fossem estúpidos a ponto de deixá-lo aproximar-se da máquina.

Todavia não enviara Ghent para o quartel-general da Nova República, em Coruscant? Sim. Seguiu as instruções de Karrde, pouco antes de reunir o grupo e levá-los para combater na Frota *Katana*, onde pilotara um caça Z-95 contra um destróier estelar do Império...

Lembrava-se que tivera de ejetar e do azar de dirigir a trajetória de seu assento através dos disparos de canhões iônicos. Isso destruíra seu equipamento de sobrevivência e a enviara à deriva, deixando-a perdida no espaço interestelar.

Olhou ao redor. No seu caso, não fora para sempre.

— Onde estamos? — indagou, embora já soubesse a resposta.

Tinha razão.

— Estamos no Palácio Imperial, em Coruscant. Na ala hospitalar. Tiveram de reconstituir um pouco seus neurônios. Não se lembra?

— É um pouco vago, ainda — admitiu ela.

Mas a névoa desaparecia de sua memória e os acontecimentos começavam a ordenar-se. Os sistemas desligaram-se e sentira a cabeça leve ao mergulhar numa espécie de sono profundo. Com certeza sofrerá privação de oxigênio antes que a localizassem e a levassem ao interior de uma nave.

Eles, não; *ele*. Só havia uma pessoa capaz de localizar um assento ejetado no meio do espaço repleto de destroços. Luke Skywalker, o último cavaleiro Jedi. O homem que deveria matar.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Deu um passo atrás, para se apoiar no batente, os joelhos enfraquecidos enquanto as palavras do Imperador ecoavam na lembrança. Já estivera ali, naquele planeta em construção, quando ele morrera em Endor. Observara através da mente da vítima quando Luke Skywalker arruinara-lhe a vida com um golpe de sabre-laser.

— Estou vendo que acordou — proferiu uma nova voz. Mara abriu os olhos. A recém-chegada era uma mulher de meia-idade, trajando uniforme médico, e caminhava em sua direção vinda de uma porta distante. Um dróide Emede seguia atrás dela.

— Como está se sentindo? — indagou a médica.

— Estou ótima — respondeu Mara, controlando a raiva contra a mulher. Essas pessoas, inimigas do Império, não tinham o direito de estar no palácio do Imperador.

Respirou fundo, combatendo as emoções.

A desconhecida parará à sua frente, com uma expressão ansiosa no rosto; o próprio Ghent, esquecido do teclado, parecia preocupado.

— Desculpe, creio que estou um pouco desorientada — admitiu Mara.

— E compreensível. Afinal, permaneceu naquela cama por um mês — revelou a médica.

— Um mês! — espantou-se Mara.

— Bem, a maior parte do mês — corrigiu a outra. — Passou algum tempo no tanque baeta. Portanto, não se preocupe... problemas com a memória a curto prazo são frequentes durante reconstruções neurais, mas quase sempre terminam logo depois que tratamento termina.

— Certo... — Perdera ali um mês inteiro. E durante aquele tempo...

— Temos um quarto de hóspedes arrumado para você lá em cima, assim que tiver disposição para se locomover. Quer que eu vá ver se está pronto?

— Seria ótimo — respondeu Mara.

A médica apanhou um comunicador no bolso e digitou alguns números. Enquanto conversava, Mara aproximou-se de Ghent:

— O que aconteceu na guerra durante esse tempo? — quis saber ela.

— Não muito. O Império está criando as dificuldades de sempre — respondeu Ghent, gesticulando. — Mantiveram o pessoal bastante ocupado por aqui, pelo menos. Ackbar, Madine e os outros estão correndo o tempo todo, tentando fazer com que recuem e trocando termos militares sem parar.

E não disse mais nada. Mara sabia que não podia esperar obter muita coisa dele sobre os acontecimentos no mundo real. Além de uma fascinação pelo universo contrabandista, a única coisa que interessava a Ghent era penetrar em programas de computadores.

Franziu a testa, recordando-se porque Karrde pedira a presença dele ali em Coruscant.

— Espere um pouco. Ackbar está de volta ao comando? Isso quer dizer que você conseguiu descobrir alguma coisa para inocentá-lo?

— Claro. Aquele depósito suspeito que o conselheiro Fey'lya usou para a acusação contra ele era uma fraude... os caras que fizeram a invasão eletrônica do banco depositaram o dinheiro. Deve ter sido a Inteligência do Império... encontrei rastros deles por todo o programa. Claro, isso foi dois dias depois que cheguei.

— Imagino que devam ter gostado. Mas por que ainda está aqui?

— Bem... — Ghent hesitou um instante. — Em primeiro lugar, ninguém ainda veio me apanhar e me apresentaram um código que alguém anda usando para mandar informações para o Império. O general Bel Iblis diz que a chamam de Fonte Delta e que está divulgando segredos do palácio.

— E pediu que tentasse decifrar o código, certo? — completou Mara. — Aposto que ninguém falou em dinheiro, ou coisa parecida, falou?

— Bem... talvez tenham falado. Para dizer a verdade, não me lembro.

A médica guardou o comunicador.

— Virá uma pessoa para acompanhá-la a qualquer minuto.

— Obrigada — agradeceu Mara.

Resistiu à vontade de afirmar que mesmo dormindo, conhecia o palácio melhor do que qualquer guia que pudessem mandar.

A porta abriu-se e uma mulher alta, de cabelos brancos, entrou no aposento e sorriu:

— Como vai, Mara? Meu nome é Winter, assistente pessoal da conselheira Leia Organa Solo. Fico contente em ver que já está boa.

— Também fico — respondeu Mara, tentando manter a voz educada, pois conversava com alguém relacionada a Skywalker. — Suponho que seja a minha acompanhante?

— Sua acompanhante, assistente e qualquer outra coisa que possa precisar nos próximos dias. A princesa Leia me pediu para tomar conta de você até que ela e o capitão Solo retornem de Filve.

— Não necessito de uma assistente ou que cuidem de mim — protestou Mara. — Só preciso de uma nave.

— Já comecei a trabalhar nisso. Tenho esperança de encontrar uma em breve. Enquanto isso, não quer conhecer seu quarto?

Ela conteve um sorriso amargo. Os usurpadores da Nova República ofereciam hospitalidade onde já fora sua própria casa.

— E muita bondade sua. Vem comigo, Ghent?

— Vá na frente — respondeu ele, com ar absorto. — Quero dar mais uma olhada nesse programa.

— Ele vai ficar por aqui mesmo — garantiu Winter, sorrindo. — Vamos? — Saíram e caminharam em direção à parte traseira do palácio. — Ghent tem uma suíte ao lado da sua, mas acho que não esteve lá mais do que duas vezes durante o mês passado. Acabou acampando na ante-sala da recuperação, onde podia ficar de olho em você.

Mara sorriu divertida. Ghent, que passava noventa por cento das horas em vigília, alheio ao mundo exterior, não era o que se podia chamar de uma enfermeira dedicada ou um guarda-costas eficiente.

— Queria agradecer o fato de todos tomarem conta de mim.

— Era o mínimo que podíamos fazer depois de sua ajuda na batalha do *Katana*.

— Foi idéia de Karrde. Agradeça a ele, não a mim — afirmou Mara.

— Já fizemos isso. Mas você também arriscou sua vida, por nossa causa. Não esquecemos estas coisas — disse Winter.

Mara olhou de soslaio para a mulher de cabelos brancos. Havia lido os relatórios sobre os líderes da Rebelião, incluindo Leia Organa e o nome Winter não despertava nenhuma lembrança.

— Há quanto tempo está com Leia Organa Solo?

— Cresci com ela, na corte de Alderaan. Éramos amigas na infância e quando ela deu os primeiros passos na política galáctica, seu pai me designou para o cargo de assessora. Estou com Leia desde então.

— Não me lembro de ter ouvido falar de você durante a Rebelião — arriscou Mara.

— Passei a maior parte da guerra viajando de planeta em planeta, trabalhando com o setor de Suprimentos — relatou Winter.

— Então você era a pessoa que definia os alvos, chamada Apontador. A que tinha memória perfeita. — Mara ficou pasma, quando seu cérebro

relacionou os dados.

— Sim. — Winter franziu a testa. — E verdade, esse foi um de meus codinomes. Tive vários ao longo dos anos.

Mara assentiu, recordando-se de outras referências em relatórios da Inteligência pré-Yavin ao misterioso rebelde chamado Apontador e da discussão que tentava descobrir a identidade do agente. Imaginou se os homens do Império haviam conseguido saber quem era.

Aproximaram-se dos turboelevadores na parte posterior do palácio, uma das inovações que o Imperador fizera na construção de estilo antigo quando chegara. O turboelevador poupava um bocado de caminhadas, subindo e descendo as escadarias da parte pública do edifício... assim como escondia alguns outros melhoramentos realizados no palácio.

— Qual é a dificuldade em me conseguir uma nave? — perguntou Mara.

— O problema é o Império. Lançaram um ataque em massa contra nós e estamos requisitando qualquer veículo maior do que um cargueiro leve, para combater.

Mara ficou pensativa. Um ataque maciço contra forças superiores não parecia o estilo do Grande Almirante Thrawn.

— Muito ruim?

— Bastante ruim — confirmou Winter. — Não sei se soube, mas ficaram com a Frota *Katana*. Já tinham removido cerca de cento e oitenta cruzadores Dreadnaught quando chegamos. Isso combinado com uma fonte ilimitada de tripulantes e combatentes mudou bastante o equilíbrio de forças.

Mara concordou, sentindo uma leve preocupação. Colocado daquela maneira, lembrava o estilo do Grande Almirante Thrawn.

— Isso significa que quase morri por nada. Winter sorriu.

— Se servir de consolo, saiba que isso aconteceu com muitos outros.

O turboelevador chegou. Entraram e Winter apertou o botão das áreas residenciais do palácio.

— Ghent mencionou que o Império estava criando problemas — comentou Mara, quando o carro moveu-se. — Eu devia ter imaginado que qualquer coisa capaz de penetrar naquela neblina mental, tinha de ser muito sério.

— Sério? Nos últimos cinco dias perdemos o controle de pelo menos quatro setores e mais de trinta estão a ponto de se entregar. A maior perda foram as instalações produtoras de alimentos, em Ukio. De alguma forma, tomaram o planeta com as instalações de defesa intactas.

— Alguém dormiu no ponto? — quis saber ela.

— Não, de acordo com os relatórios anteriores à invasão — afirmou Winter, franzindo a testa. — Existem rumores de que os homens do Império

utilizaram uma espécie de superarma, capaz de disparar através do escudo de defesa planetária de Ukio. Ainda estamos estudando os relatórios da invasão.

Mara teve visões terríveis da Estrela da Morte e estremeceu. Uma arma como aquela nas mãos de um estrategista como o Grande Almirante Thrawn...

Procurou afastar da idéia as imagens. Afinal, aquela guerra não era dela. Karrde prometera permanecer neutro nessa história.

— Creio que é melhor tentar entrar em contato com Karrde, nesse caso. Ver se pode mandar alguém nos apanhar.

— Seria mais rápido do que esperar por uma de nossas naves — aconselhou Winter. — Ele deixou um cartão de dados com o nome de um contato para enviar a mensagem. Disse que você saberia qual código utilizar.

O turboelevador parou no andar reservado aos convidados do presidente, um dos poucos que o Imperador deixara inalterado ao mudar para o palácio. Com as antigas portas de dobradiças e mobílias exóticas de madeira, caminhar ali era como retornar mil anos no passado. O Imperador reservava os quartos para os emissários que apreciavam os velhos tempos ou que poderiam ficar impressionados pela importância dada ao passado.

— O capitão Karrde deixou algumas de suas roupas e pertences pessoais após a batalha do *Katana* — informou Winter, abrindo uma das portas entalhadas. — Se lhe faltar alguma coisa, me avise e poderei conseguir. Aqui está o cartão de dados que mencionei.

— Obrigada — disse Mara, apanhando o cartão. Respirou fundo, olhando ao redor. O quarto era de madeira fijisi, de Cardooin; à medida que o delicado aroma se erguia ao redor dela, os pensamentos retornaram aos dias de poder e majestade passados ali...

— Está precisando de mais alguma coisa? As lembranças dissolveram-se.

— Não, muito obrigada.

— Se quiser, basta chamar o oficial desta ala — instruiu Winter, indicando o intercomunicador na escrivaninha. — Estarei disponível mais tarde. No momento, tenho de ir a um encontro do Conselho.

— Pode ir. Mais uma vez obrigada.

Winter sorriu e saiu. Mara respirou, sentindo com prazer o aroma perfumado da madeira e apagou as últimas lembranças desagradáveis. Retornou ao aqui e agora; como sempre, obedecia a uma das recomendações básicas do Imperador: sempre conhecer o ambiente e confundir-se com ele. Naquele instante, significava não parecer uma refugiada do hospital.

Karrde deixara uma boa variedade de trajes para ela: um vestido semiformal, duas túnicas sem enfeites, que poderia usar numa centena de

mundos sem chamar atenção e quatro combinações macacão/túnica, dos que ela geralmente usava a bordo. Escolhendo um dos últimos, Mara trocou de roupa e depois começou a verificar os objetos que Karrde separara. Com alguma sorte e um pouco de poder de previsão por parte dele... Lá estava; o coldre de braço com um pequeno desintegrador. No entanto, a arma estava descarregada... o capitão do *Inflexível* ficara com a bateria energética e os homens do Império não iriam devolvê-la tão cedo. Procurar uma nos arsenais da Nova República seria perda de tempo, embora se sentisse tentada a solicitar, apenas para saber qual seria a reação de Winter. No entanto, havia outro jeito.

Cada quarto do palácio possuía uma biblioteca e em cada uma existia um conjunto de cartões que formavam *A História Completa de Corvis Minor*. Dadas a ínfima importância do sistema e a quase ausência de fatos significativos em sua história, a chance de alguém retirar dali a caixa de cartões que formavam a obra era bastante reduzida. Mara procurou-a e achou.

A partir daí, conseguiu montar um carregador de força com os *chips* dos cartões da *História Completa de Corvis Minor*. Era um modelo um pouco diferente do que a bateria energética que ficara com os homens do Império, porém a arma estava carregada e encaixou-se com perfeição no coldre especial de antebraço. Dali em diante, seja o que for que ocorresse nas lutas intestinas da Nova República, pelo menos teria uma chance de defender-se.

Parou, ainda com a falsa caixa de cartões na mão, e uma pergunta incômoda surgiu na cabeça. O que Winter quisera dizer com fonte inesgotável de tripulantes e combatentes? Teria um ou mais sistemas se passado para o lado do Império? Ou Thrawn teria descoberto um mundo desconhecido, com uma população pronta para ser recrutada?

Era algo que deveria descobrir, na devida oportunidade. Em primeiro lugar, precisava codificar a mensagem e expedi-la para o contato designado. Quando antes saísse dali, melhor.

Recolocou a caixa vazia no lugar, o peso da arma no braço esquerdo reconfortando-a, e começou a planejar em detalhes o que iria fazer.

Thrawn desviou os olhos da arte alienígena, com aparência pútrida, em imagens holográficas ao seu redor.

— Não. Está fora de questão — afirmou, com veemência.

— Não? — questionou C'baoth, virando as costas para a estátua holográfica de Woostri que estivera examinando. — Como assim, não?

— Acredito que a palavra em si se auto-explique — declarou Thrawn. — A lógica militar também pode esclarecer. Não temos o efetivo suficiente para um ataque a Coruscant, e muito menos o pessoal e suprimentos

necessários para um cerco tradicional. Qualquer ataque seria tanto inútil quanto desperdiçaria recursos valiosos do Império; portanto não atacaremos.

— Tenha cuidado, Grande Almirante Thrawn — avisou C'baoth. — Quem governa o Império sou eu!

— E mesmo? — indagou Thrawn, em tom provocante, acariciando o ysalamiri em suas costas.

— Eu governo o Império — gritou o Mestre Jedi, em toda a sua estatura, fazendo a voz ecoar pela sala de comando. — Você vai me obedecer ou morrerá!

Procurando não chamar atenção, Pellaeon aproximou-se do campo protetor ao redor do superior. Naquela fase, de lucidez, C'baoth parecia mais controlado e confiante do que nunca; em compensação, apresentava essas fases violentas de loucura clônica, cada vez mais fortes. Como um sistema que vibrasse com a própria realimentação, oscilando cada vez mais até atingir o ponto de ruptura.

Até então C'baoth não matara ninguém, nem destruíra equipamentos, porém na opinião de Pellaeon, era apenas uma questão de tempo até que isso acontecesse.

Talvez o mesmo pensamento tivesse ocorrido a Thrawn.

— Se me matar, perde a guerra. E se perder a guerra, Leia Organa Solo e seus gêmeos nunca serão seus.

C'baoth deu um passo na direção do assento do Grande Almirante, os olhos fuzilando de raiva. De repente, pareceu voltar às suas proporções habituais.

— Você nunca falaria dessa forma com o Imperador — desabafou ele.

— Pelo contrário. Em quatro oportunidades eu disse ao Imperador que não desperdiçaria tropas e naves atacando um inimigo que ainda não estava pronto para eu derrotar — revelou Thrawn.

— Apenas tolos falavam assim com o Imperador. Tolos ou quem estava cansado de viver — respondeu C'baoth.

— O Imperador também dizia isso. Da primeira vez em que me recusei, me chamou de traidor e entregou meu comando para outro. Depois da destruição das forças, ele aprendeu a não ignorar minhas recomendações.

Por um bom tempo o Mestre Jedi examinou o rosto de Thrawn, com a própria expressão espelhando as modificações rápidas e emocionais ocorridas no turbilhão interior.

— Poderia repetir o truque que usou em Ukio — sugeriu ele, por fim. — O truque dos cruzadores camuflados e dos disparos sincronizados. Eu ajudaria.

— É muita bondade sua. Todavia, seria um desperdício de tempo e

material. Em primeiro lugar, os dirigentes da Nova República não iriam render-se com tanta facilidade como os fazendeiros de Ukio. E depois, se continuássemos disparando, perceberiam que os disparos atingindo o planeta não eram os mesmos do *Quimera* e chegariam às próprias conclusões — argumentou o Grande Almirante. Depois fez um gesto que abrangia os hologramas ao redor do aposento. — Por outro lado, as pessoas e os líderes de Woostri são muito diferentes. Assim como os de Ukio têm medo do desconhecido e do que julgam impossível, eles apresentam uma tendência de aumentar os rumores de ameaças distantes, o que nos favorece. O estratagema dos cruzadores camuflados deve funcionar bem por lá.

— Grande Almirante Thrawn... — começou C'baoth, o rosto avermelhando-se.

— E quanto à Organa Solo e seus gêmeos — interrompeu Thrawn com suavidade. — Pode tê-los quando desejar.

— Como assim?

— Quero dizer que lançar um ataque concentrado a Coruscant para arrebatar Leia Organa Solo à força, é uma ação nada prática. Por outro lado, mandar um grupo pequeno de comandos para seqüestrá-la é perfeitamente viável — explicou o Grande Almirante. — Já ordenei que a Inteligência prepare um grupo para esse propósito. Deve estar pronto em um dia ou dois.

— Um esquadrão de comandos — repetiu C'baoth, torcendo os lábios. — Será que preciso lembrar quantas vezes seus noghri falharam nesse assunto?

— Concordo. Por isso mesmo os noghri não estão participando desse plano.

Pellaeon olhou de relance para o Grande Almirante, depois para a porta da sala de comando, onde Rukh, o guarda-costas de Thrawn vigiava. Desde que Lorde Vader recrutara os noghri para serviço perpétuo do Império, os orgulhosos caçadores de pele escura insistiam em jogar a honra da raça em cada compromisso. Retirá-los do trabalho, numa missão importante como aquela, equivalia a dar um tapa no rosto de todos. Ou pior.

— Almirante? Não sei se...

— Depois discutiremos o assunto — cortou Thrawn. — Por enquanto, tudo o que preciso saber é se Mestre C'baoth está pronto para receber seus jovens Jedi. Ou se prefere ficar discutindo o assunto.

— Devo aceitar isto como um desafio, Grande Almirante Thrawn?

— Aceite como quiser. Só quis assegurar o êxito da operação antes de dar a ordem final. Os gêmeos estão para nascer a qualquer momento, o que significa que terá duas crianças além da própria Organa Solo para controlar. Se não tem certeza de que será capaz de lidar com todos eles, seria melhor

adiar a operação, para depois do parto.

Pellaeon preparou-se para nova explosão de raiva por parte do clone. Para sua surpresa, a reação foi outra:

— Minha única dúvida, Grande Almirante Thrawn, é se esses comandos imperiais vão conseguir lidar com bebês recém-nascidos — disse ele.

— Muito bem, então — assentiu Thrawn. — Nosso encontro com o resto da frota vai acontecer em trinta minutos; você será transferido para o *Mão da Morte*, a fim de supervisionar o ataque a Woostri. Quando voltar ao *Quimera*... seus Jedi estarão esperando por você.

— Está ótimo, Grande Almirante Thrawn. Mas vou fazer um aviso: se falhar desta vez, não gostará nem um pouco das conseqüências — ameaçou C'baoth, cofiando a barba comprida e saindo da sala.

— É sempre um prazer — disse Thrawn, aliviado, assim que a porta fechou.

— Almirante, com o devido respeito... — começou Pellaeon.

— Está preocupado porque prometi Leia Organa Solo, estando ela num dos lugares mais seguros de todo o território da Rebelião? — indagou o superior.

— Isso mesmo, senhor — admitiu o capitão. — O Palácio Imperial é tido como uma fortaleza inexpugnável.

— É verdade. Mas foi o Imperador quem a construiu assim... e acontece que em muitos aspectos, ele guardava alguns segredos sobre o palácio. Segredos que só compartilhava com alguns de seus favoritos.

Pellaeon franziu a testa.

— Tais como entradas e saídas secretas?

— Exatamente. E agora podemos ter certeza de que Organa Solo ficará no palácio por algum tempo, portanto, é possível um ataque de comandos ter sucesso.

— Mas não um grupo noghri.

Thrawn baixou os olhos para as esculturas holográficas que os cercavam.

— Existe algo errado com os noghri, capitão. Ainda não sei o que é, mas posso sentir o cheiro da traição a cada contato que mantenho com os chefes em Honoghr.

Pellaeon recordou-se da cena desagradável no mês anterior, quando os chefes noghri enviaram uma comissão a bordo para desculpar-se da fuga do suspeito de traição, Khabarakh. Até então, a despeito de todos os esforços para recapturá-lo, tal fato não ocorrera.

— Talvez ainda estejam a procura de Khabarakh — sugeriu o capitão.

— E melhor que estejam, mesmo — comentou Thrawn. — Contudo, não é só isso o que me preocupa. Há mais. E enquanto não descobrir, os noghri

permanecem sob suspeita.

Ele inclinou-se para a frente e digitou dois controles. As esculturas holográficas foram substituídas por uma carta espacial tática, com os planos de batalha mais importantes. — Só que no momento, tenho assuntos mais urgentes a tratar. Em primeiro lugar, precisamos dissuadir nosso arrogante Mestre Jedi da noção errada de que dirige meu Império. Organa Solo e os gêmeos serão a distração que ele precisa.

O capitão pensou nas outras ocasiões em que haviam tentado, e fracassado.

— E se os comandos falharem?

— Existem contingências. A despeito de seu poder, e até mesmo da imprevisibilidade, Mestre C'baoth ainda pode ser manipulado — assegurou o Grande Almirante. Depois apontou para a carta holográfica. — O que é ainda mais importante nesse momento é que asseguremos a continuação da guerra. Até agora, a campanha está acontecendo dentro do programado. A Rebelião resistiu mais do que prevíamos, nos setores de Farrfin e Dolomar, mas nos outros locais, nossos alvos passaram para o domínio do Império.

— Eu ainda não consideraria os planetas nossos territórios — preveniu Pellaeon.

— E verdade. Cada um deles depende de conseguirmos uma presença ostensiva do Império e para isso precisamos manter nossa produção de clones.

O capitão examinou a carta luminosa, procurando a resposta que o superior desejava ouvir. Os cilindros Spaarti de clonagem, escondidos há décadas no depósito particular do Imperador, em Wayland, estavam tão seguros quanto possível na Galáxia. Oculto embaixo de uma montanha, protegido por uma guarnição de soldados das tropas de assalto e cercado por uma população local hostil, a própria existência do esconderijo era desconhecida, com exceção de uns poucos comandantes do Império.

Pellaeon parou. Alguns poucos comandantes e talvez...

— Mara Jade! Ela está convalescendo em Coruscant. Será que sabe sobre o depósito?

— E esta a questão — concordou Thrawn. — Existe uma boa chance de que não saiba. Eu conhecia muitos dos segredos, mas precisei fazer um grande esforço para encontrar Wayland.

O capitão concordou, com um gesto de cabeça. Estivera se perguntando por que o superior escolhera um grupo da Inteligência para a missão. Ao contrário das outras armas, essas unidades de comandos eram treinadas também em métodos não militares, tais como assassinato...

— Um grupo apenas realizará a missão, Grande Almirante?

Ou enviará dois?

— Um grupo será o suficiente — respondeu Thrawn. — Os dois objetivos estão interligados para permitir isso. E neutralizar Jade não implica em matá-la.

Pellaeon franziu a testa. Porém, antes que tivesse oportunidade de perguntar, o superior tocou o controle e a carta tática foi substituída por um mapa do setor Orus.

— Por enquanto, acho que é bom ressaltar a importância de Calius saj Leeloo para nossos inimigos. Já chegou o relatório do governador Staffa?

— Sim, senhor — disse Pellaeon, apanhando a prancheta de dados. — Skywalker saiu ao mesmo tempo em que nosso transporte forjado e presume-se que tenha partido na mesma direção. Se isso se confirmar, chegará ao sistema Poderis nas próximas trinta horas.

— Excelente. Com certeza se comunicará com Coruscant antes de chegar a Poderis. O desaparecimento dele vai convencer a todos que encontraram nosso corredor de tráfego dos clones.

— Sim, senhor — concordou o capitão, mantendo as dúvidas para si mesmo, já que o superior devia saber o que fazia. — Mais uma coisa, senhor. Recebemos um segundo relatório depois do de Staffa, com o código de segurança da Inteligência.

— Já sei. Foi de Fingal, o ajudante. Um homem com o tipo de lealdade do governador Staffa precisa de um discreto cão de guarda ao lado. Havia alguma discrepância entre os relatórios?

— Só uma, senhor. O segundo fornece uma descrição detalhada do contato de Skywalker, um homem que Staffa identificou como um dos próprios agentes. Na verdade, a descrição de Fingal sugere que seja Talon Karrde.

— Que interessante — comentou, pensativo, o Grande Almirante. — Nosso Fingal tem alguma explicação para a presença de Karrde em Calius?

— Segundo ele, existem indícios de que o governador Staffa mantém um arranjo comercial com Karrde há vários anos — informou Pellaeon. — Fingal contou que pretendia aprisioná-lo e interrogá-lo, mas não havia forma de fazer isto sem prevenir Skywalker.

— Certo... bem, o que está feito, está feito. E se era apenas contrabando, não há mal algum — disse Thrawn, por fim. — Todavia, não podemos tolerar contrabandistas se metendo em nossos negócios e bisbilhotando no que não pode ser divulgado. Karrde já provou ser capaz de causar um bocado de encrenca.

Por um instante, o Grande Almirante fitou o holograma do setor Orus. Depois, voltou-se para Pellaeon:

— Mas por enquanto temos nossos próprios assuntos a resolver. Calcule o curso para o sistema Poderis, capitão. Quero o *Quimera* lá no prazo de quarenta e oito horas. E avise ao comandante da guarnição que desejo uma recepção apropriada quando chegarmos. Talvez em dois ou três dias tenhamos um presente inesperado para o nosso Mestre Jedi.

— Sim, senhor — anuiu Pellaeon. Hesitou antes de continuar: — Senhor... o que acontece se ele for capaz de transformar Organa Solo e seus gêmeos da forma que imagina? Teríamos quatro deles para controlar, ao invés de um. Cinco, se conseguirmos capturar Skywalker, em Poderis.

— Não há motivo para preocupações. Transformar Organa Solo, ou Skywalker irá tomar muito tempo e esforço de C'baoth. Mais tempo ainda vai passar antes que as crianças tenham idade suficiente para se transformar em perigo para nós. Muito antes que isso ocorra... — Os olhos de Thrawn brilharam. — Teremos chegado a um acordo satisfatório com o Mestre Jedi sobre a divisão de poder no Império.

— Certo, senhor.

— Ótimo. Está dispensado, capitão. Pode voltar à ponte de comando.

— Sim, senhor.

Pellaeon voltou-se e caminhou pelo aposento, os músculos da face contraídos. Thrawn poderia fazer algum acordo com C'baoth... ou mandar matá-lo. Se pudesse. Não era um confronto no qual arriscaria uma aposta.

Na verdade, não gostaria nem de estar por perto quando finalmente acontecesse.

Poderis pertencia a um grupo seletivo de mundos chamados de "mundos marginais": planetas que permaneceram colonizados não pelos recursos valiosos ou localização conveniente, mas apenas pelo espírito teimoso de seus colonizadores. Com um dia desorientador de dez horas, uma ecologia de pântano abandonado, confinando os colonizadores a um grande arquipélago de planaltos em forma de mesas e um deslocamento no eixo, causa de ventos fortíssimos no outono e na primavera, Poderis não era um lugar que atraísse visitantes. Seus habitantes eram fortes e independentes, e possuíam um longo histórico de ignorarem a política do restante da Galáxia, apesar de tolerarem os turistas.

Todos esses motivos o tornavam o mundo ideal para o novo tráfego de clones do Império. Também o lugar ideal para o mesmo Império preparar uma armadilha.

O homem que seguia Luke era baixo e comum, o tipo de pessoa que se misturava ao cenário em qualquer lugar. Era bom no que fazia, com uma habilidade que implicava em longa experiência na Inteligência do Império. Porém essa experiência não se estendia a seguir Cavaleiros Jedi. Luke pressentia-lhe a presença assim que o homem começara a segui-lo e conseguira avistá-lo um minuto depois, no meio da multidão.

Só restava o problema sobre o que fazer com ele.

— Artoo? — murmurou ele ao comunicador que disfarçara perto da gola, sob o capuz. — Temos companhia. Provavelmente homens do Império.

Ouviu um ruído suave, parecido a um trinado eletrônico, como resposta.

— Não há nada que você possa fazer — respondeu Luke, pensando ter entendido o sentido geral da pergunta. Costumava apanhar o significado geral, mas talvez naquela situação não fosse o suficiente. — Alguém está andando ao redor do transporte? Ou do espaçoporto?

Artoo emitiu uma negativa.

— Bem, acho que é capaz de acontecer isto em pouco tempo — avisou Luke, parando para observar uma vitrina. Reparou que seu perseguidor continuou em frente, até parar em frente à outra loja. De fato, comportava-se

como um profissional. — Faça o que puder para aquecer os sistemas, sem chamar atenção. Vamos precisar partir assim que eu chegar aí.

O dróide assentiu, do outro lado. Colocando a mão no pescoço, Luke desligou o comunicador e deu uma olhada ao redor. A primeira prioridade era livrar-se do perseguidor antes que o Império resolvesse optar por outro tipo de abordagem. Para fazer isso, seria necessária alguma distração...

Cinquenta metros adiante, na multidão, Luke avistou o que considerou uma boa oportunidade: outro homem, na rua, com uma túnica da mesma cor e mesmo corte que a sua. Fazendo o possível para não dar a impressão de quem se apressava, o Jedi caminhou na direção do sósia.

O outro personagem de túnica continuou até uma bifurcação e tomou o caminho da direita. Luke apressou o passo um pouco, percebendo a preocupação do homem que o seguia em ter sido descoberto. Resistindo à vontade de começar a correr, Luke virou a esquina com naturalidade.

Tratava-se de uma rua como a maioria das outras que já tivera oportunidade de observar, na cidade: larga, pavimentada em pedra, apresentando edifícios imponentes em ambos os lados. Por reflexo, projetou a Força, examinando a área ao redor dele, tão longe quanto podia atingir...

E prendeu a respiração. A frente, ainda distante, percebeu pequenas regiões de escuridão, onde seus sentidos Jedi não distinguiam nada. Como se a Força, que transmitia a informação para ele, cessasse de existir ali... ou estivesse bloqueada.

O novo fato significava que não se tratava de uma emboscada comum, para um espião qualquer da Nova República. Os homens do Império sabiam quem estava ali e vieram a Poderis protegidos por ysalamiri.

A menos que agisse rápido, seria capturado.

Olhou outra vez para os prédios ao redor. Construções atarracadas de dois andares em sua maioria, apresentando fachadas ornadas e parapeitos decorados nas janelas. Os que estavam à direita, eram construídos numa única ala, sem intervalos. Do outro lado da rua, logo depois do primeiro prédio, havia um pequeno espaço que o separava da próxima construção. Não parecia um grande abrigo... e estava à uma boa distância... mas era tudo o que tinha, no momento. Atravessou a rua em passo rápido e penetrou na abertura sem hesitar. Dobrou os joelhos, deixou que a Força fluísse em seus músculos e saltou.

Quase não conseguiu. O parapeito acima era anguloso e por um instante Luke ficou no ar enquanto os dedos procuravam apoio. Então encontrou a superfície de pedra e alçou o corpo para cima, deitando-se sobre o telhado.

Bem a tempo. Ao arriscar um olho sobre a borda para observar, enxergou seu perseguidor correndo para dobrar a esquina, abandonando toda

a sutileza. Empurrou os que se encontravam no caminho, depois apanhou o comunicador e conversou com alguém.

Da travessa seguinte surgiu uma fileira de soldados das tropas de choque, em suas armaduras brancas. Com os desintegradores em posição de tiro, e os suportes de ysalamiri nos ombros, os homens do Império formaram um cordão bloqueando por completo a passagem.

Tratava-se de uma ação bem planejada e bem executada;

Luke tinha cerca de três minutos para fugir do telhado antes que eles percebessem que a presa não fora apanhada pela rede. Recuou de costas e dispôs-se a caminhar para o outro lado do telhado.

Acontece que o telhado não possuía outro lado. Pouco atrás de onde ele se encontrava, o telhado transformava-se numa enorme parede vazia, que se estendia em ângulo reto cem metros para cima e até onde a vista podia alcançar de ambos os lados. Abaixo da borda inferior só podia enxergar as emanções gasosas do pântano ao redor do planalto.

Cometera um erro, talvez fatal. Preocupado com o homem que o seguia, esquecera-se de que seus passos o haviam levado até a borda do planalto. A parede à sua frente era uma das enormes barreiras usadas para proteger a cidade das ventanias ocasionais.

Luke escapara da armadilha do Império... para descobrir que não havia nenhum lugar para onde fugir.

Resmungando, retornou ao parapeito e arriscou um olho para observar a rua. Mais soldados haviam se reunido ao primeiro esquadrão e começavam a avançar sobre os transeuntes apanhados na armadilha. Do outro lado, mais dois grupos haviam avançado para cortar qualquer possibilidade de fuga. O perseguidor de Luke tinha um desintegrador na mão e corria por entre a multidão na direção da outra pessoa de túnica...

Luke mordeu o lábio. Era uma peça nada agradável para se pregar a um transeunte inocente. Por outro lado, os homens do Império sabiam a quem procuravam e com certeza queriam apanhá-lo vivo. Colocar aquele homem em perigo mortal seria um comportamento inaceitável para um Jedi. Luke só podia esperar não colocar a si mesmo em evidência.

Apertando os dentes, projetou a Força, usando-a para retirar o desintegrador da mão do perseguidor. A arma girou à baixa altura na multidão e foi parar na mão da figura embuçada.

O agente desarmado gritou algo aos soldados, porém o que começara como um grito de triunfo transformou-se num aviso. Focalizando a Força com todo o controle de que era capaz, Luke voltou a arma para seu ex-perseguidor e disparou, bem acima da multidão. Não havia forma de apontar com cuidado para atingir os soldados do Império, mesmo que quisesse.

Porém, mesmo um tiro inofensivo seria o bastante para que os homens da tropa de choque entrassem em ação. Abandonaram a tarefa de verificar cartões de identidade e avançaram na multidão, na direção do homem de túnica. Os que se encontravam nos extremos, assumiram posições de cobertura.

Aparentemente não foi o suficiente para intimidar o perseguido. Atirando para longe o desintegrador que chegara às suas mãos, ele deslizou entre dois observadores paralisados, desaparecendo numa rua lateral estreita.

Luke não esperou para ver. No minuto em que alguém observasse o rosto do fugitivo, seu tempo para escapar terminaria; precisava sair do telhado onde se encontrava. Deslizou até a borda e olhou para baixo.

Não era nada alentador. Mas para suportar ventos de duzentos quilômetros por hora, a parede era lisa, sem nenhuma protuberância, porta, janela, ou abertura visível. Isso, pelo menos, não seria um problema; poderia cortar uma passagem para si mesmo com o sabre-laser, se precisasse. O problema maior era sair do alcance dos soldados do Império, antes que comessem a caçá-lo com todos os efetivos.

Olhou para trás. Tinha de ser rápido. Já escutava o sibilar de repulsoflits, pertencente às tropas do Império, pela cidade inteira.

Não podia mais deixar-se cair na rua sem atrair um bocado de atenção nada desejável. Não podia rastejar ao longo da parte superior da parede protetora até sumir de vista antes que chegassem os flutuadores militares. Isso só lhe deixava uma alternativa: para baixo.

Voltou os olhos para o céu. O sol de Poderis estava quase sobre o horizonte, movendo-se de forma perceptível pelo seu percurso curto de dez horas. No momento, brilhava nos olhos dos pilotos que se aproximavam dele, mas em cinco minutos o céu estaria escuro, dando chance de visão aos perseguidores e deixando visível a luz do sabre-laser.

Seria naquele instante, ou nunca.

Retirando o sabre-laser do interior das vestes, Luke acionou o controle, tomando o cuidado de ocultar com o corpo o brilho da lâmina esverdeada, deixando-a fora da vista dos veículos que se aproximavam. Usando a ponta, fez um corte no gigantesco anteparo, à direita e um pouco abaixo do local onde estava. Seu roupão era feito de material frágil e Luke rápido rasgou a manga esquerda, enrolando os farrapos entre os dedos. Protegido desta forma, conseguiu enfiar a mão no buraco para abrir caminho e permitir que enfiasse a lâmina do sabre-laser. Girou a ponta, num círculo amplo. Enfiou o corpo no buraco e apoiando o sabre com a ponta dos dedos da mão direita, abriu caminho à medida que progredia. Assim, suspenso pelos dedos, o sabre-laser abriu caminho e Luke deslizou para baixo.

Foi ao mesmo tempo apavorante e surpreendente. As memórias retornaram: o vento passando por ele ao cair no centro da Cidade-Nuvem de Bespin, depois ficar pendurado pelos dedos no vazio abaixo da cidade; encontrar-se exausto no assoalho da segunda Estrela da Morte, sentindo através de sua dor a impotência irada do Imperador quando Vader o atirou para a morte.

Abaixo do peito e nas pernas, a superfície do uniforme do anteparo terminou, anunciando sua rápida aproximação da borda e do espaço vazio que existia além...

Levantando a cabeça, Luke piscou contra o vento que lhe fustigou o rosto e olhou por sobre o ombro. A borda letal aproximava-se, correndo contra ele numa velocidade que parecia alucinante. Mais e mais. No último instante, ele mudou a inclinação do sabre-laser, fez uma curva abrupta e continuou em rumo horizontal. Alguns segundos mais tarde, parou.

Por um momento ficou pendurado, seguro apenas por uma das mãos, recuperando o fôlego e o número de batimentos cardíacos. Acima dele, podia ver as bordas do corte que vinha fazendo, delineadas pelo sol poente. Observando bem, Luke calculou cerca de cem metros para a direita uma distância segura. Com um pouco de sorte, o suficiente para sair da armadilha do Imperador.

Dentro em pouco saberia com certeza, .

Atrás dele, o sol desapareceu no horizonte, apagando as marcas deixadas. Movendo-se com cuidado para não desalojar as pontas dos dedos, Luke recomeçou a cortar o material uniforme do anteparo.

— Relatório do comandante das tropas de choque, Grande Almirante — anunciou Pellaeon, que lia o conteúdo à medida que aparecia no monitor. — Parece que Skywalker não foi apanhado no cordão de isolamento.

— Não estou surpreso — disse Thrawn, consultando os próprios monitores. — Avisei várias vezes ao pessoal da Inteligência sobre subestimar os sentidos Jedi dele. Com certeza não me levaram a sério.

— É verdade, senhor. Mas pelo menos sabemos que *esteve* lá e não pode se encontrar muito longe. Os soldados estabeleceram um cordão secundário e começaram uma procura que engloba todos os prédios.

O Grande Almirante respirou fundo.

— Não. Ele não entrou em nenhum dos prédios. Skywalker não faria isto. Aquela pequena distração com a arma e o homem de roupa parecida — Thrawn olhou para Pellaeon. — Ele foi para cima, capitão. Para os telhados.

— Nossos batedores já estão verificando os telhados. Se ele estiver lá, será avistado.

— Ótimo — anuiu Thrawn, acionando o comando que ativava o mapa

holográfico da região. — E quanto àquele anteparo de vento na parte ocidental? Pode ser escalado?

— Nossos homens aqui dizem que não. E muito liso e íngreme. Se Skywalker foi para esse lado, ainda está por lá. Ou no fundo do planalto.

— Pode ser. Assinale um dos batedores aéreos para examinar o lugar, de qualquer forma — mandou Thrawn. — E quanto à nave dele?

— A Inteligência ainda está tentando identificar a nave dele. Algum problema com os arquivos. Deve demorar mais alguns minutos.

— Minutos que não temos mais, graças à falta de cuidado do sujeito que estava seguindo Skywalker. Ele precisa ser rebaixado.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, acreditando que a punição era severa demais, mas poderia ter sido pior. O finado Lorde Vader teria estrangulado o agente. — O campo de aterrissagem está cercado, naturalmente...

— Uma perda de tempo. Por outro lado...

Voltou a cabeça para observar o planeta girando, através do visor.

— Retire todos, capitão. Todos exceto os clones das tropas de choque. Deixe esses de guarda perto das naves mais prováveis de pertencerem a Skywalker.

— Como, senhor? — balbuciou Pellaeon.

Thrawn voltou-se de novo para o subordinado, os olhos vermelhos brilhando mais do que nunca.

— O cordão de isolamento ao redor do espaçoporto não possui ysalamiri em número suficiente para deter um Jedi, capitão. Portanto, nem nos daremos ao trabalho de tentar. Vamos deixar que decole com sua nave para o espaço e o apanhamos com o *Quimera*.

— Sim, senhor. Mas nesse caso...

— Por que deixar os clones? — completou o Grande Almirante. — Enquanto Skywalker é valioso para nós, o mesmo não se aplica ao robô astromecânico dele. A menos, claro, que os esforços heróicos para escapar de Poderis terminem de convencê-lo de que aqui é nosso ponto principal de trânsito de dróides.

— Ah... nesse caso, deixaríamos que o dróide dele escapasse com as informações recolhidas.

— Exato. Vamos colocar tudo em ação, capitão. Dê as ordens necessárias.

— Sim, senhor.

Pellaeon apressou-se a cumprir as instruções, sentindo uma certa excitação pela linha de ação do Grande Almirante. Talvez desta vez Skywalker caísse em poder deles.

Artoo produzia uma série de sons urgentes quando Luke passou pela porta do pequeno cargueiro, fechou-a e acionou a pressurização.

— Está tudo pronto para decolar? — indagou ele, por sobre o ombro para o dróide, correndo para a cabine de comando.

Artoo emitiu uma afirmativa. Luke verificou com rapidez os instrumentos ao acomodar-se no assento do piloto.

— Muito bem. Lá vamos nós.

Fornecendo potência aos repulsorlifts, Luke tirou a pequena nave do chão, desviando-a para estibordo. Um par de Skipray levantou-se atrás dele, movendo-se em perseguição enquanto ele se dirigia para a borda do planalto.

— Cuidado com esses Skipray — avisou Luke, dividindo a própria atenção entre a borda que se aproximava com rapidez e o espaço aéreo acima.

A luta com os soldados clonados fora breve demais para parecer realista. Ou o Império tinha algum incompetente encarregado, ou deixaram que a nave partisse de propósito. Armando com cuidado a verdadeira armadilha...

A borda do planalto passou sob ele. Luke consultou de relance o monitor traseiro para confirmar que passara a cidade, depois acionou o motor convencional.

O cargueiro partiu para o céu como um rojão, deixando os Skipray na esteira. A voz que esbravejava ordens de parar pelo comunicador calou-se quando Luke fechou o canal.

— Artoo? Está aí atrás?

O dróide articulou uma afirmativa e uma pergunta surgiu no monitor de Luke.

— Eram clones, sim — confirmou ele, recordando a sensação especial que sentira ao perceber a aura deles. — Vou dizer mais uma coisa: o Império sabia que era eu. Aqueles soldados carregavam ysalamiri nas costas.

Artoo assentiu e formulou nova pergunta no monitor.

— Certo... foi essa tal de Fonte Delta — concordou Luke.

— Leia me disse que se não conseguíssemos descobrir rápido o vazamento, ela ia recomendar que transferissem o setor de Operações para fora do palácio. Talvez até fora de Coruscant.

Se a Fonte Delta fosse um espião humano ou alienígena, ao invés de algum sistema de escuta além do alcance dos detectores, a mudança para qualquer lugar seria pura perda de tempo. Pelo silêncio eloquente do dróide, Luke deduziu que ele imaginava algo parecido.

O horizonte distante, pouco visível contra as estrelas do céu, começava a mostrar sua curvatura.

— É melhor começar a calcular nosso salto para a velocidade da luz,

Artoo — disse ele, por sobre o ombro. — Vamos ter de sair com pressa.

Escutou uma confirmação e voltou sua atenção para o horizonte à frente. Sabia que toda uma frota de destróieres estelares poderia estar a espreitá-lo abaixo do horizonte, fora do alcance de seus instrumentos, esperando que ele abandonasse qualquer tipo de cobertura para depois lançar o ataque.

Fora do alcance dos instrumentos, mas talvez não fora do alcance de seus sentidos Jedi. Fechando os olhos e inundando de calma sua mente, ele projetou a Força...

Recebeu a impressão um instante antes que o aviso de Artoo se fizesse ouvir. Havia, de fato, um destróier estelar, porém não como imaginara, mas vindo de trás, numa órbita forçada que passava pelo alto da camada de atmosfera e que permitira a eles ganhar velocidade sem sacrificar as vantagens da cobertura planetária.

— Agüente aí — disse Luke, fornecendo mais energia à nave.

Porém, tratava-se de um gesto inútil e tanto ele quanto os homens do Império sabiam disso. O destróier estelar aproximava-se com rapidez, com os raios tratores já ativados, procurando por ele. Em mais alguns segundos, iriam apanhá-lo.

Ou pelo menos, iriam apanhar a nave...

Luke soltou o cinto de segurança, abriu um compartimento oculto no painel e pressionou os três interruptores ali existentes. O primeiro acionava o piloto automático; o segundo disparava o lançador de torpedos de próton na traseira, na direção do destróier.

O terceiro ativava o mecanismo de autodestruição.

Seu asa-X estava na área de carga atrás da cabine, com o nariz voltado para a fuselagem, como um estranho animal metálico espiando para fora da jaula. Luke saltou para a cabine, quase arrebentando a cabeça no teto baixo do cargueiro. Artoo já estava em seu lugar no encaixe apropriado e produzia ruídos para si mesmo enquanto elevava os sistemas aquecidos ao estado de alerta, prontos para funcionar. Enquanto Luke colocava o capacete, o dróide avisava que a nave estava pronta para voar.

— Se quisermos que isso funcione, precisamos calcular o tempo exato — comentou ele, colocando a mão sobre um controle especial, adicionado ao seu painel de comando. — Fique pronto!

Fechou os olhos, deixando que a Força lhe inundasse os sentidos. Certa feita, na primeira tentativa de localizar Mestre C'baoth, lutara dessa forma com o Império: um asa-X contra um destróier estelar. Naquela oportunidade também caíra numa cilada, embora só tivesse compreendido isso ao saber da aliança entre C'baoth e o Império. A habilidade, a sorte e a Força o haviam salvo.

Desta vez, se os especialistas de Coruscant tivessem realizado direito seu trabalho, a sorte já estava embutida.

Concentrado na Força, percebeu o raio trator meio segundo antes de sua presença. Sua mão acionou o controle e enquanto a nave estremecia sob a pressão poderosa do raio trator, a frente explodiu, numa nuvem de estilhaços metálicos. Impulsionado por uma catapulta interna, o asa-X foi atirado por entre os destroços. Por um breve e angustiante momento, Luke teve a impressão de que os raios tratores iriam segurá-lo, a despeito da cortina de fumaça e destroços. A seguir, de repente, a pressão desapareceu por completo.

— Estamos livres! — gritou ele, no interior do capacete, manobrando o asa-X na direção do espaço. — Vou fazer manobras de evasão.

Virou outra vez o pequeno caça e um par de luzes verdes e brilhantes passou pela cabine de aço transparente. Com os raios tratores fora de ação, o Império tinha resolvido derrubá-lo. Outra carga de canhões laser passou por ele e Artoo soltou um aviso enquanto algo passava pelos defletores e acertava o fundo da nave. Projetando a Força, ele estendeu as mãos para o painel...

Era tempo. Segurando os manetes do hiperdrive, Luke puxou-os em sua direção.

Com uma oscilação, o asa-X desapareceu na segurança do hiperespaço. As baterias do *Quimera* ainda disparavam, enviando raios inúteis ao local onde ele estivera no segundo anterior. Os artilheiros cessaram fogo; Pellaeon suspirou, com medo de olhar para o Grande Almirante. Era a segunda vez que Skywalker escapava do mesmo tipo de armadilha... e da última vez que fizera aquilo, um homem morreria pelo erro cometido.

O restante da tripulação na ponte tampouco esquecera o fato. Escutava-se o arrastar dos tecidos contra o forro dos assentos quando Thrawn levantou-se.

— Bem. Temos de dar à Rebelião o prêmio por ingenuidade — comentou ele, com voz calma. — Já vi esse truque antes, mas nunca realizado de forma tão efetiva.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, tentando disfarçar a tensão na voz.

— Calma, capitão — recomendou o Grande Almirante, olhando para o subordinado. — Skywalker seria um presente interessante para o Mestre C'baoth, mas o fato de ter escapado não se constitui em motivo para preocupação. O objetivo principal dessa ação era convencer a Rebelião de que eles descobriram o corredor de transporte dos clones. Esse objetivo foi atingido.

A tensão no rosto de Pellaeon começou a dissipar-se. Se o Grande Almirante não estava com raiva...

— Isto não significa, em absoluto — continuou Thrawn. — Que as ações dos tripulantes do *Quimera* devam ser ignoradas. Venha comigo, capitão.

Pellaeon enrijeceu e levantou-se.

— Sim, senhor.

Thrawn precedeu o capitão, descendo a escadaria traseira, até o centro de operações de estibordo. Caminhou entre os tripulantes em seus monitores e parou no setor que controlava os raios tratores de estibordo.

— Seu nome — disse ele, com voz calma ao jovem que se encontrava ali.

— Sargento Mithel — respondeu o tripulante, com o rosto pálido, mas composto.

A expressão de alguém que enfrentava a morte.

— Me diga o que aconteceu, Mithel.

— Senhor, eu tinha acabado de conseguir posicionar o raio trator, quando ele explodiu e formou uma nuvem de partículas refletoras. O sistema de alvo tentou focalizar todas de uma vez e parou por excesso de dados.

— E o que você fez, então? Mithel engoliu em seco.

— Bem, senhor... eu sabia que se fosse esperar que as partículas se dissipassem, o caça estaria fora de alcance, portanto, tentei dissipar eu mesmo, trocando o modo de operação de espacial para plano.

— Mão funcionou.

— Não, senhor — admitiu o jovem, com um suspiro. — O sistema de localização de alvo não conseguiu lidar com a situação. Parou de funcionar.

— É verdade — concordou Thrawn. — Você teve alguns instantes para considerar sua ação, Sargento. Conseguiu pensar em algo que devesse ter feito, ao invés do que fez?

— Não, senhor. Desculpe, mas não consegui. Não me lembro de nada no manual que cubra este tipo de situação.

— Correto. Não há nada. Vários métodos foram tentados ao longo das últimas décadas para anular o efeito da cortina de destroços, mas nenhum deles provou funcionar. Sua tentativa foi uma das mais criativas, em particular pelo pouco tempo que teve para agir. O fato de que falhou não desmerece sua reação.

Um olhar de incredulidade se estampava no rosto jovem.

— Senhor?

— O Império precisa de pessoas jovens e criativas, sargento — declarou o Grande Almirante. — Você fica, daqui por diante, promovido a tenente. Sua primeira tarefa será descobrir uma forma de anular a cortina de

destróços. Depois do sucesso obtido, a Rebelião vai utilizar o mesmo truque outras vezes.

— Sim, senhor... — balbuciou Mithel, a cor começando a retornar ao rosto. — Obrigado, senhor.

— Parabéns, tenente Mithel. Capitão, assuma o comando da ponte. Prossiga com nosso trajeto combinado. Estarei em minha sala, se precisar de mim.

— Sim, senhor.

Pellaeon ficou ali, sentindo a admiração e o espanto se espalharem entre os tripulantes. No dia anterior, a tripulação tinha respeitado o Grande Almirante e confiado nele. Depois do acontecido, estariam prontos a morrer por ele.

E pela primeira vez em cinco anos, Pellaeon finalmente percebeu, no mais profundo de seu ser, que o velho Império se fora de vez. Um novo Império, com o Grande Almirante Thrawn no comando, acabava de nascer.

O caça asa-X estava suspenso no espaço, a anos-luz de uma quantidade apreciável de massa maior do que um grão de poeira. Fora quase como uma repetição da outra batalha contra o destróier estelar, que o deixara perdido no espaço antes de ser encontrado por Mara Jade e levado para Myrkr por Talon Karrde.

Mas a aparência era a única coisa que tinham em comum.

O dróide emitiu um comentário nervoso.

— Calma, Artoo — disse Luke. — Não foi tão ruim assim. Não podíamos mesmo chegar a Coruscant sem parar para reabastecer. Só vamos ter de fazer isso mais cedo.

A resposta foi um protesto indignado.

— Estou levando você a sério, Artoo. Veja, aqui está uma lista de lugares onde podemos parar com metade da energia da bateria principal perdida. Está vendo?

Por um instante o dróide pareceu absorver os dados da lista e Luke teve a oportunidade de revê-la. Existiam várias opções, de fato. O problema é que muitas delas não pareciam saudáveis para um caça da Nova República e a maior parte das outras inclinava-se na direção do Império ou mantinha as opções políticas em aberto.

Ainda assim, mesmo num setor dominado pelo Império, havia locais por onde um caça sozinho poderia penetrar. Poderia aterrissar num local isolado, caminhar a pé até um espaçoporto e comprar células de energia sobressalentes com o dinheiro do Império que possuía. Trazer as pesadas baterias até o asa-X poderia ser um problema, mas nada que Artoo e ele não conseguissem resolver.

O dróide fez uma pergunta.

— Kessel é uma boa alternativa — concordou Luke. — Mas não sei... ouvi dizer que Moruth Doole ainda mandava lá e Han nunca chegou a confiar nele. Talvez fosse melhor pousarmos em Fwillsving ou até...

Interrompeu-se, quando um dos planetas na lista chamou sua atenção. Um planeta que Leia programara no sistema de navegação, talvez movida por intuição, antes dele partir.

Honoghr.

— Tenho uma idéia melhor, Artoo — disse ele, devagar.

— Vamos visitar os noghri.

O som eletrônico produzido atrás dele indicava desconfiança.

— Pare com isso. Leia e Chewbacca foram até lá e conseguiram voltar, não foi? E Threepio estava com eles. Você não quer que ele ande dizendo por aí que você ficou com medo de ir a um lugar onde ele esteve, quer?

O dróide protestou.

— Não vem ao caso se ele teve ou não escolha. O fato é que ele foi.

Artoo resignou-se.

— Assim é que se fala — encorajou Luke, iniciando o cálculo do rumo para Honoghr. — Leia queria mesmo que eu os visitasse. Assim mato dois coelhos com uma só cajadada.

Artoo emitiu um único ruído e permaneceu em silêncio... e mesmo Luke, confiando no julgamento de Leia sobre os noghri, admitiu que não escolhera bem a figura de linguagem utilizada.

Os dados de combate do sistema Woostri apareceram no monitor plano.

— Ainda não consigo acreditar — reclamou Leia, baixando sua prancheta de dados. — Se o Império possuísse uma super-arma, capaz de disparar através de escudos planetários, estariam usando em todos os sistemas atacados. Tem de ser um truque, ou algum tipo de ilusão.

— Concorde. A questão, é como convencer o resto do Conselho e a Assembléia? — indagou Mon Mothma. — Sem mencionar os próprios sistemas?

— Precisamos descobrir o que de fato aconteceu em Ukio e em Woostri — afirmou o almirante Ackbar, com voz grave. — E tem de ser logo.

Leia apanhou outra vez a prancheta, olhando rápido para o almirante. Os olhos saltados do mon calamari pareciam pesados e a cor, um brilhante tom salmão, estava desbotada. O cansaço parecia dominar o militar e com a grande ofensiva do Império a todo vapor, não era provável que tivesse tempo de descansar.

Nem o restante deles.

— Já sabemos que o Grande Almirante Thrawn possui um grande talento para saber o que vai na cabeça de seus adversários — lembrou Leia. — Será que poderia ter previsto quando os habitantes de Ukio e de Woostri iriam render-se?

— Em relação, por exemplo, à defesa de Filve? — completou

Mon Mothma. — Interessante. Isso sugere que a ilusão não pode ser mantida por muito tempo.

— Ou que as fontes de energia envolvidas são elevadas demais — acrescentou Ackbar. — Se o Império conseguiu um método de focalizar energia não visível contra um escudo, poderia enfraquecer um setor durante o tempo suficiente para disparar um canhão turbolaser pela abertura. Só que isso envolveria uma quantidade enorme de energia.

— E deveria acusar uma diminuição de energia no escudo — argumentou Mon Mothma. — Nada disso é o caso, segundo as informações.

— Nossas informações podem estar erradas — lembrou o almirante, olhando depressa para o conselheiro Brey'lya. — Ou podem ter sido plantadas pelo Império. Essas coisas já aconteceram antes.

Leia também olhou para o bothan, imaginando se o insulto velado

terminaria com o silêncio auto-imposto por Fey'lya. Mas ele permaneceu ali, os olhos postos na mesa, o pelo bege absolutamente imóvel. Sem falar ou reagir às palavras... talvez também não pensasse em nada.

No futuro ele recobriria a vontade de falar e reassumiria sua verdadeira estatura política. No momento, porém, com as falsas denúncias contra Ackbar ainda frescas na memória de todos, ele atravessava a versão bothan de "penitência".

Leia ficou irritada. Mais uma vez o estilo político bothan, inflexível e radical, atrasava os interesses da Nova República. Alguns meses antes, as acusações de Fey'lya gastaram tempo e energia consideráveis; agora, que o Conselho precisava de todos os recursos que conseguisse reunir, inclusive os de Fey'lya, ele resolvera agir como um mártir.

Havia dias... e noites também... em que Leia se desesperava com a tarefa de conseguir manter a Nova República unida.

— Tem razão, almirante — concordou Mon Mothma, com um suspiro. — Precisamos de mais informações. E rápido.

— A organização de Talon Karrde é nossa melhor oportunidade — disse Leia. — Ele possui os contatos, tanto aqui quanto do lado do Império. E pelo que Luke afirmou em seu último relatório, parecia interessado em vender informações.

— Não podemos ficar à disposição de um contrabandista

— objetou Ackbar, com expressão de desagrado. — E quanto ao general Bel Iblis? Ele tem lutado sozinho contra o Império, há vários anos.

— O general já passou seus contatos de Inteligência para nós — afirmou Mon Mothma, com um músculo do rosto tremendo. — Estamos integrando os informantes em nosso próprio sistema.

— Eu não estava me referindo aos contatos — disse Ackbar.

— Quis dizer o próprio general. Por que ele não está aqui? Leia olhou para Mon Mothma, sentindo um frio no estômago. Garm Bel Iblis fora uma das forças originais que dera consistência à primeira Aliança Rebelde e por anos haviam formado uma tríade de liderança com Mon Mothma e Bail Organa, o pai adotivo de Leia. Mas quando Organa morreu em Alderaan, no ataque aniquilador da Estrela da Morte, e Mon Mothma centralizou boa parte do poder, Bel Iblis deixou a Aliança e começou a atacar por conta própria. Desde então, continuara sua guerra particular contra o Império, até que... sem querer cruzara o caminho com o corellian Han Solo.

Foi o pedido urgente de Han que trouxera Bel Iblis e sua força de seis cruzadores Dreadnaught à batalha do *Katana*, para ajudar a Nova República. Mon Mothma, falando em enterrar as diferenças do passado, acolhera Bel Iblis de volta.

Porém sua primeira providência foi designá-lo para a zona de fronteira da Nova República. Tão longe de Coruscant quanto possível.

Leia ainda não estava pronta a aceitar que Mon Mothma fosse vingativa. Mas havia outros na Nova República que se recordavam do papel representado pelo gênio tático do senador... e nem todos estavam dispostos a conceder o benefício da dúvida para Mon Mothma.

— A experiência do general é necessária na frente de batalha — disse ela.

— A experiência dele também é necessária aqui — argumentou Ackbar.

Leia percebeu uma ponta de resignação na voz do almirante. O próprio Ackbar havia retornado de uma viagem para vistoriar as defesas dos setores Farrin e Dolomar e pela manhã partiria para Dantooine. Com a máquina de guerra do Império acionada, a Nova República não podia se dar ao luxo de enterrar seus melhores homens em escritórios na retaguarda.

— Entendo sua preocupação. Se conseguirmos que a situação se estabilize, tenho a intenção de trazer o general Bel Iblis de volta e encarregá-lo do planejamento tático — afirmou Mon Mothma.

Se conseguirmos que a situação se estabilize, repetiu Leia para si, sentindo outra vez o estômago doer. Até então, a ofensiva caminhava de acordo com o ritmo do Império...

O pensamento interrompeu-se, quando outra idéia penetrou-lhe a mente. Uma nova consciência. Não era o *estômago* que a incomodava...

Ackbar dizia alguma coisa.

— Desculpe — interrompeu ela, levantando-se com cuidado. — Não queria interromper, mas preciso ir para a ala médica.

Os olhos de Mon Mothma se arregalaram.

— Os gêmeos?

— Acho que eles estão a caminho — concordou Leia

As paredes e o teto da sala de partos possuíam uma tonalidade quente e suave, além de uma série de luzes sincronizadas com os padrões cerebrais de Leia. Em teoria, deviam ajudá-la a relaxar e concentrar-se. Na prática, depois de quase dez horas, a técnica perdia sua eficiência.

Sentiu outra contração, a pior delas. Automática, Leia projetou a Força, usando os métodos que Luke ensinara para conter a dor muscular. Pelo menos seu parto estava lhe proporcionando uma chance de praticar as técnicas Jedi.

E não apenas as que controlavam a dor. *Está tudo bem*, assegurou ela às duas pequenas mentes. *Mamãe está aqui com vocês*.

Na verdade, não ajudou. Capturados por forças que não compreendiam,

os dois pequenos corpos eram apertados e empurrados na direção do desconhecido e suas mentes ainda não formadas transbordavam de medo.

Para dizer a verdade, o estado do pai não era muito diferente.

— Você está bem? — indagou ele, pela enésima vez. Apertou-lhe a mão com mais força, tencionando o próprio corpo ao acompanhar a contração, também pela enésima vez.

— Ainda estou ótima — assegurou Leia, esperando a contração passar. — Mas você parece péssimo.

— E que já passou da minha hora de dormir — respondeu Han, fazendo uma careta.

— Deve ser isso — concordou ela. Olhando outra vez, percebeu que ele estava nervoso, mas fazia o possível para esconder o fato; mais para não deixá-la nervosa do que para preservar a própria imagem. Sentiu carinho por ele.

— Desculpe.

— Não se preocupe com isso — disse Han, olhando para o médico e os dois dróides, na outra extremidade da cama.

— Parece que vai ser agora, meu bem.

— Com certeza... — começou Leia, interrompendo-se com um gemido.

— Você está bem? — quis saber Han, o nível de ansiedade aumentando outra vez.

Leia assentiu, com os músculos da garganta apertados.

— Me abrace, Han — murmurou ela, assim que conseguiu falar outra vez. — Me abrace.

— Estou aqui — disse ele, passando o braço pelos ombros dela.

Leia mal escutou. Em seu interior, os pequeninos seres que ela e Han haviam criado começavam a mover-se... e o medo que sentiam transformou-se em terror.

Mão tenham medo. Não tenham medo. Tudo vai dar certo. Estou aqui. Logo vocês estarão comigo.

Na verdade ela não esperava uma reação... as mentes dos gêmeos ainda não se haviam desenvolvido o suficiente para compreender algo abstrato como palavras, ou conceitos de acontecimentos futuros. Mas não se deteve, envolvendo o medo deles o melhor que podia em conforto e carinho. Sentiu mais uma contração... o movimento em direção ao mundo continuava.

Nesse instante, para felicidade de Leia, uma das pequenas mentes respondeu, tocando-a de uma forma que nenhuma das duas fizera antes. O medo elevou-se e teve a imagem mental da mão de um bebê agarrando seu dedo. *Isso... sou sua mãe, e estou aqui*, respondeu ela.

O bebê pareceu considerar aquilo. Leia continuou tentando reconfortá-lo

e a mente deu a impressão de afastar-se, como se sua atenção tivesse sido atraída por alguma outra coisa. Um bom sinal, pensou ela. Se podia ser distraída...

Então, para seu espanto, o medo da segunda mente desapareceu. Segundo o que compreendera, o segundo filho nem ao menos reparara em sua presença...

Mais tarde tudo pareceu óbvio, se não inevitável. Mas no momento, a revelação ainda era surpreendente o bastante para arrepiar Leia. Os gêmeos, crescendo juntos na Força, assim como cresciam em seu interior, de alguma maneira tornaram-se ligados um ao outro... ligados de uma forma que Leia sabia jamais poder partilhar.

Foi, ao mesmo tempo, um dos momentos de maior orgulho e intensidade na vida de Leia. Ter esse vislumbre do futuro... enxergar os filhos crescendo e desenvolvendo-se com a Força... e saber que eles partilhavam um sentimento que ela não partilharia.

A contração cessou e a visão agridoce do futuro reduziu-se a uma pepita dolorosa no canto de sua cabeça. Uma dor que piorou quando Leia se deu conta do egoísmo que havia no fato de que Han seria capaz de partilhar ainda menos do que ela da vida dos filhos.

Através da névoa mental, uma luz brilhante pareceu explodir em frente a seus olhos. Por reflexo, ela apertou a mão do marido.

— O que...

— Vem vindo — anunciou ele, retribuindo o aperto. — O primeiro já está metade para fora.

Leia piscou, a luz diluindo-se à medida que sua mente se libertava do contato com a do primeiro bebê, cujos olhos jamais haviam percebido nada que não fosse uma penumbra agradável.

— Diminuem essa luz — pediu ela. — Está muito brilhante. Os olhos dele...

— Está tudo bem — garantiu o médico. — Os olhos vão se acostumar. Agora faça o último esforço.

Sem nenhum tipo de aviso, a primeira parte terminou.

— Peguei um — murmurou Han, a voz estranhamento alterada. — E... é nossa filhinha. Jaina.

O rosto do marido sorria feliz, agora que a tensão se fora.

— Jaina — repetiu Leia, saboreando o nome escolhido de uma forma inédita. — E quanto a Jacen?

— De acordo com os últimos boatos, eu diria que ele está ansioso para encontrar sua irmã, do lado de fora. Fique pronta para fazer força... agora!

Leia respirou fundo e concentrou-se. Após dez horas de trabalhos de

parto e de nove meses de gravidez... o final chegara.

Não. Não se tratava do final. Era o começo.

Colocaram os gêmeos em seus braços alguns minutos mais tarde. Ela olhou para os dois rostos pequenos, depois para Han, sentindo uma paz absoluta baixar sobre a pequena família. Entre as estrelas podia haver uma guerra em andamento, mas ali, naquele instante, tudo no Universo parecia estar em seu lugar.

— Cuidado, Rogue Líder — avisou Rogue Dez pelos fones de Wedge.
— Tem um deles seguindo você.

— Já vi — disse Wedge, fazendo uma curva brusca com seu asa-X.

O interceptar TIE passou direto, despejando fogo através dos canhões laser, depois tentou copiar a manobra do asa-X. Cerca de meio segundo atrás dele, outro caça da Nova República transformou-o numa nuvem de destroços.

— Obrigado, Rogue Oito — disse Wedge, suando frio e examinando seus monitores.

Pelo menos por enquanto, parecia que a área deles no meio da batalha estava tranqüila. Efetuando uma longa curva com seu asa-X, ele fez sua avaliação do combate.

Parecia pior do que imaginara. Pior do que há cinco minutos. Mais dois destróieres estelares classe *Victory* chegaram do hiperespaço e abriam fogo, à queima-roupa, sobre um dos três cruzadores estelares calamari restantes. Pela quantidade de disparos...

— Esquadrilha Rogue: mudar curso para vinte e dois ponto oito — ordenou ele, dando o exemplo com seu asa-X.

Ao dirigir-se para lá perguntou-se como os homens do Império haviam conseguido fazer aquilo. Um salto preciso no hiperespaço já era difícil em condições ideais; executá-lo no meio do caos de uma batalha teria sido considerado impossível. Tratava-se de mais um exemplo da extraordinária capacidade do Império para coordenar suas naves.

Um ruído de aviso foi emitido pelo dróide astromecânico atrás dele: encontravam-se próximos demais a uma grande massa para executar o salto para o hiperespaço. Wedge olhou ao redor, avistando o cruzador interceptador pairando à distância, mantendo-se fora da batalha em si. O Império não queria que nenhuma nave da Nova República saísse da festa mais cedo.

A frente, alguns dos caças dos dois destróieres classe *Victory* vinham ao seu encontro.

— Formação de Porkins — ordenou Wedge a seu grupo. — Cuidado

com os flancos. Cruzador estelar *Orthavan*, aqui Esquadrilha Rogue; estamos chegando.

— Fiquem aí, Rogue Líder — disse a voz grave de um mon calamari. — As forças deles são muito maiores. Não podem ajudar.

O mon calamari tinha razão.

— Vamos tentar, assim mesmo. Agüente firme. Os caças TIE estavam quase ao alcance de fogo.

— Esquadrilha Rogue, aqui é Bel Iblis — interveio uma nova voz. — Interrompam o ataque. Quando eu avisar, façam uma curva de trinta graus a bombordo.

Com certo esforço, Wedge deixou de responder algo que o teria levado à corte marcial. Segundo ele, enquanto a nave ainda estava inteira, havia esperança de salvá-la. O famoso general Iblis não partilhava dessa opinião.

— Entendido, general. Esquadrilha: a postos.

— Esquadrilha Rogue: agora!

Com certa relutância, Wedge realizou a curva com seu asa-X. Os caças TIE mudaram de curso para seguir; de repente pareceram perturbados...

Numa velocidade que espantou a todos, uma esquadrilha de assalto de caças asa-A passou por onde a Esquadrilha Rogue acabava de sair. Os caças TIE, já assumindo posição para seguir os asa-X, foram apanhados no meio da manobra e quando perceberam, os asa-A já haviam passado, seguindo a toda para o cruzador estelar.

— Muito bem, Esquadrilha Rogue. E a vez de vocês — disse Bel Iblis, pelo intercomunicador.

Wedge sorriu. Ele devia conhecer melhor Bel Iblis.

— Entendido, general. Esquadrilha: atacar.

— E depois, prepare-se para a retirada — acrescentou o general.

Wedge piscou, o sorriso diminuindo. *Retirada?* Voltando seu caça para a zona de combate, ele deu uma olhada geral.

Há poucos minutos, acreditara que a situação estava ficando ruim para o lado deles. Agora encontravam-se à beira da catástrofe. As forças de Bel Iblis estavam reduzidas a dois terços do efetivo original, as quinze naves maiores com as quais iniciara, estavam agrupadas numa formação de defesa de último recurso. Ao redor, minando as defesas, havia cerca de vinte destróieres e cruzadores Dreadnaught.

Wedge olhou outra vez para a esquadrilha de caças TIE que se aproximava, e além deles, o cruzador interceptador, cujos geradores de gravidade impediam a frota de passar para a velocidade da luz.

Os caças inimigos chegaram e não houve mais tempo para pensar. A batalha foi curta e encarniçada. As manobras rápidas dos asa-A haviam

tirado a estabilidade do inimigo e, em três ou quatro minutos, todos foram abatidos.

— E agora, Rogue Líder? — quis saber Rogue Dois, depois de derrubar o último.

Wedge olhou para o *Orthavan*. Se o truque de Bel Iblis não tivesse funcionado...

Mas funcionara. A rápida passagem dos asa-A distraíra o ataque do destróier classe *Victory* o suficiente para que o cruzador voltasse à ofensiva. O *Orthavan* possuía tanto baterias turbolaser como canhões iônicos e todos disparavam sem cessar, castigando a fuselagem da nave inimiga. Enquanto Wedge observava, uma torrente de gás superaquecido irrompeu na região central do destróier mais próximo, fazendo com que ele fosse impulsionado para longe, a girar. O cruzador estelar passou por ali e moveu-se na direção do Interceptador.

— Alterar o curso para acompanhar o *Orthavan* — ordenou Wedge. — Eles podem precisar de apoio.

Acabou de pronunciar as palavras e dois cruzadores *Dreadnaught* apareceram, um de cada lado do *Orthavan*. Wedge conteve o fôlego, mas o *Orthavan* avançava rápido demais e os inimigos só puderam arriscar alguns disparos em sua direção. Quando se voltavam para segui-lo, a esquadrilha de asa-A executou outra vez sua manobra rápida. Os dois cruzadores do Império reagiram como os TIE, distraídos pela rapidez do movimento. Quando os caças terminaram seu mergulho, o *Orthavan* estava além de qualquer chance de perseguição pelos *Dreadnaught*.

O os defensores do Império sabiam disso. Atrás de Wedge, o dróide sinalizou: o campo gravitacional estava se atenuando. O Interceptador preparava a própria fuga, juntando energia para o salto ao hiperespaço.

O campo gravitacional...

A explicação surgiu na cabeça de Wedge. Estivera errado, pois os destróieres do inimigo não necessitavam de nenhum tipo de coordenação mística para saltar à velocidade da luz e surgir tão perto do Interceptador. Tudo o que precisavam fazer era voar ao longo do vetor de hiperespaço fornecido pelo Cruzador Interceptador e esperar até que o cone bem definido os trouxesse de volta.

Superestimar as forças do inimigo podia ser tão perigoso quanto subestimá-las. Era uma lição que valia a pena ser lembrada.

— O campo gravitacional do Interceptador acabou — anunciou Bel Iblis nos fones. — Todas as unidades: preparem-se para retirar quando eu avisar.

— Esquadrilha Rogue: entendido — respondeu Wedge. Recordou-se do plano de fuga e voltou-se para contemplar

a zona de combate. Não havia dúvida alguma. Haviam sido derrotados e massacrados, apesar da lendária habilidade tática de Bel Iblis. O general conseguira apenas evitar perdas maiores.

E o preço fora mais um sistema perdido para o Império.

— Esquadrilha Rogue: agora.

— Entendido — disse Wedge, antes de puxar o manete do hiperdrive.

Enquanto as estrelas marcaram o céu com linhas luminosas, um pensamento ocorreu a ele.

Num futuro próximo, superestimar o Império não iria ser um problema.

Os rastros luminosos formaram estrelas e o *Wild Karrde* voltou ao espaço. Em frente estava o pequeno anão branco, o sol do sistema Chazwa, não muito destacado das estrelas ao redor. Nas proximidades, um círculo escuro era circundado por uma estreita faixa crescente, o próprio planeta Chazwa. Ao redor, espalhadas na escuridão do espaço próximo, podiam ser observadas cerca de cinquenta naves, indo e vindo. A maior parte eram cargueiros e cruzadores pesados, aproveitando a localização das instalações do espaçoporto. Algumas das naves pertenciam ao Império.

— Bem, aqui estamos — comentou Aves, do assento do co-piloto. — Aliás, gostaria de aproveitar a oportunidade e dizer que acho tudo isso uma idéia maluca.

— Pode ser — concedeu Karrde, ajustando o curso na direção do planeta. Mas se a rota de transporte dos clones do Império passa mesmo pelo setor Orus, então as guarnições de Chazwa deve ter registros da operação. Talvez até o local de origem, se alguém for descuidado o suficiente.

— Não estava me referindo aos detalhes desta operação. Estou querendo dizer que é loucura a gente se envolver nessa guerra. E um assunto da Nova República, não nosso. Deixe que eles façam essas coisas — respondeu Aves.

— Se eu confiasse neles o suficiente, deixaria — disse Karrde reparando que outra nave vinha na direção geral deles. — Mas não sei se eles são capazes de fazer isso direito.

— Ainda não acredito nos números de Skywalker. Se alguém pudesse criar clones estáveis tão depressa, os velhos mestre da clonagem teriam conseguido também.

— Talvez tenham conseguido, quem sabe? Não acho que tenham sobrado muitas fontes de informação sobre técnica de clonagem. Tudo o que li sobre o assunto veio de experiências bem anteriores às Guerras Clônicas.

— Bem, isso é verdade. Mas mesmo assim eu gostaria de pensar mais sobre o assunto.

— Podemos descobrir que não temos muita escolha nesse assunto — afirmou Karrde, apontando a nave que vinha ao encontro deles. — Temos um chamada. Que tal estabelecer a identidade dele?

— Claro — aquiesceu Aves, olhando para a nave e a seguir dedicando-se ao console. — Não está registrado como qualquer nave que eu conheça.

Espere um pouco... isso mesmo. Eles alteraram a identidade. Fizeram uma transposição simples. Vamos ver se o pacote mágico de Ghent consegue resolver o problema.

Karrde assentiu, o pensamento voltado para o outro lado da Galáxia, em Coruscant, onde dois companheiros haviam ficado sob os cuidados da Nova República. Se a previsão de recuperação se confirmasse, Mara deveria estar quase boa e em pouco tempo tentaria entrar em contato. Decidiu verificar com o homem designado assim que terminassem.

— Consegui — disse Aves, triunfante. — Bem, acredito que seja um velho amigo seu, Karrde. É o *Kern's Pride*; o proprietário é o quase-honorável Samuel Tomas Gillespee.

— Agora é honorável — comentou Karrde, olhando a nave a cem metros de distância. — Acredito que é melhor a gente ver o que ele quer.

Regulou um cone estreito de frequência para comunicação.

— Aqui é Talon Karrde, chamando o *Kern's Pride*. Não fique parado aí, Gillespee. Cumprimente os amigos!

— Oi, Karrde — respondeu uma voz pelo alto-falante. —. Não se importa que eu verifique a identidade de quem está chamando, certo?

— De jeito nenhum. A propósito, belo trabalho na identidade da sua nave.

— Poderia ter sido melhor — desculpou-se Gillespee. — Ainda não conseguimos decifrar o seu. O que está fazendo por aqui?

— Eu estava a ponto de perguntar a mesma coisa. Fiquei com a impressão de que pensava em se aposentar — provocou Karrde.

— E verdade. Saí do negócio para sempre e muito obrigado. Comprei um bom pedaço de terra num mundo fora do caminho, onde posso deitar e olhar as árvores e ficar fora de todo o tipo de encrenca. Um lugar chamado Ukio, já ouviu falar?

Atrás de Karrde, Aves balançou a cabeça e resmungou algo.

— Parece que escutei esse nome há pouco tempo — lembrou Karrde. — Você estava lá na época do ataque do Império?

— Estava lá durante o ataque, a rendição, a ocupação e tudo o que pude agüentar. Na verdade, eu assisti ao bombardeio de camarote. Foi espetacular, isso eu garanto.

— Poderia também ser lucrativo — disse Karrde, pensando rápido. A Nova República ainda não sabia o que o Império fizera em Ukio. Dados sobre o ataque poderiam ser valiosos para os responsáveis pela defesa. E renderiam um bom dinheiro para a testemunha e para o portador. — Suponho que tenha feito algum registro durante o ataque...

— Na verdade fiz alguns registros durante o bombardeio, com o cartão

de dados embutido no macrobinóculo. Por quê?

— Existe uma boa chance para que eu encontre um comprador para esse cartão — disse Karrde. — Talvez ajude a compensar pela propriedade perdida.

— Duvido que seu comprador tenha tanto dinheiro para gastar. Você não teria acreditado, Karrde... não, mesmo. Quer dizer, não estamos falando sobre Svivren, mas até mesmo Ukio teria dado mais trabalho para se entregar.

— O Império tem uma longa prática em conquistar mundos. Você tem sorte de ter conseguido sair de lá.

— Isso é verdade. Faughn e Rappapor me tiraram de lá cerca de meio salto à frente dos soldados e meio salto atrás dos trabalhadores que eles enviaram para transformar minhas terras em plantações. Estou lhe dizendo... esse novo sistema He clones é uma coisa assustadora.

— Como assim?

— O que quer dizer com "como assim"? Não se espera que as pessoas sejam produzidas em linhas de montagem, que diabo! E se elas viessem, com certeza eu não colocaria o controle da produção nas mãos do Império. Você devia ter visto os caras nas barricadas da estrada... me fizeram ficar arrepiado.

— Não duvido. O que pretende depois que sair de Chazwa? — quis saber Karrde.

— Eu mal tinha planos *antes* de chegar até aqui — retrucou Gillespee. — Estava esperando entrar em contato com o antigo homem de Brasck aqui e ver se eles estariam interessados em nos admitir. Por que, tem algo melhor em mente?

— Podemos começar enviando aquele cartão de macrobinóculo para meu cliente e sacar o pagamento através de uma linha de crédito que estabeleci com ele. Depois, eu tenho outro projeto que você talvez ache interessante...

— Temos companhia — alertou Aves. — Duas naves do Império vêm vindo nessa direção. Parecem fragatas classe *Lancer*.

— Oh-oh. Parece que não saímos de Ukio tão solitários — disse Gillespee.

— Acho que é mais provável que nós sejamos o que eles querem — comentou Karrde, digitando uma rota evasiva. — Foi bom falar com você, Gillespee. Se quiser continuar a conversa, me encontre em oito dias no sistema Trogan... você sabe onde.

— Posso conseguir, se você pode. Se não puder, não deixe as coisas fáceis para eles.

— Pode deixar. Muito bem, aqui vamos nós.

Ele conduziu o *Wild Karrde* numa curva elegante para a esquerda, fazendo parecer que pretendiam passar pelo planeta e estabelecer novo vetor de hiperespaço.

— Quer que avise os outros? — ofereceu Aves.

— Ainda não. Prefiro abortar a missão e tentar outra vez mais tarde, do que ficar enfrentar essas *Lancer* — disse Karrde, calculando o salto para o hiperespaço.

— É... — murmurou Aves, distraído. — Karrde! Eles não estão mudando de rota.

Karrde olhou para cima. Seu navegador tinha razão. Nenhuma das fragatas alterara seu curso. Mantinham o vetor original.

Direto para o *Kern's Pride*.

Olhou para Aves, que já o encarava.

— O que vamos fazer?

Karrde olhou para as naves do Império. O *Wild Karrde* não era nada indefeso numa luta e sua tripulação era a melhor possível. Mas com armas projetadas para lutar contra belonaves, duas *Lancer* eram suficientes até mesmo para o grupo inteiro que ele trouxera para Chazwa.

Enquanto observavam, o *Kern's Pride* fez seu movimento. Realizando uma espécie de pirueta de Koiogran, manobrou em alta velocidade e saiu perpendicular à trajetória original. As fragatas, sem se deixarem iludir, seguiram atrás.

O que deixava o *Wild Karrde* livre. Podiam continuar até Chazwa, apanhar os relatórios da guarnição e sair antes que as *Lancer* voltassem. Seria rápido, limpo e preferível, sob o ponto de vista da Nova República.

Mas Gillespee era um velho amigo... e na escala de Karrde, um companheiro contrabandista ficava mais alto do que qualquer governo interestelar ao qual não pertencia.

— Parece que Gillespee não saiu de Ukio desacompanhado — comentou ele, acionando o intercomunicador. — Lachton, Chin, Corvis: assumam os postos no turbolaser. Vamos até lá.

— E quanto as outras naves? — quis saber Aves, ativando os escudos defletores e o holograma tático.

— Primeiro, vamos atrair a atenção das fragatas — disse Karrde, fornecendo mais energia aos motores.

Os três homens declararam-se a postos.

O comandante da *Lancer* não era tolo. Assim que o *Wild Karrde* começou a mover-se, uma das fragatas interrompeu a perseguição e veio enfrentar a nova ameaça.

— Acho que conseguimos atrair a atenção deles. Agora posso chamar os outros? — indagou Aves.

— Pode — concordou Karrde, acionando o próprio comunicador para falar com o *Kern's Pride*. — Gillespee, aqui é Karrde.

— Estou vendo. O que pensa que está fazendo?

— Dando uma mãozinha.

A fragata que se aproximava abriu fogo sobre o *Wild Karrde* com os vinte canhões turbolaser quádruplos. Os três conjuntos luminosos das próprias baterias pareciam desaparecer na muralha de fogo inimigo.

— Parece que conseguimos distrair uma delas — anunciou Karrde. — Por que não tenta sair daí antes que a outra alcance você?

— Que belo tipo de distração você conseguiu arranjar — respondeu Gillespee. — Escute aqui, Karrde...

— Não. Escute você. Saia daqui! — interrompeu Karrde. — Não se preocupe comigo. Não estou sozinho.

— Lá vem eles — anunciou Aves.

Karrde olhou para o monitor. Eles vinham mesmo. Mais de quinze naves; todas dirigindo-se para a inferiorizada fragata *Lancer*.

— Você não estava brincando, estava? — indagou a voz de Gillespee pelo comunicador.

— Não, não estava. Agora vá embora, sim? Gillespee riu alto.

— Vou contar um pequeno segredo, Karrde. Também não estou sozinho.

Mal dissera isso e Karrde distinguiu as chamas dos escapamentos de vinte naves entre a luminosidade dos disparos dirigindo-se direto para a segunda fragata.

— Pois, é, Karrde. Acho que nenhum de nós dois vai conseguir fechar muitos negócios em Chazwa hoje — comentou Gillespee, em tom de conversa. — O que me diz de continuarmos em algum outro lugar? Vamos dizer, em oito dias?

— Estarei esperando ansioso — respondeu Karrde, sorrindo.

Olhou para a fragata e o sorriso desapareceu. A tripulação-padrão das *Lancer* era de 850 homens. Devia estar cheia. Quantos deles teriam sido criados há pouco tempo na fábrica de clones do Grande Almirante Thrawn?

— A propósito, Gillespee. Se por acaso encontrar alguns de nossos colegas a caminho, pode convidá-los. Acho que estariam interessados em escutar o que tenho a dizer.

— Certo, Karrde. Vejo você em oito dias.

Karrde desligou o comunicador. Gillespee iria espalhar a notícia para os outros grandes grupos de contrabandistas; conhecendo Gillespee, o convite aberto logo se transformaria em algo parecido com uma convocação.

Estariam todos em Trogan... quase todos.

Agora, só precisava pensar em alguma coisa para dizer a eles.

O Grande Almirante Thrawn reclinou-se em sua cadeira.

— Muito bem, cavalheiros. Alguma pergunta?

Seu olhar pousou em cada uma das quatorze fisionomias dispostas em semicírculo ao redor de seu console de comando.

O homem que estava numa das extremidades olhou para os companheiros e respondeu:

— Nenhuma pergunta, Grande Almirante — disse ele, em tom militar e preciso, que contrastava com sua aparência civil.

— O transporte está sendo preparado neste momento. Irão partir assim que possível — informou Thrawn. — Em quanto tempo acham que serão capazes de penetrar no Palácio Imperial?

— Não antes de seis dias a contar de hoje, senhor. Gostaria de parar em um ou dois planetas antes de chegar a Coruscant. Será mais fácil do que forjar uma rota fictícia. A menos que deseje antecipar o projeto, claro.

Os olhos vermelhos estreitaram-se um pouco e Pellaeon soube em quem ele pensava. Mara Jade, em território da Rebelião. Talvez naquele mesmo momento fornecendo a localização de Wayland.

— O tempo é crítico nessa operação — disse o Grande Almirante ao chefe dos comandos. — Mas a velocidade seria inútil se chegar a comprometê-los antes de entrarem no palácio. Major Himron, você será o comandante e deixo o que acontecer por lá a seu critério.

O chefe do grupo curvou-se em agradecimento.

— Sim, senhor. Obrigado, Grande Almirante. Não vou desapontá-lo.

— Sei que não vai, major. Dispensado.

Silenciosos os quatorze homens voltaram-se e saíram da ponte de comando.

— Parece surpreso, capitão, com algumas de minhas instruções — comentou Thrawn, depois que a porta fechou-se.

— É verdade, senhor — admitiu Pellaeon. — Tudo faz sentido, mas eu não tinha pensado nas coisas até esse ponto.

— Todos os pontos precisam ser preparados — disse Thrawn, digitando alguns comandos em seu teclado. A iluminação alterou-se e nas paredes da sala de comando surgiram quadros holográficas. — Arte de Mrisst. Um dos mais curiosos exemplos de omissão a ser encontrado na Galáxia civilizada. Até que fossem contactados pela Décima Expedição de Alderaan, nem uma só das doze culturas de Mrisst tinha desenvolvido nenhuma forma de arte tridimensional.

— Interessante. Talvez uma falha no sistema sensorial? — arriscou Pellaeon.

— Muitos especialistas acreditam nisso. Mas, para mim parece claro que se trata de uma espécie de cegueira cultural, combinada com uma forte harmonização social. Dois aspectos que podemos explorar.

O capitão olhou para os trabalhos, uma suspeita formando-se na cabeça.

— Vamos atacar Mrisst?

— Eles estão prontos para a colheita — lembrou Thrawn. — E seria uma base que nos daria capacidade de lançar ataques ao coração da Rebelião.

— Certo, e a Rebelião deve saber disso — observou Pellaeon, escolhendo as palavras, por temer que o pedido de C'baoth para atacar Coruscant tivesse sido aceito. — Eles responderiam com um contra-ataque maciço, senhor, se atacássemos Mrisst.

— Sim. O que significa que podemos trazer a frota de defesa de Coruscant para uma armadilha. Mrisst é o lugar perfeito para isso. Se vierem ao nosso encontro, podemos derrotar as forças divididas aqui e lá. E se perceberem a armadilha e não vierem combater, ganhamos uma base avançada. De qualquer jeito, o Império triunfa — explicou o Grande Almirante, estendendo a mão para o console para desligar os quadros. — Mas essa batalha ainda está no futuro. Por enquanto, nosso objetivo principal é juntar força suficiente para realizar essa vitória. E manter a Rebelião ocupada enquanto isto acontece.

— O ataque a Ord Mantell vai ser importante para mantê-los ocupados.

— Com certeza vai criar um certo grau de medo em todos os sistemas próximos. Assim como vai afastar por enquanto o interesse da Rebelião em nossas linhas de suprimentos.

— Isso seria bom. O último relatório de Bilbringi dizia que os estaleiros estavam ficando sem gás tibanna, hfredium e kammris — lembrou Pellaeon.

— Já ordenei que a guarnição de Bepin passe para eles a produção de gás tibanna — afirmou Thrawn. — Quanto aos metais, parece que a Inteligência encontrou um bom estoque, convenientemente localizado.

O relatório surgiu no monitor e o capitão inclinou-se para a frente a fim de examiná-lo.

— *Isto é* o que a Inteligência chama de uma localização conveniente?

— Presumo que discorde deles.

Pellaeon olhou outra vez para o relatório. O Império já atacara o complexo de mineração de Lando Calrissian uma vez, no superaquecido planeta Nkllon, quando precisaram das naves mineradoras para o ataque aos estaleiros de Sluis Van. Tal ação militar custara ao Império cerca de um milhão de homens-hora, tanto em preparar o *Justiceiro* para o calor intenso

das órbitas mais próximas ao sol, quanto depois, para reparar os danos.

— Acredito que isso depende, senhor, de quanto tempo ficaremos sem o destróier estelar que vai realizar o ataque — disse ele, por fim.

— Uma boa pergunta. Porém, não será necessário utilizar nenhum destróier estelar. Três dos nossos Dreadnaught devem ser mais do que suficientes para neutralizar as defesas de Nkllon.

— Mas um Dreadnaught não seria capaz de... — começou Pellaeon, interrompendo a frase ao compreender a estratégia. — Eles não precisam ficar sob a luz solar. Se puderem capturar uma das naves-escudo que acompanham os cargueiros para entrar e sair, um Dreadnaught pode muito bem se acomodar embaixo da proteção.

— Exato — confirmou Thrawn, com um sorriso. — E capturar um "guarda-chuva" daqueles não deve representar nenhum problema. As naves-escudo, apesar do tamanho, não passam de blindagem térmica, líquido resfriador, e uma pequena nave, em termos de tripulação e armamento. Seis naves de homens da tropa de choque devem resolver logo o assunto.

O capitão concordou com um gesto de cabeça, ainda examinando o relatório.

— E se Calrissian vender o estoque antes de chegarmos lá, senhor?

— Isso não vai acontecer. O preço do mercado começou a subir outra vez e homens como Calrissian aguardam até que chegue ao ponto mais alto, antes de vender.

A menos que ele fosse tomado por algum recente fervor patriótico em relação a seus amigos da Nova República e vendesse para eles a um preço baixo.

— Eu recomendaria, senhor, que o ataque fosse efetuado o mais breve possível.

— Levarei isso em conta — prometeu o Grande Almirante. — Na verdade, capitão, o ataque foi iniciado dez minutos atrás.

Pellaeon sorriu. Algum dia aprenderia a não subestimar o superior.

— Sim, senhor.

Thrawn reclinou-se no assento.

— Volte para a ponte de comando, capitão, e prepare tudo para o salto ao hiperespaço. Ord Mantell nos aguarda...

O sinal eletrônico acordou Luke. Espreguiçando para espantar o sono, ele examinou os monitores.

— Artoo? Estamos quase chegando. Apronte-se. Esfregou os olhos, escutando o som nervoso que o dróide produziu.

— Calma, Artoo.

Colocou os dedos sobre os controles do hiperdrive e fechou os olhos, deixando que a Força fluísse. Era quase chegando o momento... *agora*. Puxou os manetes e o asa-X voltou ao espaço negro, cheio de estrelas.

E à frente, estava o mundo noghri de Honoghr.

Artoo manifestou-se.

— Eu sei — concordou Luke, sentindo-se mal ao observar o planeta.

Leia dissera o que esperar; porém, mesmo depois do aviso, o mundo que se descortinava à frente de seu asa-X era um choque. Abaixo das esparsas nuvens esbranquiçadas, toda a massa planetária era de cor marrom e uniforme. Sua irmã chamara aquilo de grama kholm, uma planta que o Império alterara os genes para controlar a ecologia do planeta. Aquilo, combinado ao auxílio cuidadoso e dosado de Vader, seguido por Thrawn, rendera ao Império quatro décadas de serviços prestados pelos noghri. Naquele momento mesmo, havia vários grupos de comandos da morte noghri espalhados ao redor da Galáxia, lutando e morrendo pelos que os haviam traído, escondendo-se sob o manto da compaixão enquanto os transformavam em escravos.

Artoo quis saber alguma coisa e Luke foi arrancado de sua contemplação.

— Não sei. Vamos ter de mandar uma equipe de exoecólogos para saber quanto tempo. Mas não parece nada bom...

O dróide produziu um ruído, um encolher de ombros eletrônico, que se transformou em aviso. Luke levantou a cabeça a tempo de ver uma pequena e rápida nave-patrolha.

— Acho que já nos avistaram. Vamos esperar que seja uma nave noghri e não do Imp...

— Identifique-se, caça — pediu uma voz felina, pelo comunicador.

Luke acionou seu canal, projetando a Força na direção da nave-patrolha,

que se colocava em posição de ataque. Mesmo através da distância, ele deveria ter sentido um piloto humano, o que não aconteceu. Concluiu que de fato se tratava de um noghri.

— Aqui é Luke Skywalker, filho do Lorde Darth Vader, irmão de Leia Organa Solo.

O comunicador permaneceu em silêncio por um instante.

— Por que veio?

A prudência mandava que ele não mencionasse o assunto das baterias, pelo menos até fazer uma idéia de como o assunto seria encarado pelos líderes noghri. Porém Leia mencionara várias vezes como ficara impressionada pelo sentido de honra e honestidade desse povo. Optou pela sinceridade.

— As baterias principais da minha nave foram danificadas — explicou, ao comunicador. — Pensei que pudessem ajudar-me.

— Você nos coloca em grande perigo, filho de Vader — respondeu o noghri. — Às vezes as naves do Império passam por aqui. Se você for avistado, todos sofrerão.

— Compreendo — disse Luke, um tanto aliviado. Se estavam preocupados com as naves do Império, não haviam recitado as propostas de Leia. — Se preferirem, posso partir.

Prendeu o fôlego enquanto aguardava a resposta, escutando Artoo resmungar, em seu suporte. Se os noghri não os aceitassem, não sabia onde conseguiria chegar com a energia que tinha.

O piloto noghri pensava a mesma coisa, pois logo se manifestou:

— Lady Vader já arriscou demais pelos noghri. Não podemos permitir que você coloque sua vida em perigo. Siga-me, filho de Vader. Eu o levarei até a segurança que os noghri podem oferecer.

Segundo Leia, havia apenas uma pequena área em Honoghr capaz de suportar vida vegetal que não fosse a espécie degenerada pelo Império. Khabarakh e a maitrakh do clã Kihm'bar a haviam abrigado, assim como a Chewbacca e Threepio numa das vilas, conseguindo com habilidade e sorte, escondê-los das vistas do próprio Grande Almirante. Leia incluía a localização da Terra Limpa e também as coordenadas do sistema... enquanto Luke seguia a nave-patrolha na direção da superfície do planeta, tornou-se claro que se dirigiam para lá.

— Para onde vamos? — indagou ao piloto noghri, enquanto mergulhavam numa camada de nuvens.

— Para o futuro de nosso mundo — respondeu o alienígena de voz felina.

Luke assentiu e observou entre as nuvens uma coluna dupla de penedos à

frente, que lhe recordaram as escamas dorsais dos dragões krayt de Tatooine.

— Seu futuro está naquelas montanhas?

Luke ouviu uma espécie de sibilar pelo comunicador. Depois, a voz do piloto:

— Como a Lady Vader e o Lorde Vader antes dela, você também lê a alma dos noghri.

Luke deu de ombros. Adivinhara ao acaso, nada mais.

— Onde vamos?

— Outros Veio mostrar tudo a você — declarou o piloto — Daqui em diante devo deixá-lo. Adeus, filho de Vader Minha família vai lembrar por muito tempo a honra desse dia.

A nave que acompanhava Luke executou uma curva abrupta na direção do espaço... e em perfeito sincronismo, duas barcas-nuvens, equipadas para combate, elevaram-se para ocupar posições de escolta aos lados do asa-X.

— Nós o saudamos, filho de Vader. Estamos honrados em poder guiá-lo — declarou nova voz ao comunicador. — Venha atrás de mim.

Um das barcas-nuvens tomou a dianteira e a outra assumiu posição à retaguarda. Luke permaneceu na formação, tentando ver para onde estava sendo conduzido. Tanto quanto sabia, os rochedos eram tão estéreis quanto o resto do planeta.

Artoo emitiu um ruído e enviou sua mensagem ao monitor de Luke.

— Um rio? Onde... lá está. Saindo do meio das rochas, não é?

O dróide confirmou. Parecia um rio muito rápido, decidiu Luke, quando se aproximaram e distinguiu as numerosas esteiras de espuma indicando um leito acidentado. Provavelmente explicava porque o espaço entre as duas cordilheiras era tão fundo e pronunciado.

Atingiram o final das elevações rochosas alguns minutos depois. O veículo da frente virou para bombordo, manobrando em baixa velocidade entre algumas colinas e desaparecendo ao lado da encosta íngreme. Luke seguiu atrás, uma velha lembrança vindo à mente. *Vocês precisam manobrar para dentro deste desfiladeiro...*

Manobrou seu asa-X ao redor das colinas, diminuindo a altitude. Progrediu até a sombra do rochedo.

E penetrou mundo diferente. Ao longo das estreitas margens do rio, havia uma massa sólida e verde-brilhante.

Artoo emitiu uma espécie de assobio extasiado.

— São plantas — murmurou Luke, só percebendo depois como sua observação soava ridícula.

Eram plantas; contudo, encontrá-las em Honoghr...

— Este é o futuro de nosso mundo — disse um dos pilotos, com evidente orgulho na voz. — O futuro que Lady Vader nos deu. Continue, filho de Vader, a área de pouso é logo à frente.

A área de pouso revelou-se um enorme rochedo plano, em parte suspenso sobre o acidentado leito do rio. Com um olhar cauteloso para a corrente, Luke baixou o asa-X. A pedra provou ser bem maior do que vista de cinquenta metros de altura. As barcas-nuvens aguardaram até que ele tivesse pousado, depois manobram e fizeram o caminho de volta. Luke deixou os sistemas do asa-X em prontidão, abriu a carlinga e olhou ao redor.

O verde não se tratava, em absoluto, de um tom monocromático, como imaginara a princípio. Existiam pelo menos quatro matizes diferentes, entremeados num padrão que não poderia ser acidental. Um tubo podia ser visto mergulhando em ângulo no rio num ponto, desaparecendo no interior das plantas. Utilizavam a pressão da corrente para irrigar as margens íngremes. Alguns metros corrente abaixo, do ponto de pouso, ele divisou uma construção oculta das vistas da margem por uma pedra protuberante. Dois noghri permaneciam ao lado da porta: um com pele cinza-metálico, o outro mais escuro. Ambos olhavam para ele.

— Parece ser o comitê de recepção — comentou Luke. — Você fica aqui. Com isso quero dizer: *permaneça a bordo, Artoo*. Se cair na água como daquela vez em Dagobah, você vai ter sorte se encontrarmos alguns pedaços.

Não houve necessidade de repetir a ordem. Artoo concordou, depois emitiu uma pergunta.

— Claro, tenho certeza que são amistosos — respondeu Luke, retirando o capacete e levantando-se do assento. — Não se preocupe, não pretendo ir longe.

Saltou do asa-X e dirigiu-se para seus anfitriões. Os dois noghri já estavam sobre a pedra, observando-o em silêncio. Luke projetava a Força à medida que caminhava, desejando ter habilidade suficiente para conseguir descobrir alguma coisa sobre essa espécie.

— Em nome da Nova República, eu vos saúdo — recitou, assim que se aproximou o suficiente para fazer-se ouvir acima do clamor das águas. — Sou Luke Skywalker, filho do Lorde Darth Vader, irmão de Leia Organa Solo.

Estendeu a mão esquerda, com a palma voltada para cima, como Leia dissera para fazer.

O noghri mais velho avançou e encostou o focinho na palma de Luke. As narinas foram pressionadas contra a pele e teve de controlar as cócegas que sentia.

— Eu o cumprimento, filho de Vader — disse, por fim, recuando.

Ao mesmo tempo, os dois noghri ajoelharam-se, as mãos ao lado do corpo, no gesto de deferência que Leia descrevera.

— Sou Ovkhevam, do clã Bakh'tor. Sirvo ao povo noghri aqui em nosso mundo futuro. Estamos honrados com sua presença.

— Eu é que estou honrado pela hospitalidade de vocês. Seu companheiro é...

— Sou Khabarakh, do clã Kihm'bar. Agora o clã de Vader dobrou minha honra.

— Khabarakh, clã Kihm'bar — repetiu Luke, olhando outra vez para o jovem alienígena. Era ele o comando noghri que arriscara tudo, primeiro ao levar Leia para seu planeta, depois para protegê-la do Grande Almirante Thrawn. — Por seus serviços à minha irmã Leia, eu agradeço. Minha família e eu estamos em débito com você.

— O débito não é seu, filho de Vader — disse Ovkhevam.

— O débito é do povo noghri. As ações de Khabarakh, do clã Kihm'bar foram apenas uma parte dessa retribuição.

Luke assentiu, sem saber direito o que dizer a seguir.

— Vocês chamam esse lugar de futuro do planeta de vocês — começou, querendo mudar de assunto.

— É o futuro dado ao povo noghri pela Lady Vader — afirmou Ovkhevam, fazendo um gesto que abrangia todo o vale — Aqui, com o presente dela, limpamos a terra que o Império envenenou com plantas. Aqui, algum dia, teremos comida suficiente para alimentar a todos.

— É impressionante — disse Luke, com sinceridade.

Em espaço aberto, aquele verde iria aparecer contra a grama kholm como um enorme bantha num encontro de pequenos jawa. Porém ali, com os rochedos idênticos protegendo a visão de todos os lados, com exceção de cima, havia uma boa chance de que os homens do Império sequer suspeitassem da existência do jardim secreto. O rio fornecia água, a latitude baixa implicava numa primavera um pouco maior do que a da própria Terra Limpa e, se o pior viesse a se confirmar, um bom número de cargas bem posicionadas enterrariam as provas de rebelião contra o Império.

E os noghri mal tinham tido um mês para planejar, projetar e construir tudo. Não era de se espantar que Thrawn e Vader antes dele ficassem contentes em escravizar essa raça.

— Foi Lady Vader quem tornou tudo possível — disse Ovkhevam. — Temos pouco a oferecer em termos de hospitalidade, filho de Vader. Mas o que temos é seu.

— Obrigado. Mas como o piloto da nave-patrolha disse, minha presença

em Honoghr é um perigo para vocês. Se puderem conseguir baterias novas para minha nave, vou partir assim que seja possível. Pretendo pagar, claro.

— Não aceitaríamos pagamento do filho de Vader — afirmou o noghri, chocado perante a idéia. — Seria apenas uma parcela ínfima da dívida do povo noghri.

— Compreendo — disse Luke, suspirando. — Suponho que o primeiro passo seja descobrir se vocês possuem baterias de reserva que sirvam na minha nave. Como fazemos isso?

A intenção dos noghri era boa, mas essa história de sentir culpa pelos serviços prestados ao Império, iria acabar. Raças e seres mais sofisticados também haviam sido enganados pelas artimanhas do Imperador.

— Já está feito — informou Khabarakh. — As barcas-nuvens já estão levando para Nystao a notícia do seu defeito. As baterias e os técnicos para a instalação estarão aqui pelo anoitecer.

— E enquanto isso, oferecemos nossa hospitalidade — completou Ovkhevam, olhando para o noghri mais jovem.

— Eu ficaria muito honrado. Mostre o caminho. O chalé abaixo do rochedo pendente era tão pequeno quanto parecera, da pedra onde Luke aterrissara. A maior parte do espaço disponível era tomada por dois catres estreitos, uma mesa baixa e o que parecia ser um módulo de armazenamento/preparação de comida, como o de uma pequena nave. Pelo menos ali dentro era mais silencioso do que o exterior.

— Esta será sua casa enquanto estiver em Honoghr. Khabarakh e eu montaremos guarda ao lado de fora. Vamos protegê-lo com nossas vidas.

— Isso não será necessário — assegurou Luke, olhando ao redor e verificando que o chalé parecia preparado para ocupação a longo prazo. — O que vocês dois fazem aqui, se posso perguntar?

— Sou eu quem toma conta desse lugar — afirmou Ovkhevam. — Caminho por tudo, para saber se as plantas estão crescendo direito. Já o nosso Khabarakh, do clã Kihm'bar... — Luke teve a impressão de ver um sorriso. — Khabarakh é um fugitivo do povo noghri. Nesse mesmo instante temos várias naves procurando por ele.

— Com certeza — disse Luke. Com o Grande Almirante ameaçando sujeitar Khabarakh a um interrogatório completo do Império, fora vital que o jovem comando "escapasse" da custódia e sumisse de vista. Era vital que a notícia da traição do Império fosse passada aos comandos noghri espalhados pela Galáxia. Os dois objetivos se combinavam muito bem.

— Você quer comida? Ou prefere descansar? — ofereceu Ovkhevam.

— Estou bem, obrigado. Acho que o melhor seria ir até a nave e começar a tirar as baterias.

— Posso ajudar? — pediu Khabarakh.

Na verdade, Luke não precisava, mas quanto antes o noghri pagasse esse suposto débito, melhor.

— Aceito. Vamos lá. As ferramentas estão na nave.

— Recebemos notícias de Nystao — disse Khabarakh, movendo-se invisível através da escuridão para onde Luke estava, com as costas apoiadas contra seu asa-X. — O capitão da nave do Império resolveu completar alguns reparos menores por aqui. Espera que o trabalho leve dois dias. A você, filho de Vader, os chefes pedem desculpas.

— Não é necessário — garantiu Luke. — Eu sabia que isso podia acontecer. Só peço desculpas por impor a minha presença.

Olhou além da asa de seu caça, para a escuridão estrelada, visível entre os rochedos. Então era assim que seria. Ficaria preso ali por dois dias.

— Sua presença não é uma imposição.

— Estou gostando da hospitalidade. Suponho que não haja indicação de que possam ter avistado minha nave?

— O filho de Vader não saberia se isto tivesse acontecido? Luke sorriu na escuridão.

— Até mesmo os Jedi têm algumas limitações, Khabarakh. E muito difícil detectar o perigo à distância.

Ainda assim, lembrou a si mesmo que a Força ainda estava com ele. Aquele cruzador de ataque podia ter se tornado um aborrecimento bem maior — vamos dizer que tivesse chegado enquanto o grupo de técnicos noghri estivesse em trânsito, ou quando o próprio Luke estivesse decolando para o espaço. Um capitão alerta poderia tê-lo seguido e levado o cruzador para o vale.

Percebeu uma sugestão de movimento e Khabarakh sentou-se a seu lado.

— Não é o suficiente, é? — perguntou baixo o noghri. — Esse lugar. Os chefes chamam de nosso futuro. Mas não é.

Luke balançou a cabeça de forma negativa.

— Não — admitiu. — Vocês fizeram um ótimo trabalho com esse lugar e vai ajudar a alimentar seu povo. Mas o futuro de Honoghr... não sou um especialista, Khabarakh. Mas pelo que vi aqui, não acho que Honoghr possa ser salvo.

O noghri deixou o ar escapar pelos dentes pontiagudos, o som perdendo-se no troar das águas.

— Você disse em voz alta o que pensam muitos do povo noghri. Talvez ninguém mais duvide disso.

— Podemos ajudá-los a encontrar um novo lar. Um outro planeta onde possam começar outra vez.

Khabarakh sibilou outra vez.

— Mas não será Honoghr.

— Não.

Por um minuto, nenhum dos dois disse nada. Luke escutou o som do rio, o coração cheio de compaixão pelos noghri. Mas mudar o que fora feito a Honoghr estava muito além de seu poder. Os Jedi, de fato, tinham suas limitações.

— Está com fome? — indagou Khabarakh, levantando-se. — Posso trazer comida.

— Aceito, obrigado.

O noghri afastou-se. Suprimindo um suspiro, Luke mudou de posição contra o trem de aterrissagem. Era ruim o suficiente deparar com um problema que não podia resolver, mas ficar ali dois dias com o cenário todo olhando acusador para ele, tornava as coisas piores.

Olhou para o rio de estrelas entre os picos rochosos, imaginando o que Leia teria pensado de toda aquela situação. Será que ela também percebera que Honoghr estava além da capacidade de recuperação? Ou teria uma idéia sobre como recuperar o planeta?

Ou ainda, estivera ocupada demais com a própria sobrevivência para pensar no futuro?

Mais uma pontada de dor formou-se em seu coração, ao lembrar que em algum lugar acima, em Coruscant, sua irmã estava a ponto de dar à luz aos filhos gêmeos. Talvez já tivesse ocorrido, mas pelo que sabia, Han estava com ela. Gostaria também de estar lá.

Mas se não podia ir lá pessoalmente...

Inspirando fundo, permitiu que o corpo relaxasse. Uma vez, em Dagobah, fora capaz de enxergar o futuro. Ver os amigos e os caminhos que trilhavam. Naquela oportunidade tinha Yoda a seu lado... mas se pudesse encontrar o padrão certo em si mesmo, talvez conseguisse vislumbrar a sobrinha e o sobrinho. Com cuidado, mantendo os pensamentos e a vontade focalizada, projetou a Força...

Leia estava agachada na escuridão, o desintegrador e o sabre-laser na mão, o coração cheio de medo e determinação. Atrás dela estava Winter, segurando apertado os dois bebês, frágeis e indefesos. Escutou uma voz... a de Han... cheia de raiva e da mesma determinação. Chewbacca estava por perto... em algum lugar acima, foi a impressão que teve. Lando estava com ele. Perante todos havia figuras na penumbra, as mentes cheias de ameaças e um propósito letal. Um desintegrador disparou... outro disparo... a porta

se abriu...

— Leia! — gritou Luke, o corpo sacudindo violentamente com a quebra do transe, uma imagem final, cintilando e desaparecendo na noite de Honoghr. Uma pessoa sem rosto, movendo-se na direção da irmã e dos filhos, de dentro da penumbra maligna. Uma pessoa dotada de poder sobre a Força...

— O que foi? — indagou uma voz felina ao lado.

Luke abriu os olhos para deparar com Khabarakh e Ovkhevam abaixados em frente a ele, um pequeno bastão de iluminação banhando de luz os rostos assustadores.

— Vi Leia — disse, percebendo que a própria voz tremia. Respirou fundo, para expulsar a adrenalina. — Ela e os filhos estavam em perigo. Preciso voltar a Coruscant.

Ovkhevam e Khabarakh trocaram olhares.

— Mas se o perigo estiver acontecendo agora...

— Não. Era no futuro — interrompeu Luke. — Não sei quanto tempo no futuro.

Os dois noghri conversaram na própria língua por algum tempo. *Acalme-se*, ordenou a si mesmo, utilizando técnicas Jedi para tranquilizar-se. Lando aparecera na visão... lembrava-se da sua presença. Mas Lando, quando partira, ainda se encontrava na Cidade Nômade, em Nkllon. Isso significava que Luke ainda tinha tempo de voltar a Coruscant antes que o ataque à Leia se efetivasse.

Ou não? Será que a visão fora de fato uma imagem do futuro? Ou alguma mudança de eventos poderia alterar o que vira? *É difícil ver*, dissera Mestre Yoda em Dagobah. *Sempre em movimento está o futuro*. E se alguém com profundo conhecimento da Força fora incapaz de atravessar as incertezas...

— Se desejar, filho de Vader, os comandos podem tomar a nave do Império — ofereceu Ovkhevam. — Se a tripulação for destruída com rapidez, não haverá nada para culpar os noghri.

— Não posso deixar que façam isto — afirmou Luke, balançando a cabeça. — É muito perigoso. Não há forma de garantir que não enviarão nenhuma mensagem.

— Se a Lady Vader está em perigo, o povo noghri não se importa em correr esse risco.

Luke fitou-os, uma estranha sensação percorrendo-lhe o corpo. As feições assustadoras não se haviam alterado; mas no espaço de uma batida de coração, sua percepção se alterara. Não pareciam mais um conjunto de traços alienígenas. De repente, aqueles rostos se tornaram amigos.

— Da última vez que tive uma visão assim, saí correndo para ajudar sem pensar em mais nada — contou Luke. — Não consegui ajudar ninguém e ainda por cima quase estraguei a única chance de fuga deles. E perdi outras coisas, ainda.

Olhou para sua mão artificial, sentindo na memória a lâmina do sabre-laser de Vader cortando seu pulso. Levantou a cabeça para os anfitriões, decidido.

— Não pretendo cometer o mesmo erro outra vez. Não com as vidas dos noghri em jogo. Vou esperar até que a nave do Império vá embora.

Khabarakh esticou a mão devagar para tocar-lhe o ombro.

— Não se preocupe com sua segurança, filho de *Vader*. A Lady Vader não será derrotada com facilidade. Não com o wookie Chewbacca ao lado dela.

Luke olhou para cima. Com Han, Chewie e toda a segurança do palácio para protegê-la, Leia poderia cuidar de intrusos normais.

Então lembrou-se da cena interrompida. A pessoa que percebera utilizando a Força...

Em Jomark, o Mestre Jedi C'baoth tornara bastante claro que desejava Leia e as crianças. Será que sua vontade era o suficiente para arrastá-lo a Coruscant?

— Lady Vader vencerá os inimigos — murmurou Khabarakh.

— Sei disso — respondeu Luke, com esforço, tentando soar como se acreditasse.

Não havia sentido em todos se preocuparem.

O último incêndio apagou-se, a última das microfraturas foi selada e o último ferido foi levado para a enfermaria... com uma estranha mistura de resignação e raiva, Lando Calrissian olhou para fora pelo visor da cabine de comando e soube que tudo acabara. Primeiro a Cidade das Nuvens, em Bespin, e agora a Cidade Nômade, em Nkllon. Pela segunda vez, o Império levava tudo o que ele trabalhara duro para reunir, o que custara tanto suor para construir, fora reduzido a cinzas.

No console, soou um sinal. Lando aproximou-se, movimentando-se como um autômato, e abriu o canal de comunicação.

— Calrissian — anunciou, passando a mão pela testa.

— Senhor, aqui é Bagitt, na Engenharia Central — afirmou uma voz cansada. — O último motor se foi.

Lando fez uma careta. Os danos que os caças TIE causaram à operação mineradora não foram uma surpresa.

— Alguma chance de conseguir que a gente se mova outra vez? —

indagou.

— Não sem material sobressalente que dessem para montar uma fragata — anunciou Bagitt. — Desculpe, senhor, mas havia muita coisa quebrada e derretida por aqui.

— Entendido. Nesse caso, você deve concentrar seu pessoal nos sistemas de manutenção de vida.

— Sim senhor. Bem, senhor... existe um boato por aí de que perdemos todas as comunicações à longa distância.

— E apenas temporário — garantiu Lando. — Temos pessoal trabalhando nisso agora mesmo. E peças sobressalentes suficientes para construir dois novos transmissores.

— Sim, senhor — respondeu Bagitt, mais tranqüilo. — Bem, vou trabalhar nos sistemas de manutenção de vida.

— Mantenha-me informado.

Desligando o comunicador, caminhou de volta para o visor. Vinte dias, era o que tinham. Vinte dias antes que a rotação lenta de Nkllon os retirasse da noite e entrasse sob a luz implacável do sol. Nesse instante, não importaria se os motores, comunicações, ou mesmo os sistemas de manutenção de vida funcionassem. Quando o sol passasse pelo horizonte, todos os que ficassem na Cidade Nômade estariam a caminho de uma morte rápida e quente.

Vinte dias.

Lando olhou para o céu noturno, deixando os olhos percorrerem os padrões das constelações que sonhara em seus momentos de folga. Se conseguissem consertar o transmissor de longo alcance no dia seguinte, poderia pedir ajuda a Coruscant. Não importava quais fossem os danos infligidos às naves-escudo na parte exterior do sistema, os técnicos da Nova República deveriam colocar pelo menos um deles em operação outra vez, pelo menos para uma última viagem. O horário era apertado, mas com um pouco de sorte...

Repentinamente seus pensamentos foram interrompidos. À frente, ainda à distância, a luminosidade de uma nave-escudo se aproximava.

Por reflexo, deu um passo em direção ao seu posto para ordenar que todos se dirigissem aos postos de combate. Se os homens do Império vinham outra vez, para terminar o trabalho, encontrariam...

Parou. Não podiam ser os homens do Império. Se fossem, tudo estaria terminado. Não tinha mais caças para enviar contra eles, nem defesas funcionando na Cidade Nômade. Não havia necessidade de agitar o pessoal, se ninguém podia fazer nada.

A seguir, novo sinal soou no console e uma chamada foi aceita

automaticamente.

— Cidade Nômade, aqui é o general Bel Iblis. Alguém está me ouvindo?
Lando apressou-se a responder.

— Aqui fala Lando Calrissian, general — identificou-se, procurando soar tão casual quanto possível. — E o senhor mesmo, aí no guarda-chuva?

— Somos nós — confirmou Bel Iblis. — Estávamos em Qat Chrystac quando recebemos seu pedido de socorro. Desculpe não ter chegado a tempo de evitar. Sinto muito.

— Eu também. E como está a nave-escudo?

— Acho que está bem ruim — disse o general. — Essas suas naves são muito grandes para se destruir, mas o Império tentou com afinco. No momento essa parece ser a única em condições de voar.

— De qualquer forma, é só uma curiosidade acadêmica — lembrou Lando. — A Cidade Nômade está condenada.

— Não há forma de fazer com que ela se mova?

— Não nos vinte dias que temos antes que a aurora chegue. Poderíamos enterrar a cidade o suficiente para que agüente um dia do lado iluminado, mas isso requer equipamento pesado, que não temos.

— Talvez a gente possa rebocar a cidade inteira para que possa ser reparada no sistema exterior — sugeriu Bel Iblis.

— Uma fragata de assalto e um par de rebocadores pesados devem conseguir, se a gente colocar outra nave-escudo para funcionar.

— E se for possível convencer o almirante Ackbar a retirar uma fragata da frente de combate para rebocar uma cidade

— lembrou Lando.

— E verdade. Acho que é bom saber de uma vez o resto das notícias ruins. O que o Império conseguiu levar?

— Tudo. Todo o nosso estoque de hfredium, kammris, dolovite... tudo o que tínhamos. O que tiramos da terra, eles levaram.

— Quanto, no total?

— Mais ou menos uns quarenta meses de trabalho. Pouco mais de três milhões, ao preço corrente de mercado — calculou Lando.

Por um instante o general permaneceu em silêncio.

— Não sabia que esse lugar era tão produtivo assim. Torna mais fácil convencer Coruscant a ajudá-lo. Quantas pessoas tem por aí?

— Pouco menos de cinco mil. Alguns estão muito feridos.

— Tive muita experiência em remover feridos — afirmou Bel Iblis, com gravidade. — Não se preocupe, a gente consegue acomodar todos a bordo. Gostaria que você destacasse um grupo para permanecer do outro lado e consertar as nave-escudo. Os outros podemos deixar em Qat Chrystac. Será

um lugar tão bom quanto qualquer outro para você transmitir um pedido formal de ajuda a Coruscant.

— Não sabia que existiam lugares bons para transmitir esse tipo de pedido — resmungou Lando.

— E verdade. Coruscant está muito ocupada com a guerra. Mas pelo menos eu diria que a sua chance de ser ouvido é acima da média. Pelo menos não será perdido na burocracia.

— Se acha isso, podemos pular a parte formal. Que tal me levar a Coruscant para falar em pessoa com eles?

— Isso vai lhe custar cinco dias de viagem — argumentou general. — Pode gastar esse tempo?

— É melhor perder cinco dias viajando do que esperando em Qat Chrystac, sem saber se minha transmissão chegou a sair do centro de comunicações. Vamos dizer que eu gaste cinco dias, depois mais dois para convencer Leia a conseguir uma fragata e dois rebocadores, depois mais dez para voltar e terminar o trabalho.

— Dezesete dias. E um horário apertado — comentou Bel Iblis.

— Não tenho nenhuma idéia melhor. O que acha? — quis saber Lando.

— Bem, eu estava mesmo querendo dar um pulo em Coruscant, mais cedo ou mais tarde. Pode ser mais cedo.

— Obrigado, general.

— De nada. E melhor começar a preparar o seu pessoal... vamos lançar transportes assim que entremos na sombra.

— Certo. Vejo o senhor daqui a pouco.

Lando desligou o comunicador. Era como um tiro no escuro... sabia disso. Mas, para ser realista, era o único tiro que podia disparar. Além disso, mesmo que recusassem, uma viagem a Coruscant no momento não seria má idéia. Gostaria de ver Leia, Han, os gêmeos e talvez até encontrar Luke ou Wedge.

Olhou pelo visor, o lábio torcido num sorriso. Em Coruscant, pelo menos não teria que se preocupar com ataques do Império.

Acionando o comunicador, começou a dar as ordens de evacuação.

Jacen adormecera em algum ponto de seu jantar, mas Jaina ainda mamava. Deitada de lado, Leia mudou de posição na cama sem sair do alcance da filha e apanhou a prancheta de leitura de novo. Pela própria contagem, já havia tentado pelo menos quatro vezes ler a tela.

— A quinta vez é sempre a melhor — murmurou para a filha, acariciando-lhe os cabelos.

Jaina, porém, tinha assuntos mais urgentes e não se deu ao trabalho de responder. Por um instante, Leia fitou a filha, um sentimento agradável no âmagô, combatendo o cansaço. Aquelas pequenas mãos que afloravam seu corpo, o tufo de cabelos escuros sobre a cabeça, o pequeno rosto com a maravilhosa expressão de concentração infantil enquanto se alimentava. Uma nova vida, tão frágil e, no entanto, tão decidida.

Era difícil acreditar que ela e Han haviam criado aquela vida. As duas pequenas vidas.

Do outro lado do aposento, a porta que dava para a área comum do apartamento abriu-se.

— Oi, meu bem. Tudo certo? — indagou Han, em voz baixa.

— Tudo ótimo. Só estamos jantando de novo.

— Comem como wookies desnutridos — comentou o pai, observando a cena com orgulho. — Jacen já acabou?

— Acho que ele só queria a entrada. Daqui a pouco acorda para jantar.

— Gostaria que tivessem o mesmo horário — disse Han, sentando-se com cuidado na borda da cama e colocando a ponta do indicador na palma de Jacen. A mãozinha fechou-se sobre o dedo e Leia viu o sorriso torcido nos lábios do marido. — Ele vai ser muito forte.

— Você devia sentir a pressão do lado de cá — comentou Leia, olhando para Jaina. — Lando ainda está lá embaixo?

— Está. Ele e o general Iblis ainda estão conversando com o almirante Drayson. Ainda estão tentando convencê-lo a mandar um par de naves para Nkllon — informou Han, passando o braço pelo ombro da esposa.

Leia sentiu o calor, quase tão agradável quanto o dos pensamentos dele, próximos a ela.

— E como vão indo?

— Nada bem. Não é possível conseguir levantar a Cidade Nômade com nada menor do que uma fragata de assalto. Drayson não parece ansioso para dispor de uma nave desse tamanho.

— Você não lembrou como precisamos dos metais que Lando produz lá?

— Eu disse, mas não ficou nem um pouco impressionado.

— Você tem de saber conversar com o Drayson — explicou Leia, olhando para Jaina, cujos olhos começavam a fechar-se. — Talvez quando ela dormir eu consiga dar um pulo até lá embaixo e dar uma ajuda a Lando.

— Certo. Não leve a mal, meu bem, mas dormir na mesa de negociação não vai ajudar ninguém — observou Han.

Leia fez uma careta, mostrando a língua.

— Não estou *tão* cansada, muito obrigada. E estou dormindo tanto quanto você.

— Não mesmo — respondeu, acariciando a bochecha de Jaina. — Eu, pelo menos, consigo cochilar durante aqueles lanches da meia-noite.

— Você não precisa acordar quando mamam de noite, Han. Winter e eu podemos tirar os bebês do berço tão bem quanto você.

— Que bom dizer isso. Pensei que eu fosse um cara útil para se ter por perto, até que os bebês chegassem. Agora não precisa mais de mim, certo? Tudo bem, pode me deixar de lado...

— Mas claro que eu preciso de você — disse Leia, em tom carinhoso. — Enquanto a maior parte dos dróides estiver a serviço da defesa e existirem dois bebês precisando ser trocados, você sempre terá um lugar aqui.

— Que maravilha. Acho que prefiro ser deixado de lado.

— Agora é muito tarde. Sei que quer ajudar, Han, e aprecio sua disposição. Me sinto culpada.

— Pois não precisa se sentir culpada — disse, apertando-lhe a mão. — Nós, contrabandistas da velha guarda estamos acostumados com horários estranhos, sabia? Por falar nisso, onde está Winter? Já foi dormir?

— Não, ainda não voltou — respondeu Leia, projetando os sentidos além da sala. O quarto de Winter estava vazio. — Ela está trabalhando num projeto próprio, lá embaixo... não sei o que é.

— Eu sei. Ela andou na biblioteca mexendo nos velhos arquivos da Aliança.

— Problemas?

— Não sei — respondeu Han, devagar. — Winter não fala muito sobre o que está pensando. Não comigo, pelo menos. Mas está preocupada com alguma coisa.

Além da porta, Leia pressentiu outra presença.

— Ela voltou. Vou ver se consigo descobrir o que é.

— Boa sorte — resmungou Han, levantando-se. — Acho que vou lá para baixo. Ver se consigo ajudar Lando a enrolar Drayson.

— Vocês dois deviam convidá-lo para jogar sabacc — sugeriu Leia. — Juguem valendo naves, como você e Lando fizeram com o *Falcon*. Pode ser que consigam ganhar uma fragata de assalto, ou pelo menos alguns botes salva-vidas.

— Jogar contra Drayson? Obrigado, meu bem, mas eu e Lando não saberíamos o que fazer com uma frota de naves. |Vejo você mais tarde.

— Certo. Amo você, Han.

— Eu sei — disse, com um sorriso.

Em seguida, saiu. Leia suspirou e ajustou o ombro contra o travesseiro. Voltou-se para a porta de comunicação:

— Winter!

Depois de um curto intervalo, a porta abriu-se.

— Sim, Alteza? — disse Winter, entrando.

— Gostaria de falar com você um instante, se for conveniente.

— Pois não — concordou ela, caminhando com a graça que Leia sempre invejara. — Jacen está dormindo. Quer que o coloque no berço?

— Por favor — aquiesceu Leia. — Han me disse que você está fazendo uma pesquisa nos velhos arquivos da Aliança. É verdade?

O rosto de Winter não se alterou, mas Leia pressentiu uma súbita mudança de ânimo e na linguagem corporal.

— E verdade. — Cuidadosamente, Winter levantou Jacen da cama e o carregou na direção do berço. — Acho que descobri um agente do Império no palácio. Estava tentando confirmar essa hipótese.

Leia arrepiou-se.

— Quem é?

— Eu gostaria de não fazer acusações antes de ter mais informações. Eu poderia estar errada.

— Aprecio muito seus escrúpulos, Winter, mas se você tem alguma idéia sobre essa Fonte Delta, precisamos saber agora mesmo.

— Esse assunto não está relacionado com a Fonte Delta. Pelo menos, não diretamente. Ela não está aqui o tempo suficiente para fazer parte disso.

Leia franziu a testa, tentando perceber o que a outra sentia. Havia um bocado de preocupação, convivendo com um forte desejo de não fazer acusações apressadas.

— É Mara Jade?

Winter hesitou.

— É. Mas devo lembrar que não tenho provas.

— Então o que você *tem*?

— Não muita coisa — respondeu Winter, ajeitando o cobertor ao redor de Jacen. — Na verdade, partiu de uma conversa curta que tive com ela quando a acompanhei da ala médica até o quarto. Ela me perguntou o que fiz durante a Rebelião e contei qual era meu papel, nos Suprimentos. Então ela me identificou como o Apontador.

Leia procurou na memória. Winter usara tantos codinomes naquela época.

— E estava errada?

— Não. Usei esse codinome por algum tempo. E esse é o problema. Fui conhecida como Apontador só por algumas semanas, em Averam. Antes da Inteligência do Império desbaratar a célula de resistência por lá.

— E Mara não estava entre o pessoal local? — quis saber Leia.

— Não sei. Nunca encontrei mais do que alguns do grupo. Por isso fui até os arquivos. Achei que podia existir uma lista completa em algum lugar.

— Duvido muito — disse Leia. — Os grupos locais de resistência nunca mantinham arquivos de pessoal. Seria a garantia da morte do grupo todo, se caísse nas mãos do Império.

— Sei disso — argumentou Winter. — O que nos deixa num impasse.

— Talvez — concedeu Leia, tentando lembrar de tudo sobre Mara.

Tanto quanto sabia, ela nunca dissera ter alguma ligação anterior com a Aliança Rebelde, o que corroborava a favor das suspeitas de Winter. Por outro lado, há menos de dois meses ajudara Luke a salvar Karrde de uma cela no bloco de detenção da própria nave do Grande Almirante. Isso tudo não faria muito sentido se ela fosse agente do Império.

— Acredito que qualquer que tenha sido o lado que Mara lutou, ficou no passado. A lealdade dela podia estar antes de qualquer lado, mas agora está com Karrde e o pessoal dele — afirmou Leia.

Winter sorriu.

— Isso é premonição Jedi, Alteza? Ou apenas a opinião da diplomata?

— Um pouco de cada. Não acredito que tenhamos nada a temer por parte dela.

— Espero que tenha razão — concordou Winter. — Posso colocar Jaina no berço, agora?

Leia olhou para baixo. Os olhos de Jaina estavam fechados e a boca fazia movimentos vagarosos de sucção no ar.

— Obrigada. A recepção para a delegação Sarkan ainda não acabou? — indagou ela, fazendo um último carinho na filha.

— Estava animado quando passei por lá — declarou Winter, acomodando Jaina no berço. — Mon Mothma me pediu para sugerir que descesse por alguns minutos se tivesse oportunidade.

— E aposto que ela gostaria — comentou Leia, espreguiçando-se e levantando da cama. — E lamento muito ter de desapontá-la. Mas acredito que tenho algo mais urgente para fazer, agora. Você dá uma olhada nos gêmeos por mim?

Uma das vantagens da recente maternidade, era que tinha uma ótima desculpa para recusar as pequenas formalidades de sua função, que sempre tomavam tempo em demasia. Lá vinha Mon Mothma, tentando fazer com que ela voltasse ao carrossel diplomático outra vez.

— Claro. Posso perguntar onde vai? — arriscou Winter. Em pé, à frente do guarda-roupa, Leia escolhia algo mais adequado do que a camisola que usava. Apanhou um traje discreto e começou a mudar de roupa.

— Vou ver o que consigo descobrir sobre o passado de Mara Jade — disse ela, admirando-se ao espelho.

— Posso saber como? — indagou Winter, intrigada.

— É fácil. Vou perguntar a ela — explicou Leia, com um sorriso.

Ele apareceu à frente de Mara, o rosto escondido parcialmente pela gola da túnica e os olhos amarelados brilhando enquanto a fitavam através da distância infinita que os separava. Os lábios moveram-se, mas as palavras foram abafadas pelo soar desesperado dos alarmes em toda a volta, provocando uma pressa doentia, que logo se transformou em pânico. Entre ela e o Imperador duas figuras apareceram: a imagem imponente e escura de Darth Vader e a silhueta menor, trajando negro, de Luke Skywalker. Ambos estavam em pé, perante o Imperador, olhando um para o outro; acionaram seus sabres-laser. As lâminas se cruzaram, o vermelho esbranquiçado contra o verde-claro brilhante, preparando-se para o combate.

Então, sem aviso algum, as lâminas se separaram... e com gritos de ódio audíveis acima dos alarmes, os dois voltaram-se contra o Imperador.

Mara escutou o próprio grito, enquanto lutava para ir em socorro de seu mestre. Porém a distância era grande e o corpo desajeitado. Gritou um desafio, tentando distraí-los, pelo menos. Porém nem Vader nem Skywalker deram mostras de ouvi-la. Avançaram, flanqueando o Imperador... e ao levantarem os sabres, percebeu que o Imperador olhava para ela.

Encarou-o, querendo virar para não ver o desastre iminente, mas não conseguia mover-se. Um milhar de pensamentos e emoções passaram por aquele olhar, um caleidoscópio de raiva, medo e dor que girava rápido demais para que ela o absorvesse. O Imperador levantou as mãos, enviando cascatas de faíscas azuladas sobre seus inimigos. Os dois vacilaram perante o contra-ataque e Mara esperou, agoniada, que dessa vez fosse diferente. Mas, não. Vader e Skywalker endireitaram-se, gritando de raiva e ergueram

os sabres.

Por sobre as armas em riste ergueu-se o clamor de um trovão...

Com um espasmo que quase a atirou fora da cama, Mara acordou.

Respirou fundo, tentando expulsar o torvelinho de emoções; a dor, a raiva e a solidão. Mas desta vez ela não iria se dar ao luxo de lutar sozinha contra o inevitável. Do lado de fora ela pressentia outra presença; enquanto saía da cadeira na escrivaninha em posição agachada de combate, o trovão do sonho, uma batida na porta, repetiu-se.

Por algum tempo ela considerou a possibilidade de permanecer quieta e fingir que não havia ninguém, a fim de que o visitante fosse embora. Mas havia luz no quarto, visível através da fresta deixada pela antiga porta de dobradiças. Se a pessoa fosse quem ela suspeitava, não se deixaria enganar pelo silêncio.

— Entre — convidou Mara.

A porta rangeu ao ser aberta... mas não foi Luke Skywalker quem entrou.

— Oi, Mara — cumprimentou Leia Organa Solo. — Estou interrompendo alguma coisa?

— De jeito nenhum — respondeu Mara, reprimindo uma careta. — Estava só lendo alguns dos relatórios das regiões de combate. Entre, por favor.

A última coisa que desejava no momento era companhia, em especial a de alguém relacionado a Skywalker. Mas enquanto ela e Ghent estivessem confinados ao palácio, não seria uma atitude inteligente contrariar alguém da influência de Organa Solo.

— Obrigada. Eu mesma estava lendo esses relatórios agora há pouco. O Grande Almirante Thrawn está justificando a confiança do Imperador em suas habilidades.

Mara encarou-a, imaginando o que Skywalker teria comentado com ela. Mas os olhos de Organa Solo estavam voltados para a janela, através da qual brilhavam as luzes da Cidade Imperial, abaixo. Não percebeu hostilidade.

— É verdade. Thrawn era um dos melhores — disse ela.

— Brilhante e criativo, com uma obsessão compulsiva pela vitória.

— Talvez precisasse provar que era igual aos outros Grandes Almirantes — sugeriu Organa Solo. — Principalmente pela sabida ojeriza do Imperador a não-humanos.

— Tenho certeza que esse fato ajudou.

Leia permaneceu com as costas voltadas para ela, aproximando-se da janela.

— Você conheceu bem o Grande Almirante?

— Não. Ele se comunicou com Karrde algumas vezes quando estive lá e

visitou nossa base em Myrkr, uma vez. Se interessou muito pelos ysalamiri de Myrkr, numa época. Karrde chegou a calcular que tenham levado de lá cinco ou seis mil... — disse Mara, com cuidado.

— Eu quis dizer, durante a guerra — interrompeu Organa Solo, voltando-se para ela.

Mara sustentou-lhe o olhar. Se Skywalker tivesse conversado com ela... mas por outro lado, se de fato conversara, por que não estava na prisão? Não, ela parecia estar jogando verde para colher maduro.

— E por que eu deveria ter conhecido Thrawn na época da guerra?

— Alguém sugeriu que você já trabalhou para o Império...

— E você queria uma confissão antes de mandar me trancar, não é?

— Não, eu queria saber se sabe de alguma coisa sobre Thrawn, que possamos usar contra ele — discordou Organa Solo.

— Não há nada — informou Mara. — Thrawn não dá chance. Não tem padrão algum, nem estratégias favoritas e muito menos fraquezas aparentes. Estuda seus inimigos e dirige cada ataque contra os pontos psicológicos mais vulneráveis. Não subestima suas forças, nem é orgulhoso demais para recuar quando está perdendo, o que não acontece com muita frequência, como vai descobrir. Algo que possa ajudar?

— Na verdade, sim — disse Organa Solo. — Se pudermos identificar a fraqueza que ele pretende explorar, talvez possamos antecipar o ataque.

— Isso não seria muito fácil — avisou Mara.

— É verdade, mas já é algo para começar. Obrigada por sua ajuda.

— De nada. Mais alguma coisa?

— Não, acho que não. Preciso voltar para ver se durmo um pouco antes que os gêmeos acordem de novo. Você também parece querer ir cedo para a cama.

— E continuo livre para andar pelo palácio?

— Claro — respondeu Organa Solo, com um sorriso. — O que quer que tenha feito no passado, para mim está claro que não serve ao Império agora. Boa noite.

Leia esticou a mão para a maçaneta.

— Pretendo matar seu irmão — disse Mara. — Ele lhe disse isso?

O movimento parou e Organa Solo enrijeceu. Mara sentiu o choque controlado pelo treinamento Jedi. A mão parou no ar e caiu ao lado do corpo.

— Não sabia. Posso perguntar por quê?

— Ele destruiu minha vida. Está errada em presumir que fui apenas servidora do Império. Eu era agente pessoal do próprio Imperador. Ele me trouxe aqui para Coruscant, no Palácio Imperial e me treinou para ser uma

extensão de sua vontade pela Galáxia. Eu escutava sua voz de qualquer lugar no Império e sabia dar suas ordens a qualquer um, para tropas de choque até um Grande Moff. Eu tinha autoridade, poder e propósito na vida. Conheciam-me como a Mão do Imperador e me respeitavam da mesma forma que a ele. Seu irmão tirou tudo isso de mim.

Organa Solo virou-se para ela.

— Sinto muito, mas não havia escolha. As vidas e a liberdade de bilhões de seres...

— Não gostaria de discutir o assunto com você — interrompeu Mara. — Não conseguiria entender as coisas pelas quais passei.

Uma sombra do passado distante cruzou o semblante de Leia.

— Você se engana. Entendo muito bem você o que você passou.

Mara encarou-a, mas no olhar dela não havia ódio. Leia Organa Solo, de Alderaan, que fora forçada a observar a primeira Estrela da Morte destruir o seu planeta inteiro...

— Pelo menos você teve uma vida para continuar — resmungou ela, por fim. — Você teve toda a Rebelião... mais amigos e aliados que podia contar. Eu não tive ninguém.

— Deve ter sido difícil.

— Eu sobrevivi. E então? *Agora* vai mandar me prender?

— Você fica dizendo que eu deveria mandar prender você. E isso o que quer?

— Eu já disse o que eu quero. Quero matar seu irmão.

— Quer mesmo? De verdade? — indagou Organa Solo. Mara sorriu.

— Traga-o aqui e provarei.

As duas se encararam e Mara sentiu o toque da técnica Jedi.

— Pelo que Luke me contou, você já teve várias chances para matá-lo. Você não aproveitou.

— Não foi por falta de vontade — declarou Mara, apesar do pensamento já haver ocorrido a ela mesma. — Eu ficava entrando em situações onde precisava dele vivo. Mas isso vai mudar.

— Pode ser — concedeu Organa Solo, os olhos movendo-se pelo rosto da outra. — Ou talvez não seja você que o deseja morto.

— O que quer dizer com isso?

O olhar de Leia fixou-se outra vez na janela, como se observasse uma cena do passado.

— Estive em Endor há alguns meses.

Uma sensação desagradável passou pela espinha de Mara. Ela também estivera lá, levada para enfrentar o Grande Almirante Thrawn... e lembrava muito bem das sensações que perduravam no espaço onde ocorrera a morte

do Imperador.

— O que aconteceu lá? — perguntou ela, percebendo a tensão na própria voz.

— Você sabe do que eu estou falando, não sabe? Existe algum tipo de sombra da presença dele lá. Talvez uma boa parte do ódio e da raiva ao final. Como um... não sei...

— Como uma mancha de sangue emocional — completou Mara em voz baixa, percebendo a imagem. — Marcando o lugar onde morreu.

Olhou para Organa Solo, que estava com expressão surpresa, os olhos postos nela.

— É isto que eu queria dizer!

Mara respirou fundo, forçando as sensações desagradáveis para fora da mente.

— E o que isso tem a ver comigo?

Organa Solo estudou-a por um instante.

— Acho que você sabe.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Não. Você está errada.

— Estou mesmo? Você acabou de dizer que escutava a voz do Imperador de qualquer lugar da Galáxia.

— Eu podia escutar a voz *dele* — argumentou Mara. — E mais nada.

— Você é quem sabe — disse Organa Solo, encolhendo os ombros. Talvez valha a pena pensar nisso.

— Vou fazer isso. Se é tudo, pode ir.

Organa Solo assentiu, sem nenhuma irritação por ser mandada embora como uma servente.

— Obrigada pela ajuda. Falo com você mais tarde. Com um sorriso final, ela abriu a porta e saiu.

— Não conte com isso — resmungou Mara, voltando as costas para a mesa e sentando na cadeira.

Aquela situação já fora longe demais. Se Karrde andava muito ocupado para falar com seu contato, então o próprio contato iria retirar a ela e a Ghent dali. Aproximando-se do terminal, digitou os comandos para comunicação de longo alcance e a resposta que rolou pelas telas foi imediata:

ACESSO IMPOSSÍVEL. SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO À LONGA DISTÂNCIA TEMPORARIAMENTE DESLIGADOS.

— Que coisa — resmungou, em voz baixa. — Quanto tempo demora para funcionar?

IMPOSSÍVEL DETERMINAR. REPETINDO, SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO À LONGA DISTÂNCIA TEMPORARIAMENTE

DESLIGADOS.

Praguejando, desligou o terminal. Todo o universo parecia conspirar contra ela naquela noite. Apanhou a prancheta de leitura que estivera examinando e largou-a em seguida. Já era tarde e ela já adormecera uma vez na escrivaninha. Se tivesse um pingo de juízo, iria outra vez para a cama.

Caminhando até a janela, debruçou-se no parapeito esculpido e olhou para as luzes da cidade, que se estendiam até meio caminho dos infinitos. Tentou pensar.

Não. Seria impossível. Impossível, absurdo e fora de propósito. Organa Solo podia gastar quanto tempo quisesse argumentando e fazendo aquelas especulações. Depois de cinco anos vivendo daquela forma, Mara deveria saber bem quais eram seus pensamentos e sentimentos. Deveria saber o que era real e o que não era.

Ainda assim...

A imagem do sonho formou-se perante ela. O Imperador, encarando-a com terrível intensidade enquanto Vader e Skywalker avançavam sobre ele. A acusação silenciosa nos olhos amarelos sugeriam que fora a falha dela em cuidar de Skywalker no esconderijo de Jabba que causara aquilo. Aquele jorro incontido de ódio quando os dois sabres-laser foram levantados sobre ele. O grito final, ecoando por sua cabeça...

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Pare! — disse ela em voz alta, batendo a cabeça contra o caixilho da janela.

A imagem e as palavras explodiram numa onda de dor e num chuveiro de partículas que se desvaneceram.

Por um bom tempo ela permaneceu ali, escutando o rápido bater de seu coração e os pensamentos conflitantes no interior de sua mente. Com certeza o Imperador desejaria Skywalker morto... mas Organa Solo estava errada. Tinha de estar. Era a própria Mara quem desejava matar Luke Skywalker e não um fantasma do passado.

Em algum ponto distante da cidade, uma luz multicolorida brilhou, iluminando os edifícios e as nuvens baixas. O relógio da antiga Assembléia Comum marcava a hora como vinha fazendo nos últimos três séculos. A luz mudou de textura e oscilou mais uma vez, depois apagou-se.

Meia hora depois da meia-noite. Perdida em seus pensamentos, Mara não percebera que era tão tarde. Ela podia ir para a cama e tentar esquecer toda aquela história para poder dormir um pouco. Com um suspiro, afastou-se da janela...

E parou. Em algum lugar de sua mente, o alarme disparara.

Em algum lugar, por perto, havia perigo.

Apanhou o pequeno desintegrador do coldre no antebraço, apurando os ouvidos. Nada. Olhando pela janela, imaginou se alguém a poderia estar observando enquanto pensava, em seguida moveu-se em silêncio até a porta. Encostando a orelha à madeira, escutou com cuidado.

Por um instante não distinguiu nenhum ruído. A seguir, quase inaudível através da porta grossa, pode perceber o som de passos que se aproximavam. Passos furtivos e decididos, que ela sempre associava com combatentes profissionais. Ficou tensa; mas os passos não se detiveram à sua porta, continuando até o final do corredor.

Contou devagar até dez para deixar que conseguissem uma dianteira sobre ela. Depois, devagar, abriu a porta e olhou para fora.

Havia quatro deles, vestidos com uniforme da segurança do palácio, caminhando em formação de losango. Atingiram o outro corredor e o homem da frente diminuiu o ritmo dos passos e arriscou um olhar através da esquina. Sua mão executou um sinal e os quatro continuaram, dobrando a esquina. Dirigiam-se para a escadaria que levava à secção central do palácio abaixo ou para a torre e as residências permanentes logo acima.

Mara ficou observando, a fadiga transformada pela produção de adrenalina. A formação em losango, o cuidado exagerado e sua própria premonição de perigo... tudo isso apontava para a mesma conclusão.

A Inteligência do Império havia penetrado no palácio.

Voltou para sua escrivaninha e estacou no meio do caminho, praguejando. Uma das primeiras tarefas que o grupo teria realizado, seria penetrar no computador e nos sistemas de comunicação. Qualquer tentativa de fazer soar o alarme, seria interceptada e os colocaria em sobreaviso.

Isso significava que se alguém iria detê-los, ela teria de fazê-lo por si mesma. Segurando com força a empunhadura do desintegrador, Mara saiu atrás deles.

Conseguiu chegar até a esquina e estava esticando o pescoço para olhar com cuidado do outro lado, quando escutou o estalido de uma trava de segurança, próximo ao seu ouvido.

— Muito bem, Jade — murmurou uma voz em seu ouvido. — Bem devagar, agora. Acabou a brincadeira.

O almirante Drayson inclinou-se na poltrona e sacudiu a cabeça:

— Sinto muito, Calrissian, general Bel Iblis — declarou pela décima vez desde que a conversa se iniciara. — Não podemos arriscar.

Lando respirou fundo, tentando reunir o que lhe restava de paciência. Afinal, era o seu trabalho que o almirante estava jogando fora, de forma casual.

— Almirante...

— O risco não é tão grande assim, almirante — intercedeu Bel Iblis, com mais habilidade e cortesia do que Lando dispunha. — Eu lhe mostrei pelo menos oito lugares de onde podemos tirar uma fragata de assalto por menos de dez dias do serviço.

— Do jeito que vai, o Grande Almirante Thrawn poderia tomar mais três setores em dez dias. Vocês querem dar a ele a chance de tomar quatro? — indagou Drayson.

— Almirante, estamos falando de uma única fragata e não de uma dúzia de cruzadores estelares e uma estação de batalha orbital — lembrou Lando. — O que Thrawn poderia ter na manga que uma única fragata fosse capaz de impedi-lo?

— O que pode fazer contra um estaleiro bem defendido com um única nave? Vamos encarar os fatos, cavalheiros: quando se luta contra alguém como Thrawn, todas as regras normais são esquecidas. Poderia atirar uma rede tão fina e transparente que não a veríamos até que fosse tarde demais. Já fez isso.

Lando fez uma careta; porém dificilmente poderia culpar Drayson por sua atitude. Dois meses antes, quando ele e Han foram levados até a base secreta de Bel Iblis, ele mesmo estivera convencido de que tudo aquilo era um esquema gigantesco que Thrawn criara para confundi-los. Demorara até a batalha do *Katana* para mudar de idéia e descobrir que aprendera uma lição útil.

— Almirante, todos aqui concordamos que Thrawn é um estrategista brilhante — observou, escolhendo as palavras. — Mas não podemos presumir que todos os acontecimentos fazem parte de um esquema monumental que está preparando. Ele apanhou meus estoques de metal e

deixou a Cidade Nômade fora de operação. A probabilidade indica que é tudo o que queria.

— Acho que "probabilidade" não é o suficiente, Calrissian — argumentou Drayson. — Me dê uma só prova de que o Império não irá tirar vantagem da ausência de uma fragata de assalto e lhe empresto uma.

— Ora, vamos, almirante...

— E se eu fosse você — interrompeu o militar, começando a recolher seus cartões de dados. — Pensaria em abandonar esse projeto em Nklon. Muitos de nós ainda lembram que foram suas naves mineradoras que Thrawn usou em seu ataque contra o estaleiro de Sluis Van.

— E foi esse conhecimento que impediu o ataque de ser bem sucedido — lembrou Bel Iblis. — Muitos de nós lembram disso, também.

— Essa idéia presume que queria as naves — respondeu Drayson, levantando-se. — Eu, acredito que ele desejava apenas deixá-las fora de ação. Agora, se me desculpam, cavalheiros, tenho uma guerra para coordenar.

Ele saiu e Lando suspirou, derrotado.

— Que se dane — desabafou, recolhendo os cartões.

— Não fique preocupado com isso — aconselhou Bel Iblis, espreguiçando-se. — Não é com você e a Cidade Nômade... sou eu. Drayson sempre foi um dos que consideravam discordar de Mon Mothma como um passo aquém da colaboração com o Império.

— Pensei que você e Mon Mothma tivessem acertado as diferenças — comentou Lando.

— Acertamos — declarou o corellian, dando de ombros e dirigindo-se para a porta. — Mais ou menos. Ela me convidou para participar da Nova República, eu aceitei a liderança dela e oficialmente tudo está bem. Mas velhas lembranças demoram a passar. E tenho de admitir que o meu departamento da Aliança depois de Alderaan poderia ter sido tratado com mais diplomacia. Você está no andar dos Convidados do Presidente?

— Estou. E você?

— Também. Vamos, eu acompanho você até lá em cima. Saíram da sala de conferência e caminharam pelo corredor ornados com arcos, em direção aos turboelevadores.

— Acha que pode mudar de idéia? — perguntou Lando.

— Drayson? — Bel Iblis sacudiu a cabeça. — Nem por decreto. A menos que consigamos tirar Mon Mothma da sala de guerra e colocar você no lugar. Tirando a importância estratégica da Cidade Nômade, imagino que ainda deva um favor ou dois.

Lando recordou-se da cena em que pediu a Ackbar dispensa do posto de

general.

— Talvez os favores não signifiquem nada enquanto ele acreditar que pode ser uma cilada. Depois de ter acontecido o que aconteceu em Sluis Van.

— E verdade — concordou Bel Iblis, observando preocupado o Grande Corredor à medida que caminhavam. — E tudo isso fica muito complicado com a presença dessa Fonte Delta que o Império plantou aqui no palácio. Só porque Thrawn não tem planos para Nklon, não significa que não possa pensar em alguma coisa aproveitando nossa própria linha de ação.

— Se ficar sabendo — lembrou Lando. — A Fonte Delta não é onisciente, sabia? Han e Leia conseguiram realizar missões importantes sem deixar vaziar informações.

— Provando mais uma vez a eficiência e a força de grupos pequenos. Ainda assim, quanto mais cedo se identificar essa fonte, melhor.

Passaram por mais um corredor lateral e Bel Iblis ficou apreensivo.

— Algum problema?

— Não sei. Não devia haver guardas nessa parte do palácio?

— respondeu Bel Iblis.

Lando olhou ao redor. Estavam sós.

— Será que não foram designados para a recepção, na outra ala?

— Eles estavam aqui quando cheguei. Quando vim do quarto, vi pelo menos dois.

— E o que acha que pode ter acontecido? — perguntou Lando, sentindo uma sensação de arrepio na nuca.

— Não tenho a menor idéia. Você está armado?

— O desintegrador está no quarto. Jamais me passou pela cabeça que fosse precisar dele aqui.

— Não vai precisar — assegurou Bel Iblis, procurando algo nas vestes. — Deve haver uma explicação simples e razoável para isso tudo.

— Claro — concordou Lando, apanhando o comunicador.

— Vamos ligar para a Segurança e saber... — interrompeu-se quando nada aconteceu. — Bem, parece que a sua explicação simples complicou. E agora?

— Temos de encontrar alguma forma de avisar a Segurança. Muito bem. O turbocorredor em frente não vai adiantar... só vai para a área residencial. Mas existe uma escadaria que desce para a área central. Vamos experimentar por lá.

— Boa idéia. Mas vamos passar no meu quarto primeiro, para apanhar o desintegrador — lembrou Lando.

— Certo. Só que vamos passar direto pelo turbocorredor. As escadas são

mais silenciosas e seguras.

De fato, a escadaria estava tão deserta como o corredor que acabavam de deixar. Bel Iblis deixou a escadaria e abriu a porta de comunicação, fazendo com que o companheiro parasse. Adiantando-se com cautela, Lando olhou para o corredor de seu andar.

Adiante, afastando-se deles, avançando com cautela pelo corredor, havia uma figura solitária. Uma mulher esguia com cabelos ruivos e um pequeno desintegrador na mão.

Mara Jade.

Lando ouviu um leve ruído metálico quando Bel Iblis sacou o desintegrador. Fazendo gestos para que o amigo também avançasse, o general seguiu em silêncio atrás dela.

Quando Mara atingiu a esquina, já a haviam alcançado.

— Muito bem, Jade — disse Bel Iblis, em voz baixa. — Bem devagar, agora. Acabou a brincadeira.

Por um instante, Lando pensou que ela iria discutir, pois voltou a cabeça devagar, espiando por sobre o ombro.

— Calrissian! — exclamou Mara, com evidente alívio na voz, que também demonstrava tensão. — Existem homens do Império no palácio, vestidos como agentes da Segurança. Acabei de ver quatro deles.

— Interessante — comentou Bel Iblis, estreitando os olhos e fixando o olhar nela. — Para onde você ia?

— Achei que talvez fosse uma boa idéia descobrir o que estão a ponto de fazer — respondeu Mara, com ironia. — Quer ajudar ou não?

O general arriscou uma olhada para o corredor.

— Não estou vendo ninguém. Talvez já tenham descido. Acho que a maior probabilidade é a recepção para os sarkan, ou talvez a sala de guerra.

De repente, tudo ficou claro para Lando.

— Não. Eles não desceram, *subiram*. Estão atrás dos gêmeos de Leia.

Mara praguejou.

— Você tem razão. Thrawn prometeu entregar os três para aquele maluco do C'baoth. Tem de ser isso.

— Vocês podem estar certos — admitiu Bel Iblis. — Onde é seu quarto, Calrissian?

— Duas portas para lá — respondeu Lando, apontando por sobre o ombro.

— Pegue sua arma. Você e Jade vão pelo corredor e sigam a escadaria principal para cima. Vejam se já chegou alguém lá; tentem avisar Leia e Solo. Vou descer para buscar reforços.

— Tenha cuidado. Talvez tenham deixado um guarda na escada —

avisou Mara.

— Com certeza vão deixar pelo menos um homem no lance que sobe. Vocês tomem cuidado — respondeu Bel Iblis, pondo-se a caminho.

— Espere aqui — pediu Lando, caminhando em direção ao seu quarto. — Já volto.

— Não demore, sim?

— Pode deixar.

Ele correu para o quarto, olhando de relance para Mara enquanto abria a porta. Ela continuava no mesmo local, voltada na direção do outro corredor, com uma expressão intensa e ao mesmo tempo vazia no rosto.

Aquele rosto. De alguma forma, lhe parecia familiar. Encaixado em algum momento do passado prestes a voltar à lembrança.

Expulsou as dúvidas da cabeça. Quem quer que ela tivesse sido, não era o momento apropriado para tais indagações. Han, Leia e os filhos estavam em perigo de morte... Cabia a ele e à Mara tentarem fazer alguma coisa.

Entrou com rapidez no quarto.

Leia Organa Solo. Leia Organa Solo. Acorde. Vocês estão em perigo. Acorde. Leia Organa Solo, acorde...

Sentindo uma espécie de falta de ar, Leia acordou e percebeu s últimos chamados da voz insistente que a despertara. Por alguns segundos, não conseguiu lembrar-se de onde estava. Os olhos percorreram o aposento, seguidos pela projeção da Força, tentando reconhecer os arredores. O último torpor do sono esvaiu-se e soube que estava em seu quarto, no Palácio Imperial- A seu lado Han ressonava; do outro lado do aposento os gêmeos estavam aconchegados nos berços; no aposento contíguo, Winter também dormia, sem dúvidas sonhando imagens com a nitidez do laser. E do lado de fora da suíte...

Leia franziu a testa. Havia alguém na porta externa. Não... mais de um. Cinco ou seis pelo menos, agrupados em frente à porta.

Levantou, as mãos procurando o sabre-laser e o desintegrador. Provavelmente não era nada grave. Talvez um grupo de seguranças reunidos ali para conversar antes de continuar as rondas. Porém se fosse assim, estariam quebrando várias regras de segurança. Teria de pensar numa forma diplomática para dizer isso a eles.

Avançando em silêncio pelo carpete grosso, Leia deixou o quarto e caminhou pela área de estar até a porta, em estado de alerta Jedi. Se pudesse identificar as vozes do guardas, talvez pudesse falar com cada um em particular pela manhã.

Não chegou a se aproximar da porta. Parou a meio caminho, assim que

começou a escutar um zunido baixo à frente. Apurou os ouvidos, tentando ignorar as batidas do próprio coração: o som era quase inaudível, mas possuía uma qualidade peculiar. Sabia que já o escutara antes.

Então lembrou-se. Tratava-se do zunido característico do motor de uma arrombadora eletrônica. Alguém estava tentando arrombar a porta.

Enquanto estava parada ali, no meio do quarto, paralisada pelo choque, escutou a fechadura abrir-se.

Não havia tempo para correr, ou lugar onde pudesse abrigar-se... contudo, os arquitetos dos quartos haviam previsto esse tipo de situação. Levantando o desintegrador, Leia disparou dois tiros rápidos na porta, torcendo para que o mecanismo ainda funcionasse.

A madeira era uma das mais duras conhecidas na Galáxia e os disparos não chegaram a atravessar um quarto da espessura. Mas foi o suficiente. Os sensores embutidos registraram o ataque; enquanto o ruído dos tiros ainda ecoava, uma porta de metal desceu sobre a de madeira.

— Leia? — chamou Han atrás dela, parecendo distante por causa do zunido que ainda reverberava.

— Alguém está tentando arrombar a porta — disse ela, voltando para a porta do quarto, com o desintegrador na mão.

— Consegui fechar a porta blindada de emergência, mas não sei quanto tempo vai agüentar.

— Não muito — concordou Han, olhando para a porta. — Entre no quarto e chame a Segurança. Vou ver o que posso fazer para desanimá-los.

— Certo. Tenha cuidado. Eles não estão para brincadeiras

— avisou ela.

Mal acabara de falar quando um estrondo sacudiu o aposento. Os invasores, abandonando a sutileza, haviam começado a tentar explodir a porta.

— E, acho que é sério mesmo — comentou Han, preocupado. — Apanhe Winter e Threepio e leve os gêmeos. Precisamos inventar alguma coisa rápido.

O primeiro som escutado pela escadaria da Torre poderia ter sido um disparo de desintegrador à distância... Mara não saberia dizer. O ruído seguinte, porém, não deixou margem a dúvidas.

— Isso é encrenca, sem dúvida — resmungou Calrissian. Mais um estrondo ecoou.

— Parece um desintegrador pesado — disse Mara. — Não conseguiram abrir a porta em silêncio.

— Ou só querem levar os gêmeos. Vamos indo.

Calrissian levantou-se.

— Espere um pouco — pediu ela, segurando-lhe o braço enquanto examinava o território à frente.

O grande arco do primeiro lance das escadarias terminava num patamar com uma balaustrada em pedra esculpida. De onde estavam podiam observar as aberturas dos lances mais estreitos, que continuavam para cima, como uma espiral dupla. Uma em cada extremidade do patamar. Ela apontou com o lábio.

— Esse é um ótimo lugar para a emboscada de um guarda na retaguarda e não tenho a menor vontade de levar uma descarga de desintegrador.

Calrissian resmungou algo para dar vazão à impaciência, mas ficou parado. No momento seguinte, porém, ficou contente por ter obedecido.

— Você tem razão — confirmou. — Tem alguém na escada da esquerda.

— Isso quer dizer que tem alguém do outro lado, também — completou Mara. Em seguida, estendeu seus sentidos, procurando entre os contornos de pedra. Agentes da Inteligência do Império aguardavam nas sombras. — E mais um de cada lado na escada principal, mais ou menos a dois metros da ponta.

— Estou vendo. Isso não vai ser nada fácil — comentou Calrissian. Olhou por sobre o ombro, para baixo. — Vamos, Bel Iblis, volte logo.

— E melhor mesmo ele se apressar. A porta de Organa Solo não vai agüentar muito tempo.

— Muito menos do que vamos levar para poder passar por esses guardas. Espere um pouco... fique aqui. Tive uma idéia.

— Onde vai?

— Para o hangar principal — explicou Calrissian, caminhando para a escadaria atrás deles. — Chewie estava trabalhando no *Falcon* agora à noite. Se ele ainda estiver lá, podemos subir pelo lado de fora da Torre e tirá-los do quarto pela janela.

— Está brincando? As vidraças são de aço transparente — argumentou Mara. — Você nunca vai conseguir quebrá-las sem matar todos lá dentro.

— Não vai ser preciso. Leia tem um sabre-laser. Mantenha esses sujeitos ocupados, sim?

Calrissian desapareceu escadaria abaixo, a correr. Mara voltou a atenção para os homens. Será que os tinham escutado? Provavelmente. Nesse caso, o agente que estava à esquerda ficaria mais exposto para atraí-la.

Pois Mara estava disposta a colaborar. Mudando a arma para a mão esquerda, apoiou o desintegrador contra a quina da parede, mirou com cuidado e...

O disparo vindo da outra escadaria arrancou pequenos estilhaços da pedra, que atingiram a mão dela. Mara praguejou e esfregou a pele atingida. Então queriam jogo duro? Pois ela também sabia fazer jogo duro. Empunhou com segurança o desintegrador e retornou ao corredor.

Foi a súbita sensação de perigo num canto da mente que lhe salvou a vida. Caiu de joelhos e por sobre sua cabeça passaram dois disparos vindos da frente, que a atingiriam em cheio. Na mesma hora atirou-se ao chão, aterrissando de lado, os olhos e o desintegrador voltado para o lado de onde os disparos vieram.

Havia dois homens, caminhando na direção dela pelo corredor ao lado oposto da escadaria. Enquanto rolava pelo chão, disparou duas vezes, errando os inimigos. Segurando a arma com as duas mãos, ignorando os disparos cada vez mais próximos, apontou para o atacante da direita e abriu fogo duas vezes.

O homem caiu ao chão, a própria arma ainda funcionando, acionada por movimentos espasmódicos. Sentindo um zunido mais próximo ao ouvido, Mara voltou-se para o segundo atacante, que apontava o desintegrador para ela...

E de repente, o ar ao redor dela tornou-se uma verdadeira tempestade de disparos. O agente do Império foi projetado pelo ar e tombou inerte.

Mara voltou-se. Meia dúzia de homens da Segurança subiam pela escada. Atrás deles vinha Bel Iblis.

— Você esta bem? — perguntou.

— Estou ótima — gritou ela, afastando-se da parede.

Foi bem a tempo. Os outros homens escondidos, vendo o elemento surpresa diluir-se, abriram fogo com toda a potência de que dispunham. Mara protegeu o rosto dos estilhaços de pedra. — Calrissian desceu até o hangar — informou ela.

— Eu sei, encontramos com ele quando subimos. O que aconteceu aqui?

— Tive um par de convidados atrasados, que quase me pegaram de surpresa. Voltavam do setor de Comunicações. Os amigos me mantiveram aqui esperando por eles. Quase funcionou — disse Mara, olhando para os corpos no corredor.

— Estou contente por não ter funcionado — comentou Bel Iblis. Depois olhou por sobre o ombro dela. — Pois não, tenente?

— Não vai ser fácil, senhor. Temos uma E-Web de repetição a caminho e assim que chegar, vamos poder tirá-los do patamar. Até lá, tudo o que podemos fazer é mantê-los ocupados e esperar que façam alguma besteira.

Bel Iblis assentiu, os lábios comprimidos, novas linhas de tensão lhe marcando os olhos. Era uma expressão que Mara via com raridade e apenas

nos rostos dos melhores comandantes militares: era a feição de um líder preparando-se para enviar homens para a morte.

— Não podemos esperar — disse, com voz firme. — O grupo lá em cima vai abrir a porta de Solo antes da arma chegar. Precisamos passar agora!

O comandante da guarda respirou fundo.

— Entendido, senhor. Muito bem, homens, vocês escutaram o general. Vamos descobrir cobertura e dar duro neles.

Mara aproximou-se de Bel Iblis.

— Nunca vão conseguirão em tempo — murmurou ela.

— Sei disso. Mas quanto mais inimigos pudermos abater menos teremos em cima de nós quando os outros descerem as escadas — respondeu ele, também murmurando. Suspirou e completou: — Mesmo porque, devem descer com hóspedes.

Escutaram um estrondo final, uma série de ruídos metálicos depois o silêncio.

— Pela Galáxia! Acho que arreventaram a porta da frente

— queixou-se Threepio no canto em que estava.

— Que bom que você está aqui, para nos dizer essas coisas

— respondeu Han, irritado, os olhos movendo-se pelo quarto de Winter.

Leia sabia que se tratava de um exercício inútil a colocação de todos os móveis que podiam servir como anteparos sobre a porta. A cama de Winter e o grande baú apoiavam-se contra as duas portas de acesso. O guarda-roupa fora levado para perto da janela e virado de lado para servir como barricada. E era só o que podiam fazer. Até que os invasores entrassem, arrombando uma das duas portas, não podiam fazer outra coisa senão esperar.

Leia respirou fundo, tentando acalmar o coração disparado. Desde a primeira tentativa de seqüestro, ela fora capaz de imaginar que estavam atrás dela e só dela. Não se tratava de uma idéia agradável, mas habituara-se a ser perseguida depois de tantos anos de combate.

Desta vez era diferente. Ao invés de ser o alvo, eram os bebês. Bebês que agora podiam afastar dela e esconder em algum lugar onde jamais os encontraria.

Apertou a empunhadura do sabre-laser. Não. Não deixaria que isso acontecesse.

Escutou o som de madeira arreventando no outro cômodo.

— Lá se vai o sofá — resmungou Han. Mais um estrondo.

— E a cadeira. Não achei que fosse atrapalhar muito, mesmo.

— Pelo menos foi uma tentativa — encorajou Leia.

— Sabe, há meses que eu venho dizendo que precisamos de mais mobília.

A esposa sorriu e apertou-lhe a mão. Sempre podia confiar no marido para relaxar uma situação tensa.

— Isso não é verdade. Aliás, quase nunca está aqui — comentou Leia, sorrindo. Depois olhou para Winter, perto da janela com os dois gêmeos. — Como estão?

— Acho que estão acordando — sussurrou Winter.

— Estão mesmo — confirmou a mãe, acariciando mentalmente cada um deles.

— Tente mantê-los quietos — pediu Han. — Nossos amigos aqui não precisam de nenhuma informação extra.

Leia assentiu, sentindo nova apreensão. Tanto o seu quarto quanto o de Winter, davam para a área de estar da suíte, o que proporcionava aos atacantes uma probabilidade de cinquenta por cento para cada porta. Com o tipo de armas que eles usavam, uma escolha errada não os atrasaria mais do que uns poucos minutos; contudo, alguns minutos podiam significar a diferença entre a vida e a morte.

O ruído de um desintegrador pesado interrompeu seus pensamentos. Proveniente da sala de estar, o estrondo viera da porta do quarto do casal. Por alguns instantes Leia respirou aliviada. Então o som repetiu-se, desta vez vindo da porta em frente à qual estavam. Deparando com duas portas, os inimigos haviam resolvido arrombar as duas.

Voltou-se para Han, que a fitava.

— Mesmo assim eles vão se atrasar um pouco. Precisam dividir o poder de fogo. Ainda temos algum tempo.

— Se a gente pudesse fazer alguma coisa... — desabafou Leia, olhando ao redor.

Os anos que passaram viajando com a Rebelião pela Galáxia haviam deixado sua marca em Winter, incutindo-lhe o hábito de não carregar nada desnecessário. O guarda-roupa, a cama, o baú; apenas isso. Nada além das portas de segurança, das janelas de aço transparente e das paredes nuas.

Paredes nuas...

De repente tornou-se consciente do sabre-laser em sua mão.

— Han? Por que não saímos daqui? — sugeriu ela, esperançosa. — Eu poderia cortar a parede para a próxima suíte e não precisaríamos parar. A gente chega até o corredor antes que consigam arrombar a porta.

— Eu tinha pensado nisso — revelou Han. — O problema é que eles também devem ter pensado.

Leia engoliu em seco. Os agentes do Império estariam prontos para essa

contingência.

— Então que tal irmos para baixo? Acha que estariam esperando no andar de baixo?

— Você viu o Grande Almirante em ação. O que você acha? Leia suspirou, sentindo a esperança desvanecer-se. Ele tinha razão. Se Thrawn planejara aquele ataque, seria melhor abrir a porta de segurança e render-se. Tudo o que pudessem imaginar já teria sido antecipado com detalhes e tomadas as precauções destinadas a anular qualquer ação. Balançou a cabeça, numa negativa.

— Não. Ele não é infalível. Já conseguimos enganá-lo antes e podemos fazer isso de novo — declarou, olhando para Winter e os gêmeos, que ainda dormitavam embaixo da janela.

A janela...

— E que tal se a gente sair pela janela?

— Para onde? — perguntou Han.

— Para qualquer lugar — respondeu ela. Os desintegradores começavam a castigar a porta. — Para cima, para baixo, para o lado... qualquer lugar.

Ele ainda parecia chocado.

— Meu bem, no caso de ter esquecido, todas essas paredes são de pedra lisa. Nem Chewbacca poderia subir por elas sem equipamento.

— E por isso mesmo que não nos esperam por esse lado — argumentou Leia, olhando outra vez para a janela de aço transparente. — Talvez eu consiga fazer algum apoio para os pés e para as mãos com o sabre-laser...

Ela interrompeu-se, prestando atenção à janela. Não fora impressão sua, de fato, um par de faróis se aproximavam.

— Han...

— Mais companhia. Ótimo.

— Não acha que pode ser ajuda?

— Duvido muito. Só passaram alguns minutos desde que começou o barulho... espere um pouco!

Leia olhou para trás. Do lado de fora, as luzes começaram a piscar. Ela tentou prestar atenção ao padrão, procurando mentalmente um código que se adaptasse.

— Capitão Solo! — chamou Threepio, excitado. — Como sabe, sou fluente em seis milhões de formas de...

— E Chewie — cortou Han, pondo-se de pé e agitando os braços em frente à janela.

— ...estes sinais parecem relacionados com um dos códigos utilizados por jogadores profissionais de sabacc...

— Precisamos abrir esta janela — disse Han. — Leia?

— Já vou — concordou ela, aproximando-se com o sabre-laser na mão.

— ...trapaceando por meio de...

— Cale a boca, lata-velha — ordenou Han, ajudando Winter e os gêmeos a saírem debaixo da janela.

As luzes ao lado de fora aproximavam-se e agora Leia podia distinguir a forma conhecida do *Falcon* contra as luzes da cidade. Uma lembrança desagradável veio à idéia: a primeira tentativa dos noghri em Bpfassh, quando usaram uma cópia do *Falcon* para atraí-los. Mas os homens do Império não saberiam os códigos dos jogadores de sabacc... ou saberiam?

Na verdade, não importava. Ela preferia enfrentar inimigos a bordo de uma nave do que ficar ali esperando que entrassem. E bem antes de subirem a bordo, podia saber com os sentidos Jedi se era de fato Chewbacca o piloto.

Leia acionou a lâmina do sabre-laser.

Atrás dela, com uma explosão final, a porta de segurança cedeu.

Ela girou, observando de relance entre a fumaça e as faíscas, dois homens empurrando o baú e mergulhando para o chão. Han obrigou-a a abaixar-se. Rajadas de tiros de cobertura atingiram a parede quando ela abandonou o sabre-laser e apanhou o desintegrador. Ao lado, Han retribuía os disparos, protegendo o corpo atrás do guarda-roupa. Mais quatro inimigos chegavam à porta, assestando suas armas sobre o velho móvel. Leia cerrou os dentes e juntou-se ao tiroteio, sabendo como seria inútil a reação e pensando que quanto mais tempo durasse o tiroteio, maior a chance de que um disparo perdido acertasse um dos gêmeos...

De repente, sem explicação, algo tocou sua mente. Uma pressão mental; metade sugestão, metade ordem. E o significado...

Leia tomou fôlego.

— Parem! Nós nos rendemos — gritou ela, acima do barulho.

Os tiros diminuíram, depois cessaram. Deixando o desintegrador sobre o armário destruído, ela levantou as mãos enquanto os dois inimigos no chão se erguiam com cautela. Tentou ignorar a indignação de Han. Avançou, com os braços estendidos para cima.

A balaustrada perto da escadaria da direita se desfez em estilhaços e poeira de pedra, quando atingida pelos disparos dos homens da Segurança. A reação, vinda da escada, acertou um dos guardas quando o parapeito de pedra cedeu. Mara arriscou um olhar para o canto, tentando enxergar, entre os disparos luminosos e os destroços, para ver se o fogo concentrado havia surtido o efeito desejado, ou se continuavam na mesma situação.

Funcionara. Através da fumaça que se dissipava, ela distinguiu um corpo retorcido e coberto de poeira.

— Pegaram um — avisou ela, voltando-se para Bel Iblis. — Faltam três.

— Mais todos os que estiverem lá em cima — lembrou ele com gravidade. — Vamos esperar que a sorte legendário de Solo se estenda a Leia, às crianças e a quem quer que esteja lá em cima e eles tomem como reféns.

— É a segunda vez que você menciona reféns — observou Mara.

Bel Iblis deu de ombros.

— Os reféns são a garantia que saiam daqui. Tenho certeza que sabem disso. A única opção alternativa é a fuga numa nave e eu já disse a Calrissian para ordenar que alguns caças patrulhem o espaço aéreo sobre o palácio. Com o turbоеlevador bloqueado, só resta essa escadaria.

Mara fitou-o, um arrepio correndo por sua espinha. Com toda a agitação desde que tudo começara, ainda não tivera tempo para analisar as opções. Agora, as palavras de Bel Iblis e sua memória se combinavam para fornecer outra alternativa.

Por um instante ela permaneceu ali, pensando, e perguntando-se se os dados eram reais ou uma peça de sua imaginação. Mas, não. Tudo se encaixava, com uma lógica brilhante e a tática pessoal do Grande Almirante Thrawn espalhada pelo plano como impressões digitais. Tinha de ser aquilo.

E teria funcionado... exceto por uma falha. Thrawn não sabia que ela estava ali. Ou não acreditava que ela fora a Mão do Imperador.

— Volto já — avisou ela a Bel Iblis.

Deu a volta e correu pelo corredor por onde viera, virando a seguir no próximo cruzamento, os olhos observando com cuidado a frisa esculpida como ornamento no alto das paredes. Procurava uma discreta marca, oculta em algum lugar naquela área.

Lá estava. Mara parou em frente aos relevos, de aparência igual ao restante da decoração. Olhou para os lados, verificando se estava sozinha. Skywalker e Organa Solo podiam encarar com naturalidade sua vida passada, mas duvidava de que outra pessoa fosse tão condescendente com o fato. Esticando-se para cima, colocou dois dedos nos recôncavos apropriados, deixando que o calor da mão ativasse os sensores ocultos.

Com um ruído abafado, o painel abriu-se.

Ela passou para o interior do compartimento, fechando a porta oculta atrás de si e olhou ao redor. Construída ao lado do poço do turbоеlevador, a passagem privada do Imperador era estreita. Mas fora planejada com iluminação permanente e era à prova de poeira e de som. E o mais importante: conduzia ao piso onde estavam os inimigos.

Dois minutos e três escadarias mais tarde, ela estava na saída que se abria para o andar de Organa Solo. Inspirando, preparou-se para o combate e saiu para o corredor.

Com o tiroteio ocorrendo três lances abaixo, Mara esperava encontrar mais um homem na retaguarda, próximo ao núcleo do ataque. Estava certa: havia dois homens abaixados, usando o já conhecido uniforme da Segurança do Palácio. Encontravam-se de costas para ela, os olhos postos ao final do corredor. O barulho dos desintegradores pesados que vinha do outro lado foi mais do que suficiente para encobrir-lhe os passos leves e nenhum dos dois chegou a saber o que os atingiu. Uma breve verificação confirmou que se encontravam fora de combate, depois Mara dirigiu-se para os aposentos de Organa Solo.

Chegando lá, começava a escolher seu caminho entre os destroços, quando os disparos no interior foram abafados por uma explosão.

Cerrou os dentes, escutando os desintegradores dos defensores respondendo o fogo dos invasores. Entrar de qualquer maneira seria uma boa forma de morrer. Porém se entrasse devagar, alguém lá dentro poderia morrer antes que ela estivesse em posição de tiro.

A menos que...

Leia Organa Solo, chamou Mara, usando a Força. Não tinha certeza se a outra era capaz de ouvi-la, porém continuou assim mesmo. *Aqui é Mara. Estou atrás deles. Renda-se. Está me ouvindo? Renda-se. Renda-se.*

Ao aproximar-se da porta, ela escutou o grito de Organa Solo, quase inaudível no meio do tiroteio.

— Parem! Nós nos rendemos!

Com cuidado, Mara arriscou um olho através da porta. Lá estavam: quatro agentes do Império, em pé ou de joelhos ao lado da porta, os desintegradores apontados para dentro. Dentro havia mais dois, levantando-se do chão. Nenhum deles olhou em sua direção.

Sorrindo para si mesma, Mara levantou o desintegrador e abriu fogo.

Derrubou dois antes que os outros chegassem a perceber de onde vinha o ataque. Um terceiro caiu quando girou, tentando apontar a arma na direção dela. O quarto já se voltara, quando um disparo vindo do interior o abateu.

Cinco segundos depois, tudo estava terminado.

Houve apenas um sobrevivente.

— Acreditamos que seja o líder do grupo — disse Bel Iblis a Han, enquanto os dois caminhavam pelo corredor em direção à ala médica. — Em princípio, foi identificado como major Himron. Mas não sabemos com certeza se vai recuperar a consciência.

Han assentiu, olhando por sobre o ombro para mais um par de guardas da Segurança. Pelo menos aquele atentado servira para melhorar o patrulhamento do palácio. Já era tempo.

— Alguma pista sobre como entraram?

— Essa seria minha primeira pergunta — disse o general. — Venha por aqui... ele está na unidade de tratamento intensivo.

Lando aguardava à porta com um dos médicos, quando os dois chegaram.

— Tudo bem? — indagou. — Mandei Chewie para cima, mas me disseram para ficar ao lado do prisioneiro.

— Tudo ótimo — assegurou Han. — Chewie estava ajudando Leia e Winter a se arrumarem em outro quarto. A propósito, muito obrigado por vir nos salvar.

— De nada. Especialmente por que tudo o que tive de fazer foi vigiar. Não podia ter esperado um pouco para começar a festa?

— Não olhe para mim, amigo. Quem coordenou tudo foi Mara.

— Certo... Mara — disse Lando.

— O que você quer dizer com isso? — estranhou Han.

— Não sei. Ainda tem alguma coisa a respeito dela que me incomoda. Lembra de quando estivemos na base de Karrde em Myrkr, antes de Thrawn aparecer e a gente se esconder na floresta?

— Você disse que a conhecia de algum lugar — lembrou Han, que também ficara intrigado pela observação. — Conseguiu descobrir de onde era?

— Ainda não. Mas estou chegando perto. Tenho certeza. Han olhou para Bel Iblis e o médico, pensando no que Luke contara alguns dias depois da fuga em Myrkr. Ela dissera, sem rodeios, que pretendia matá-lo.

— Seja o que for, agora ela está do nosso lado.

— Talvez — concedeu Lando.

— Estamos tentando acordá-lo — anunciou Bel Iblis. — Venham.

Entraram juntos. Ao redor do leito da UTI encontravam-se meia dúzia de médicos e robôs Emede, mais alguns agentes de alto patente na Segurança. Ao aceno do general, os médicos fizeram alguma coisa com o aparelho ligado ao braço do agente do Império; enquanto Han e Lando assumiam lugares ao lado do leito, o paciente tossiu e seus olhos se abriram.

— Major Himron? Pode me ouvir, major? — indagou um dos agentes.

— Sim — respondeu, piscando algumas vezes. Os olhos percorreram as fisionomias das pessoas ao redor. Han teve a impressão de que ele ficou mais alerta. — Sim, posso.

— O atentado falhou — continuou o agente. — Seus homens estão todos mortos e não temos certeza se você vai sobreviver.

Himron suspirou e cerrou os olhos. Mas o rosto ainda parecia alerta.

— Azares da guerra...

Bel Iblis inclinou-se para a frente.

— Como entraram no palácio, major?

— Acho que agora... não tem mais importância — murmurou, respirando com dificuldade. — Porta traseira... do sistema de passagens secretas. Trancado por dentro. Ela nos deixou entrar.

— Alguém deixou vocês entrarem? Quem foi?

Himron abriu os olhos.

— Nosso contato... codinome Jade.

— Mara Jade? — indagou Bel Iblis, olhando para Han.

— Isso... agente especial do Império... Já foi chamada... Mão do Imperador.

Himron silenciou e pareceu afundar no leito.

— Isso é tudo quanto posso permitir por enquanto, general Bel Iblis — declarou o chefe da equipe médica. — Ele precisa de repouso e queremos que a situação estabilize para que sobreviva. Dentro de um ou dois dias, talvez fique forte o suficiente para responder mais perguntas.

— Tudo bem. Ele já nos forneceu o suficiente para começar

— declarou um dos agentes, dirigindo-se para a porta.

— Espere um pouco. Onde vai? — quis saber Han.

— Onde acha que vou? Vou mandar prender Mara Jade.

— Baseado em quê? Na palavra de um agente do Império?

— Ele não tem escolha, Solo — interveio Bel Iblis, colocando a mão no ombro do compatriota. — É necessário que seja ordenada uma detenção por precaução, em casos dessa gravidade. Não se preocupe... a gente ajeita tudo.

— É melhor mesmo — disse Han, irritado. — Agente do Império uma ova! Ela matou pelo menos três inimigos... Lando?

Interrompeu-se ao ver o olhar no rosto do amigo.

— Acabei de lembrar onde foi que vi o rosto dela antes! — declarou Lando. — Era uma das novas dançarinas no palácio de Jabba, em Tatooine, quando fomos lá para descongelar você.

— No palácio de Jabba?

— Isso. E não tenho certeza... mas em toda aquela confusão quando fomos para o Grande Poço de Carkoon, parece que foi ela que eu vi pedindo a Jabba para vir junto na balsa à vela. Não, não estava pedindo... implorando seria uma palavra melhor.

Han olhou para o major Himron, agora inconsciente. A Mão do Imperador? E Luke dissera que ela pretendia matá-lo? Sacudiu a cabeça.

— Não me importo com o que era. Ela nos salvou dos homens do Império, lá em cima — declarou com fervor. — Vamos lá. Vamos ajudar a acomodar Leia e os gêmeos. Depois pretendo descobrir o que anda acontecendo por aqui.

O café do Rodamoinho Assobiador, em Trogan, era um dos melhores exemplos que Karrde conhecia de uma boa idéia arruinada por erro dos arquitetos, ao fazer o planejamento. Situada na costa do continente mais populoso de Trogan, o Rodamoinho fora construído ao redor de uma formação natural chamada a Taça. Tratava-se de uma formação rochosa em forma de funil, aberto sobre o mar na base. Seis vezes por dia, as grandes variações de maré em Trogan elevavam ou baixavam as águas no cone invertido da formação, tornando-a um violento rodamoinho de espuma branca girando nas encostas interiores. Com as mesas do café montadas em círculos concêntricos ao redor do fenômeno, o espetáculo era um belo equilíbrio entre sofisticação e drama natural... um perfeito cartão-postal para bilhões de humanos e alienígenas que apreciavam essa combinação.

Pelo menos foi o que imaginaram os responsáveis pelo projeto e seus associados. Infelizmente, deixaram de considerar três pontos: primeiro: tal lugar seria por definição uma atração turística, dependendo das oscilações do mercado; segundo: uma vez passado o charme inicial do Rodamoinho, o projeto centralizado excluía a possibilidade de outro tipo de entretenimento; terceiro: mesmo que tivessem feito uma reforma, a turbulência das águas na Taça, a teria feito fracassar.

As pessoas de Calius saj Leeloo em Berchest tinham transformado seu centro turístico em centro comercial. Os habitantes de Trogan abandonaram o Rodamoinho Assobiador.

— Sempre tenho esperança que alguém compre esse lugar e faça uma reforma — comentou Karrde, olhando para as mesas vazias.

Ele e Aves caminhavam por uma das alamedas de acesso à Taça, rumo a figura que aguardava por eles. Os anos de negligência haviam produzido seu efeito, mas o lugar não estava tão mal assim.

— Sempre gostei daqui — declarou Aves. — É um pouco barulhento, mas hoje em dia todos os lugares são.

— Com certeza dificulta muito escutar o que se conversa nas mesas — lembrou Karrde. — Só isso já faz esse lugar valer a pena. Como vai, Gillespee?

— Karrde — respondeu Gillespee, levantando e oferecendo a mão. — Já estava me perguntando se você viria mesmo.

— O horário do encontro é daqui a duas horas — informou Aves.

— Pare com isso. Desde quando se escuta dizer que Talon Karrde comparece aos encontros no horário? Mas você não precisava ter se dado ao incômodo: meu pessoal já verificou as coisas por aqui.

— Apreço sua preocupação — agradeceu Karrde, o que não significava, em absoluto, que iria deixar de tomar suas precauções. Com a guarnição do Império a vinte quilômetros de distância, não se podia arriscar. — Tem a lista de convidados?

— Está aqui. Mas receio que não seja tão longa quanto eu gostaria — desculpou-se Gillespee, estendendo uma prancheta de leitura.

Karrde correu os olhos pela lista. Pequena, mas bastante selecionada, com alguns dos maiores nomes do contrabando comparecendo em pessoa. Brasck, Par'tah, Ellor, Dravis... esse devia ser do grupo de Billey, já que o próprio Billey não andava mais por aí... Mazzic, Clyngunn, o zeHethbra, Ferrier...

— Ferrier? *Niles Ferrier*, o ladrão de naves? — estranhou Karrde.

— Ele mesmo — assentiu Gillespee, franzindo a testa. — ele também faz contrabando.

— E trabalha para o Império.

— Nós também. E que eu saiba, você também.

— Não estou falando sobre contrabando, nem de planetas do Império — disse Karrde. — Estou falando sobre trabalhar para o Grande Almirante Thrawn. Fazendo serviços menores como encontrar o homem que localizou a Frota *Katana* para ele.

O rosto de Gillespee ficou tenso, de forma pouco perceptível. Lembrando talvez, de sua fuga apressada de Ukio, pouco à frente dos mesmos cruzadores Dreadnaught que o outro mencionara.

— Ferrier fez isso?

— E pareceu gostar muito de fazer — comentou Karrde, puxando o comunicador. — Lachton?

— Estou aqui — respondeu Lachton.

— Como estão as coisas aí na guarnição?

— Como um necrotério em dia de folga. Não vejo nenhum movimento nesse lugar há pelo menos três horas.

Karrde levantou uma sobrancelha.

— E mesmo? Mas que interessante... e quanto aos vôos que chegam e partem? Ou atividades no interior da guarnição?

— Nada disso — respondeu Lachton. — Sem brincadeira, Karrde, esse

lugar parece morto. Acho que conseguiram alguns hologramas de treinamento, pornográficos, ou algo parecido.

— E, deve ser isso. Bom trabalho, fique de olho neles. Me avise assim que perceber atividade de qualquer tipo.

— Entendido. Desligando.

Karrde guardou o comunicador no cinto.

— Os homens do Império não estão fazendo nada na guarnição — anunciou ele. — Nada mesmo.

— Não é assim que queremos? — indagou Gillespee. — Eles não podem fazer nada contra nossa festa se ficarem escondidos por lá, certo?

— Certo. Por outro lado, nunca ouvi falar de uma guarnição do Império tirando um dia de folga.

— É verdade. A menos que essa grande campanha ofensiva lançada por Thrawn tenha deixado um bom desfalque no número de soldados.

— Mais um motivo para que eles realizem patrulhas diárias, a fim de demonstrar força — argumentou Karrde. — Um homem como o Grande Almirante Thrawn conta com a percepção do oponente para preencher lacunas em suas fileiras.

— Talvez devêssemos cancelar a reunião — sugeriu Aves, olhando para a entrada. — Eles podem estar preparando alguma.

Karrde olhou além do colega, para as águas revoltas subindo as paredes da Taça. Mais duas horas e a água atingiria seu nível mais baixo e horário ideal para a reunião. Se adiasse agora, admitiria que o Império deixara Talon Karrde com medo da própria sombra...

— Não. Vamos manter a reunião. Nossos convidados, afinal de contas, também não estarão indefesos. E devemos ter alarme prévio de algum movimento oficial contra nós — disse ele, olhando ao redor. — Na verdade, quase vale a pena o risco, nem que seja só para saber o que estão preparando.

Gillespee deu de ombros.

— Talvez não estejam planejando coisa alguma. Talvez tenhamos enganado tão bem a Inteligência do Império, que não ficaram sabendo de nada.

— Isso não se parece com a Inteligência do Império que aprendemos a conhecer e amar, Gillespee. Ainda assim, temos duas horas antes do encontro. Vamos ver o que conseguimos montar até lá, certo?

Estavam todos em silêncio, cada um dos indivíduos ocupando uma mesa com seu pequeno grupo, enquanto Karrde falava... quando terminou, olhou ao redor e percebeu que não os havia convencido.

Brasck tomou a palavra e tornou tudo oficial.

— Você fala bem, Karrde — disse o brubb, a língua entrando e saindo dos lábios enquanto ele provava o ar. — Poderíamos dizer, se esse adjetivo se aplicasse a você. Mas não convence.

— Será que não convenço mesmo? Ou não consegui vencer a relutância de vocês em resistir ao Império?

A expressão de Brasck não se alterou, mas o tom cinza-esverdeado de seu rosto... a única parte que não estava coberta pela armadura... ficou mais acinzentado.

— O Império paga bem pelo contrabando.

— E também por escravos? — indagou Par'tah na linguagem cantada ho'din. A cabeça em forma de serpente balançou quando a boca formou um gesto de desprezo. — E quanto às vítimas de seqüestro? Você não é melhor que Jabba.

Um dos guarda-costas remexeu-se na cadeira. Um homem que Karrde sabia ter escapado com Brasck do serviço de Jabba, quando Luke Skywalker e seus aliados deixaram a organização sem líder.

— Ninguém sabe o que Jabba diria — resmungou ele.

— Não estamos aqui para discutir — interveio Karrde, antes que Par'tah ou alguém do grupo pudesse responder.

— Por que estamos aqui? — indagou Mazzic, sentado entre um gotal com chifres e uma mulher de rosto ausente, com o cabelo arrumado em elaboradas trancinhas feitas ao redor de várias agulhas. — Desculpe, Karrde, mas isso está parecendo com um discurso de recrutamento para a Nova República.

— É, e Han Solo já veio com essa conversa para cima de nós — concordou Dravis, colocando os pés sobre a mesa. — Billey já disse que não estava interessado em levar os carregamentos da Nova República.

— E perigoso — afirmou Clyngunn, sacudindo a juba listrada de preto e branco. — Muito perigoso.

— E mesmo? E por que é tão perigoso? — quis saber Karrde.

— Você deve estar brincando — argumentou o zeHethbra sacudindo a juba. — Com a perseguição do Império aos carregamentos da Nova República, você arrisca a vida cada vez que decolar.

— Então o que está dizendo, é que a força do Império está se tornando cada vez mais perigosa para nossos negócios?

— Não adianta deturpar nossas palavras — avisou Brasck.

— Não vai nos convencer assim.

— Eu não sugeri esquema nenhum, Brasck — afirmou Karrde. — Tudo o que sugeri é uma forma de comercializar as informações que descobrimos ao longo de nossas atividades normais.

— E você não acha que o Império pode não aceitar essa nova atividade?

— Desde quando ligamos para o que o Império acha? — argumentou Par'tah.

— Desde que o Grande Almirante Thrawn está no comando

— respondeu Brasck. — Já ouvi histórias desse estrategista, Par'tah. Foi ele quem forçou meu mundo a passar para o domínio do Império.

— Isso deveria ser um bom motivo para que você lute contra ele — opinou Gillespee. — Se está com medo do que Thrawn pode fazer com você *agora*, imagine o que pode acontecer se ele conseguir conquistar a Galáxia inteira.

— Nada vai acontecer se a gente não ficar contra ele — continuou Brasck. — Eles precisam dos nossos serviços.

— É uma bela teoria — disse uma voz vinda dos fundos.

— Mas eu digo agora mesmo que não vale nem um vidro cheio de vácuo.

Karrde olhou para o homem que falara, um humano corpulento de cabelo escuro e barba, com um charuto apagado nos lábios.

— E você é...

— Niles Ferrier. E estou dizendo que cuidar da própria vida não adianta nada se Thrawn resolver que precisa de você.

— Ainda assim, ele paga bem — lembrou Mazzic, acariciando a mão de sua companheira. — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Ouviu dizer, é? — repetiu Ferrier. — Também ouviu dizer que ele me apanhou em New Cov e confiscou minha nave? Depois mandou que eu fosse fazer um serviço sujo para ele, a bordo de uma bomba-relógio da Inteligência? Vamos lá. Adivinhe o que iria acontecer se eu não conseguisse.

Karrde olhou ao redor, escutando o marulhar da água na Taça e o silêncio. Não fora assim que Solo descrevera o envolvimento de Ferrier; apesar disso, confiava mais em Solo do que no ladrão de naves. Ainda assim, sempre existia a possibilidade de Solo haver interpretado mal as coisas. E se a história de Ferrier ajudasse a convencer os outros que precisavam lutar contra o Império...

— Você recebeu dinheiro por seu trabalho? — quis saber Mazzic.

— Claro que recebi — admitiu Ferrier. — Mas não é esse o ponto.

— Para mim, é. Desculpe, Karrde, mas ainda não ouvi nenhum bom argumento para arriscar o pescoço como você propõe.

— E que tal o novo tráfico de clones do Império? — disse Karrde. — Não preocupa você?

— Também não estou contente com isso, mas acho que é um problema da Nova República e não nosso — concedeu Mazzic.

— E quando se torna nosso problema? — indagou Par'tah.

— Depois que o Império substituir os contrabandistas por clones?

— Ninguém vai nos substituir por clones — afirmou Dravis.

— Sabe, Karrde, Brasck tem razão. O Império precisa muito de nós para nos incomodar... desde que a gente não escolha um dos lados.

— Exatamente — apoiou Mazzic. — Somos homens de negócios, eu, por mim, pretendo continuar dessa forma. Se a Nova República quer pagar mais do que o Império, ficarei feliz em vender a eles. Se não...

Karrde assentiu, admitindo para si mesmo a derrota. Par'tah discutiria mais o assunto e talvez mais um ou dois dos outros, inclusive Ellor, o Duro, que permanecera fora da conversa, o que em sua espécie significava concordância. Mas o restante não se convencera e insistir no assunto só iria aborrecê-los. Mais tarde, talvez, pudessem aceitar a realidade da ameaça do Império.

— Muito bem — disse ele. — Acho que as posições de vocês todos sobre o assunto ficaram bem claras. Obrigado pelo tempo que perderam. Talvez possamos nos encontrar outra vez daqui...

Sem aviso, a traseira do Rodamoinho Assobiador explodiu.

— Fiquem onde estão! — ordenou uma voz amplificada por megafone. — Olhem para a frente e não se movam. Todos aqui estão sob ordem de prisão do Império!

Karrde olhou por sobre as cabeças da audiência imóvel, para a parte traseira. Através da fumaça e da poeira, enxergou uma fila dupla de cerca de trinta soldados do Império abrindo caminho pelos destroços onde se erguera a parede, os flancos protegidos por dois homens com o uniforme branco das tropas de assalto. Atrás divisou dois veículos blindados Chariot, assumindo posição de cobertura.

— Então eles vieram, afinal — comentou ele, em voz baixa.

— E preparados para tudo — completou Gillespee, ao lado. — Parece que você tinha razão sobre Ferrier.

— Talvez — disse Karrde, olhando para o ladrão de naves esperando ver um sorriso no rosto barbado.

Mas Ferrier não olhava para ele. Sua atenção estava voltada para a lateral; não para os soldados que se aproximavam, mas para uma região da parede à direita do novo orifício. Karrde seguiu a direção do olhar...

A tempo de ver uma sombra sólida e negra destacar-se da parede e mover-se para trás de um grupo de soldados da tropa de assalto.

— Por outro lado, talvez não — comentou com Gillespee, apontando a sombra. — Dê uma olhada... por cima dos ombros de Ellor.

Gillespee inalou audível.

— Que diabo é *aquilo*?

— Acho que é o defel amestrado de Ferrier — explicou Karrde. — Também são chamadas de iras... Solo me falou sobre ela. Lá está. Todos estão prontos?

— Estamos prontos — respondeu Gillespee.

Os murmúrios ecoaram em todas as mesas e Karrde avaliou os contrabandistas e seus ajudantes. Os olhares se encontraram, e depois da surpresa, transmitiam raiva... estavam prontos. O defel de Ferrier atingiu o final da linha de soldados do Império; repentinamente um deles foi atirado contra um companheiro. Os soldados mais próximos reagiram no mesmo instante, balançando as armas para todos os lados enquanto procuravam um atacante invisível.

— Agora — murmurou Karrde.

Pelo canto dos olhos, viu os canos longos de dois desintegradores BlasTech A2801 balançando sobre a borda da Taça e abrindo fogo contra os homens do Império.

A primeira rajada apanhou o centro da linha à frente, abatendo um punhado de soldados, enquanto os outros buscavam proteção entre mesas e cadeiras vagas. Karrde deu um passo à frente, ajoelhando-se atrás da mesa seguinte.

Uma precaução quase desnecessária. A atenção dos inimigos fora atraída para cima por um instante apenas... e enquanto Karrde sacava a própria arma, o ar explodiu em dezenas de disparos de desintegradores.

Brasck e seus guarda-costas abateram um pelotão inteiro nos primeiros cinco segundos, com uma barragem de fogo sincronizado que mostrou que ele não esquecera seu passado de mercenário. O grupo de Par'tah concentrou-se do outro lado da fila, as armas menores e menos devastadoras que as pistolas pesadas de Brasck, porém mais do que o suficiente para fazer com que todos os sobreviventes se abaixassem, em busca de proteção. Dravis, Ellor e Clyngunn se aproveitavam daquele fogo de cobertura para abater um a um os inimigos. Mazzic, no entanto, ignorava a ameaça dos soldados para concentrar seus disparos nos veículos de combate, ao lado de fora.

Na verdade, uma boa idéia.

— Aves, Fein! Atirem nos Chariot.

Dois gritos acusaram o recebimento da ordem acima da borda e os poderosos rifles procuraram seus alvos. Karrde espiou por sobre a mesa, enxergando a mulher que estava com Mazzic atirando a última agulha envenenada retirada dos cabelos; um dos soldados caiu. Outro inimigo abandonou sua proteção para tentar atirar nela, mas Karrde abateu-o com

rapidez. Sua mesa foi atingida um par de vezes e as nuvens de estilhaços forçaram-no a abaixar-se outra vez. Do exterior veio o som de uma grande explosão, logo depois seguida por outra.

Tão súbito quanto começara, o combate terminou.

Com cuidado, Karrde levantou a cabeça. Os outros faziam o mesmo, com as armas prontas a disparar. Clyngunn estava segurando um dos braços e buscando uma atadura no cinto; a túnica de Brasck tinha marcas escuras de queimado em vários pontos e a armadura brilhava abaixo do tecido destruído.

— Tudo bem? — indagou Karrde.

Mazzic endireitou o corpo. Mesmo àquela distância, Karrde reparou que os nós dos dedos estavam esbranquiçados sobre a empunhadura da arma.

— Eles acertaram Lishma — disse ele. — Ele nem ao menos estava atirando.

Karrde baixou o olhar e abaixo da mesa onde estava Mazzic percebeu o gotal, imóvel, com o corpo escondido por alguns escombros.

— Sinto muito — disse ele, com sinceridade.

Sempre gostara do povo gotal.

— Também sinto — concordou Mazzic, enfiando a arma no coldre. — Mas o Império vai sentir muito mais. Muito bem, Karrde; estou convencido. Onde a gente conversa?

— Em algum lugar longe daqui, eu acho — declarou Karrde, olhando para os destroços fumegantes dos dois Chariot e apanhando o comunicador no cinto. — Eles devem ter reforços a caminho. Lachton, Torve... estão por aí?

— Bem aqui — respondeu Torve. — O que foi tudo isso?

— O Império resolveu aparecer, afinal de contas. Usaram dois Chariot para abrir uma porta na parede e entrar. Alguma agitação por aí?

— Por aqui, nada. Não sei de onde eles vieram, mas daqui do espaçoporto não foi — informou Torve.

— Nem daqui — completou Lachton. — A guarnição continua quieta como uma sepultura.

— Vamos esperar que fique assim por mais alguns minutos. Avisem aos outros; vamos voltar à nave.

— Pode deixar. Vejo você lá.

Karrde desligou o comunicador e voltou-se. Gillespee ajudava Aves e Fein a saírem da parte superior da Taça, usando os arreios presos às cordas que os sustentaram além da borda íngreme, com as armas pesadas.

— Parabéns, cavalheiros. Bom trabalho — comentou Karrde. Aves retirou o equipamento e empunhou de novo o desintegrador pesado. Mesmo

com o nível da água mais baixo, os dois estavam molhados pela espuma.

— Obrigado — disse Aves. — Acha que é hora de irmos andando?

— Tão logo quanto possível — concordou Karrde, voltando-se para os outros contrabandistas. — Pessoal, a gente se vê no espaço.

Não havia emboscada alguma aguardando por eles no *Wild Karrde*. Nem perseguição, nem destróier imperial espreitando em órbita. Aparentemente o incidente no Rodamoinho Assobiador poderia ter sido apenas um caso de alucinação em massa.

Exceto pelo destruição das instalações do café e pelos carros de combate Chariot, além das queimaduras. E, claro, o gotal morto.

— Qual é o plano? — indagou Dravis. — Quer nossa ajuda a respeito do caminho seguido pelo tráfego de clones, não quer?

— Quero. Sabemos que passa por Poderis, portanto o setor Orus é um bom lugar para começar — sugeriu Karrde.

— Passou por Poderis — corrigiu Clyngunn. — Thrawn já deve ter alterado a rota.

— Talvez, mas não sem deixar indícios que possamos seguir — disse Karrde. — Então? Temos um acordo?

— Meu grupo está com você — afirmou Ferrier, sem perder tempo. — Aliás, Karrde, se você quiser, podemos ver o que se pode fazer para obter verdadeiras naves de combate.

— Talvez eu aceite. Par'tah?

— Vamos ajudar na busca — Par'tah parecia bravo como Karrde nunca vira. A morte do gotal o atingira quase tanto quanto a Mazzic. — O Império precisa de uma lição.

— Obrigado. Mazzic?

— Concordo com Par'tah. Mas acho que essa lição deve ser mais contundente. Vocês continuem com a caçada aos clones... Ellor e eu temos outras idéias.

Karrde olhou para Aves, que deu de ombros.

— Se ele quer se vingar, quem somos nós para impedir? — comentou o navegador.

— Muito bem. Boa sorte. Tente não morder mais do que pode engolir — aconselhou Karrde.

— Pode deixar — disse Mazzic. — Estamos partindo. Até mais tarde.

No canto do agrupamento aleatório formado pelas naves no espaço, Karrde observou duas delas oscilarem e desaparecerem no hiperespaço.

— Com isso, só falta você, Brasck. O que diz?

Escutou uma espécie de suspiro longo pelo comunicador, acompanhado

por um dos muitos intraduzíveis gestos brubb.

— Não posso e não pretendo ficar contra o Grande Almirante Thrawn — afirmou ele, por fim. — Vender informações para a Nova República seria um convite ao ódio dele contra mim. Mas não pretendo interferir com suas atividades, nem falar sobre esse assunto com ele.

— E justo — assentiu Karrde. Na verdade, era até mais do que ele esperava de Brasck. O medo que o povo brubb tinha do Império era profundo. — Bem, vamos organizar nossos grupos e nos reencontramos em Chazwa, daqui a cinco dias. Boa sorte para todos.

Os outros acusaram recebimento e partiram, fazendo um por um os saltos no hiperespaço.

— Tanta coisa para permanecer neutro — suspirou Aves, verificando o computador de bordo. — Mara não vai acreditar quando voltar. A propósito, quando ela volta?

— Tão logo eu encontre uma forma de trazê-la até aqui — respondeu Karrde, sentindo uma pontada de culpa. — Depois daquele último aumento do preço que o Império paga por nossas cabeças, deve haver uns vinte caçadores de recompensa ao largo de Coruscant, esperando a gente aparecer.

Fazia vários dias que recebera a mensagem de Mara, que já devia estar esperando há outros tantos.

— O que você acha que aconteceu lá por lá? — indagou Aves, remexendo-se pouco à vontade na poltrona. — Algum caçador de recompensa aproveitou a reunião e avisou o Império?

Karrde olhou para as estrelas.

— Não entendi o que aconteceu — admitiu ele. — Caçadores de recompensa evitam avisar as autoridades a menos que já tenham um acordo financeiro. Por outro lado quando o Império realiza um ataque, a gente espera que seja um pouco mais eficiente.

— A menos que estivessem apenas seguindo Gillespee e não soubesse que o resto de nós estava ali — sugeriu Aves. — Podiam ter apenas três esquadrões e dois Chariot.

— Suponho que seja possível. O difícil é acreditar que a Inteligência deixasse passar um erro desses. Vou pedir para o nosso pessoal em Trogan fazer algumas perguntas, para saber se é possível saber de onde veio a informação. Por enquanto, temos uma caçada para organizar. Vamos lá.

Pellaeon percebeu que Niles Ferrier sorria por trás da barba hirsuta, ao ser escoltado por dois soldados das tropas de choque. O tipo do sorriso satisfeito que demonstrava não fazer ele a menor idéia sobre o que o esperava a bordo do *Quimera*.

— Aqui está Ferrier, Grande Almirante — anunciou ele.

— Eu sei — respondeu Thrawn, ainda de costas.

O brilho nos olhos vermelhos, Pellaeon sabia, traduzia uma raiva letal e fria. Preparou-se para a cena. Aquilo ia ser feio.

O grupo chegou à poltrona de comando de Thrawn e parou.

— Niles Ferrier, Grande Almirante. De acordo com as ordens — anunciou o oficial mais graduado.

Por um bom tempo Thrawn não se moveu, nem deu mostras de ter escutado e Pellaeon percebeu que o sorriso de Ferrier diminuiu bastante.

— Você esteve em Trogan dois dias atrás — disse o Grande Almirante, ainda sem voltar-se. — Encontrou-se com dois homens procurados pelo Império: Talon Karrde e Samuel Tomas Gillespee. Você também persuadiu um grupo pequeno e mal preparado, sob as ordens do tenente Reyno Kosk, a lançar um ataque, que falhou. Isso tudo é verdade?

— Claro que é — confirmou Ferrier. — Foi por isso que mandei aquela mensagem. Sabe...

— Nesse caso, eu gostaria muito de ouvir seus motivos — cortou Thrawn, girando a poltrona para encarar o ladrão. — Ou pelo menos um bom motivo, para que eu não mande executá-lo logo.

Ferrier abriu a boca, surpreso.

— O quê? Mas eu consegui a confiança de Karrde. Ele agora acredita em mim, percebe? Foi esse o plano. Agora posso entregar todos para você, se quiser...

— Você foi responsável pela morte de quatro soldados das tropas de assalto e mais trinta e dois homens do Exército Imperial. E também pela destruição de dois veículos de combate Chariot, com as tripulações. Não sou Lorde Vader, Ferrier. Não gosto de desperdiçar homens leais. E levo muito a sério essas mortes.

Toda a cor fugiu do rosto barbado.

— Senhor... Almirante... sei que colocou o grupo de Karrde a prêmio...

— Mas tudo o que falamos não é nada comparado ao desastre que iniciou — cortou Thrawn. — A Inteligência me informou dessa reunião dos chefes mais importantes entre os contrabandistas. Eu sabia a data, o local, a hora e a provável lista de convidados. E tinha dado instruções precisas à guarnição de Trogan... *precisas*, Ferrier... para que fossem deixados em paz.

Pellaeon não imaginara que o rosto de Ferrier pudesse ficar mais pálido, porém foi o que aconteceu.

— O senhor? Mas... não entendo...

— Tenho certeza que não entende — continuou o Grande Almirante, fazendo um gesto. Rukh deu um passo à frente. — Mas é muito simples, na verdade. Conheço os contrabandistas, Ferrier. Estudei as operações que eles

prepararam e fiz o possível para conversar com todos no ano que passou. Nenhum deles quer se envolver na guerra e *sem* o seu ataque desajeitado, tenho certeza que todos sairiam de Trogan convencidos de que continuariam na tradicional neutralidade dos contrabandistas.

Mais um gesto a Rukh. A adaga surgiu na mão do noghri.

— O resultado de sua interferência foi unir todos eles contra o Império... um desenrolar de eventos que realizei esforços consideráveis para evitar — continuou Thrawn, encarando Ferrier. — E não gosto nem um pouco de ver meus esforços desperdiçados.

Os olhos atemorizados alternavam-se entre a lâmina de Rukh e o olhar de Thrawn.

— Sinto muito, Almirante... — sussurrou Ferrier, com dificuldade para falar. — Eu não tinha a intenção... não sabia... me dê mais uma chance. Só mais uma, sim? Posso entregar Karrde. Juro. Posso entregar todos eles...

Não conseguiu encontrar outras palavras e o Grande Almirante deixou que o silêncio permanecesse por quase um minuto.

— Você é um tolo de mente pequena, Ferrier. Porém até mesmo os tolos podem ser aproveitados de vez em quando. Você terá mais uma chance. Uma *última* chance. Espero ter sido claro.

— Claro, Almirante. Foi muito claro — apressou-se a confirmar Ferrier, balançando a cabeça numa afirmativa enfática.

— Ótimo — Thrawn fez novo gesto e a adaga desapareceu das mãos de Rukh. — Pode começar me contando o que planejaram.

— Claro. Karrde, Par'tah e Clyngunn vão se encontrar em... Chazwa, dentro de três dias. Eles sabem que o senhor passa os clones pelo setor Orus.

— Sabem, é? E pretendem fazer alguma coisa?

— Não. Só descobrir de onde vêm os clones. Depois vão vender as informações para a Nova República. Brasck não vai e prometeu não interferir. Dravis vai verificar com Billey e depois dá uma resposta. Mazzic e Ellor estão planejando alguma coisa... mas não disseram o que é.

As palavras acabaram, ou o fôlego faltou.

— Muito bem, escute o que vai fazer — disse Thrawn, depois de um instante. — Você e seu pessoal vão encontrar Karrde de acordo com o programado, em Chazwa. Você leva a Karrde um presente: uma nave de assalto que você roubou da estação Hishyim de patrulha.

— Com um "grampo", certo? — completou Ferrier. — Eu também tinha pensado nisso. A gente leva várias naves com "grampos", e...

— Karrde vai examinar seu presente a fundo — interrompeu Thrawn, com a paciência a ponto de terminar. — Portanto, a nave deve estar em perfeitas condições. O propósito das naves é apenas manter sua

credibilidade. Presumindo que tenha alguma.

— Sim, senhor. E depois?

— Você vai continuar a vigiar as atividades de Karrde — disse o Grande Almirante. — E de tempos em tempos eu mandarei mais instruções. Instruções as quais você vai executar ao pé da letra, sem fazer nenhuma pergunta, ou tomar alguma iniciativa. Está claro?

— Está claro — repetiu Ferrier. — Não se preocupe, Grande Almirante, pode contar comigo.

— Espero que sim — disse Thrawn, olhando para o noghri. — Detestaria ter de mandar Rukh para fazer uma visita a você. Entendeu?

Ferrier olhou para o guarda-costas e engoliu em seco.

— Entendi.

— Ótimo — finalizou Thrawn, girando a poltrona para o outro lado. — Comandante, acompanhe nosso hóspede de volta à nave dele e providencie que o pessoal dele embarque na nave que mandei preparar.

O comandante da escolta assentiu e conduziu Ferrier para fora.

— Vá com eles, Rukh. Ferrier tem uma mente estreita e quero que saia daqui com a imagem do que vai acontecer se ele atropelar meus planos outra vez — ordenou o Grande Almirante.

— Pois não, meu lorde — disse Rukh, apressando-se atrás dos guardas que conduziam Ferrier.

— Sua análise, capitão? — indagou Thrawn, voltando-se para Pellaeon.

— Não é uma situação confortável, mas também não é ruim como poderia ter sido. Temos uma linha em potencial no grupo de Karrde, se é que se pode confiar em Ferrier. Entrementes, ele e os amigos não farão nada prejudicial, enquanto seguem a pista falsa que preparamos para a Rebelião.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão se cansar e cada um segue o seu caminho — completou o Grande Almirante. — Particularmente quando sentirem falta dos negócios que faziam com o Império. Mas isso ainda vai levar algum tempo.

— Quais são as opções? Aceitar a sugestão de Ferrier para mandar naves "grampeadas", ou preparadas para explodir?

Tenho algo mais útil e satisfatório em mente, capitão. Mais tarde, acho que os contrabandistas vão perceber como o ataque em Trogan foi ineficaz. Com um pequena ajuda nas provas físicas, podemos convencê-los de que Karrde estava por trás do ataque.

— Karrde? — estranhou Pellaeon.

— Por quê não? — insistiu Thrawn. — Um ataque traiçoeiro, vamos dizer, para persuadir os outros de que seus temores contra o Império eram justificados. Isso tiraria de Karrde qualquer influência que ele pudesse ter

sobre os outros, assim como nos pouparia o trabalho de caçá-lo.

— É algo a se pensar, senhor — afirmou o capitão, com cautela. No meio de uma grande ofensiva militar, em sua opinião, não era o momento exato para vingar-se dos pequenos marginais da Galáxia. Haveria muito tempo depois. — Se me permite a sugestão, senhor, a campanha em Ketaris necessita de sua atenção.

Thrawn sorriu.

— Sua devoção ao dever é recomendável, capitão. Não chegou nada ainda de Coruscant?

— Ainda não, senhor — respondeu Pellaeon, verificando o registro de chamadas. — Mas lembre o que Himron disse sobre criar uma trilha de dados. Ele pode ter sofrido alguma demora.

— Talvez... ou talvez não. Ainda assim, se falharmos em obter os gêmeos para o nosso amado Mestre Jedi, o fato do major Himron incriminar Mara Jade deve neutralizá-la como ameaça a nós. Por enquanto, isso é o que mais importa — afirmou o Grande Almirante. — Acerte o rumo para a batalha em Ketaris, capitão. Vamos partir assim que Ferrier tiver decolado.

O homem corpulento estava virando no Grande Corredor, quando Han alcançou-o e divisou-lhe a expressão de péssimo humor que completava o andar apressado. Mas não havia problema; o próprio Han não se encontrava de bom humor.

— Coronel Bremen — chamou ele, acertando o passo com o do militar, quando ele atingiu a primeira das árvores ch'hala, com seu tronco púrpura-esverdeado. — Quero falar um minuto com o senhor.

Bremen olhou irritado para ele.

— Se for sobre Mara Jade, Solo, já vou avisando que não quero escutar.

— Ela ainda está sob prisão domiciliar — disse Han, sem prestar atenção ao outro. — Quero saber por quê.

— Bem, talvez esteja relacionado com o ataque do Império, duas noites atrás — respondeu Bremen, cheio de sarcasmo. — Será que pode ser por isso?

— Pode ser — concordou Han, batendo num dos galhos mais longos. O torvelinho de cores abaixo do tronco transparente tornou-se de um vermelho irado, que espalhou-se em ondas pela árvore. — Acho que tudo depende de quanto se dá ouvidos a rumores do Império, hoje em dia.

Bremen parou e virou-se para encará-lo.

— O que você quer de mim, Solo? — perguntou ele, provocando olhares de um grupo de diplomatas que conversavam sentados. — Vamos examinar os fatos um instante, sim? Jade sabia sobre a porta secreta e as passagens... ela já admitiu isso. Ela estava no local antes que qualquer alarme fosse disparado... e ela admite isso também.

— Lando e o general Iblis também estavam, e você não prendeu nenhum deles — argumentou Han, sentindo os efeitos dos princípios de diplomacia que Leia incutira nele.

— Mas a situação deles é muito diferente. Calrissian e Bel Iblis têm um passado de lutas pela Nova República e as pessoas aqui garantem a fidelidade deles. Com Jade não temos nem uma coisa, nem outra.

— Leia e eu podemos responder por ela — ofereceu Han, tentando esquecer toda aquela história sobre matar Luke. — Não está bom? Ou você só está bravo com ela por fazer melhor o seu trabalho?

Assim que acabou de falar, percebeu que não dissera a coisa certa. Bremen voltou-se para ele, vermelho como uma árvore ch'hala, o olhar frio como o gelo.

— Então ela matou alguns pretensos agentes do Império... isso não prova nada. Com um Grande Almirante dando as ordens, todo o ataque poderia não passar de um plano elaborado para nos convencer que ela está do nosso lado. Desculpe, mas não engulo essa história assim tão fácil. Ela vai receber tratamento completo: pesquisa de registros, histórico, investigação dos conhecidos e algumas sessões de perguntas com nossos interrogadores.

— Ótimo. Se ela ainda está do nosso lado, com certeza vai passar para o lado deles depois de tudo isso.

Bremen aprumou o corpo.

— Não fazemos esse trabalho para ganhar popularidade, Solo. Fazemos isso para proteger vidas na Nova República... a sua e a de seus filhos, no caso. Presumo que a conselheira Organa Solo estará na reunião com Mon Mothma; se ela tem alguma queixa a fazer, poderá fazê-la na ocasião. Até lá, não quero ouvir mais nada sobre Jade, de ninguém. Especialmente do senhor, capitão Solo. Está claro?

— Muito claro — suspirou Han.

Voltando-se para o outro lado, o major Bremen continuou seu caminho pelo Grande Corredor. Han ficou a observá-lo afastar-se.

— Você tem um jeitinho especial com as pessoas, não? — comentou uma voz conhecida.

— Luke, que prazer em vê-lo. Quando voltou?

— Aterrissei há dez minutos. Liguei para o seu quarto e Winter me disse que você e Leia tinham descido para uma reunião especial — contou Luke. — Tinha esperança de falar com vocês antes de começarem.

— Na verdade, não fui convidado — afirmou Han, lançando um último olhar para as costas de Bremen. — E Leia parou primeiro no quarto de Mara.

— Ah, Mara.

— Ela estava aqui quando precisamos dela — disse Han.

— E eu não estava — completou Luke.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Sei disso. Mas ainda assim, eu teria preferido estar por perto.

— Você não pode ficar aqui para proteger sua irmã sempre. E para isso que eu sirvo.

Luke sorriu.

— Certo. Quase esqueci.

Han olhou por sobre o ombro. Outros diplomatas e assessores de conselheiros começavam a chegar, mas nada de Leia ainda.

— Vamos... ela deve ter demorado mais com Mara. Vamos andando e a gente a encontra no caminho.

— Estou surpreso que você a deixe andar sozinha pelo palácio — comentou Luke, enquanto caminhavam ao longo do corredor, entre as ch'hala.

— Ela não está sozinha. Desde o atentado, Chewie não a perde de vista — informou Han. — Aquela enorme bola de pêlos está dormindo ao lado de fora da nossa porta.

— Deve dar um certo sentido de segurança.

— É, mas as crianças vão crescer com alergia a pêlo de wookie. Onde você estava? Sua última mensagem foi há três dias.

— Isso foi antes de eu ter de parar em... — Luke interrompeu-se, olhando para os lados. — Depois eu conto toda a história. Winter disse que Mara estava sob prisão domiciliar...

— É, e parece que vai ficar assim. Pelo menos até que eu convença o pessoal da segurança que ela é inocente.

— Talvez isso não seja tão fácil.

— Por quê não?

— Porque ela passou a maior parte dos anos de guerra como assistente pessoal do Imperador.

Han olhou para o cunhado.

— Você está brincando!

— Não estou. Ele a mantinha viajando pelo Império realizando tarefas para ele. Era chamada a Mão do Imperador.

Que fora o termo que o major usara para referir-se a ela na ala médica.

— Estamos bem arrumados — comentou Han. — Você bem que podia ter contado para a gente.

— Não achei que fosse importante. Ela não está com o Império agora, isso é certo — declarou Luke, olhando para o cunhado. — Acho que quase todos nós temos coisas no passado que não gostamos de ver comentadas por todos.

— De alguma forma, não acho que Bremen e os figurões da Segurança vão enxergar a coisa assim.

— Bem, a gente vai ter de convencer eles... Luke interrompeu-se.

— O que foi? — indagou Han.

— Não sei... senti uma perturbação na Força. Han sentiu frio na boca do estômago.

— Que tipo de perturbação? Algo que indique perigo?

— Não — respondeu Luke, franzindo a testa. — Mais como uma surpresa... ou choque. Não tenho certeza... mas vem da parte de Leia.

Han largou o cabo da arma, os olhos percorrendo o corredor. Leia estava sozinha com uma ex-agente do Império... e surpresa o suficiente para que Luke captasse.

— Acha que a gente deve correr? — perguntou ele, em voz baixa.

— Não — respondeu Luke. — Mas é bom andar depressa. Han reparou que ele tinha o sabre-laser na mão.

Do lado de fora da porta veio a voz abafada do dróide de segurança G-2RD e, com um suspiro conformado, Mara abandonou a prancheta de leitura sobre a escrivaninha. Mais cedo ou mais tarde a Segurança iria cansar-se das sessões de interrogatório brando. Porém, se isso acontecera, ainda não havia nenhuma demonstração prática. Projetando a Força, tentou identificar seus visitantes, esperando pelo menos que não fosse o tal Bremen outra vez.

Não era; e ela teve tempo suficiente para recuperar-se da surpresa antes que a porta se abrisse e Leia Organa Solo entrasse.

— Oi, Mara — cumprimentou a visitante. Atrás dela o dróide fechou a porta, dando um breve vislumbre do wookie. — Parei para ver como você estava.

— Estou ótima — resmungou Mara, sem saber se Organa Solo seria um progresso ou retrocesso em relação a Bremen. — O que aconteceu lá fora?

Leia sacudiu a cabeça e Mara captou-lhe o aborrecimento.

— Alguém na Segurança resolveu que você não pode ter mais de um visitante por vez e Chewie teve de ficar do lado de fora. Não ficou muito contente com isso.

— Suponho que ele não confie em mim?

— Não é nada pessoal — assegurou Leia. — Wookies com dívidas de vida levam isso muito a sério. Ele ficou aborrecido por quase ter perdido a todos nós na tentativa de seqüestro. Para dizer a verdade, acho que ele confia em você mais do que em qualquer outra pessoa no palácio.

— Estou contente que *alguém* se sinta assim. Talvez eu deva pedir a ele para ter uma conversa com o coronel Bremen. Organa Solo suspirou.

— Sinto muito sobre tudo isso, Mara. Temos uma reunião dentro de alguns minutos e vou tentar libertá-la. Mas não acho que Mon Mothma e Ackbar vão autorizar, até que as investigações tenham terminado.

E quando descobrirem que ela *realmente* fora a Mão do Imperador...

— Eu devia ter continuado a pressionar Winter para conseguir uma nave.

— Se você tivesse saído, agora eu e os gêmeos seríamos prisioneiros do Império. A caminho do encontro do Mestre Jedi C'baoth.

Mara sentiu o maxilar retesar-se. Não conseguia pensar num destino pior.

— Você já me agradeceu. Vamos dizer que você me deve uma, e deixar como está, certo?

— Acho que devemos a você muito mais do que uma. Mara encarou-a fixamente.

— Então se lembre disso quando eu matar seu irmão.

— Você ainda acha que quer matar ele?

— Não quero conversar sobre isso — declarou Mara, levantando-se e aproximando-se da janela. — Estou muito bem, você vai tentar me tirar daqui... todos estamos contentes e eu salvei você de C’baoth. Mais alguma coisa?

Organa Solo continuava a fitá-la.

— Na verdade, sim. Gostaria de saber por que fez tudo isso.

Mara olhou para fora, sentindo um desconfortável torvelinho de emoções apesar da armadura sentimental que construía com tanto cuidado.

— Não sei... — respondeu ela, surpresa por admitir o fato. — Tive dois dias de solitária para pensar nisso e ainda não sei. Talvez... tenha sido essa história sobre Thrawn roubar seus filhos.

— De onde você veio, Mara? Antes que o Imperador a trouxesse para Coruscant.

— Não sei. Lembro da primeira vez que encontrei o Imperador e a viagem para cá na nave dele — respondeu Mara.

— Mas não tenho lembranças de nenhum fato anterior.

— Lembra que idade você tinha?

— Não. Mas tinha idade suficiente para conversar com ele e para entender que ia sair de casa e acompanhá-lo. Mas antes, não lembro de nada.

— E quanto a seus pais? Lembra deles?

— Só um pouco. Não muito mais do que sombras. Não lembro do rosto deles... mas lembro que não queriam que eu partisse.

— Duvido que o Imperador deixasse alguma escolha para eles — comentou Organa Solo. — E você? Teve alguma escolha?

Mara sorriu, através das lágrimas inexplicáveis que lhe subiram aos olhos.

— Então é aí que você quer chegar. Acha que eu arrisquei minha vida para evitar que seus gêmeos fossem levados da mesma forma que eu?

— Não foi?

— Não — respondeu Mara, voltando-se para fitar a outra.

— Não foi por isso. Eu não queria que o louco do C’baoth colocasse as mãos nos gêmeos. Deixe como está.

— Certo — disse Organa Solo, em tom de quem não acreditava muito.

— Mas se quiser conversar mais sobre isso...

— Sei onde encontrar você — completou Mara.

Ainda não acreditara que contara tudo aquilo à Organa Solo... mas em seu interior, admitia que fora bom falar sobre o assunto. Talvez estivesse ficando de coração mole.

— E pode me chamar a qualquer hora. Agora é melhor eu ir para a reunião e saber o que os clones combatentes de Thrawn estão a ponto de fazer hoje.

— Que clones combatentes? — quis saber Mara, franzindo a testa.

Foi a vez de Leia estranhar:

— Você não sabe?

— Saber o quê?

— O Império encontrou alguns cilindros Spaarti de clonagem em algum lugar. Estão produzindo um grande número de clones para lutar contra nós.

— Ninguém me disse nada... — sussurrou Mara, sentindo um arrepio na espinha.

— Desculpe, pensei que todos soubessem. Foi o assunto principal no palácio por quase um mês.

— Eu estava inconsciente, na ala médica.

Clones. Com a luta pela Frota *Katana* e com o sangue-frio do Grande Almirante, seria mais uma repetição das Guerras Clônicas.

— E verdade. Tinha me esquecido. Mas estava acontecendo tanta coisa... você está bem?

— Estou ótima — afirmou Mara, ouvindo a própria voz como um som distante.

As lembranças chegavam à sua mente com a velocidade de um raio. A floresta... a montanha... um depósito secreto dos tesouros pessoais do Imperador...

E uma câmara enorme, cheia de tanques de clonagem.

— Certo. Bem... vejo você mais tarde — afirmou Organa Solo, não muito convencida.

Ela estendeu a mão para a maçaneta.

— Espere!

Organa Solo voltou-se.

— Sim?

Mara respirou fundo. A própria existência do local fora um segredo muito bem guardado e conhecido de muito poucos... o Imperador deixara isso bem claro sempre que tinha oportunidade. Mas se Thrawn ia colocar as mãos num exército de clones para espalhá-los pela Galáxia...

— Acho que sei onde estão os cilindros Spaarti de Thrawn.

Mesmo com suas habilidades Jedi ainda em estágio rudimentar, ela

sentiu a onda de surpresa que Organa Solo produziu.

— Onde? — indagou ela, com voz controlada.

— O Imperador tinha um depósito pessoal — começou Mara, articulando as palavras com dificuldade. Parecia estar vendo o rosto grave, com os olhos amarelos voltados para ela, numa acusação silenciosa. — Era embaixo de uma montanha num planeta que ele chamava de Wayland... nem sei se esse era o nome verdadeiro. Mas era o lugar onde ele guardava suas recordações pessoais e as tecnologias estranhas que ele acreditava poderem ser úteis algum dia. Uma das cavernas artificiais abrigava uma instalação de clonagem, que ele tomou de um dos senhores dos clones.

— Era completa?

— Totalmente equipada. Tinha todos os sistemas nutrientes, mais uma instalação de educação-relâmpago para implantação de personalidade e treinamento técnico dos clones, enquanto eles se desenvolvem.

— Quantos cilindros existem lá?

— Não sei ao certo. Ficavam arranjados em formação concêntrica, como numa arena esportiva, e enchiam toda a caverna.

— Mil cilindros — insistiu Organa Solo. — Dois mil? Dez?

— Eu diria que existem na caverna pelo menos vinte mil cilindros... talvez mais.

— Vinte mil! E ele pode produzir um clone a cada vinte dias...

Mara franziu a testa.

— Vinte *dias*? Isso é impossível.

— Sei disso. Mas é o que Thrawn está conseguindo. Sabe as coordenadas de Wayland?

Mara balançou a cabeça.

— Só estive lá uma vez e o próprio Imperador pilotou a nave. Mas sei como encontrar o lugar, se tiver acesso às cartas espaciais e a um computador de navegação.

Organa Solo assentiu com um gesto lento, transmitindo a Mara a impressão do vento fustigando uma ravina.

— Vamos ver o que posso fazer. Nesse meio tempo... — Os olhos fixaram-se nos de Mara. — Você não pode mencionar a ninguém o que me contou. A *ninguém*. Thrawn ainda está conseguindo obter informações aqui no palácio... e essa é uma informação pela qual muitas pessoas matariam sem hesitar.

— Certo — concordou Mara, sentindo frio de repente.

— Muito bem. Vou tentar obter uma segurança extra para você, se puder fazer isso sem dar na vista — afirmou Organa Solo, inclinando a cabeça como se escutasse algo. — E melhor eu ir, agora. Han e Luke estão vindo

para cá e esse não é o melhor lugar para um conselho de guerra.

— Claro.

Mara voltou outra vez o rosto para a janela. O céu estava encoberto e ela se colocara ao lado da Nova República. Do lado de Luke Skywalker. O homem que precisava matar.

Fizeram o conselho de guerra no quarto de Leia, naquela noite, um lugar que sabiam estar a salvo da misteriosa Fonte Delta. Luke olhou ao redor do aposento quando entrou, pensando na série de eventos que reunira aquelas pessoas... amigos... em sua vida. Han e Leia, sentados juntos no sofá, partilhando um breve momento de tranquilidade juntos, antes que as realidades de uma guerra galáctica se intromettessem. Chewbacca, sentado entre eles e a porta, a besta pronta para a ação sobre seus joelhos, determinado a não falhar de novo em seu dever auto-imposto de protegê-los. Lando, que digitava o terminal de computador, produzindo uma lista de preços de mercado no monitor. Threepio e Artoo, conversando num canto, contando mexericos de dróides um ao outro. E Winter, sentada em outro canto, embalando os berços dos bebês adormecidos.

Seus amigos. Sua família.

— Então? — indagou Han.

— Fiz uma verificação completo ao redor de onde estamos — disse Luke. — Nenhum ser vivo, ou dróide está por perto. E aqui?

— Fiz o tenente Page aparecer e fazer uma varredura no apartamento. E ninguém entrou desde que ele veio — informou Leia. — Devemos estar seguros aqui.

— Ótimo. Será que agora podemos saber o que está acontecendo? — perguntou Han.

— Podem — respondeu Leia e Luke percebeu que a irmã se preparava. — Mara acha que sabe onde é a instalação de clonagem do Império.

Han endireitou o corpo no sofá, olhando para Lando.

— Onde?

— Num planeta que o Imperador chamava de Wayland — respondeu Leia. — É um codinome, porque não está em nenhuma lista que eu consultei.

— Era uma das velhas instalações dos mestre dos clones? — quis saber Luke.

— Mara disse que é uma espécie de depósito pessoal do Imperador. Tive a impressão de que era uma espécie de mistura de sala de troféus com depósito de protótipos.

— Um ninho de ratos particular — comentou Han. — Parece mesmo coisa do Imperador. Onde é?

— Ela não tem as coordenadas. Só esteve lá uma vez, mas acha que pode encontrar o lugar.

— Por que não disse nada até agora? — quis saber Lando. Leia deu de ombros.

— Aparentemente não sabia sobre os clones até que eu fiz um comentário. Ela estava internada, fazendo regeneração neural na época em que todos estavam falando sobre o assunto.

— Mesmo assim é difícil acreditar que ela pudesse não saber de nada — protestou Lando.

— Difícil, mas não impossível — lembrou Leia. — Nenhum dos relatórios de distribuição geral aos quais ela tem acesso mencionava os clones. E ela não tem tido o que se possa chamar de uma vida social ativa no palácio.

— A hora foi bastante conveniente — ressaltou Lando. — Alguém podia até dizer suspeita. Aqui estava ela, podendo andar à vontade pelo palácio. Então é acusada pelo comandante de um grupo de comandos e presa. De repente fica acenando com Wayland para nós e quer que a soltemos.

— Quem falou em soltá-la? — perguntou Leia, surpresa com a idéia.

— Não é o que ela está oferecendo? — insistiu Lando. — Para nos levar até Wayland?

— Ela não está oferecendo nem pedindo nada. — E o que *eu* ia propor, é que conseguíssemos levar um computador de navegação para o quarto dela, para conseguir a localização de Wayland.

— Acho que não basta, meu bem — protestou Han. — As coordenadas seriam um bom começo, mas um planeta é um bocado de espaço para se esconder um depósito.

— Especialmente quando o Imperador não queria que fosse encontrado com facilidade — concordou Luke. — Lando tem razão. Teremos de levá-la conosco.

Han e Lando voltaram-se para observá-lo e até mesmo Leia ficou perplexa.

— Está querendo dizer que acredita em tudo isso?

— Não acho que a gente tenha alguma possibilidade de escolha — justificou Luke. — Quanto mais demorarmos, mais clones o Império vai mandar contra nós.

— E quanto a pista que você estava seguindo? Que apontava Poderis e o setor Orus?

— Isso levaria tempo. Mara nos levaria lá muito mais depressa — disse Luke.

— Se ela estiver contando a verdade — lembrou Lando, preocupado. —

Se não estiver, é um beco sem saída.

— Ou pior — completou Han. — Thrawn já tentou uma vez reunir você e aquele tal C'baoth. Essa bem poderia ser outra armadilha.

Luke olhou para cada um deles, desejando saber como explicar o que sentia. Algo no fundo dele sabia que era a coisa correta a fazer; era para onde seu caminho o estava levando.

Como acontecera com o confronto final entre Vader e o Imperador, de alguma forma seu destino e o de Mara estavam reunidos naquele instante no tempo.

— Não é uma armadilha — declarou ele, por fim. — Pelo menos, não da parte de Mara.

— Concorde — apoiou Leia. — E acho que você tem razão. Precisamos levá-la.

Han girou na cadeira para encarar a esposa. Olhou para Luke, depois para Leia.

— Deixe eu adivinhar... é mais uma daquelas maluquices Jedi, não é?

— Em parte, é — admitiu Leia. — Mas a maior parte é lógica tática simples. Não acho que Thrawn teria arriscado tanto para tentar nos convencer de que ela fazia parte do ataque do Império, a menos que pretendesse desacreditar qualquer informação que ela pudesse nos dar sobre Wayland.

— Se você presumir isso, também precisa presumir que Thrawn saberia que o seqüestro iria falhar — observou Lando.

— Acredito que Thrawn se prepara para todas as contingências — disse Leia. — E como você mesmo disse, Han, tem alguma coisa de Jedi nesse assunto todo. Toquei a mente de Mara duas vezes durante o ataque: uma vez quando ela me acordou, depois outra vez quando entrou por trás do inimigo.

Ela olhou para Luke e ele percebeu que ela sabia sobre o juramento de Mara para matá-lo.

— Mara não gosta muito de nós — declarou Leia. — Mas de alguma forma não acredito que isso tenha importância. Ela compreende que uma nova versão das Guerras Clônicas pode acontecer e sabe o que isso faria com a Galáxia. Simplesmente não deseja que aconteça de novo.

— Se ela quiser nos levar até Wayland, eu vou — declarou Luke, com firmeza. — Não estou perguntando se alguns de vocês querem ir junto. Tudo o que peço é a ajuda para que Mon Mothma a liberte. — Ele hesitou. — E a bênção de vocês.

Por algum tempo o aposento permaneceu em silêncio. Han olhou para o assoalho, a testa tensa de concentração, agarrando com força a mão de Leia. Lando cofiava o bigode, mudo. Chewbacca alisava sua besta, rosnando

baixo; no canto oposto, Artoo emitia ruídos eletrônicos para si mesmo. Um dos bebês gemeu um pouco no sono e Winter acariciou-o para tranquilizá-lo.

— Não podemos falar com Mon Mothma sobre isso — afirmou Han, por fim. — Ela vai querer acionar todos os canais competentes e quando alguém estiver pronto para partir, metade do palácio vai estar comentando o assunto. Se Thrawn quiser calar Mara para sempre, vai ter todo o tempo que precisa.

— Qual é a alternativa? — indagou Leia, sabendo que não iria gostar da resposta.

— O que Lando já disse. Tiramos ela de lá — declarou Han.

— Han! Não podemos fazer isso...

— Podemos, sim. Chewie e eu tivemos que tirar um sujeito da prisão domiciliar no Império e funcionou muito bem.

Chewbacca rosnou algo.

— E daí que o sujeito explodiu junto? — protestou Han. — Não foi nossa culpa que só foram apanhá-lo uma semana depois.

— Não foi isso o que eu quis dizer — esclareceu Leia. — Vocês estão falando sobre cometer um ato ilegal. A beira de ser considerado traição.

Han deu uma palmada no joelho.

— Toda a Rebelião foi um ato altamente ilegal, beirando a traição, meu bem. Quando as regras não funcionam, a gente quebra algumas.

— Vocês têm razão — admitiu ela, pouco depois. — Têm razão. Quando nós começamos?

— Nós... quer dizer, você... não começa nada — afirmou Han. — Eu e Luke vamos fazer isso. Você e Chewie vão ficar aqui, onde é mais seguro.

Chewbacca começou a resmungar alguma coisa e interrompeu-se no meio da sentença. Leia olhou para o wookiee e para Luke.

— Você não precisa ir, Han — disse Luke, percebendo os temores que a irmã não diria em voz alta. — Mara e eu podemos fazer tudo sozinhos.

— O quê? Vocês dois sozinhos para tomar um complexo produtor de clones? — protestou Han.

— Não temos muita escolha. Enquanto a Fonte Delta estiver ativa por aqui, não existem muitas pessoas nas quais podemos confiar. E alguns que podemos, como a Esquadrilha Rogue, estão fora, em missões de defesa. — Luke fez um gesto que abrangia a todos. — Estamos todos aqui.

— Então somos só nós — começou Han. — Mesmo assim, temos mais chances com três do que com dois.

— Certo, Han. Somos um grupo de três...

— Acho que quatro é bem melhor — suspirou Lando. — Da forma que as coisas correram com a Cidade Nômade, acho que não tenho muito o que fazer. Será interessante fazer com que eles paguem pelo que fizeram.

— Para mim está ótimo — afirmou Han, sorrindo. — Bem-vindo a bordo, companheiro. Muito bem, Chewie. Qual é o *seu* problema?

Leia olhou para o wookiee, surpresa. Não notara nenhum problema com ele, porém, ao prestar atenção, percebeu-lhe o conflito de emoções.

— O que foi, Chewie?

Por um instante ele ficou rosnando baixo, depois, relutante, disse o que pensava.

— Nós também gostaríamos de ter você conosco — disse Han. — Mas alguém precisa ficar para proteger Leia. A menos que você ache que a Segurança do palácio está fazendo um bom trabalho.

Chewbacca rugiu sua opinião sobre a Segurança do palácio.

— Exatamente — completou Han. — É por isso que você vai ficar.

Luke olhou para Leia. Ela também o encarava, consciente do dilema. O débito original do juramento era para com Han e o wookiee não conseguia se conformar com o fato do companheiro ir sem ele enfrentar aquele tipo de perigo. Mas Leia e os bebês também estavam sob a proteção dele e deixá-los no palácio depois do atentado era doloroso.

— Tenho uma idéia — afirmou Leia, devagar, enquanto imaginava uma solução.

Todos escutaram com cuidado e Han demonstrou grande surpresa. Chewbacca concordou na mesma hora.

— Isso deve ser uma brincadeira, certo? Me diga que é brincadeira. Se estão pensando que vou deixar Leia e as crianças com...

— É a única forma, Han. Chewie vai se sentir péssimo se não for — argumentou Leia.

— Chewie já se sentiu péssimo antes. Ele é capaz de ultrapassar isso. Vamos, Luke, fale com sua irmã...

— Desculpe, Han. Mas eu acho que é uma boa idéia — afirmou Luke; depois não conseguiu controlar-se: — Pode ser mais uma daquelas maluquices Jedi.

— Muito engraçadinho... Lando? Winter? Digam alguma coisa.

— Não olhe para mim, Han — defendeu-se Lando. — Estou fora dessa parte da discussão.

— E eu confio no julgamento da princesa Leia. Se ela diz que ficará a salvo, ficaremos em segurança — opinou Winter.

— Você ainda tem alguns dias para se acostumar com a idéia — lembrou Leia, antes que o marido continuasse. — Talvez mude de idéia.

O olhar de Han não era encorajador. Mas ele assentiu. A seguir, houve um instante de silêncio.

— Então é isso mesmo? — perguntou Lando.

— É. Temos uma missão para planejar — confirmou Leia. — Vamos a ela.

No canto do console de comunicação, o intercomunicador chamou.

— Karrde? — disse a voz cansada de Dankin. — Estamos chegando ao sistema Bilbringi. Chegamos em cinco minutos.

— Estaremos lá — respondeu Karrde. — Prepare os canhões turbolaser... não sabemos o que vamos encontrar.

— Certo. Desligando.

Karrde desligou o intercomunicador e o decodificador.

— Ele parece cansado — comentou Aves, do outro lado do console.

— Quase tanto quanto você — respondeu Karrde, dando uma última olhada no monitor antes de desligá-lo: o relatório de Anchoron, como os outros, fora negativo. — Acho que fazia muito tempo que você não ficava dois turnos seguidos em serviço. Ninguém da tripulação está mais acostumado. Acho que vou incluir alguns turnos duplos nos exercícios.

— Tenho certeza que os homens vão adorar. Não gostamos que as pessoas pensem que somos moles — disse Aves.

— E contrário à nossa imagem — concordou Karrde, levantando-se. — Vamos indo; depois acabamos com isso.

— Ainda acho que vai ser inútil. Tem certeza mesmo que Skywalker avistou clones em Berchest?

— Skywalker tinha certeza. Espero que não esteja sugerindo que o nobre Jedi tenha mentido para mim — afirmou Karrde.

— Mentido, não, mas estou imaginando se tudo isso não passa de uma armação do Império. Algo que Thrawn está agitando em frente aos nossos narizes, para nos afastar do caminho certo — sugeriu Aves.

— Esse pensamento já me ocorreu. Mesmo com as vantagens de conhecer o governador Staffa, acho que entramos e saímos muito fácil do sistema.

— Você não mencionou essas reservas quando estava distribuindo tarefas, em Chazwa.

— Tenho certeza que cada um dos outros teve pensamentos parecidos. Assim como já ocorreu a eles que temos um agente do Império entre nós, e precisamos fazer o nosso melhor para que acreditem termos engolido a isca

de Thrawn com anzol e tudo. Se é que se trata de uma armadilha.

— E se é que temos um agente do Império no grupo... Karrde sorriu.

— Se tivéssemos um pouco de brualiki, podíamos beber brualiki com Menkooro — sugeriu ele.

— Isso se tivéssemos Menkooro — emendou Aves, completando o velho ditado. — Você ainda acha que Ferrier está trabalhando para Thrawn, não acha?

Karrde deu de ombros.

— E só a palavra dele contra a de Solo para provar que não trabalhou para o Império no caso da Frota *Katana*.

— Foi por isso que você enviou Torve na nave de assalto até o sistema Roche?

Karrde desejou que Mara estivesse ali. Aves era um bom homem, mas precisava que tudo fosse lhe fosse explicado em detalhes. Ela teria entendido tudo de uma vez.

— Certo. Conheço alguns verpine que me devem um favor. Se a nave de assalto estiver equipada com alguma coisa a mais, eles saberão.

Atingiram a cabine e a porta deslizou para que passassem.

— Situação? — pediu Karrde, olhando através do visor para o céu manchado do hiperespaço.

— Todos os sistemas funcionando e prontos — disse Dankin, passando o assento para Aves. — Balig, Lachton e Corvis estão nos turbolasers.

— Obrigado — respondeu Karrde, acomodando-se no assento do copiloto. — Fique por perto, Dankin. Você vai ser capitão hoje.

— Estou honrado — respondeu Dankin com frieza, caminhando até o posto de comando e acomodando-se.

— Sabe do que se trata tudo isso? — quis saber Aves.

— Não tenho a menor idéia — admitiu Karrde. — De acordo com Par'tah, tudo o que Mazzic declarou é que eu gostaria de ir a Bilbringi depois de nosso encontro com os outros, em Chazwa.

— Deve ser a retribuição ao Império que ele e Ellor planejaram em Trogan. Acho que não vou gostar disso — comentou Aves, com uma careta.

— Lembre-se: aconteça o que acontecer, somos observadores inocentes — lembrou Karrde. — Uma nave de transporte com um horário autorizado e uma carga de conversores de energia Koensayr. Tudo legal.

— Isso se ninguém vier examinar de perto. Muito bem, estamos chegando — informou Aves, acionando os controles do hiperdrive.

O espaço tornou-se negro e pontilhado de estrelas.

De estrelas, naves incompletas, plataformas flutuantes, operários em trajes espaciais e todo o tipo de equipamentos pesados de um estaleiro

espacial. Quase à frente do *Wild Karrde*, uma enorme estação de batalha espacial Golan II ostentava seus armamentos ameaçadores.

Haviam chegado aos estaleiros espaciais de Bilbringi.

Dankin assobiou baixo.

— Dêem uma olhada naquelas construções novas — disse ele, com a voz pasmada. — Eles não estão para brincadeiras, estão?

— Não mesmo — concordou Karrde. — Nem estão brincando ao redor de Ord Trasi, ou de Yaga Menor.

Se Thrawn colocasse a metade do empenho em sua instalação produtora de clones do que colocava na área de construção de naves de guerra...

— Nave cargueira, aqui é o controle de Bilbringi — alertou uma voz pelo comunicador. Identifiquem-se, e forneçam seu ponto de partida e o destino.

— Dankin? — murmurou Karrde.

— Nave cargueira *Hab Camber*. Viemos de Valrar. Capitão Abel Quiller no comando. Levando um carregamento de conversores de energia para a Doca Quarenta e Sete.

— Certo — disse o controlador. — Fiquem a postos até confirmação.

Aves bateu no braço de Karrde e apontou pelo visor.

— Estão lançando uma nave de assalto. Vinha na direção do *Wild Karrde*.

— Mantenha o curso — disse Karrde. — Acho que só querem saber se estamos nervosos.

— Ou estão esperando encrenca — sugeriu Aves.

— Ou estão limpando as coisas depois da batalha — acrescentou Dankin. — Se Mazzic já esteve aqui...

— Nave cargueira *Hab Camber*, estamos ordenando que mantenham posição — avisou o controlador pelo alto-falante. — Um grupo irá fazer a inspeção de seu manifesto de carga.

— Por que? Qual o problema com ele? — indagou Dankin, a dose exata de indignação e surpresa. — Escutem, eu sou um negociante, com uma entrega a fazer. Não tenho tempo a perder com burocracia...

— Se preferir, podemos terminar agora mesmo com todos os seus problemas de horário — interrompeu o controlador, com voz sádica. — Se não, sugiro que se prepare para recebê-los a bordo.

— Entendido, controle. Só espero que eles sejam rápidos.

— Controle desligando. Dankin olhou para Karrde.

— E agora?

Se Mazzic fosse cumprir o horário que fornecera a Par'tah, devia aparecer a qualquer instante. Karrde observou alguns objetos escuros e

irregulares, flutuando próximos ao centro do estaleiro.

— Agora nos preparamos para recebê-los a bordo. Aves, consiga uma leitura daquelas coisas para mim. Não se parecem nada com uma nave — pediu Karrde, apontando o local.

— Não são naves — informou Aves, depois de alguns segundos. — Parecem asteróides de tamanho médio... talvez tenham quarenta metros de diâmetro cada um. Vinte e dois deles.

— Estranho... o que será que o Império quer com vinte e dois asteróides?

Na área havia cerca de trinta pequenas naves de apoio, com um número parecido de operários movendo-se ao redor dos asteróides.

— Eles podem estar transformando os asteróides em minas — arriscou Aves. — Mas nunca ouvi contar um caso em que trouxessem os asteróides até o estaleiros.

— Nem eu. Mas fico imaginando se isso não estará relacionado com a super-armagem de Thrawn. A que atingiu Ukio e Woostri.

— Isso explicaria a segurança reforçada — lembrou Aves. — Falando nisso, a nave deles está chegando perto. Vamos deixar eles subirem a bordo?

— A menos que você queira sair daqui à toda, não vejo nenhuma outra alternativa. Dankin, acha que nosso manifesto resiste muito tempo a um exame?

— Pode agüentar um bocado de tempo — disse Dankin, devagar. — Depende só de suspeitarem de alguma coisa ou realizarem um exame minucioso. Karrde, dê uma olhada quarenta graus a bombordo. Aquele destróier imperial meio por terminar... está vendo?

Karrde girou em sua cadeira. O destróier estelar estava na verdade, quase terminado, faltando apenas adicionar a superestrutura de comando e partes do bastião de proa.

— Estou vendo. O que tem?

— Parece que tem um bocado de agitação por ali...

Na metade da frase, o flanco de estibordo do destróier explodiu.

Aves assobiou, espantado, e uma seção dianteira seguiu o exemplo do flanco, voando pelos ares numa nuvem de fogo e destroços.

— Pela Galáxia! Acha que é Mazzic?

— Não tenho a menor dúvida — disse Karrde, acionando o monitor principal para ver melhor. E acho que talvez ele tenha exagerado um pouco.

Verificando o monitor, em silhueta contra as chamas, distinguiu cerca de meia dúzia de naves do tamanho de cargueiros partindo na direção do perímetro. Um grupo de controle de desastres já sobrevoava a nave em chamas, com três esquadrilhas de TIE atrás.

Então, abruptamente, as esquadrilhas mudaram seu vetor de direção,

passando a procurar a interceptação da trajetória das naves em fuga.

— Eles foram avistados — anunciou Karrde.

Rápido avaliou a situação. O grupo de Mazzic estava em inferioridade numérica e de armamentos, uma desvantagem que tendia a piorar antes que atingissem distância suficiente para arriscar um salto para o hiperespaço. Os três turbolasers do *Wild Karrde* deixariam equilibrados os números mais equilibrados; infelizmente, o centro da ação estava longe demais para que influíssem de alguma forma no resultado.

— Vamos ajudá-lo? — murmurou Aves.

— Temos todo o direito de não levantar um dedo para ajudar — afirmou Karrde, iniciando o procedimento de cálculo do salto para a velocidade da luz, depois acionando o interfone. — Ajudar a um ataque tão mal planejado só pode encorajar outros como esse. Mas acho que não podemos ficar sentados aqui. Corvis?

— Estou aqui.

— Quando eu der a ordem, abra fogo contra a nave de assalto que está se aproximando. Balig e Lachton, vocês atiram contra a estação de batalha. Vamos ver quanta confusão conseguimos causar. Ao mesmo tempo, Aves, você vai alterar o vetor para...

— Espere um pouco, Karrde — interrompeu Dankin. — Olhe lá... cinqüenta graus a bombordo.

Karrde olhou. Ali, no mesmo vetor utilizado pelas naves de Mazzic, em fuga, um par de canhoneiras corellian aparecera do hiperespaço. A formação de caças TIE que viera daquela direção mudou de direção para enfrentar os novos inimigos, mas logo foram reduzidos a cinzas.

— Muito bem... parece que o planejamento de Mazzic não é tão ruim quanto pensei — confessou Karrde.

— Deve ser o pessoal do Ellor — observou Aves.

— E mesmo. Naves de guerra corellian não fazem o estilo de Mazzic... pelo menos no que diz respeito ao orçamento. E uma estratégia que com certeza agrada ao descuido cultural dos duri.

— Eu diria que naves desse tamanho estão fora do orçamento de Ellor, também — comentou Dankin. — Acha que ele as roubou da Nova República?

— Roubar é um verbo tão agressivo — corrigiu Karrde. — Acredito que ele as considere um empréstimo temporário e informal. As naves da Nova República utilizam o sistema de manutenção dos duri, no Espigão do Comércio, e Ellor possui interesses em vários deles.

— Aposto que desta vez vão fazer muitas queixas sobre a qualidade do serviço — observou Aves. — A propósito, ainda estamos planejando atirar

sobre a nave de assalto?

— Não — respondeu Karrde, que quase esquecera o assunto. — Corvis, Lachton e Balig... desliguem os turbolasers. Todos os outros, não estamos mais em estado de alerta. Preparem-se para receber inspetores do Império.

Todos assentiram e voltou-se para deparar com o navegador olhando para ele.

— Não vamos mais correr? Nem mesmo depois daquilo?

— indagou Aves, apontando o destróier e a luta que ainda progredia no exterior.

— O que está acontecendo lá não tem nada a ver conosco — declarou Karrde. — Somos transportadores independentes de mercadoria, com um carregamento de conversores de energia, esqueceu?

— Não, mas...

— Além do mais, será interessante observar o que acontece depois dessa batalha. Escutar as comunicações, observar os reparos imediatos, os ajustes da segurança e conseguir um relatório de danos confiável. Esse tipo de coisas.

Aves não pareceu convencido, mas sabia que não adiantava discutir.

— Se você acha que podemos escapar da vistoria, com a cabeça a prêmio e tudo o mais...

— Este é o último lugar do mundo onde um comandante do Império espera que a gente apareça — assegurou Karrde. — Além do mais, ninguém está reparando em nós.

— Pelo menos não numa nave comandada pelo capitão Abel Quiller — disse Dankin, retirando as correias e ficando em pé. — Impaciente e bombástico, certo?

— Certo. Mas não exagere na parte bombástica. Não queremos nenhuma hostilidade, só aborrecimento.

— Pode deixar.

Ele saiu da ponte de comando e Karrde voltou-se para olhar os destroços do destróier estelar. Uma lição a ser observada e se Mazzic e Ellor tivessem perguntado sua opinião seria contrária. Mas não perguntaram, haviam agido.

E agora tudo ficaria ainda pior do que depois de Trogan. Porque o Grande Almirante Thrawn não deixaria isso passar sem uma resposta rápida e violenta. Se ele conseguisse rastrear o ataque até Mazzic... não seria difícil chegar até ele.

— Não vamos poder deixar as coisas assim — murmurou ele, para si mesmo. — Vamos ter de organizar as coisas. Todos nós.

— O quê? — perguntou Aves, sem entender.

Karrde olhou para o rosto, não muito sagaz, nem intuitivo.

— Não importa — disse ele ao outro, sorrindo para amenizar o efeito.

Voltou-se para a nave de assalto que se aproximava. Prometeu a si mesmo que quando aquilo terminasse ele iria dar um jeito de buscar Mara.

A última página passou pelo monitor e Thrawn olhava para o homem em posição de sentido à sua frente.

— Tem algo a acrescentar a esse relatório, general Drost? — indagou ele, em voz baixa.

Perigosamente baixa, na opinião de Pellaeon. Com certeza mais baixa do que seria a *sua* voz na mesma situação. Olhando para fora do visor do *Quimera*, viu os destroços enegrecidos que quase haviam sido um destróier estelar todo equipado, e valioso, só podia dar razão ao Grande Almirante, pensando em decepar a cabeça de Drost. Era o que ele merecia.

E Drost sabia disso.

— Não senhor — respondeu o general, com voz tensa. Thrawn manteve os olhos no subordinado por mais um instante, depois voltou-se para o espaço.

— Pode me fornecer um só motivo para que eu não o retire do comando?

— Não, senhor — murmurou ele, num sopro de voz.

Por um bom tempo, tudo o que se ouviu na cabine de comando do *Quimera* foi o zumbido suave do equipamento. Pellaeon olhava o rosto do general, imaginando qual seria a punição. No mínimo, um fiasco como aquele deveria produzir uma corte marcial sumária e dispensa do cargo por negligência. No máximo... bem, sempre havia a tradicional resposta do Lorde Vader à incompetência.

E Rukh já estava próximo ao assento de Thrawn.

— Volte ao seu quartel-general — disse o Grande Almirante.

— O *Quimera* vai partir em trinta horas. Você tem até lá para projetar um novo sistema de segurança para o estaleiro. Só então vou tomar uma decisão sobre seu futuro. Drost olhou para o capitão, depois para Thrawn.

— Entendido, senhor. Não vou falhar novamente, Grande Almirante.

— Acredito que não — observou Thrawn, com um tom sutil de ameaça na voz. — Dispensado.

Drost cumprimentou e saiu, o olhar cheio de determinação.

— Desaprova, capitão?

Pellaeon forçou-se a encarar os olhos vermelhos.

— Imaginei que seria necessária uma ação punitiva mais enérgica, Grande Almirante.

— Drost é um bom militar do jeito dele. Sua maior fraqueza é uma tendência para tornar-se complacente. Para o futuro imediato, pelo menos, ele vai se curar disso.

O capitão olhou para o destróier semidestruído.

— Uma lição bem cara.

— Exato — concordou Thrawn. — E também é um ótimo exemplo do motivo pelo qual eu não queria que os sócios de Karrde se agitassem.

— Foram os contrabandistas? — indagou Pellaeon, franzindo a testa. — Imaginei que fosse um esquadrão rebelde de sabotagem.

— Drost ficou com a mesma impressão. Mas o método, assim como a execução, foram diferentes. Acredito que o suspeito mais provável seja Mazzic. Embora existam alguns elementos duri, que também apontam para o estilo do grupo de Ellor.

— Certo... — murmurou Pellaeon, imaginando que aquilo lançava uma nova luz sobre o assunto. — Presumo que vamos fazê-los se arrependarem de atacar o Império.

— Eu adoraria — disse Thrawn. — E pelo poder do Império não hesitaria em fazer isso. Mas infelizmente, no ponto em que estamos, tal reação seria contraprodutiva. Não apenas iria fortalecer a resolução dos contrabandistas, mas também estaríamos nos arriscando a fazer com que outros marginais da Galáxia abram hostilidades contra nós.

— Com certeza não precisamos tanto assim dos serviços e da assistência deles — comentou o capitão.

— Nossa necessidade desses vermes não é tão grande assim. Mas isso não significa que estejamos em posição de abandoná-los inteiramente. Só que não é esse o ponto. O problema é o perigoso fato de que os marginais possuem experiência em operar no interior dos círculos oficiais sem permissão para fazer isso. Mantê-los afastados de lugares como Bilbringi iria nos custar muito mais do que temos para gastar no momento.

— Compreendo perfeitamente, senhor, mas não podemos ignorar um ataque desta magnitude.

— Não vamos ignorar. Mas nossa resposta virá para a maior vantagem do Império — disse Thrawn, voltando sua poltrona para o visor. — Nesse meio tempo...

— GRANDE ALMIRANTE THRAWN!

O grito ecoou pela ponte como um trovão, preenchendo o aposento inteiro. Pellaeon encolheu-se, procurando por reflexo o desintegrador que não estava usando.

Joruu C'baoth caminhava rápido pela ponte, a barba esvoaçando ao redor dos olhos brilhantes. Uma energia irada pairava ao redor dele; atrás, os dois soldados das tropas de assalto que guardavam a porta estavam estendidos no chão, inconscientes ou mortos.

Pellaeon engoliu em seco, a mão procurando e encontrando o contato

reconfortante com o ysalamiri no assento do Grande Almirante. A moldura moveu-se e Thrawn voltou o rosto para o Mestre Jedi que se aproximava.

— Quer falar comigo, Mestre C’bauth?

— Eles falharam, Grande Almirante. Está me ouvindo? Seus comandos falharam! — berrou C’bauth.

— Estou escutando muito bem. O que fez com meus guardas?

— *Meus* guardas! — corrigiu o Mestre Jedi, com a mesma voz retumbante. Mesmo sem o elemento da surpresa era um recurso eficiente. — Meus! Sou eu quem comanda o Império, Grande Almirante Thrawn. Não você.

Thrawn virou-se para o lado, olhando para o oficial encarregado do pessoal, no poço.

— Ligue para a enfermaria. Peça para mandarem uma equipe.

Por alguns instantes, Pellaeon acreditou que C’bauth iria objetar, ou pior... abater o oficial ali mesmo. Porém toda a atenção dele parecia estar voltada para Thrawn.

— Seus comandos falharam, Grande Almirante Thrawn.

— Você já disse disso. Todos foram mortos, menos o major em comando.

— Então acho que é tempo de tomar a tarefa em minhas próprias mãos. Você me levará para Coruscant. Agora.

— Está bem, Mestre C’bauth. Assim que eu terminar de embarcar minha carga especial podemos partir para Coruscant — afirmou Thrawn.

Obviamente não se tratava da resposta esperada por C’bauth.

— O quê?

— Eu disse que assim que a carga especial estiver a bordo do *Quimera* e das outras naves, partimos direto para Coruscant

— repetiu o Grande Almirante.

C’bauth olhou para Pellaeon, dando a impressão de buscar a informação que os sentidos Jedi não percebiam.

— Qual é o truque? — quis saber C’bauth, encarando Thrawn.

— Não há truque nenhum. Resolvi que um ataque-relâmpago ao coração da Rebelião será a melhor maneira de abalar a moral e preparar o ambiente para o próximo estágio da campanha. Aqueles são nossos passaportes.

C’bauth seguiu-lhe o olhar até o estaleiro de Bilbringi. Passou pelo destróier estelar enegrecido... e fixou-se nos asteróides agrupados no setor central.

— Aqueles asteróides? — indagou ele, apontando. — Eles é que são sua carga especial?

— Você é o Mestre Jedi. Diga você.

C'baoth olhou para Thrawn e Pellaeon prendeu a respiração. O Grande Almirante estava lançando uma isca... um jogo muito perigoso, em sua opinião. As únicas pessoas que sabiam o que Thrawn tinha em mente estavam protegidas pelo ysalamiri.

— Muito bem, Grande Almirante Thrawn. É o que vou fazer — declarou C'baoth, respirando fundo e fechando os olhos.

As linhas do rosto dele se aprofundaram com o esforço mental, como Pellaeon não via há muito tempo. O capitão ficou observando e imaginando o que o outro estava fazendo... até que veio a compreensão. Lá fora, próximo aos asteróides, havia centenas de trabalhadores, oficiais e técnicos que haviam trabalhado no projeto, cada um deles com suas especulações sobre o resultado final. C'baoth penetrava em todas aquelas mentes, tentando compilar de tudo aquilo, um quadro completo da situação.

— Não! — gritou ele, de repente. — Você não pode destruir Coruscant. Pelo menos não até que eu tenha os meus Jedi.

Thrawn balançou a cabeça.

— Não tenho a menor intenção de destruir Coruscant...

— Está mentindo! — interrompeu C'baoth. — Você sempre oculta os fatos para mim. Mas agora acabou. Chega. *Eu* comando o Império, com todas as suas forças.

Ele levantou as mãos sobre a cabeça e um brilho azulado formou-se sobre eles. A despeito de sua posição, Pellaeon abaixou-se, lembrando das faíscas que C'baoth produzira na cripta, em Wayland. Mas nenhuma faísca apareceu. O Mestre Jedi ficou ali, as mãos agarrando o ar, os olhos focalizados em algum ponto no infinito. O capitão franziu a testa e já estava pensando em perguntar a ele do que se tratava, quando olhou para o poço da tripulação a bombordo.

Os homens estavam rígidos em suas cadeiras, as costas retas e paradas, as mãos dobradas no colo, os olhos presos aos monitores sem enxergar nada. Atrás deles, os oficiais pareciam paralisados e igualmente alienados. O poço da tripulação a estibordo apresentava o mesmo quadro e nos consoles de comunicação, que deveriam estar recebendo relatórios de outras partes da nave, o equipamento também cessara a atividade.

Era o momento que Pellaeon temia desde a primeira visita a Wayland. C'baoth assumira o comando do *Quimera*.

— Uma demonstração interessante — comentou Thrawn, com voz calma. — Estou muito impressionado. O que pretende fazer agora?

— Será que preciso me repetir? Pretendo levar essa nave até Coruscant. Para pegar meus Jedi e não acabar com eles.

— Temos um mínimo de cinco dias até Coruscant, de onde estamos.

Cinco dias durante os quais você precisará manter o controle dos trinta e sete mil tripulantes do *Quimera*. Muito mais tempo, naturalmente, se você pretende combater ao final da viagem. Se pretende levar também as outras naves de apoio, esse tempo tende a aumentar bastante.

— Duvida do poder da Força, Grande Almirante Thrawn?

— De jeito nenhum. Só estou enumerando os problemas que você e a Força precisam resolver se deseja continuar com essa ação. Por exemplo, você sabe onde a frota de Coruscant está baseada e o número e o tipo de naves de que dispõem? Já pensou sobre como neutralizar as estações orbitais de batalha e os sistemas terrestres de defesa em Coruscant? Sabe quem está no comando da defesa planetária e como vai dispor as forças de defesa? Já considerou o campo energético de Coruscant? Sabe como utilizar a capacidade tática e estratégica de um destróier estelar?

— Você quer me confundir — acusou C'baoth. — Seu homens... *meus homens*, sabem a resposta a todas essas perguntas.

— Algumas delas, sim. Mas você não pode saber as respostas. Não todas. Certamente não com a rapidez necessária.

— Eu controlo a Força — repetiu o Mestre Jedi, irritado. Porém, aos ouvidos de Pellaeon as palavras soaram como um pedido. Como uma criança lançando uma ameaça que não pretende cumprir.

— Não — concluiu Thrawn. Talvez tivesse percebido a alteração de tom. — A Galáxia ainda não está pronta para você, Mestre C'baoth. Mais tarde, quando a ordem estiver restaurada, eu a oferecerei para governar como quiser. Mas essa época ainda não chegou.

Por um bom tempo, C'baoth permaneceu imóvel, a boca murmurando algo por trás da barba comprida. Repentinamente, com certa relutância, ele baixou os braços; com esse movimento, a tripulação começou a mover-se na cabine, muitos tossindo e gemendo. O ruído das botas movendo-se contra o convés metálico encheram o aposento à medida que os homens eram libertos do controle do Mestre Jedi.

— Você nunca ofereceria o Império para mim. Não por livre e espontânea vontade.

— Isso depende de sua habilidade em manter o que estou no processo de recriar e conquistar — afirmou Thrawn.

— E que não pode se realizar sem você?

— Você é o Mestre Jedi. Enquanto contempla o futuro, pode enxergar um Império se erguendo sem a minha presença?

— Vejo muitas possibilidades para o futuro — disse C'baoth. — Em algumas delas você não sobrevive.

— Uma incerteza presente na carreira de todos os guerreiros. Mas não

foi isso o que perguntei.

C'baoth sorriu.

— Nunca presume que é indispensável em meu Império, Grande Almirante Thrawn. Apenas eu sou indispensável — declarou ele, erguendo-se com imponência. — Por enquanto, me agrada que você conduza minhas tropas à batalha. Desde que não destrua Coruscant. Não até que eu tenha os Jedi em meu poder.

— Como já disse, não tenho a menor intenção de destruir Coruscant. Por enquanto, o medo e a queda de moral que acompanha um cerco será bem melhor para meus propósitos — disse Thrawn.

— Nossos propósitos — corrigiu C'baoth. — Não se esqueça disso, Grande Almirante Thrawn.

— Não esquecerei.

— Ótimo. Nesse caso, pode continuar com seus deveres. Estarei meditando, se precisar de mim. Meditando sobre o futuro do meu Império.

Voltou-se e caminhou pela ponte. Pellaeon só soltou a respiração depois que a porta deslizou sobre ele.

— Mande uma mensagem para o *Incansável*, capitão — ordenou Thrawn, sem perder tempo. — Diga ao capitão Dorja que preciso de uma tripulação de quinhentos enfermeiros para as próximas seis horas.

Pellaeon olhou para o poço de estibordo. Aqui e ali enxergou um tripulante em seu posto, porém a maioria estava caída em suas poltronas. Os oficiais estavam apoiados em paredes ou consoles, tremendo.

— Sim, senhor. Pretende adiar a operação em Coruscant?

— Não mais do que o necessário. A História precisa seguir seu curso, capitão. Os que não a conseguem acompanhar, devem observar à distância — declarou Thrawn, olhando para a porta pela qual C'baoth saía. — E os que ficam no caminho... não vão poder observar nada.

Chegaram a Coruscant na calada da noite. Dez deles, disfarçados como comerciantes Jawa, entraram no palácio pela passagem que a Segurança selara com cuidado e Leia abrira. Chegar à Torre não apresentou problema... ninguém ainda tivera tempo de fazer nada a respeito do labirinto de passagens secretas do Imperador.

Lotaram em silêncio a suíte, atrás de Luke. Han teve a oportunidade de conhecer os guarda-costas que sua esposa escolhera para protegê-la e aos bebês, dos ataques do Império.

Um grupo noghri.

— Nós a saudamos, Lady Vader — disse o primeiro dos alienígenas de pele cinza em voz grave.

Todos se prostraram, colocando os braços ao lado do corpo. Seria de se esperar que no aposento cheio os movimentos simultâneos de tantos corpos deversem ser desajeitados, mas não foi esse o caso; moveram-se com harmonia e em silêncio, o que depunha a favor da agilidade da raça.

— Sou Cakhmaim, guerreiro do clã Eikh'mir — apresentou-se o noghri, fitando o chão. — Lidero a guarda de honra da *Mal'ary'ush*. A seu serviço e proteção dedicamos nossas vidas.

— Podem levantar-se — comandou Leia, com voz solene e majestosa. — Como *Mal'ary'ush* aceito vosso serviço.

Han observou-a, descobrindo que o rosto e a postura eram tão nobres quanto a voz. Era o tipo de autoridade que acionava seus circuitos de desobediência, só que nela ficava bem.

Os noghri levantaram-se, sem o menor ruído.

— Este é meu tenente, Mobvekhar, do clã Hakh'khar — apresentou Cakhmaim, indicando o noghri à sua direita. — Ele vai liderar o segundo turno da guarda.

— Meu marido, Han Solo — disse Leia, fazendo o gesto apropriado.

Cakhmaim voltou-se para Han, que teve de fazer certo esforço para manter a mão longe do desintegrador.

— Nós o saudamos — afirmou, solene o noghri. — Os noghri prestam homenagem ao consorte da Lady Vader.

O consorte? Han olhou perplexo para Leia, que mantinha a expressão séria, mas apresentava a sombra de um sorriso divertido nos cantos da boca.

— Obrigado. E bom conhecer vocês, também.

— Khabarakh — chamou Leia, estendendo a mão para outro noghri. — E bom ver você de novo. Espero que a maitrakh de sua família esteja bem.

— Ela está muito bem, minha lady. Manda saudações, assim como renova a oferta de ajuda — respondeu o noghri.

Atrás de todos, a porta abriu-se e Chewbacca entrou.

— Algum problema? — quis saber Han, contente por mudar de assunto.

Chewbacca rugiu uma negativa, enquanto os olhos percorriam o grupo. Avistou Khabarakh e aproximou-se rosnando as boas vindas. A manifestação foi correspondida.

— Que outros irão ficar sobre nossa proteção, Lady Vader?

— indagou Cakhmaim.

— Minha assistente, Winter e meus gêmeos — disse Leia.

— Entre, vou mostrar tudo.

Ela dirigiu-se com Cakhmaim e Mobvekhar até o quarto. O restante dos alienígenas espalhou-se pelo recinto, dando atenção especial às paredes e às portas. Chewbacca e Khabarakh saíram conversando animados em direção ao quarto de Winter.

— Você ainda não gosta da idéia, certo? — disse Luke a Han.

— Para dizer a verdade, não — admitiu Han, observando Chewbacca e Khabarakh. — Mas não acho que eu tenha muita escolha.

Luke deu de ombros.

— Você e Chewbacca poderiam ficar. Lando, Mara e eu podemos dar conta do recado.

— Ou você podia levar os noghri — sugeriu Han, — Ao menos lá não teria de se preocupar em que alguém os visse.

— Ninguém vai nos ver aqui — afirmou uma voz felina, perto do cotovelo de Han.

Han deu um salto, a mão procurando o coldre enquanto girava o corpo. Havia um noghri ali, embora ele fosse capaz de jurar que todos estavam longe dele.

— Vocês sempre espionam as pessoas assim, é?

— Desculpe, nobre consorte da Lady Vader. Não quis ofendê-lo.

— Eles são ótimos caçadores — comentou Luke.

— E, já ouvi falar — concordou Han, embora sua dúvida não fosse sobre a *habilidade* dos noghri. — Escute, Luke...

— Está tudo bem, Han — interrompeu o Jedi. — Eles são leais. Leia já confiou sua vida a eles.

— Certo — concordou Han, tentando apagar a imagem de Leia e dos gêmeos em mãos do Império. — Tudo está bem no espaçoporto?

— Sem problemas — assegurou Luke. — Wedge e um par de companheiros da Esquadrilha Rogue estavam lá para escoltá-los e Chewie entrou na nave escondido. Ninguém nos viu entrar no palácio, também.

— Espero que tenha- lembrado de selar a porta. Se outro grupo do Império penetrar, Leia está perdida.

— Está fechada mas não selada em definitivo. Vamos pedir a Cakhmaim para selar depois que sairmos.

Han franziu a testa, uma sensação desagradável formando-se no estômago.

— Está sugerindo que a gente vá *agora*?

— Você pode imaginar uma hora melhor? — argumentou Luke. — Quero dizer, os noghri estão aqui, o *Falcon* está carregado e pronto. Ninguém vai dar por falta de Mara até o amanhecer.

Han olhou por sobre o ombro de Luke, para onde Leia saía do quarto com sua escolta. Tinha de admitir que fazia sentido. Mas de alguma forma, esperava que ele e Leia tivessem mais tempo juntos.

Exceto que o Império continuaria fabricando clones...

— Está certo. Por quê não? — respondeu, por fim.

— Eu sei, e sinto muito — disse Luke.

— Esqueça. Como quer fazer?

— Lando e eu vamos apanhar Mara. Você e Chewie decolam com o *Falcon* e nos apanham. Não esqueçam de levar os dróides.

— Certo — disse Han, sentindo o lábio formar um sorriso irônico. Já não bastava deixar Leia e as crianças para invadir outra fortaleza do Império... tinha também de levar Threepio. A coisa ficava cada vez melhor. — Você pegou a alga eletrônica que Chewie fabricou para o dróide?

— Está aqui. Sei onde colocá-la, também.

— Não erre. Se um dróide G-2RD der o alarme, vai ter de cortar a cabeça dele para silenciá-lo.

— Pode deixar — disse Luke. — Vamos encontrá-lo onde escondemos aquela nave noghri... Chewie sabe onde é.

Voltou-se e caminhou até a porta.

— Boa sorte — desejou Han, em voz baixa. — E você? O que está olhando?

O noghri baixou a cabeça.

— Não quis ofender, consorte da Lady Vader — assegurou ele.

Voltou-se e continuou a examinar a parede.

Han olhou em volta, procurando Leia. Havia concordado em partir naquela noite; porém não iria a lugar nenhum até despedir-se da esposa. Em particular.

O Imperador levantou as mãos, enviando cascatas de faíscas contra seus inimigos. Os dois homens hesitaram perante o contra-ataque e Mara observou, nutrindo a esperança agoniada de que o final daquela vez fosse diferente. Mas, não. Vader e Skywalker endireitaram-se, e com um grito quase eletrônico de raiva, levantaram os sabres-laser...

Mara acordou, a mão procurando embaixo da cama o desintegrador que não estava lá. O grito que soara no sonho fora o alarme do dróide G-2RD, ao lado de fora do quarto. Um alarme que fora cortado pela metade...

Do outro lado do aposento, a fechadura abriu-se. Mara procurou sobre a cama a prancheta de leitura que estivera consultando... assim que a porta se abriu, atirou-a com toda a força na direção do vulto parado ali.

O projétil improvisado nunca chegou a atingir o alvo. A figura levantou uma das mãos e a prancheta parou, imóvel, no ar.

— Está tudo bem, Mara. Sou eu... Luke Skywalker. Mara projetou os sentidos na direção do intruso e descobriu que ele não mentia.

— O que você quer? — indagou ela.

— Estamos aqui para libertar você — explicou ele, acendendo a luz da escrivaninha. — Vamos... você precisa se vestir.

— Preciso, é? — repetiu ela, estreitando os olhos contra a luz ofuscante. — Se importa de dizer onde vamos?

— Vamos para Wayland — esclareceu ele, franzindo a testa. — Leia disse que você era capaz de encontrá-lo.

— E, foi o que eu disse a ela. Mas não falei nada sobre levar alguém para lá.

— Mas você precisa nos levar, Mara — afirmou Skywalker, com o mesmo idealismo irritante que a impedira de matar C'baoth. — Estamos à beira de começar uma nova Guerra Clônica. Não podemos permitir que isso aconteça.

— Pois vá impedir. Essa guerra não é minha, Skywalker. Porém as palavras não passavam de uma reação reflexa e ela sabia disso. No minuto em que contara a Organa Solo sobre o depósito do Imperador, tinha se comprometido com esse lado da guerra e isso significava fazer o que era preciso, mesmo que isso incluísse levá-los a Wayland.

Com todo o treino Jedi que possuía, Skywalker devia saber disso, também. Felizmente teve o bom senso de não lhe atirar os fatos ao rosto.

— Muito bem, então espere lá fora. Saio num minuto — disse ela.

Enquanto se vestia, teve tempo de verificar a área em volta com seus sentidos Jedi ainda em desenvolvimento e não ficou surpresa ao encontrar Calrissian aguardando com Skywalker ao lado de fora. Mas ficou surpresa com a condição de seu dróide-carcereiro. Pelo alarme interrompido esperava

encontrá-lo em vários pedaços; ao invés disso, estava intacto ao lado de sua porta, tremendo de raiva ou frustração.

— Colocamos uma algaema eletrônica nele — explicou Skywalker, sem que ela precisasse formular a pergunta.

Mara examinou o dispositivo preso ao lado do dróide.

— Não sabia que se podia fazer isso com dróides-carcereiros.

— Não é fácil, mas Han e Chewie sabiam como fazer — contou ele, enquanto corriam na direção dos turboelevadores. — Acharam que isso iria tornar a fuga da prisão mais difícil de perceber.

Fuga da prisão. Mara examinou o perfil de Skywalker, encarando tudo sob uma nova perspectiva. Lá estava ele: Luke Skywalker, Cavaleiro Jedi, herói da Rebelião, baluarte da lei e da justiça... e acabava de desafiar todo o sistema sob o qual vivia, contrariando Mon Mothma, para retirar a ela, Mara Jade, uma contrabandista a quem ele não devia nada e que, ainda por cima, tinha prometido matá-lo.

Tudo por ter pressentido o que precisava ser feito. E confiava nela para ajudá-lo.

— Um belo truque — murmurou Mara, olhando o corredor à medida que corriam, os olhos e a mente em estado de alerta.

— Vou pedir a Solo que me ensine.

Calrissian aterrisou a moto aérea no que parecia ser um espaçoporto particular. O *Millenium Falcon* já se encontrava lá e um Chewbacca nervoso e impaciente mantinha a escotilha aberta para eles.

— Já não era sem tempo — reclamou Han quando entraram na cabine. — Muito bem, Mara, para onde vamos?

Ela reparou que mal haviam se acomodado e a nave já flutuava. Han devia estar tão ansioso como Chewbacca.

— Estabeleça o curso para Obroa-skai — disse ela. — Essa foi a última parada antes de Wayland na viagem que fiz. Acho que posso reconstituir o caminho, talvez antes de chegarmos lá.

— Vamos esperar que sim — disse Solo, digitando as coordenadas. — E melhor colocarem o cinto logo... vamos passar para o hiperespaço assim que for possível.

Mara acomodou-se na poltrona atrás de Han e Skywalker acomodou-se na outra.

— Que tipo de força de ataque estamos levando?

— Está olhando para ela — respondeu Solo. — Eu, você, Luke, Lando e Chewie.

— Certo... não acha que estamos exagerando um pouco? — indagou ela,

engolindo em seco.

Cinco contra as possíveis defesas que Thrawn tivesse designado para sua base de importância vital. Maravilhoso.

— Não tínhamos mais do que isso em Yavin — lembrou Solo. — Nem em Endor.

— Sua confiança me comove — declarou, olhando para as costas dele e tentando sentir raiva.

Tudo o que sentiu foi uma espécie de dor amortecida.

— Você sempre pode obter vantagem, não fazendo o que o outro lado espera que você faça... me lembre algum dia de contar como consegui fugir de Hoth.

Atrás deles a porta deslizou e Chewbacca entrou na cabine.

— Tudo certo lá atrás? — quis saber Solo.

O wookie rugiu algo que parecia uma afirmação.

— Ótimo. Verifique os abafadores aluviais... a leitura estava em vermelho agora há pouco.

Mais um grunhido e Chewbacca começou a trabalhar.

— Antes que eu esqueça, Luke — continuou Solo. — Você fica encarregado dos dróides lá atrás. Não quero ver Threepio brincando com nenhum equipamento, a menos que Lando ou Chewbacca esteja com ele. Certo?

— Tudo bem — respondeu Skywalker, percebendo o olhar de Mara. — É que Threepio tem tempo sobrando e anda se interessando por mecânica.

— E é péssimo nisso — completou Solo. — Muito bem, Chewie, apronte-se. Lá vamos nós.

Ele moveu os manetes do hiperdrive, alterando o céu... e logo estavam a caminho, à velocidade da luz. Cinco combatentes, para invadir uma fortaleza do Império.

Mara olhou para Skywalker. O único homem que confiava nela era o mesmo que tinha de matar.

— Seu primeiro comando desde que desistiu de sua patente militar — comentou o Jedi, no silêncio que se seguiu.

— É. Vamos esperar que não seja o último — disse Solo.

— A força-tarefa do *Belicoso* chegou, capitão — avisou o oficial de comunicações para a ponte do *Quimera*. — O capitão Aban informa que todas as naves estão em condições de batalha e pede as ordens finais.

— Passe as ordens para ele, tenente — instruiu Pellaeon. Observava, através do visor, um novo grupo de luzes de navegação a estibordo e tentava suprimir a apreensão que se espalhava como fumaça envenenada em suas estranhas. Não havia problema que Thrawn reunisse a elite experiente do

Império para o que parecia um ataque de efeito a Coruscant; o que não parecia tranquilizador era a possibilidade de que de que o ataque não parasse por aí. C'baoth encontrava-se a bordo e a única coisa que ele conseguia pensar nos últimos dias parecia ser Organa Solo e seus gêmeos. Ele já demonstrara sua habilidade de controlar a tripulação do *Quimera*, uma brincadeira arrogante que havia atrasado a operação principal por várias horas. Se decidisse tentar outra vez no meio da batalha...

Pellaeon fez uma careta, tentando expulsar as fantasmagóricas memórias da derrota em Endor. A segunda Estrela da Morte findara ali, junto com o destróier de Vader, o *Executor* e muitos dos melhores e mais experientes combatentes do corpo de oficiais. Se a interferência de C'baoth precipitasse um desastre daquelas proporções... se o Império perdesse o Grande Almirante Thrawn e o melhor de sua força em destróieres estelares, talvez nunca mais se recuperasse.

Ainda observava a reunião da frota, tentando diminuir as preocupações, quando um sentimento de intranquilidade irrompeu na ponte. Mesmo sem se voltar, soube qual era o motivo.

C'baoth estava lá.

A poltrona de comando e o ysalamiri protetor encontravam-se a mais de doze passos de distância... longe demais para caminhar sem dar na vista. Nenhum dos outros ysalamiri da ponte estavam ao seu alcance, tampouco. Não adiantaria nada sair correndo como um animal assustado no meio da tripulação, mesmo que C'baoth deixasse.

E se o Mestre Jedi resolvesse paralisá-lo como fizera com toda a tripulação em Bilbringi...

Um arrepio percorreu as costas de Pellaeon. Vira os relatórios médicos dos que se recuperavam na enfermaria e não tinha a menor vontade de passar por aquilo. Além do desconforto e da confusão emocional, tal humilhação pública diminuiria sua autoridade.

Só podia esperar que fosse dar a C'baoth o que ele desejava sem parecer fraco e servil. Voltando-se para o Mestre Jedi, lembrou que essa mesmo sentimento de medo da humilhação fora o que iniciara a ascensão do Imperador ao poder.

— Mestre C'baoth. O que posso fazer pelo senhor? — indagou ele.

— Quero uma nave preparada para meu uso. Imediatamente — anunciou C'baoth, o olhar brilhando com um estranho fogo interior. — Com autonomia suficiente para me levar até Wayland.

— Até... Wayland?

— Isso mesmo. Há muito tempo que eu avisei que assumiria o comando por lá. Chegou o momento.

— Tive a impressão de que havia concordado em coordenar o ataque a Coruscant — observou o capitão.

— Mudei de idéia — interrompeu C’bath.

— Aconteceu alguma coisa em Wayland?

C’bath olhou para Pellaeon, que teve a estranha impressão de só então ter sido notado.

— O que acontece ou deixa de acontecer em Wayland não é problema seu, capitão Pellaeon. Sua única preocupação é conseguir uma nave para mim — declarou C’bath, olhando a seguir para fora. — Ou será que eu mesmo preciso escolher?

Um movimento na parte traseira da ponte chamou a atenção de Pellaeon: era o Grande Almirante Thrawn, chegando de sua sala de comando para verificar os preparativos finais para o ataque a Coruscant. Os olhos vermelhos relancearam pelo ambiente, reparando na presença de C’bath, e parando um instante para verificar a postura de Pellaeon; virou a cabeça e um soldado portando um ysalamiri avançou até o seu lado. Juntos, aproximaram-se.

— Você irá me preparar uma nave, Grande Almirante Thrawn — declarou o Mestre Jedi. — Quero viajar para Wayland imediatamente.

— Quer mesmo? — indagou Thrawn, aproximando-se do capitão. Por fim o soldado ficou entre os dois oficiais, envolvendo Pellaeon na bolha da Força. — Posso saber por quê?

— Os motivos são pessoais. Pretende questioná-los?

Por um instante, o capitão acreditou que seu superior fosse aceitar o desafio.

— De forma alguma. Se deseja viajar para Wayland, pode fazer isso agora mesmo. Tenente Tschel?

— Senhor? — respondeu um jovem no poço da tripulação a bombordo.

— Envie um sinal para a *Cabeça da Morte*. Informe ao capitão Harbid que o galeão estelar *Draklor* deve ser destacado do grupo e colocado à minha disposição. Eu providencio soldados e passageiros.

— Sim, Grande Almirante — respondeu o tenente, caminhando para o console de comunicação.

— Não pedi soldados, nem passageiros, Grande Almirante Thrawn — protestou C’bath.

— Estou planejando há algum tempo mandar o general Covell para assumir o comando da guarnição do monte Tantiss e preciso também completar o número de soldados lá. Parece um bom momento para fazer isso.

O Mestre Jedi olhou para Pellaeon, depois para Thrawn.

— Está certo — concedeu ele. — Mas a nave vai ser *minha*... não de Covell. *Eu* dou as ordens.

— Mas claro, Mestre C'baoth — concordou o Grande Almirante. — Vou informar ao general.

— Certo... — A boca de C'baoth murmurou a palavra por trás da barba branca. Por um instante, Pellaeon pensou que ele fosse perder outra vez o controle. A cabeça inclinou-se para o lado, mas logo a seguir ele recuperou-se. — Certo... estarei em meus aposentos. Me chamem quando a nave estiver pronta.

— Como quiser — respondeu Thrawn.

C'baoth atirou mais um olhar penetrante a cada um deles, depois afastou-se.

— Informe o general Covell dessa mudança de planos, capitão. O computador tem uma lista de soldados e membros da tripulação designados como moldes de clones; os ordenanças de Covell se encarregarão de que sejam colocados a bordo do *Draklor*, juntos com uma companhia formada pelos melhores soldados.

Pellaeon franziu a testa. Os soldados de Covell... e o próprio general, haviam sido designados para substituir as tropas de choque que abriam caminho até Qat Chrystac.

— O senhor acredita que o monte Tantiss esteja em perigo?

— Em perigo imediato, não — disse Thrawn. — Ainda assim, é possível que nosso dileto Mestre Jedi tenha preparado alguma coisa... como deixar os nativos descontentes, ou algo parecido. E melhor não arriscar.

— Isso teria algo a ver com os Rebeldes? — indagou o capitão, olhando para a estrela que era o sol de Coruscant.

— E improvável. Não há indicação que suspeitem sequer da existência de Wayland, quanto mais para planejar uma ação de ataque. Se e quando isso acontecer, teremos notícias prévias sobre as intenções dos Rebeldes.

— Via Fonte Delta.

— E via canais regulares da Inteligência — completou o Grande Almirante, sorrindo de leve. — Ainda perturba você, o fato de receber informações de uma fonte que não compreende?

— Um pouco, senhor — admitiu o capitão.

— Considere como uma oportunidade de construir confiança. Algum dia vou explicar a Fonte Delta para você. Mas ainda não chegou a hora.

— Sim, senhor.

Pellaeon olhava para a frente, por onde C'baoth tinha saído. Alguma coisa perturbava sua mente, com relação a C'baoth e Wayland. Não sabia o que, mas a sensação persistia.

— Parece perturbado, capitão — disse Thrawn. Pellaeon sacudiu a cabeça.

— Não gosto da idéia dele ficar no monte Tantiss, Grande Almirante. Mas não sei porque. Simplesmente não gosto.

Thrawn seguiu-lhe o olhar.

— Eu não me preocuparia tanto com isso, capitão. Na verdade, é mais uma solução do que um problema.

— Não entendo, senhor...

— Tudo na hora certa, capitão. Mas agora vamos aos assuntos mais urgentes. Minha nave-capitânia está pronta?

Pellaeon sacudiu os pensamentos da cabeça. Aquele momento, no centro do território da Rebelião, não era hora para temores infundados.

— O *Quimera* está à sua disposição, Grande Almirante.

— Ótimo — comentou Thrawn, relanceando os olhos pela ponte, depois para o capitão. — Veja se o resto da força-tarefa está pronto, enquanto esperamos que o *Draklor* possa partir e sair do sistema. E depois... depois vamos mostrar à Rebelião como é que se luta uma guerra.

Ficaram ali, em silêncio: Mara e Luke, aguardando que a sombra encapuzada se colocasse entre eles, com a lâmina de um sabre-laser brilhando na mão. Atrás, havia a figura de um velho, com expressão de loucura no olhar e faíscas azuis brotando das mãos estendidas. A sombra parou e levantou sua arma. Luke afastou-se de Mara, erguendo o próprio sabre-laser, a mente repleta de horror e medo...

Os alarmes soaram na suíte, e o som vindo do corredor acordou Leia fragmentando as imagens do pesadelo em pedaços de cor indefinida.

Seu primeiro pensamento foi de que o alarme fosse para Luke e Mara; a segunda possibilidade que lhe ocorreu foi outro ataque de comandos do Império. Então despertou o suficiente para reconhecer o tom das sirenes. Era pior ainda.

Coruscant estava sofrendo um ataque.

Do outro lado do quarto, os gêmeos começaram a chorar.

— Winter! — gritou Leia, providenciando o que era possível em termos de conforto mental para os filhos.

Winter já assomara à porta do quarto, colocando seu roupão.

— E um alerta de ataque espacial — disse ela a Leia.

— Eu sei. Tenho de chegar à sala de guerra imediatamente.

— Tem certeza de que está bem?

— Tive um pesadelo, só isso — respondeu Leia, enfiando um par de botas nos pés. Winter parecia adivinhar tudo o que pensava. — Luke e Mara estavam combatendo alguém. E não acho que esperavam ganhar.

— Tem certeza que era só um sonho?

— Para dizer a verdade, não sei — admitiu Leia, imaginando que poderia ser uma premonição Jedi. — Não. Tinha de ser um sonho. Luke iria saber se C'baoth ou outro Jedi do Mal estiver lá. Não arriscaria continuar com a missão nessas circunstâncias.

— Espero que não — concordou Winter, sem parecer entusiástica sobre o assunto.

— Não se preocupe. Foi só um sonho ativado pelos alarmes. Tome conta dos gêmeos, sim?

— Vamos vigiá-los.

Vamos? Leia olhou ao redor, e pela primeira vez divisou Mobvekhar e os outros dois noghri nas sombras ao lado do berço. Não estavam ali quando ela fora dormir, o que significava que devem ter vindo da suíte principal quando o alarme soou. Sem que ela percebesse.

— Pode ir sossegada, Lady Vader — disse solene Mobvekhar. — Nada de mal acontecerá a seus herdeiros.

— Sei disso. Volto assim que puder — avisou para Winter. Apanhou o comunicador sobre o criado-mudo, pensou em ligar para obter informações, mas colocou o aparelho no bolso da túnica. A última coisa que precisavam na sala de guerra naquele momento era parar para explicar o que estava acontecendo.

Ajustou o sabre-laser ao cinto e saiu.

O corredor estava cheio com seres de todos os tipos, alguns deles cuidando da própria vida, o restante perambulando confusos, ou pedindo informações aos guardas da Segurança. Leia ultrapassou os guardas e um grupo de assessores militares que discutia acaloradamente, e prosseguiu em direção aos turboelevadores. Um carro lotado preparava-se para partir. Dois dos ocupantes, provavelmente reconhecendo a conselheira Organa Solo cederam o lugar a ela. A porta fechou-se, quase prensando dois minúsculos Jawa que embarcaram no último instante e o turboelevador desceu.

Toda a parte inferior do palácio era reservada às operações militares, começando com os escritórios de apoio na periferia, e prosseguindo para dentro, com os escritórios de Ackbar, Drayson e outros comandantes, até chegar às áreas vitais e sensíveis, ao centro. Leia identificou-se onde foi necessário, passou entre dois guardas wookiee e chegou às portas blindadas da Sala de Guerra.

Poucos minutos depois do soar do alarme, o lugar já parecia um caos custosamente contido, com militares arrancados ao sono andando de um lado para outro, procurando seus postos de combate. Uma única olhada ao monitor tático principal bastou para justificar tamanho furor: oito Cruzadores Interceptadores do Império se deslocavam em formação esparsa no Setor Quatro, com os cones atenuadores de hiperdrive bloqueando qualquer entrada ou saída na região imediata de Coruscant. Enquanto observava, um novo grupo de naves apareceu ao centro da formação: mais dois Interceptadores e oito Dreadnaught da Frota *Katana*.

— O que está acontecendo? — indagou uma voz desconhecida atrás de Leia.

Ela voltou-se. Um jovem... quase um garoto... estava em pé, franzindo a testa para todo aquele movimento. Por um instante, Leia não o reconheceu;

então sua memória deu um estalo: era Ghent, o especialista em computadores que Karrde emprestara para ajudar a quebrar o código bancário que comprometera o almirante Ackbar. Esquecera-se de que o rapaz ainda se encontrava em Coruscant.

— E um ataque do Império — explicou ela.

— Ah... eles podem fazer isso?

— Estamos em guerra — lembrou ela pacientemente. — Numa guerra você pode fazer tudo o que o outro lado não conseguir impedir. Como entrou aqui, afinal?

— Ah, eu fiz um código de acesso para mim mesmo — respondeu Ghent, ainda com os olhos presos ao monitor tático. — Não tenho tido muito o que fazer ultimamente. Vocês vão conseguir impedi-los?

— Pode ficar certo de que vamos tentar — afirmou Leia, olhando ao redor. Avistou o general Rieekan. — Fique fora do caminho e não toque em nada.

Deu dois passos em direção ao general, quando sua mente teve uma idéia. Ghent, que fizera um cartão de acesso, só porque não tinha nada melhor para fazer...

Girou, voltou para o jovem e agarrou-lhe o braço.

— Pensando melhor, venha comigo — disse ela, conduzindo-o para uma porta ao lado da sala de guerra, cuja tabuleta dizia: CRIPTOGRAFIA.

Digitou as teclas adequadas e a porta deslizou. Entraram. Tratava-se de uma sala de bom tamanho, repleta de computadores, técnicos em decifrar códigos e dróides-interface.

— Quem é o encarregado aqui? — perguntou ela, fazendo com que um par de cabeças se voltasse em sua direção.

— Sou eu — identificou-se um homem de meia-idade ostentando divisas de coronel.

Recuou um passo do console para único metro quadrado livre do aposento.

— Sou a Conselheira Leia Organa Solo. Esse é Ghent, perito em quebrar códigos. Tem uso para os serviços dele?

— Não sei — afirmou o coronel, examinando o recém-chegado. — Já penetrou algum código de batalha do Império, Ghent?

— Não. Nunca vi um. Mas já decifrei alguns códigos de comunicação militar.

— Quais?

— Bem, havia um que chamava, se não me engano... programa Lépedo. Ah, sim, e resolvi o código ILKO quando tinha doze anos. Aquele foi difícil... levei quase dois meses para decifrar — declarou Ghent, com

naturalidade.

Alguém assobiou.

— Isso é bom? — quis saber Leia.

— Eu diria que sim, conselheira. ILKO foi um dos principais códigos que o Império utilizou para transferir dados entre Coruscant e o estaleiro que fabricou a primeira Estrela da Morte, em Horuz. Nos levamos um mês para decifrá-lo — explicou o coronel, olhando com respeito para Ghent. — Vamos lá, filho. Se você gostou do ILKO, vai adorar os códigos de combate. Temos um console para você bem aqui.

O rosto de Ghent iluminou-se e ele já se acomodava quando Leia retornou à sala de guerra.

Para descobrir que havia uma batalha em andamento.

Seis destróieres estelares do Império haviam chegado do hiperespaço exatamente ao centro do grupo formado pelos cruzadores. Dividiram-se em dois grupos de três e cada um rumou para uma estação de batalha Golan III. Os caças TIE enxameavam ao redor das naves maiores, dirigindo-se para os defensores que começavam a emergir do estaleiro em baixa órbita e da superfície de Coruscant. No monitor principal, flashes ocasionais de turbolaser apareciam, à medida que ambos os lados começavam a disparar.

O general Rieekan estava a alguns passos do console de comando quando Leia chegou ao lado dele.

— Princesa... — saudou ele, com um aceno respeitoso.

— General — retribuiu ela, olhando com preocupação para os monitores.

O escudo planetário de Coruscant encontrava-se ativado e as estações terrestres de combate atingiam o estado de prontidão. Uma segunda onda de caças asa-X e asa-B decolavam dos espaçopostos.

Em pé no posto de comando, emitindo ordens para todos à vista, estava o almirante Drayson.

— *Drayson?*

— Ackbar está em viagem de inspeção na região de Ketaris — explicou Rieekan. — Isso deixa Drayson encarregado do combate.

Leia olhou para o monitor principal, com um sentimento desagradável na boca do estômago. Drayson era competente, porém contra o Grande Almirante Thrawn, competência não era o bastante.

— A frota no setor Ketaris já foi avisada? — indagou Leia.

— Fizemos isso antes que o escudo fosse ativado — informou Rieekan. — Infelizmente, uma das primeiras coisas que o Império atingiu foi a estação de retransmissão extra-orbital, portanto não há forma de saber se receberam ou não a mensagem. Não sem abaixarmos o escudo.

— Isso significa que não pretendem apenas deslocar forças para atacar outros setores — raciocinou Leia. — Se a intenção fosse essa, eles nos dariam tempo de enviar vários pedidos de socorro.

— Concorde. Seja o que for que Thrawn pretende, é conosco mesmo.

Leia assentiu, os olhos presos ao monitor principal. Os destróieres haviam entrado no raio de fogo da estação de combate e a escuridão do espaço começou a brilhar com disparos tur-bolaser mais pesados. Fora do alcance, os Dreadnaught e outras naves de apoio formavam ao redor dos destróieres, para protegê-los dos caças que se aproximavam.

No monitor, um brilho de luz esbranquiçada foi projetada para cima, a partir da superfície, na direção das naves inimigas.

— É um desperdício de energia — comentou Rieekan em voz baixa. — Estão fora de alcance.

Leia sabia que mesmo estando dentro do alcance, as descargas dos canhões iônicos, que danificavam a eletrônica, teriam tanta chance de atingir o inimigo quanto a própria estação orbital de defesa. Canhões iônicos não eram famosos por sua precisão.

— Precisamos colocar outra pessoa no comando — disse ela, olhando ao redor para ver se encontrava Mon Mothma, para persuadi-la a colocar Rieekan no comando.

De repente, seus olhos pararam. Contra a parede traseira, olhando para o monitor principal, estava Sina Leikvold Midanyl assessora principal do general Garm Ben Iblis... considerado mais do que competente. — Já volto — anunciou ela a Rieekan.

— Conselheira Organa Solo — disse Sina, assim que avistou Leia. — Me disseram para observar e não atrapalhar. Pode me explicar o que está acontecendo?

— O que está acontecendo é que precisamos de Garm — disse Leia, olhando ao redor. — Onde está ele?

— Na galeria de observação — disse ela, acenando para cima, em direção ao balcão semicircular que corria pela metade traseira da sala de guerra.

Leia olhou para lá. Seres de todos os tipos começavam a encher as dependências da galeria... a maior parte civis do governo, que possuía autorização para aquele andar, mas não para a sala de guerra. Sentado de lado, fitando o monitor principal, estava Bel Iblis.

— Traga ele para cá — disse Leia. — Precisamos dele.

— Ele não vai descer — disse Sina, balançando a cabeça. — Não até que Mon Mothma peça a ele. Cito as palavras dele.

Leia sentiu o estômago apertar-se. Bel Iblis tinha uma boa dose de

orgulho, mas aquele não era o momento para rixas pessoais.

— Ele não pode fazer isso. Precisamos da ajuda dele — insistiu ela.

Sina balançou outra vez a cabeça.

— Já tentei. Ele não me escuta.

— Talvez escute a mim — disse Leia, suspirando.

— Espero que sim. — Sina fez um gesto, indicando o monitor, onde um dos Dreadnaught de Bel Iblis aparecera para juntar-se às naves de defesa. — Aquele é o *Harrier*. Meus filhos Peter e Dayvid estão a bordo.

— Não se preocupe, vou trazer Bel Iblis para cá — garantiu Leia, colocando a mão no ombro da outra.

A parte central da galeria encontrava-se apinhada quando ela chegou lá. Porém a área ao redor de Bel Iblis estava vazia

— Oi, Leia — cumprimentou ele. — Pensei que estivesse lá embaixo.

— E onde eu devia estar... e você também — disse Leia.

— Precisamos de você no comando.

— Está com seu comunicador? — interrompeu ele.

— Estou — respondeu Leia, franzindo a testa.

— Então use agora. Chame Drayson e avise sobre aqueles dois Interceptadores.

Leia olhou para o monitor. Os dois cruzadores Interceptadores que chegaram por último estavam realizando manobras conjuntas, focalizando os cones de força gravitacional numa das estações de combate Golan III.

— Thrawn aplicou esse truque em Qat Chrystac — continuou Bel Iblis. — Ele utiliza os Interceptadores para definir uma faixa de hiperespaço, depois traz uma nave no vetor de intersecção, para sair naquele ponto preciso. Drayson precisa posicionar naves nos flancos da estação para lidar com os atacantes que chegarem.

Leia apanhava o comunicador no bolso.

— Mas não temos nada aqui capaz de infligir dano a um destróier estelar — protestou ela.

— Não se trata bem de infligir dano, pois a nave que vier, chegará com os defletores desativados e sem referências de alvo. Se nossas naves estiverem no local, terão chance de disparar um único tiro contra os atacantes — explicou Bel Iblis.

— Isso pode fazer muita diferença.

— Certo — assentiu Leia, digitando a chamada no comunicador. — Aqui é a Conselheira Leia Organa Solo. Tenho uma mensagem urgente para o almirante Drayson.

— O almirante Drayson está ocupado e não pode ser perturbado — articulou uma voz eletrônica.

— Essa é uma chamada oficial do Conselho. Ponha Drayson na linha.

— Análise de voz confirmada. A chamada oficial do Conselho não tem prioridade sobre o procedimento militar de emergência. Pode deixar um recado para o almirante.

Leia olhou o monitor, suspirando para não perder a paciência.

— Nesse caso, quero falar com o ordenança do almirante. — O tenente DuPre está ocupado...

— Tarde demais — avisou Bel Iblis, em voz baixa.

Ela voltou os olhos de novo para o monitor principal, observando dois destróieres classe Victory que surgiram do hiperespaço, atirando à queimadura sobre a estação orbital, exatamente como Bel Iblis previra. Em seguida saíram do local, antes que a estação ou as naves que a defendiam pudessem responder aos disparos. No monitor, a nuvem azulada que assinalava o escudo defletor piscou várias vezes antes de firmar-se.

— Drayson não é páreo para ele — suspirou Bel Iblis.

— Você precisa descer, Garm.

— Não posso — respondeu o senador, balançando a cabeça. — Não até que Mon Mothma me peça.

— Você está se comportando como uma criança — afirmou Leia, desistindo da diplomacia. — Não pode deixar as pessoas morrerem só por causa do seu orgulho.

Ele encarou-a; ao devolver o olhar, Leia percebeu a dor contida ali.

— Você não entende, Leia. Isso não tem nada a ver comigo. Tem a ver com Mon Mothma. Depois de tantos anos, afinal entendo porque ela faz as coisas dessa maneira. Sempre presumi que ela queria reunir mais poder porque gostava de poder. Mas eu estava errado.

— Então *por quê* ela age assim? — indagou Leia, sem vontade de falar sobre Mon Mothma.

— Porque em tudo o que ela faz, coloca vidas em risco — explicou Bel Iblis. — E fica apavorada em colocar essa responsabilidade nas mãos de outros.

Leia chegou a abrir a boca para negar a afirmação, quando alguns momentos dos anos passados encaixaram-se com perfeição na hipótese do senador. Todas as missões diplomáticas que recebera, ao custo de não haver tempo disponível para seu treinamento Jedi nem para a família. Toda a confiança que investira em Ackbar e em alguns poucos; toda a responsabilidade era transferida para recair sobre poucos ombros.

Nos ombros dos que ela achava que podia confiar para fazerem um bom trabalho.

— Por isso, eu não posso descer lá e assumir o comando. Até que ela

seja capaz de me aceitar... de verdade... como alguém em quem possa confiar, ela não será capaz de me passar autoridade verdadeira na Nova República. Ela sempre vai precisar estar por perto, olhando por sobre meus ombros para garantir que eu não cometa erros. Mon Mothma não tem tempo para isso, nem eu tenho paciência e o atrito seria devastador para alguém apanhado entre os dois — declarou Bel Iblis, olhando para a sala de guerra. — Quando ela estiver pronta para confiar em mim, estarei pronto para servir. Até lá, é melhor para todos que eu permaneça de fora.

— Exceto para aqueles que estão morrendo no espaço — lembrou Leia. — Deixe que eu fale com ela, Garm. Talvez possa persuadi-la a colocar você no comando.

— Se você tiver que convencê-la, então não vale. Ela precisa decidir por ela mesma.

— Talvez ela já tenha decidido — afirmou a voz de Mon Mothma, atrás deles.

Leia voltou-se, surpresa. Com a atenção concentrada em Bel Iblis, não percebera a aproximação da mulher mais velha. Sentiu-se culpada por ter sido apanhada falando dela pelas costas.

— Mon Mothma. Eu...

— Está tudo bem, Leia. General Bel Iblis... Ele levantou-se para encará-la.

— Sim?

— Tivemos mais diferenças do que devíamos ao longo dos anos, general — começou Mon Mothma. — Mas isso foi há muitos anos. Já formamos uma boa equipe. Não há motivo para que não possamos fazer isso outra vez.

Ela hesitou novamente; com a percepção aguçada, Leia reparou como aquilo era difícil para ela. Sentia-se humilhada ao aproximar-se para pedir ajuda ao homem que já lhe voltara as costas. Se Bel Iblis fizesse questão de ouvir as palavras exatas para curvar-se...

— Mon Mothma — disse ele, em tom formal, surpreendendo Leia. — Dadas as condições dessa emergência, eu nesse instante peço sua permissão oficial para assumir o comando da defesa de Coruscant.

As linhas ao redor dos olhos de Mon Mothma suavizaram-se e um brilho de alívio surgiu.

— Eu seria grata se fizesse isso, Garm. Ele sorriu.

— Então, vamos até lá — convidou ele.

Juntos, dirigiram-se para as escadas que levavam ao piso principal da sala de guerra; com um sentido humilde das próprias limitações, Leia compreendeu que perdera metade do que presenciara. A longa e acidentada história que Mon Mothma e Bel Iblis haviam partilhado, dera a ambos uma

empatia e uma ligação bem além do que o poder Jedi de Leia podia perceber. Talvez essa mesma empatia tivesse formado a verdadeira força da Nova República. A força que poderia criar o futuro da Galáxia.

Se pudessem agüentar as próximas horas.

Esfregando as mãos, Leia correu atrás deles.

Um par de canhoneiras corellian passou pelo *Quimera*, espalhando uma rajada turbolaser sobre o escudo defletor. Uma esquadrilha de caças TIE estava bem atrás deles, realizando uma manobra para flanqueá-los e melhorar o ângulo de tiro. Além deles, Pellaeon avistou uma fragata de escolta, no vetor de interceptação da rota de escape das canhoneiras.

— Esquadrilha a-quatro, rumem para o setor vinte e dois — ordenou Pellaeon.

Até então, por tudo quanto sabia, a batalha corria bem.

— Lá vão eles — comentou Thrawn, a seu lado.

— Onde?

— Estão se preparando para retirar — disse Thrawn, apontando dois Dreadnaught dos rebeldes, que se haviam juntado à batalha. — Observe como aquele Dreadnaught está se movendo em posição de cobrir a retirada. Veja... o segundo está se juntando a ele.

Pellaeon franziu a testa, olhando para as naves indicadas, sem entender as manobras apontadas. Porém, nunca vira o Grande Almirante errar nesse tipo de previsão.

— Estão abandonando a estação orbital?

— Para começar, eles nunca deveriam ter trazido essas naves para defender a estação — afirmou Thrawn. — As plataformas de defesa Golan suportam muito mais do que o ex-comandante acreditava.

— Ex-comandante?

— Isso. Numa estimativa, eu diria que nosso velho adversário corellian assumiu o comando das defesas de Coruscant. Imagino porque teria demorado tanto.

Pellaeon deu de ombros, estudando o cenário da batalha. O Grande Almirante estava certo: os defensores começavam a retirar-se.

— Talvez tivessem de ir acordá-lo.

— Talvez. Agora o corellian nos oferece uma escolha: podemos ficar e duelar com a estação orbital, ou seguir os defensores. Aí entramos no raio de alcance das armas planetárias. Felizmente temos uma terceira opção.

— Sim, senhor — disse o capitão, que já se perguntava quando o superior iria utilizar sua brilhante estratégia de sítio.

— Posso ordenar o lançamento?

— Vamos esperar que o corellian recue mais suas naves — afirmou Thrawn. — Não queremos perder a oportunidade.

— Entendido.

Recuando para sua poltrona de comando, Pellaeon acomodou-se e confirmou o estado de prontidão dos raios tratores e dos asteróides.

— *Harrier*, comece a recuar... cubra aquelas fragatas de escolta, no flanco de bombordo. Vermelho Líder, cuidado com aqueles caças — disse Bel Iblis, no posto de comando.

Leia observava o monitor principal, prendendo o fôlego. Parecia que ia funcionar. Sem vontade de arriscar-se até o raio de alcance das armas baseadas em terra, o Império permitia que as naves recuassem até Coruscant. Aquilo deixava apenas as duas estações orbitais de combate em perigo e elas eram capazes de agüentar muito mais do que Leia imaginara, a princípio. Não iria durar muito, pois o Grande Almirante sabia que não deveria estar ali quando chegasse a frota que protegia o setor. Estava quase terminado e parecia que tudo acabaria bem.

— General Bel Iblis? — chamou um oficial de uma das estações. — Estamos obtendo uma leitura esquisita do hangar do *Quimera*.

— O que foi? — indagou Bel Iblis, aproximando-se do oficial para olhar o monitor.

— Parece com uma leitura de raios tratores ativados — informou o militar, apontando uma região multicolorida no centro da tela. — Mas a potência envolvida é muito grande.

— Será que eles estariam lançando uma esquadrilha TIE, todos juntos? — sugeriu Leia.

— Não acredito. Esse é o outro ponto estranho. Pelos nossos sensores, nada deixou o hangar.

Ao lado de Leia, o general enrijeceu.

— Calcule o vetor de lançamento — ordenou ele. — Todas as naves: focalizem os sensores ao longo desse vetor. Acho que o *Quimera* acaba de lançar uma nave camuflada.

Alguém por perto praguejou. Leia olhou para o monitor principal com um pressentimento ruim, recordando-se da conversa que ela e Han tiveram com o almirante Ackbar. O almirante estivera convencido de que os perigos do uso de naves camufladas, impedidas de usar os próprios sensores, as transformavam numa arma pouco eficiente. Mas se Thrawn tivesse encontrado uma forma de resolver esse problema...

— Estão disparando outra vez — anunciou o oficial.

— A mesma coisa está acontecendo com a *Mão da Morte* — avisou outro operador de sensores.

— Sinalize para que as estações orbitais disparem ao longo desse vetor. Tão perto dos destróieres quanto possível — ordenou Bel Iblis. — Precisamos descobrir o que Thrawn pretende.

Ele mal acabara de falar quando um raio brilhante apareceu no monitor. Uma das fragatas de escolta ao longo do vetor projetado irrompeu em chamas, a traseira libertando gases que provocaram o giro da nave.

— Colisão — gritou alguém. — Fragata de escolta *Evanrue*... impacto com objeto desconhecido.

— Impacto? — repetiu Bel Iblis. — Não foi um disparo de turbolaser?

— A telemetria indica impacto físico.

Leia olhou para onde o *Evanrue* estava envolto em gás inflamável, lutando para controlar o giro.

— Escudos de camuflagem tendem a impedir os dois lados de usar sensores. Como conseguem manobrar?

— Talvez não tenha sido uma manobra — sugeriu Bel Iblis.

— Comando tático: me dê novo vetor a partir do ponto de impacto com o *Evanrue*. Presuma um objeto inerte; calcule a velocidade de impacto pela distância do *Quimera* e não esqueça de considerar o campo gravitacional. Forneça a localização provável ao *Harrier* e ordene que abram fogo assim que tenham as coordenadas.

— Sim, senhor — respondeu um dos tenentes. — Fornecendo os dados ao *Harrier*.

— Pensando bem, vamos alterar a última ordem. Ordene ao *Warrior* que utilize apenas os canhões iônicos. Repetindo: não usem turbolaser, apenas o canhão iônico — ressaltou Bel Iblis.

— Está tentando apanhar a nave inimiga intacta? — indagou Leia franzindo a testa.

— Quero apanhá-lo intacto, sim. Mas não acho que seja uma nave — disse o general.

No silêncio que se seguiu, os canhões do *Harrier* abriram fogo.

Os *Dreadnaught* dispararam, como Thrawn predissera. Porém só utilizaram canhões iônicos.

— Grande Almirante?

— Sim, estou vendo — respondeu Thrawn. — Interessante. Eu estava certo, capitão. Nosso adversário corellian está mesmo no comando. Mas até agora ele permitiu que ditássemos as ações.

— Ele está tentando destruir a camuflagem do asteróide — comentou Pellaeon, quando entendeu a ação.

— Ele espera conseguir sua presa intacta — corrigiu o Grande

Almirante. — Baterias turbolaser de proa: rastreiem e destruam o asteróide número um. Aguardem minha ordem para disparar.

O capitão fixou o olhar no monitor de combate. O Dreadnaught conseguira atingir o alvo, com os raios iônicos desaparecendo no espaço ao encontrar a camuflagem. O escudo de camuflagem não resistiria muito tempo mais.

Repentinamente as estrelas daquela região desapareceram. Por alguns segundos houve escuridão completa enquanto o escudo de camuflagem ruía em si mesmo; de repente o asteróide ficou visível.

O feixe iônico cessou.

— Baterias Turbolaser: em alerta — avisou Thrawn. — Queremos que eles dêem uma boa olhada primeiro... Fogo!

Pellaeon observou o monitor holográfico. Uma chama esverdeada partiu, desaparecendo na distância, ao convergir para o alvo. Um segundo mais tarde foi produzido um relâmpago... depois um segundo e um terceiro.

— Cessar fogo — comandou o Grande Almirante, satisfeito — Eles que venham buscar o que sobrou, se puderem. Hangar: estado de alerta!

— Já estamos em setenta e dois — informou a voz preocupada do engenheiro. — Mas o indicador de energia em feedback já atingiu a faixa crítica. Não podemos continuar os lançamentos muito tempo sem sobrecarregar o desvio ou o próprio projetor de raios tratores.

— Cessem os disparos de raios tratores e mande as outras naves fazer o mesmo. Quantos disparos foram no total, capitão?

Pellaeon examinou os números.

— Duzentos e oitenta e sete.

— Presumo que os vinte e dois asteróides tenham saído?

— Sim, senhor. A maioria deles nos primeiros dois minutos. Não há forma de saber se atingiram a órbita determinada — informou o capitão.

— As órbitas específicas são irrelevantes — assegurou Thrawn. — O que importa é que os asteróides estejam em algum lugar ao redor de Coruscant.

Pellaeon sorriu. Estavam todos... porém eram apenas uma fração do número calculado pelo inimigo.

— Agora vamos embora, Grande Almirante?

— Agora vamos embora — confirmou Thrawn. — Pelo menos por enquanto, Coruscant está fora da guerra.

Drayson acenou para o coronel de operações e retornou ao grupo que esperava por ele atrás dos consoles.

— Os números definitivos chegaram — anunciou ele, com voz grave. — Não podem garantir que não deixaram passar nenhum entre os destroços da

batalha. Mesmo assim... a contagem atinge duzentos e oitenta e sete.

— Duzentos e oitenta e sete? — repetiu o general Rieekan, deixando cair o queixo.

— Sim — confirmou Drayson, olhando para Ben Iblis como se tudo aquilo fosse culpa dele. — E agora?

O general esfregava o queixo, com ar pensativo.

— Para começar, não acho que a situação seja tão ruim quanto parece — afirmou ele. — Levando em conta tudo o que ouvi sobre como são caros esses escudos de camuflagem, não consigo enxergar Thrawn gastando uma fortuna com trezentos deles, especialmente porque um número bem menor causaria efeito similar.

— Você acha que os outros disparos de raios tratores foram falsos? — quis saber Leia.

— Não podem ter sido — argumentou Rieekan. — Eu estava observando os sensores. Os projetores estavam drenando energia.

Bel Iblis olhou para Drayson.

— O senhor sabe mais do que todos nós sobre destróieres estelares, almirante. Seria possível?

Drayson olhou para o alto, o orgulho profissional ultrapassando a rusga pessoal contra o general.

— Poderia ser feito. Teria de haver um transmissor em feedback a um capacitor-relâmpago, ou um dissipador de energia instalado em algum outro lugar da nave. Isso permitiria administrar uma quantidade bem maior de energia através do projetor sem que esteja gerando toda a potência.

— Existe alguma forma de saber a diferença entre isso e um verdadeiro lançamento de asteróide? — indagou Mon Mothma.

— Dessa distância? Não — respondeu Drayson, movendo a cabeça.

— Quase não faz diferença a quantidade de asteróides que ele tenha plantado — comentou Rieekan. — Mais cedo ou mais tarde as órbitas cairão; deixar que um só deles atinja o solo seria um desastre. Até que tenhamos destruído o último, não podemos abaixar o escudo planetário.

— Sendo o maior problema localizá-los — concordou Drayson. — E como sabermos quando pegamos todos?

Um movimento captou a atenção do olhar de Leia e ela viu o coronel Bremen aproximando-se.

— Podia ser pior — observou Bel Iblis. — A frota do setor pode consertar a estação extra-orbital em questão de horas portanto não perdemos o contato e podemos dirigir daqui a defesa da Nova República.

— Também vai ser possível transmitir um alarme geral para todos os planetas. Mara Jade escapou. — anunciou Bremen.

— Como? — quis saber Mon Mothma, surpresa.

— Com ajuda externa. O dróide que a estava guardando foi desativado. Uma espécie de algema com parte ativa eletrônica. Apagou também a memória relativa ao momento do incidente — relatou Bremen, irritado.

— Há quanto tempo? — indagou Rieekan.

— Há algumas horas. Estamos com a segurança dobrada no piso de comando desde que descobrimos a fuga, achando que ela podia estar planejando alguma sabotagem que coincidissem com o ataque do Império.

— Isso ainda pode acontecer. Vocês lacraram o palácio?

— Como uma lata de bolachas crocantes, senhor. Mas duvido que ainda estejam aqui.

— Vamos precisar ter certeza disso — declarou Mon Mothma. — Quero que organize uma busca completa no palácio, coronel.

— Imediatamente — assentiu Bremen.

Leia preparou-se. Não iam ficar contentes quando ela dissesse o que tinha a dizer. Estendeu a mão e tocou o braço do coronel.

— Não se dê ao trabalho, coronel. Mara não está aqui. Todos se voltaram para ela.

— Como sabe disso?

— Porque ela partiu de Coruscant há algumas horas atrás. Com Han e Luke.

Houve um instante de silêncio, enquanto as pessoas digeriam a informação.

— Eu estava me perguntando porque Solo não desceu com você para a sala de guerra — comentou Bel Iblis. — Quer nos dizer o que está acontecendo?

Leia hesitou; porém nenhuma daquelas pessoas podia ter nada a ver com a Fonte Delta.

— Mara acredita saber onde fica a instalação de clonagem do Império. Achamos que valeria a pena mandar um grupo pequeno com ela para verificar.

— *Achamos!* A quem se refere esse *achamos*? — indagou Drayson.

Leia encarou-o nos olhos.

— Minha família e meus amigos íntimos. As únicas pessoas que posso ter certeza absoluta de não vazarem informações para o Império.

— Isso é um insulto...

— Já chega, almirante — interrompeu Mon Mothma, com voz calma e um brilho de autoridade nos olhos. — Qualquer reprimenda que tenha a fazer pode ficar para mais tarde. Se foi prudente, ou não, permanece o fato de que estão a caminho e precisamos decidir sobre a melhor forma de ajudá-

los. Leia?

— O mais importante a fazer é fingir que Mara ainda está presa — disse Leia, um pouco aliviada. — Ela me contou que esteve uma vez em Wayland e não sabia quanto tempo iria demorar para reconstruir a rota. Quanto maior a dianteira, menos tempo o Império terá para aumentar seus efetivos lá.

— E então, o que acontece? — perguntou Mon Mothma.

— Vão tentar destruir as instalações. Houve um instante de silêncio.

— Só eles? — indagou Drayson.

— A menos que tenha uma frota na reserva para emprestar... só eles — disse Leia.

Mon Mothma sacudiu a cabeça.

— Não devia ter feito isso sem consultar o conselho, Leia.

— Se eu levasse esse assunto ao conselho, Mara estaria morta a uma hora dessas — argumentou Leia. — Se o Império ficasse sabendo que ela poderia localizar Wayland, o próximo grupo de comandos não iria apenas tentar desacreditá-la.

— O Conselho fica acima de suspeita — declarou Mon Mothma, com voz fria.

— E será que todos os assessores também estão? Ou o pessoal tático e oficiais de suprimentos, de armazenamento de dados e de pesquisa? — perguntou Leia. — Se eu sugerisse um ataque a Wayland no Conselho, todas essas pessoas ficariam sabendo do assunto.

— E mais ainda — reforçou Bel Iblis. — Ela tem razão, Mon Mothma.

— Não estou interessada em distribuir culpas, Garm. Nem em defender o nicho de poder de ninguém. Estou preocupada com a possibilidade de que tudo isso seja uma armadilha, Leia... que possa custar a vida de seu marido e de seu irmão.

Leia engoliu em seco.

— Também consideramos essa possibilidade, mas decidimos que o risco valia a pena. E não havia mais ninguém para fazê-lo.

Ninguém disse nada por algum tempo.

— Será necessário falar com as pessoas que ficaram sabendo da fuga de Mara Jade, coronel — disse Mon Mothma a Bremen. — Se e quando obtivermos a localização de Wayland, veremos o que podemos fazer no sentido de enviar reforços para ajudá-los.

— Desde que estejamos certos de que não se trata de uma armadilha — lembrou Drayson, de mau humor.

— Naturalmente — concordou Mon Mothma, evitando os olhos de Leia.

— Por enquanto, é tudo o que podemos fazer. Vamos nos concentrar nos problemas mais imediatos de Coruscant: a defesa e descobrir uma maneira

de encontrar aqueles asteróides camuflados. General Bel Iblis...

Dedos hesitantes tocaram o ombro de Leia e ela voltou-se para descobrir Ghent, em pé à sua frente.

— Já acabou tudo? — indagou ele.

— A batalha, sim — esclareceu ela, olhando para Mon Mothma e os outros. Estavam entretidos em alguma discussão sobre asteróides, porém, mais cedo ou mais tarde, alguém iria reparar em Ghent. — Venha comigo. Eu conto tudo lá fora. O que achou dos códigos de batalha do Império?

— Tudo bem — disse ele. — Os caras não me deixaram fazer muita coisa e eu não conhecia as máquinas tão bem quanto eles. E tinham também um exercício bobo.

Leia sorriu. A melhor rotina de desempenhos que os técnicos da Nova República conseguiram organizar e Ghent considerava tudo um exercício bobo.

— As pessoas ficam presas à rotina quando realizam tarefas — afirmou ela, com diplomacia. — Se quiser, posso arranjar para que você converse com a pessoa encarregada e você pode oferecer suas sugestões.

— Não, obrigado. Os militares não gostam da forma como faço as coisas. Mesmo Karrde fica meio esquisito às vezes. A propósito, sabe aquele transmissor pulsante que vocês têm em algum lugar aqui por perto?

— Aquele que a Fonte Delta está usando? Nossa Contra-Inteligência está tentando localizá-lo desde que começou a transmitir. Mas é algum tipo de frequência cruzada de fase dividida, ou algo parecido e não tiveram sorte alguma — disse Leia.

— Bem... isso me parece um problema técnico. Não entendo nada dessas coisas.

— Tudo bem. Estou certa que encontrará outras formas de ajudar.

— E — concordou Ghent, sem entusiasmo. Enfiou a mão no bolso. — Bem, de qualquer forma, aqui está.

Leia franziu a testa e apanhou o cartão de dados que ele estendia.

— O que é isto?

— É o código que o transmissor está usando para transmitir.

— E o quê?

Ele voltou os olhos inocentes para Leia.

— O código que esse transmissor de frequência cruzada ou seja lá o que for está usando. Finalmente consegui decifrá-lo,

Ela ficou olhando para ele.

— Como assim? Você estalou o dedo e decifrou? Ele deu de ombros.

— Mais ou menos. Faz um mês que estou trabalhando nele. Leia olhou para o cartão em suas mãos, uma estranha ex-citação percorrendo-lhe o

corpo.

— Alguém sabe que você fez isso? Ghent balançou a cabeça.

— Pensei em entregá-lo para aquele coronel antes de sair, mas ele estava ocupado, falando com outro oficial.

O código das mensagens da Fonte Delta... e a Fonte Delta não sabia que o tinham decifrado.

— Pois não diga nada a ninguém — avisou ela. — Quero dizer, ninguém *mesmo*.

Ghent franziu a testa, mas deu de ombros.

— Tudo bem. O que quiser.

— Obrigada — murmurou Leia.

Colocou o cartão no bolso da túnica. Era a chave para a Fonte Delta... sentia isso lá no fundo. Tudo o que precisava descobrir, era a forma certa de usá-lo.

E depressa.

A fortaleza de Hijarna estava se desfazendo lentamente por talvez mil anos antes que a Quinta Expedição de Alderaan a descobrisse em sua vigília silenciosa sobre o pequeno mundo. Uma vastidão de pedra, negra e dura, dominava de um ponto elevado a planície que ainda apresentava marcas de grande destruição. Para alguns, a enigmática fortaleza fora um monumento trágico: a última tentativa de defesa por um mundo sitiado e desesperado. Para outros, era a causa maléfica tanto do cerco, quanto da devastação que veio em seguida.

Para Karrde, pelo menos no momento, era um lar.

— Você sabe mesmo como escolher, Karrde — comentou Gillespee, apoiando os pés no console de comunicação e olhando ao redor. — Como encontrou esse lugar?

— Está em todos os registros antigos — respondeu Karrde, observando o monitor onde o programa de decifração de códigos corria.

Um mapa estelar apareceu, acompanhado de um texto curto. Gillespee fez um gesto na direção do monitor.

— E o relatório de Clyngunn?

— Isso. Do jeito que foi emitido.

— Nada, certo?

— Quase nada. Não há indicações de tráfego de clones em lugar algum perto de Poderis, Chazwa, ou Joiol.

— Bem, então é isso — disse Gillespee, levantando-se e caminhando até a bandeja de frutas, onde apanhou um driblis — Parece que seja o que for que o Império fazia no setor Orus, parou. Se é que havia alguma coisa lá.

— Dada a falta de indícios, acredito mais nessa última hipótese — afirmou Karrde, apanhando um dos cartões de dados enviados pelo contato de Bepin. — Ainda assim, era algo que precisávamos saber, de uma forma ou de outra. Entre outras coisas, nos deixa livres para nos concentrar em outras possibilidades.

— É verdade — admitiu Gillespee, retornando para o assento. — Bem, para ser honesto com você, Karrde, toda essa história é um pouco esquisita. Quero dizer, contrabandistas não fazem esse tipo de trabalho. E também não é dos mais lucrativos.

— Eu já disse que você iria ser reembolsado pela Nova República.

— Certo, mas não temos nada para vender a eles. Nunca conheci ninguém que pague por não receber.

Karrde franziu a testa. Gillespee empunhava uma faca de aspecto assustador e cortava uma fatia da driblis.

— O problema não é o pagamento. E sobre como sobreviver apesar do Império — argumentou Karrde.

— Para você pode ser — disse Gillespee, observando a fatia antes de mordê-la. — Você pode parar por um tempo porque tem operações paralelas que garantem algum. Mas o resto de nós tem folhas de pagamento para acertar e naves para abastecer. Se o dinheiro pára de chegar, nossos empregados ficam fora de controle.

— Então você e os outros querem dinheiro?

— Eu quero dinheiro. Os outros querem desistir.

Não era uma situação inesperada. O fluxo de ódio contra o Império deflagrado pelo ataque no Rodamoinho Assobia-dor esfriara e os hábitos do dia-a-dia começavam a impor seu ritmo.

— O Império continua perigoso — insistiu Karrde.

— Para nós não. Não houve nenhuma atenção extra do Império dirigida a nós desde o Rodamoinho. Eles não se importaram nem um pouco em nos rastrear no sistema Orus; não nos atacaram, nem dificultaram as coisas. Nem ao menos caíram sobre Mazzic, para se vingar do ataque no estaleiro de Bilbringi.

— Eles estão nos ignorando, apesar da provocação. Isso faz com que você se sinta seguro?

Cuidadosamente, Gillespee cortou outra fatia.

— Não sei — admitiu ele. — Metade das vezes acho que Brasck está certo: se deixarmos o Império agora, eles vão nos deixar em paz. Mas não consigo deixar de pensar naqueles exércitos de clones que me perseguiram em Ukio. Comecei a acreditar que talvez ele esteja apenas ocupado demais com a Nova República para se incomodar conosco agora.

— Thrawn nunca está tão ocupado que não possa perseguir alguém — afirmou Karrde. — Se ele está nos ignorando, é porque sabe que é a melhor maneira de nos neutralizar por enquanto. O próximo passo, provavelmente, é nos oferecer contratos de transporte e fingir que somos todos bons amigos outra vez.

— Você andou conversando com Par'tah?

— Não. Por quê? — indagou Karrde.

— Ele me disse, dois dias atrás, que lhe ofereceram um contrato para levar um lote de motores convencionais para o estaleiro de Ord Trasi.

— Ele aceitou?

— Disse que ainda estava estudando os detalhes. Mas você conhece Par'tah... está sempre perto dos limites. O mais provável é que não consiga recusar.

Karrde voltou-se para o monitor, sentindo o gosto amargo da derrota na boca.

— Acho que não posso culpá-lo. E quanto aos outros?

— Como eu disse, o dinheiro continua saindo. E preciso que entre de alguma forma.

Assim, sem mais nem menos, a relutante coalizão que ele tentara fazer, desmoronava. E o Império não precisara disparar um único tiro.

— Bem, então acho que vou continuar sozinho — declarou Karrde, levantando-se. — Obrigado pela ajuda. Tenho certeza que precisa voltar aos negócios.

— Também não precisa se ofender, Karrde. Você tem razão. Esse assunto dos clones é sério. Se quiser contratar minhas naves para sua caçada, ficaremos contentes em ajudar. Só não podemos mais fazer isso de graça. Basta nos chamar, se precisar — disse Gillespee, caminhando para a porta.

— Espere um pouco. Suponha que eu encontre uma forma de garantir fundos para todos. Acha que os outros concordariam?

— Não me engane, Karrde. Você não tem todo esse dinheiro para gastar.

— Não. Mas a Nova República tem. E na situação corrente, não acho que se importariam em ter mais algumas naves na folha de pagamento.

Gillespee balançou a cabeça, numa negação, antes que o outro terminasse.

— Desculpe, mas não somos piratas nem mercenários.

— Mesmo que seu trabalho seja apenas o de coletar informações? — argumentou Karrde. — Seria o mesmo tipo de coisa que fizeram no setor Orus...

— Parece com o trabalho ideal. A não ser por aquele pequeno problema de encontrar alguém na Nova República que seja estúpido suficiente para pagar taxas bem gordas só para que fiquemos bisbilhotando por aí.

Karrde sorriu.

— Para dizer a verdade, eu não iria desperdiçar o valioso tempo deles para falar sobre o assunto. Já conheceu Ghent, meu especialista em computadores?

Por um instante, Gillespee ficou ali, olhando para ele, espantado. De repente, entendeu tudo.

— Você não faria isso...

— Por quê não? Estaríamos prestando um serviço. Por que atrapalhar as

vidas deles com esses detalhes aborrecidos sobre contas bancárias, enquanto eles lutam uma guerra?

— E como eles têm de pagar, quando acharmos as instalações de clonagem...

— Sim — concordou Karrde. — Podemos considerar um adiantamento por informações a serem obtidas.

— E como eles não vão saber de nada até tudo terminar...

— acrescentou Gillespee. — A questão é: Ghent consegue fazer uma coisa dessas?

— Com facilidade. Principalmente porque nesse momento ele está em Coruscant, no palácio. Estava planejando ir até lá para apanhar Mara, de qualquer forma; vou pedir para que ele penetre em alguma frota de setor e nos inclua.

— Admito que tem grandes possibilidades... boas, mesmo. Mas não sei se vai ser o suficiente para convencer os outros a reverem a decisão.

— Então vamos ter de perguntar a eles. Vamos dizer... um convite para daqui a quatro dias?

Gillespee deu de ombros.

— Vamos tentar. O que você tem a perder?

— Com o Grande Almirante Thrawn por perto, essa é uma pergunta que deve ser levada a sério — disse Karrde, deixando de sorrir.

As brisas noturnas sopravam por entre as paredes e colunas de pedra da fortaleza em ruínas, assobiando ao abrir caminho por frestas ocultas. Sentado, com as costas apoiadas a um dos pilares, Karrde bebericava e observava a última nesga de sol desaparecer abaixo do horizonte. Na planície abaixo, as sombras alongaram-se sobre o solo castigado, começando a perder definição para a escuridão da noite que se movia inexorável na paisagem.

Levando tudo em conta, era forma simbólica de enxergar 3 guerra na Galáxia e a forma como o envolvera.

Bebeu outra vez, maravilhando-se com o absurdo da situação. Ali estava ele, um contrabandista inteligente, calculista e egoísta, que construíra sua carreira mantendo distância da política da Galáxia. Além de tudo, um contrabandista que jurara manter-se, e aos seus, fora daquela guerra em específico. Ainda assim, ali estava ele; envolvido até o pescoço.

E não apenas envolvido, mas fazendo o possível para envolver também seus amigos contrabandistas.

Balançou a cabeça, aborrecido. Essa mesma coisa ocorrera a Han Solo, em algum momento próximo à batalha de Yavin. Podia lembrar-se de ter ficado divertido com o envolvimento progressivo de Solo, sua

responsabilidade crescente e os deveres para com a Aliança Rebelde. Agora, vindo do interior, a coisa não parecia tão engraçada.

Do outro lado do pátio ressecado veio o som de cascalho sendo pisado. Karrde voltou-se para observar os pilares de pedra naquela direção, deixando cair a mão para o coldre. Não deveria haver ninguém por ali àquela hora.

— Sturm? Drang?

Um forte ronronar tranqüilizou-o e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Aqui — chamou ele na direção das sombras. — Venham aqui!

A ordem não era necessária. Um vornskr já estava saltando ao redor do pilar onde ele se encontrava, o focinho abaixado e a cauda abanando vigorosamente. Karrde olhou e decidiu que era Drang, o mais sociável dos dois; Sturm tinha uma certa tendência a brincar com sua comida antes da matá-la.

O vornskr parou à frente dele, emitindo mais um dos rosnados em estalidos, desta vez com uma nota triste. Pressionou o focinho contra a palma da mão de Karrde. Era Drang, com certeza.

— E, está tudo muito quieto por aqui — disse, em voz alta, correndo a mão pela cabeça do predador, movendo os dedos para cocar atrás da orelha. — Mas os outros vão voltar logo. Eles só foram verificar as naves.

Drang emitiu mais uma vez o estranho lamento, e sentou-se ao lado da cadeira do dono, observando com atenção o terreno à frente. Desinteressando-se a seguir, ronronou e apoiou o focinho no solo. As orelhas moveram-se como radares por um instante, depois dobraram-se.

— Está tudo quieto por lá também — concordou Karrde. — O que acha que aconteceu aqui?

Drang não respondeu. O humano observou-o, admirando as costas musculosas, pensando como eram estranhos aqueles predadores que adotara, com tanta naturalidade... talvez até um pouco de arrogância. Teria feito a mesma coisa se soubesse que eram os únicos animais que caçavam com a Força?

Talvez se tratasse de uma conclusão precipitada, mas o uso da Força pelos animais não era desconhecido. Os gotal apresentavam uma forma bastante inútil e existiam rumores de que os duinuogwuin também, só para citar dois exemplos. Mas todos aqueles que possuíam tal sensibilidade eram criaturas conscientes, com os altos índices de inteligência em que isso implicava. O uso da Força em animais não conscientes era algo novo.

Mas fora uma conclusão a qual os eventos dos últimos meses o haviam conduzido. Primeiro, a reação inesperada a Luke Skywalker, na base de Myrkr; depois, o mesmo tipo de comportamento em relação à Mara no *Wild Karrde*, pouco antes da premonição que ela tivera sobre o ataque do Império.

Houve ainda a reação mais perigosa dos vornskr selvagens, atacando incessantemente Mara e Skywalker durante a viagem pela floresta de Myrkr.

Skywalker era um Jedi. Mara demonstrara alguns talentos Jedi. Talvez, mais significativo do que tudo isso, fosse a existência dos ysalamiri no mesmo ambiente, animais que criavam uma bolha na Força, que podia ser explicada como forma de defesa, ou camuflagem contra predadores.

De repente Drang levantou a cabeça, as orelhas em pé, a cabeça inclinada. Karrde apurou os ouvidos... alguns segundos depois escutou os ruídos do veículo que retornava.

— Está tudo bem. São Chin e o resto do pessoal que estão voltando.

Drang manteve a postura por alguns instantes, depois, como se tivesse decidido que o dono tinha razão, baixou outra vez a cabeça. Voltou-se para uma planície que, de acordo com os cálculos de Karrde, estaria ainda mais silenciosa para ele do que para o dono.

— Não se preocupe — disse ele. — Vamos sair daqui logo. Prometo que o próximo lugar para onde vamos vai ter um bocado de vidas para você escutar.

As orelhas do vornskr giraram. Karrde admirou ainda um vez as cores do pôr-do-sol, levantou-se e arrumou o cinturão na cintura. Não havia nenhum motivo em particular para entrar. Enviara os convites, codificados e formais e agora só restava esperar. De repente sentira solidão naquele local. Mais do que há poucos instantes.

— Vamos, Drang — chamou Karrde, afagando as orelhas do vornskr. — Está na hora de entrar.

O transporte baixou até o convés do hangar do *Quimera*, com as válvulas assobiando sobre a cabeça das tropas de elite em formação solene dos lados da rampa de desembarque. Pellaeon permaneceu ao lado de Thrawn, fazendo uma careta pelo odor desagradável dos gases produzidos. Desejava muito saber o que o Grande Almirante estava preparando dessa vez.

Fosse o que fosse, tinha o pressentimento de que não iria gostar. Thrawn podia falar o quanto quisesse sobre como eram previsíveis os contrabandistas, e talvez até fossem, para ele. Mas Pellaeon tivera suas próprias experiências com aquele tipo de marginais e nunca conseguira um só negócio que não tivesse corrido mal, de uma forma ou de outra.

E nenhum acordo provinha da petulância de atacar um estaleiro do Império.

A rampa imobilizou-se em posição. O comandante deu uma ordem para o interior da nave e trazidos por dois homens de uniformes negros, desceram os prisioneiros.

— Ah, capitão Mazzic... — saudou Thrawn. Bem vindo a bordo do

Quimera. Peço desculpas por minha forma um tanto teatral de trazê-lo até aqui e pelos problemas que possa ter acarretado ao seu horário. Mas existem certos assuntos que devem ser discutidos pessoalmente.

— Você é engraçado — começou Mazzic. — Como me encontrou?

Fazia um belo contraste com a imagem de homem educado que os relatórios da Inteligência mostravam. Por outro lado, o conhecimento de que se vai passar pelo interrogatório do Império é o suficiente para afastar todo o verniz da educação.

— Ora, vamos, capitão. Pensou mesmo que poderia esconder-se de mim se eu quisesse encontrá-lo? — indagou Thrawn, com voz calma.

— Karrde conseguiu — respondeu Mazzic, tentando sem sucesso demonstrar calma. — Você ainda não o pegou, certo?

— A hora de Karrde irá chegar, não se preocupe. Não estamos conversando sobre Karrde e sim sobre você.

— Tenho certeza de aguarda ansioso por esse momento — disse Mazzic, irritado. — Vamos lá! Vamos acabar logo com isso.

As sobrancelhas do Grande Almirante ergueram-se perceptivelmente.

— Você entendeu as coisas errado, capitão. Não está aqui para receber um castigo. Está aqui porque desejo esclarecer as coisas entre nós.

— Do que está falando agora? — indagou Mazzic, levantando a cabeça.

— Estou falando sobre nosso recente incidente nos estaleiros de Bilbringi. Não... não se dê ao trabalho de negar. Sei que foram você e Ellor que destruíram um destróier estelar inacabado. E você tem razão para pensar assim, porque o Império exigiria um preço bem alto pela ousadia. Contudo, estou preparado para evitar isso.

— Não estou entendendo...

— E muito simples, capitão — começou o Grande Almirante, gesticulando para que o soldado removesse as algemas — Seu ataque em Bilbringi foi uma vingança por um ataque similar contra uma reunião de contrabandistas em Trogan Tudo certo; só que nem eu, nem oficial algum do Império demos ordens para aquele ataque. Na verdade, o comandante da guarnição tinha ordens explícitas para deixá-los em paz.

— E você espera que eu acredite nisso? — perguntou Mazzic.

— Prefere acreditar que sou incompetente a ponto de mandar uma força-tarefa obviamente inadequada para a missão?

Mazzic encarou os olhos vermelhos, ainda demonstrando hostilidade, mas começando a assumir uma atitude pensativa.

— Sempre achei que foi fácil demais.

— Então estamos começando a nos entender. E o assunto fica decidido. O transporte tem ordens para levá-lo de volta à sua base... ou melhor, para

sua base-reserva, para onde devem ter ido sua tripulação com a nave, em Lelmra. Novamente apresento minhas desculpas pelo inconveniente.

Os olhos do contrabandista percorreram o hangar, como se procurasse ainda algum truque, mas tivesse esperança fervorosa de que não fosse.

— Só isso? Devo acreditar em você?

— Está convidado a acreditar no que quiser — disse Thrawn. — Mas lembre-se de que eu o tive nas mãos... e o deixei partir. Bom dia, capitão — despediu-se o Grande Almirante, começando a voltar-se.

— Então quem eram eles — indagou Mazzic. — Quero dizer, se não eram gente do Império, quem eram?

Thrawn interrompeu o gesto e voltou-se.

— Eles eram mesmo soldados do Império. Nossos inquéritos sobre o ocorrido ainda estão incompletos, mas por enquanto parece que o tenente Kosk e seus homens estavam tentando ganhar um pouco de dinheiro extra.

— Sabe quem foi?

— Acredito que sim. Mas como não tenho nenhuma prova...

— Me dê uma pista, pelo menos.

— Descubra as próprias pistas, capitão. Tenha um bom dia. O Grande Almirante voltou-se e retornou ao arco que levava às áreas de serviço e manutenção. Pellaeon aguardou o suficiente para que Mazzic e os seus fossem embarcados outra vez. Depois perguntou em voz baixa:

— Grande Almirante? Acha que foi o bastante?

— Isso não importa, capitão. Nós demos o necessário e se o próprio Mazzic não for esperto o suficiente para apontar Karrde, um dos outros fará isso. De qualquer forma, é sempre melhor oferecer menos do que mais. Algumas pessoas desconfiam de informações fáceis.

Atrás deles, a nave elevava-se do convés e retornava ao espaço. De sob o arco da passagem surgiu uma figura.

— Belo serviço, Grande Almirante — afirmou Niles Ferrier, mudando o charuto de lado na boca. — O senhor fez com que ele se borrasse de medo, depois o trouxe de volta.

— Obrigado, Ferrier. Sua aprovação significa muito para mim — respondeu Thrawn com frieza.

Por um segundo, pareceu que o sorriso de Niles Ferrier iria desmanchar-se, mas ele preferiu fingir que não entendeu.

— Ótimo. Qual nosso próximo passo?

Os olhos do Grande Almirante brilharam com o nosso.

— Karrde enviou uma série de transmissões na noite passada, uma das quais nós interceptamos. Estamos decifrando, mas deve ser uma chamada para outra reunião. Uma vez que tenhamos a localização e o horário,

passaremos esses dados para você.

— Claro — respondeu Ferrier, dando a impressão de encolher.

— O que você *vai* fazer, é certificar-se de que um certo cartão de dados seja encontrado na posse de Karrde. De preferência a bordo da nave dele... acho que é o primeiro lugar onde Mazzic vai procurar — declarou Thrawn.

Fez um gesto para um oficial, que se adiantou e entregou o cartão de dados para Ferrier.

— Ah, estou entendendo — declarou Ferrier, com ar conspiratório. — Entendi tudo. Essa é a gravação do negócio de Karrde com esse tenente Kosk, certo?

— Exatamente — disse Thrawn. — Isso, mais as evidências que já inserimos nos registros pessoais de Kosk, não devem deixar dúvidas que Karrde estava manipulando os outros contrabandistas. Espero que seja mais do que adequado.

— E... eles não são um grupo bonzinho, não é? — Comentou Ferrier, revirando nas mãos o cartão recebido e mascando o charuto. — Muito bem, então tudo o que preciso fazer é subir a bordo do *Wild Karrde*...

Niles Ferrier interrompeu-se ao deparar com o olhar do Grande Almirante.

— Não. Pelo contrário, você deve ficar tão longe quanto possível da nave de Karrde e também das instalações da base. Na verdade, não ficar sozinho em nenhum desses lugares.

— Claro, mas...

Atrás de si, Pellaeon escutou o suspiro de Thrawn.

— O seu defel é que deve colocar o cartão a bordo do *Wild Karrde*.

O rosto barbado iluminou-se com a compreensão.

— Claro, claro. Bem pensado. Minha ira pode entrar e sair sem ser vista, isso eu garanto.

— É melhor, mesmo. Porque não esqueci seu papel na morte do tenente Kosk e seus homens. Você está em dívida com o Império, Ferrier. E esse débito será pago.

O rosto do contrabandista empalideceu.

— Entendido, Almirante.

— Muito bem. Você vai permanecer em sua nave até que nossos decifradores obtenham a localização e a data do encontro de Karrde. Depois disso, estará por conta própria.

— Claro. E depois que eles tomarem conta de Karrde, o que eu faço?

— Está livre para cuidar dos próprios negócios — disse

Thrawn — Quando eu precisar, você vai saber.

Os lábios de Ferrier se torceram.

— Claro — repetiu ele.

E no rosto barbado, Pellaeon percebeu que aquele homem começava a compreender a extensão de seu débito para com o Império.

O planeta era verde, azul e salpicado de branco. Assemelhava-se a outros mundos que Han encontrara ao longo dos anos. Porém, aquele não tinha nome, espaçoportos, nem instalações orbitais, cidades, fábricas ou naves.

— E aqui, então? — indagou à Mara.

Não houve resposta. Han olhou para trás e deparou com ela fitando o planeta como se estivesse hipnotizada.

— E aqui, ou não? — insistiu ele.

— E aqui — confirmou ela, com voz rouca. — Chegamos.

— Ótimo. Muito bom. Agora vai nos dizer onde fica essa montanha? Ou vamos ficar voando por aqui até vermos de onde vêm os tiros?

Mara sacudiu a cabeça.

— E mais ou menos a meio caminho entre o Equador e o Pólo Norte. Perto do extremo este do maior continente. Uma única montanha, no meio da floresta e do campo.

— Certo — assentiu Han, fornecendo os dados para o computador, esperando que os sensores não falhassem. Mara já tinha feito comentários demais sobre o *Falcon*.

A porta da cabine abriu-se e Lando entrou, seguido de Chewbacca.

— Que tal? Chegamos?

— Chegamos — respondeu Mara, antes que Han dissesse alguma coisa. Chewbacca rugiu uma pergunta.

— Não, parece um lugar de baixa tecnologia — explicou

Han, balançando a cabeça. — Nenhuma fonte de energia ou transmissão no planeta inteiro.

— Bases militares? — quis saber Lando.

— Se existem, não pude localizar.

— Interessante — comentou Lando, espiando por sobre o ombro de Mara. — Eu não diria que o Grande Almirante é do tipo que arrisca alguma coisa.

— Esse lugar foi projetado para ser um depósito pessoal

— lembrou ela. — Não uma vitrina militar do Império. Não existia nenhuma guarnição, nem centro de comando chamando atenção por aí quando vim.

— Isso quer dizer que tudo o que ele tiver para defesa está dentro da montanha? — perguntou Han.

— Talvez também haja patrulhas do lado de fora. Mas não possuem esquadrilhas de caças, ou armamento pesado para lançar contra nós — informou Mara.

— Seria uma boa mudança, para variar — comentou Lando.

— A menos que Thrawn tenha resolvido colocar um par de guarnições por conta própria — sugeriu Han. — E melhor você e Chewie carregarem as armas nas torres, só para prevenir.

— Certo, parceiro.

Os dois saíram. Han dirigiu a nave segundo um vetor de aproximação geral, depois digitou o comando para a varredura dos sensores.

— Espera encrenca? — indagou Mara.

— Provavelmente, não. E que por um par de vezes a caminho, avistei alguma coisa lá atrás.

— Calrissian pensou ter visto algo quando mudamos de curso em Obroa-skai — lembrou ela, olhando o monitor. — Pode ter algo com um anulador de sensores muito bom.

— Ou é só algum problema no equipamento — disse Han. O Fabritech tem nos dado alguns problemas, ultimamente.

Mara virou-se para olhar a estibordo.

— Será que alguém poderia ter nos seguido desde Coruscant?

— Quem sabia que vínhamos? — argumentou Han, pensando que devia ter sido a imaginação. — Quanto desse depósito você conheceu?

Mara não pareceu nem um pouco convencida.

— Não muito mais do que o caminho entre a entrada e a sala do trono, no alto. Mas sei onde fica a câmara dos cilindros spaarti.

— E quando aos geradores? — quis saber Han.

— Não cheguei a vê-los, mas lembro de ter escutado que o sistema de resfriamento é alimentado por uma nascente na encosta noroeste da montanha. Deve haver algo daquele lado.

Han mordeu os lábios.

— E a entrada principal fica a sudoeste?

— A *única* entrada — corrigiu ela. — E a única forma de entrar e sair.

— Já escutei isso antes.

— Desta vez é verdade — redarguiu ela. Han deu de ombros. Não fazia sentido ficar discutindo o assunto. Pelo menos até verificarem o local.

— Certo...

A porta da cabine deslizou e por sobre o ombro ele enxergou Luke entrando.

— Estamos aqui, garoto.

— Sei disso. Mara me disse — respondeu ele, colocando-se atrás dela.

Han olhou para o lado. Tanto quanto sabia, Mara passara a maior parte da viagem evitando Luke, o que não era muito fácil, numa nave do tamanho do *Falcon*. O Jedi devolvera o favor ficando fora do caminho dela, o que também não era fácil.

— Ela disse, é?

— Disse. Está tudo bem — garantiu Luke. — Então este é Wayland...

— É Wayland — confirmou Mara, retirando o cinto e levantando-se. —
Volto já.

Passou por Luke e saiu.

— Vocês dois funcionam muito bem juntos — comentou Han, enquanto a porta se fechava.

— É verdade — disse Luke, acomodando-se na cadeira do co-piloto. — Devia ter nos visto a bordo do *Quimera* quando fomos salvar Karrde. Ela é uma boa pessoa para se ter ao lado.

Han olhou para o cunhado.

— Exceto quando ela tem vontade de enfiar uma faca em você.

— Estou disposto a arriscar. Deve ser mais uma dessas maluquices Jedi...

— Não é assunto para brincadeira, Luke. Não sei se sabe, mas ela não desistiu de matar você. Disse isso a Leia, em Coruscant.

— O que me leva a crer que ela não quer fazer isso de verdade. As pessoas não andam por aí anunciando planos de assassinato. Especialmente aos parentes da vítima.

— Está disposto a arriscar a vida nisso?

— Já fiz isso — respondeu Luke, dando de ombros.

O *Falcon* percorria uma órbita sobre a atmosfera exterior e o computador identificara uma localização provável para o monte Tantiss.

— Pois bem, se me perguntar, esse não é um bom momento para arriscar a vida — respondeu Han.

Dedicou-se a examinar o mapa no monitor. Uma aproximação direta pelo sul lhes daria a cobertura da floresta tanto para aterrissar quanto para a viagem até a entrada.

— Tem alguma sugestão? — indagou Luke.

— Tenho sim. Deixamos ela no *Falcon*, no local onde aterrissarmos.

— Viva?

Han pestanejou; em outras circunstâncias, a pergunta teria sido ridícula.

— Claro que sim. Existem muitas formas de mantê-la longe de encrencas.

— Você acha mesmo que ela concordaria em ficar para trás?

— Ninguém disse que tínhamos de perguntar a ela.

— Não pode fazer isso, Han. Simplesmente não pode. Ela precisa tomar parte no final de tudo.

— Que parte? Destruir a instalação, ou matar você?

— Não sei — admitiu Luke. — Talvez ambos.

Han nunca fora um apreciador de florestas antes de ingressar na Aliança Rebelde. O que era diferente de afirmar que ele *não gostava* delas. Florestas não eram um assunto sobre o qual o contrabandista pensa muito. A maior parte do tempo você apanha e entrega cargas em pequenos espaçopostos, como Mos Eisley, ou Abregadora; nas raras ocasiões em que você se encontra na floresta, deixa seu cliente observar a floresta, enquanto você observa seu cliente. Como resultado disso, Han tinha a vaga noção de que uma floresta era como outra qualquer.

Sua experiência na Aliança Rebelde alterara isso. Em Endor, Corstris, Fedje e dezenas de outros planetas, aprendera pela forma mais difícil que cada floresta era diferente, com sua própria gama de plantas, vida animal e dores-de-cabeça em geral para o visitante desavisado. Um dos assuntos que a Aliança tinha ensinado muito mais do que ele gostaria de aprender.

A floresta de Wayland se adaptava ao padrão; e a primeira dor-de-cabeça foi descobrir uma forma de aterrissar através da copa densa das árvores sem deixar um orifício que qualquer piloto de TIE teria de estar dormindo para não ver. Em primeiro lugar, tinham de achar uma falha... no caso foi um tronco caído... e depois precisavam manobrar a nave de lado, o que podia ser fácil num asteroide, mas sujeito à gravidade planetária a manobra ficava arriscada. A segunda camada de folhas, descoberta após passar pela primeira foi também a segunda dor-de-cabeça; para pousar tiveram de quebrar vários galhos antes de conseguir estabilizar o *Falcon* e pousá-lo em relativa segurança.

— Bela manobra — comentou Lando, esfregando o ombro machucado pela correia.

— Pelo menos a antena do sensor ainda está no lugar — disse Han, desligando os repulsores.

Lando piscou.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é?

Han deu de ombros, acionando os sensores para formas de vidas. Era tempo de descobrirem quem estava lá fora.

— Você garantiu que não ia acontecer nem um arranhão — lembrou Han.

— Está certo. Da próxima vez *eu* vou destruir o gerador de energia e

você pilota direto para a Estrela da Morte, certo?

Aquilo não foi engraçado. Se o Império conseguisse recursos outra vez, Thrawn podia resolver construir mais uma daquelas armas.

— Estamos prontos por aqui — afirmou Luke, enfiando a cabeça na cabine. — Como foi?

— Não foi ruim — respondeu Han, olhando para o monitor.

— Acabei de captar alguns animais lá fora, mas estão mantendo distância.

— Qual o tamanho desses animais? — quis saber Lando, observando o monitor sobre o ombro do outro.

— E quantos são, exatamente, esses alguns? — emendou Luke.

— Uns quinze — informou Han. — Nada que a gente não possa controlar, se for preciso. Vamos dar uma olhada.

Mara e Chewbacca estavam esperando à porta de saída com Artoo e Threepio, que para variar estava quieto.

— Chewie e eu vamos na frente — disse Han, sacando a arma. — O resto de vocês fica em alerta aqui dentro.

Ele abriu a escotilha, e a rampa deslizou para fora, apoiando-se sobre as folhas secas com um som abafado. Tentando olhar para todos os lados, Han abaixou-se.

Avistou o primeiro dos animais antes de chegar ao final da rampa: era acinzentado, com pintas brancas no lombo e media talvez dois metros do nariz à cauda, ornada com um tufo de pelos na ponta. Encontrava-se agachado à base de uma árvore, os olhos pequenos seguindo todos os movimentos dos invasores. Os dentes e garras não deixavam margem a nenhuma dúvida: tratava-se de um predador.

A seu lado, Chewbacca rosou.

— E, estou vendo. O pior é que tem mais quatorze desses escondidos por aí.

O wookie rugiu algo, gesticulando.

— Tem razão. Parece mesmo familiar. Talvez como aqueles panthac, em Mantessa? — respondeu Han, sem tirar os olhos do animal.

Chewbacca discordou.

— Bem, depois discutimos o assunto. Luke?

— Estou aqui — respondeu o Jedi, do início da rampa.

— Você e Mara tragam o equipamento para baixo — ordenou Han, reparando que a conversa não parecia perturbar o animal. — Comecem com as motos aéreas. Lando, você faz a cobertura. Fique atento.

— Certo — disse Lando.

Do alto vieram uma série de estalidos nas correias do guindaste, que

erguiam a primeira das duas motos, depositando-a no chão. A seguir, o zunido dos repulsorlifts em aquecimento.

Com um súbito movimento e ruído de folhas e galhos, o predador saltou.

— Chewie! — foi tudo o que Han teve tempo de gritar antes que o animal saltasse.

Disparou bem no meio do torso e teve de abaixar-se para evitar o corpo do animal. Chewbacca dava um urro selvagem ao disparar sua besta um par de vezes, à medida que outros predadores atacavam, vindos das árvores. Da escotilha, alguém gritou alguma coisa e outro disparo se fez ouvir.

Com o canto do olho, rápido demais para registrar detalhes, Han viu as garras que se aproximavam.

Levantou o antebraço para proteger o rosto, recuando a cabeça tanto quanto possível. Um instante mais tarde foi derrubado pelo peso total do atacante, que o atingiu em cheio. Sentiu a pressão e a dor quando as garras rasgaram o traje camuflado...

E, de repente, o peso sumiu. Baixou o braço a tempo de ver o animal partir em direção à porta do *Falcon*. Ele girou e disparou, ao mesmo tempo que alguém, no interior da nave.

Chewbacca rugiu seu aviso. Ainda de costas, Han girou, para deparar com outros três animais correndo em sua direção. Derrubou um deles com dois disparos rápidos e tentava girar a arma na direção do segundo atacante quando pés calçados em botas negras surgiram à sua frente. Os animais saltaram na direção do brilho verde e caíram mortos.

Rolando no solo, Han colocou-se em pé e olhou ao redor. Luke estava meio agachado à sua frente, o sabre-laser em posição. Do outro lado da rampa, Chewbacca estava em pé, com três animais mortos ao redor.

Han olhou para o predador morto a seu lado e teve a oportunidade de examinar com detalhes...

— Cuidado! Tem mais três ali do outro lado — avisou Luke. Dois deles estavam visíveis, abaixados entre a vegetação.

— Eles não vão nos incomodar. Algum deles entrou na nave?

— Não foi muito longe — disse Luke. — O que você fez para provocá-los?

— Não fiz nada — disse Han, guardando a arma. — Foram você e Mara que ligaram as motos aéreas.

Chewbacca rugiu.

— E isso mesmo, Chewbacca. Foi lá que a gente encontrou com eles — disse Han.

— O que são eles? — quis saber Luke.

— São chamados garral — esclareceu Mara, do alto da rampa.

Encontrava-se agachada, ainda com a arma na mão. — O Império os utilizava como cães de guarda, geralmente próximos a postos na fronteira, onde dróides não são uma coisa prática. Existe algo no ruído ultra-sônico do repulsorlift que deve ter o som dos animais que eles caçam. São atraídos como por um ímã.

— Por isso é que eles se agruparam aqui, à nossa espera — disse Luke, recolhendo a lâmina, mas mantendo o sabre-laser na mão. — Escutaram os repulsorlifts do *Falcon*.

— Eles são capazes de escutar um repulsorlift desse tamanho num raio de muitos quilômetros. Isso significa que se eles foram monitorados por rádio, os defensores de monte Tantiss já sabem que estamos aqui — declarou Mara, saltando e caminhando em direção a um dos animais mortos.

Abaixou-se e enfiou a mão no pelo abundante do pescoço.

— Que maravilha — comentou Han, abaixando-se ao lado do garral que matara. — O que estamos procurando? Uma coleira?

— Provavelmente. Mas procure perto das pernas, também. Levaram alguns minutos para completar a tarefa, ao fim dos quais constataram que nenhum dos animais mortos levava um dispositivo de localização.

— Eles devem ser descendentes do grupo original trazido para proteger a montanha — comentou Lando.

— Ou então esse é o planeta onde se originaram — sugeriu Mara. — Nunca vi alguém citar o nome do mundo de origem deles.

— Significa encrenca de qualquer jeito — disse Han, jogando a última carcaça para o interior dos arbustos. — Se não podemos usar as motos, significa que teremos de caminhar.

Do interior da nave veio um ruído eletrônico.

— Desculpe, senhor, mas isso se aplica a Artoo e eu? — perguntou Threepio.

— A menos que tenham aprendido a flutuar — disse Han.

— Bem, senhor, é que me ocorreu que Artoo em particular não está muito bem adaptado para esse tipo de terreno, na floresta fechada. — Se o elevador de carga não pode ser usado, talvez possamos fazer outros arranjos — sugeriu o dróide.

— O arranjo é que vocês caminham como o resto de nós. — concluiu Han, sem a menor vontade de discutir com Threepio, — Vocês fizeram isso em Endor e podem muito bem fazer aqui.

— Em Endor o percurso era bem mais curto — lembrou Luke. — Vamos precisar de duas semanas de caminhada até a montanha.

— Não é tão ruim assim — comentou Han, revendo o cálculo. Era ruim o suficiente. — Oito ou nove dias, no máximo. Talvez um pouco mais, se

encontrarmos algum problema.

,— Pode contar com alguma encrenca — avisou Mara, sentando-se e colocando a arma no colo. — Acredite em mim.

— Você espera que os nativos não sejam hospitaleiros? — indagou Lando.

— Espero que eles nos recebam de arcos abertos — respondeu Mara. — Aqui existem dois tipos diferentes de nativos: os psadan e os Myneyrshi. Nenhum dos grupos gostava muito de humanos, mesmo antes do Império se mudar para o monte Tantiss.

— Bem, pelo menos não estão ao lado do Império — disse Lando.

— Isso não é um grande conforto — resmungou Mara. — E mesmo que eles não causem problemas, os predadores vão causar. Teremos sorte se chegarmos em doze ou treze dias, não oito ou nove.

Han olhou para a floresta e algo lhe captou a atenção. Algo mais do que perturbador...

— Então vamos deixar por doze — concluiu ele. — Vamos logo. Lando, Mara, vocês escolhem o equipamento essencial que possamos carregar. Chewie, você pega as caixas de ração no depósito, junto aos conjuntos de sobrevivência... isso deve dar como comida extra. Luke, você e os dróides vão para aquele lado e vejam o que conseguem encontrar que sirva como caminho... talvez um leito seco de rio, porque estamos Perto o suficiente da montanha para encontrar vários deles.

— Pois não, senhor — respondeu Threepio alegremente pondo-se a caminho. — Vamos, Artoo.

Houve um murmúrio de assentimentos e Han dirigiu-se rampa acima; estacou quando Luke colocou a mão em seu ombro:

— O que aconteceu?

Han voltou o olhar para a floresta.

— Aqueles garral que nos observavam não estão mais por aí. Sumiram.

— Será que foram embora juntos? — indagou Luke, olhando para trás.

— Não sei. Não vi quando saíram.

— Acha que pode ser uma patrulha do Império?

— Ou um bando daqueles animais predadores que Mara mencionou. Está sentindo alguma coisa?

Luke inspirou e segurou o ar por um instante. Depois exalou bem devagar.

— Não sinto ninguém por perto — declarou ele, pouco depois. — Mas poderiam estar fora de alcance. Acha que devíamos desistir?

Han balançou a cabeça, nunca negativa.

— Se fizermos isso, perderemos nossa melhor chance. Uma vez que

percebam que já sabemos onde ficam as instalações de clonagem, não haverá mais vantagem em ficar disfarçado como um planeta de periferia. Quando voltarmos com a força de ataque, eles terão uma frota de destróieres estelares esperando.

— É verdade — concedeu Luke, sorrindo. — Se eles seguirem o *Falcon*, quanto antes partirmos, melhor. Vai mandar as coordenadas para Coruscant antes de partirmos?

— Não sei — disse Han, olhando para o *Falcon* acima dele e tentando não pensar nas mãos dos homens do Império sobre ele. — Se existe uma patrulha lá fora, não vamos conseguir emitir uma mensagem que eles não interceptem.

— Parece arriscado — comentou Luke. — E se encontrarmos encrenca, não terão nenhuma idéia sobre onde enviar os reforços.

— Pode ser, mas se transmitirmos através de uma patrulha Ho Império, posso garantir encrenca — disse Han. — Estou aberto a sugestões.

— Que tal se eu ficar para trás algumas horas? — ofereceu Luke. — Se nenhuma patrulha aparecer, deve ser seguro transmitir.

— Esqueça. Você teria de viajar sozinho e existe uma chance razoável de que não encontre a gente.

— Tenho vontade de arriscar.

— Eu, não — disse Han. — Além do mais, toda vez que você sai sozinho acaba me metendo em encrenca.

— Às vezes dá mesmo essa impressão — admitiu Luke sorrindo.

— Pois pode apostar. Vamos, estamos desperdiçando tempo, vá logo para lá e encontre um caminho para a gente.

— Está bem. Vamos, Threepio, Artoo — chamou Luke, conformado.

A primeira hora foi a pior. A trilha vaga, lembrando uma picada, que Artoo encontrara, terminara numa moita de arbustos espinhudos cem metros adiante, forçando-os a abrir caminho pelo mato fechado. Nesse processo eles perturbaram mais do que a flora nativa e tiveram de perder vários minutos nervosos para abater um ninho de criaturas de seis pernas e meio metro de comprimento, que insistiam em atacá-los com os dentes e com as garras. Felizmente estavam aparelhados para apanhar presas menores e, além de duas marcas paralelas na perna esquerda de Threepio, ninguém mais sofreu dano algum. O dróide resmungou o quanto pôde sobre seus ferimentos, o que atraiu o animal de escamas marrons que atacou alguns minutos depois. O tiro rápido de Han errou o alvo e Luke teve de usar o sabre-laser para retirá-lo do braço de Threepio. Depois disso, o dróide ficou ainda mais inclinado a reclamar e Han estava ameaçando desligá-lo e deixá-lo para os animais noturnos quando depararam com o leito seco de um dos cursos

d'água que desciam pela montanha. Com o terreno mais regular e a ausência de ataques, puderam progredir com maior rapidez e quando o céu começou a escurecer sob a copa alta das árvores, anunciando o anoitecer, haviam percorrido quase dez quilômetros.

— Isso me traz de volta tantas lembranças — comentou Mara, com certo sarcasmo, retirando a mochila das costas.

— É como em Myrkr — concordou Luke, usando o sabre-laser para cortar outro arbusto de espinhos. — Sabe? Eu nunca fiquei sabendo o que aconteceu lá depois que parti.

— O que seria de se esperar — disse Mara. — Saímos dois passos à frente dos AT-AT de Thrawn. Depois quase fomos apanhados quando Karrde insistiu em ficar por perto para olhar.

— É por isso que está ajudando? Porque Thrawn colocou a cabeça de Karrde a prêmio?

— Vamos esclarecer uma coisa agora, Skywalker. Eu trabalho para Karrde e Karrde já disse que estamos neutros nessa guerra de vocês. O único motivo pelo qual estou aqui é porque conheço um pouco sobre a era das Guerras Clônicas e não quero ver um par de rostos frios duplicados pela Galáxia afora fazendo o que bem entendem. O único motivo pelo qual *você* está aqui, é que não posso destruir tudo sozinha.

— Compreendo — disse Luke, cortando mais um arbusto e desligando o sabre-laser. Com a Força, levantou os galhos cortados e baixou-os sobre o leito seco do rio. — Bem, não vai impedir que um perseguidor determinado nos alcance, mas pelo menos vai retardá-lo.

— É melhor do que nada — comentou Mara, retirando a embalagem de sua barra de ração. — Vamos esperar que esse não seja um daqueles lugares onde os predadores muito grandes vêm à noite.

— Os sensores de Artoo poderiam percebê-lo antes que se aproximassem demais — lembrou Luke.

Ligou de novo a lâmina e cortou mais dois galhos robustos de espinheiro, por via das dúvidas.

Ele desligá-lo, quando percebeu a mudança sutil nos sentidos de Mara. Voltou-se para encontrá-la observando a lâmina luminosa, a barra de ração esquecida na mão e uma estranha expressão no rosto.

— Mara? Você está bem?

O olhar dela desviou-se com rapidez.

— Claro. Estou ótima — respondeu ela. Atirando-lhe um rápido olhar, ela mordeu a barra com vontade.

— Está bem.

Desligando a arma, Luke usou a Força para mover os arbustos recém-

cortados sobre os outros. Ainda não era uma boa barricada. Talvez se ele esticasse alguns daqueles galhos entre as árvores...

— Skywalker...

— O quê?

Mara olhava para ele.

— Eu preciso perguntar uma coisa... e você é o único que sabe. Como morreu o Imperador?

Por um instante, Luke estudou-lhe o rosto. Mesmo à luz reduzida do crepúsculo, percebeu a dor nos olhos dela; a recordação de uma vida de luxo e um futuro brilhante que lhe foi retirada em Endor. Mas ao lado da dor havia também uma forte determinação. Mesmo que fosse magoá-la, queria ouvir a verdade.

— O Imperador estava tentando me fazer passar para o Lado Negro da Força — começou Luke, sentindo outra vez a força dos acontecimentos passados. Naquele dia, quase fora ele a morrer em vez do Imperador. — Quase consegui. Tentei investir contra ele e ao invés disso me encontrei lutando com Vader. Acho que ele pensou que se eu matasse Vader cheio de raiva, me abriria para o Lado Negro.

— E ao invés disso, os dois investiram contra ele — acusou ela, os olhos brilhando de raiva. — Vocês dois...

— Espere um pouco — protestou Luke. Eu não o ataquei; Não depois daquele primeiro golpe.

— Do que está falando? Vi vocês dois. Os dois avançaram contra ele com os sabres-laser. Eu vi tudo.

Luke ficou olhando para ela... e subitamente compreendeu Mara Jade, a Mão do Imperador, que podia escutar sua voz de qualquer lugar na Galáxia. Ela entrara em contato com seu mestre no momento de sua morte e assistira tudo.

Só que, de alguma forma, entendera tudo errado.

— Eu não ataquei o Imperador, Mara. Ele estava a ponto de me matar quando Vader o apanhou e atirou-o pelo poço. Eu não poderia ter feito nada mesmo que quisesse... ainda estava meio paralisado pelos raios azuis que ele tinha lançado sobre mim.

— Como assim, nem se quisesse? Foi por isso que você subiu a bordo da Estrela da Morte, não foi?

Luke negou com um gesto de cabeça.

— Não. Fui lá tentar libertar Vader do Lado Negro da Força. Mara voltou-se para o outro lado e Luke sentiu-lhe o tormento interno.

— Por que eu deveria acreditar em você?

— E por que eu iria mentir? — argumentou ele. — Não muda o fato de

que se eu não estivesse lá Vader não se teria voltado contra ele. Nesse sentido, sou responsável pela morte do Imperador.

— Tem razão. É mesmo! — disse Mara, depois de um instante de hesitação. — E não vou esquecer disso.

Luke assentiu em silêncio e aguardou que ela continuasse a falar. Todavia, Mara permaneceu quieta e depois de um minuto ele virou as costas aos arbustos.

— Eu iria mais devagar com essas coisas, se fosse você — avisou ela, com voz controlada. — Não seria bom ficarmos encurralados nesses muros de espinhos se alguma coisa grande vier sobre os arbustos.

— Bem lembrado — disse Luke, compreendendo as palavras e o significado.

Havia um trabalho a fazer e até que estivesse terminado, precisava dele com vida. Depois, teria de enfrentar o que o destino lhe preparara. Ou escolher outro futuro.

Desligando o sabre-laser, Luke passou por Mara, caminhando na direção onde os outros se ocupavam em montar acampamento. Era hora de verificar os dróides.

A porta da Assembléia abriu-se e uma pequena multidão de seres e dróides começou a sair para o Grande Corredor, conversando entre si no espectro habitual de linguagens distintas. Olhando para Winter, enquanto as duas caminhavam na direção da multidão, Leia fez um sinal. Era hora de agir.

— Apareceu mais alguém que eu deva saber? — perguntou ela, enquanto passavam pela orla da multidão.

— Só um relatório seguindo o de Pantolomin — afirmou Winter, os olhos percorrendo de forma natural o grupo. — Um caçador de recompensas lá diz que penetrou no estaleiro Imperial de Ord Trasi e quer vender para nós informações sobre as novas construções.

— Já lidei muito com caçadores de recompensa — comentou Leia, sem olhar para os passantes. Winter vigiava e com sua memória perfeita ela se lembraria de todos que passassem perto o suficiente para escutar. — O que faz o coronel Derlin pensar que confiamos nele?

— Ele não tem certeza — disse Winter. — Ofereceu como prova de boa fé uma amostra grátis: diz que três destróieres estelares estão a um mês de serem concluídos. O coronel Derlin disse que o comandante de esquadrilha Harley está projetando um plano para confirmar essa informação.

Estavam agora fora do Grande Corredor, seguindo com um grupo de seres que ainda não se haviam espalhado pelos escritórios e demais salas de conferência.

— Parece arriscado — disse Leia, seguindo o roteiro de diálogos preparado anteriormente. — Espero que ele não pretenda fazer feio.

— O relatório não dava nenhum detalhe, mas havia um adendo querendo saber sobre as possibilidades de emprestar uma nave de alguém que faça negócios com o Império.

O último dos oficiais virou num corredor lateral, deixando as duas sozinhas no corredor com os técnicos, assistentes, pessoal da administração e outros membros do segundo escalão da Nova República. Leia olhou rapidamente os rostos, resolvendo que não valia a pena repetir o diálogo. Fez um sinal de cabeça para Winter e dirigiram-se para os turboelevadores.

Precisavam de algum lugar onde Ghent pudesse instalar-se sem que rumores sobre os acontecimentos vazassem e uma busca na planta do palácio

encontrara o lugar ideal. Era uma a antiga sala de um gerador de reserva, selado alguns anos antes, entre os setores de Suprimentos e o Comando de Guerra Espacial no andar de baixo. Leia cortara com o sabre-laser uma nova entrada pelo corredor de serviço; Bel Iblis ajudara com os cabos de energia e de dados e Ghent instalara seu programa decifrador.

Tinham tudo o que precisavam. Menos resultados.

Ghent sentava-se na única cadeira da sala, quando chegaram, olhando para o alto com ar sonhador e os pés apoiados sobre a escrivaninha. As duas entraram e fecharam a porta antes que ele percebesse.

— Oi — cumprimentou ele, baixando os pés sobre o solo.

— Cuidado para não fazer barulho — lembrou Leia, sabendo do perigo dos oficiais que trabalhavam em aposentos contíguos escutarem algo. — O general Bel Iblis já trouxe a última transmissão?

— Faz mais ou menos uma hora — murmurou Ghent, em voz tão baixa que Leia mal escutou. — Acabei de decifrá-los.

Ele tocou uma tecla e uma série de mensagens decifradas apareceu no monitor. Leia colocou-se atrás da cadeira, lendo as letras luminosas. Havia detalhes de projetos militares futuros, algo que parecia uma transcrição de conversa diplomática de alto nível, trechos de mexericos do palácio... e como sempre, a Fonte Delta cobrira todos os assuntos, dos mais importantes aos triviais.

— Lá está um dos nossos — disse Winter, apontando uma frase.

Tratava-se de um relatório não-confirmado da Inteligência no sistema Bpfassh, sugerindo que o *Quimera* e suas naves de apoio haviam sido avistados perto de Anchoron. Era mesmo uma das informações plantadas.

— Quantos escutaram essa frase? — indagou Leia.

— Só quarenta e sete — declarou Winter, já ocupada com a prancheta de dados. — Foi pouco antes das três, ontem à tarde... durante a segunda sessão da Assembléia... e o Grande Corredor estava quase vazio.

Leia assentiu e voltou a atenção para o monitor. Quando Winter terminou sua lista, ela identificara mais duas informações plantadas. Quando Winter terminou essas duas, Leia encontrara mais cinco.

— Parece que é isso — disse ela, enquanto Ghent recebia os resultados. — Coloque os dados no seu programa de comparações.

— Certo — anuiu Ghent, lançando mais um olhar admirado a Winter antes de voltar-se para o teclado. Depois de três dias de trabalho, ele ainda não se acostumara com a forma como ela recordava detalhes de cinquenta conversas distintas de um minuto. — Muito bem, vamos ver.... certo. Estamos reduzidos a cento e vinte e sete possibilidades. A maior parte são técnicos e funcionários da administração; tem também alguns diplomatas de

outros planetas.

Leia sacudiu a cabeça.

— Nenhum deles tem a possibilidade de obter acesso a tantas informações — raciocinou ela, gesticulando em direção ao monitor. — Tem de ser alguém num posto elevado da estrutura de comando...

— Espere um pouco — cortou Ghent, levantando o indicador. — Você quer um peixe grande e temos um aqui; o Conselheiro Sian Tevv, de Sullust.

Leia franziu a testa.

— Isso é impossível. Ele foi um dos líderes mais antigos da Aliança Rebelde. Aliás, acho que foi ele quem trouxe Nien Nunb e sua esquadrilha particular, depois que o Império tomou o sistema Sullust.

Ghent deu de ombros.

— Não sei nada sobre isso. A única coisa que posso dizer sobre ele, é que escutou os quinze diálogos que foram transmitidos pela Fonte Delta.

— Não pode ser o Conselheiro Tevv — disse Winter, ainda absorta na prancheta. — Ele não estava presente em nenhuma dessas seis últimas comunicações.

— Talvez um dos ajudantes dele estivesse — sugeriu Ghent. — Ele não precisaria estar lá em pessoa.

Winter balançou a cabeça, numa negativa.

— Não. Um dos ajudantes estava presente, mas em apenas uma das seis conversas. Mais importante que isso, o Conselheiro Tevv *estava* presente a duas conversas no dia anterior ao que a Fonte Delta não transmitiu. As nove e quinze da manhã e às duas e quarenta e dois, à tarde.

Ghent consultou as listas mencionadas.

— Você tem razão. Eu não tinha pensado em verificar as coisas sob esse aspecto. Acho que é melhor eu aperfeiçoar o programa.

Atrás de Leia, a porta abriu-se, para permitir a entrada de Bel Iblis.

— Achei que estaria aqui — disse ele à Leia. — Estamos 3 ponto de experimentar o plano Stardust, se quiser assistir.

Tratava-se do último esquema para localizar os asteróides camuflados que Thrawn lançara ao redor de Coruscant.

— Quero, sim. Winter, estarei na sala de guerra quando você terminar aqui..

— Sim, Alteza.

Leia e Bel Iblis saíram e caminharam pelo corredor de serviço.

— Encontraram alguma coisa? — indagou ele, por sobre o ombro.

— Winter ainda está fazendo a lista. Até agora temos cento e trinta possibilidades.

Bel Iblis assentiu.

— Considerando o número de pessoas que trabalham no palácio, eu chamo isso de progresso.

— Talvez. Me ocorreu que esse esquema só vai funcionar se a Fonte Delta for apenas uma pessoa — afirmou Leia. — Se for um grupo, não seremos capazes de descobrir todos por eliminação.

— Pode ser — concordou o general. — Mas passei maus bocados acreditando que poderíamos ter muitos traidores. Na verdade, ainda tenho minhas dúvidas quanto a acreditar que seja um só. Sempre imaginei que a Fonte Delta seria algum tipo de sistema exótico de gravação. Algo que a Segurança ainda não conseguiu localizar.

— Eu mesma observei as varreduras. Não consigo imaginar como possam ter deixado passar alguma coisa.

— Infelizmente, eu também não.

Chegaram à sala de guerra, para encontrar o general Rieekan e o almirante Drayson em pé atrás do console principal.

— Princesa — cumprimentou o general. — Chegou bem a tempo.

Leia levantou os olhos para o monitor visual principal. Um velha nave de carga afastara-se do grupo de naves que patrulhava as órbitas superiores e progredia em direção ao planeta.

— Até onde ela vem? — quis saber Leia.

— Vamos começar logo acima do escudo planetário, conselheira — respondeu Drayson. — A análise pós-combate indica que a maior parte dos asteroídes terminou em órbita baixa.

Leia assentiu. Desde que aqueles seriam os mais prováveis para penetração se retirassem o escudo, fazia sentido.

Lentamente, movendo-se com a falta de graça de uma nave comandada à distância, o velho cargueiro aproximou-se.

— Muito bem — ordenou Drayson. — Controle do Cargueiro Um, corte a propulsão e preparem-se para lançar à minha ordem. Prontos? Agora!

Por um instante, não aconteceu nada. A seguir, uma nuvem brilhante começou a aparecer da traseira do cargueiro, girando preguiçosa na esteira deixada.

— *Harrier*, fique a postos com raios iônicos negativos.

— Toda a poeira foi lançada do cargueiro, almirante — informou um dos oficiais.

— Cargueiro Um, pode deixar a área — ordenou Drayson.

— Mas devagar — lembrou Bel Iblis. — Não queremos que ela arraste atrás toda a cortina de poeira.

Drayson olhou de lado para ele.

— Bem devagar — recomendou ao microfone. — Já temos alguma

leitura?

— O sinal está chegando forte, senhor — respondeu o oficial aos sensores. — Entre ponto noventa e dois e ponto noventa e oito de reflexividade em todas as faixas.

— Ótimo. Fique de olho — recomendou Drayson. — *Harrier*?

— O *Harrier* está pronto — confirmou outro oficial.

— Disparar raios iônicos negativos. Na menor intensidade. Vamos ver como funciona.

Leia acompanhou no monitor. As partículas de poeira brilhante agruparam-se, à medida que as cargas eletrostáticas formadas pelo cargueiro atingiam a nuvem. Com o canto do olho, ela viu a linha nebulosa do canhão iônico aparecer no Monitor tático, e passar pela poeira, carregando as partículas com a mesma polaridade, para que repelissem umas às outras... e, de repente, a nuvem começou a aumentar de tamanho novamente, espalhando-se pelo monitor como se fosse alguma flor exótica abrindo-se.

— Cessar fogo — ordenou Drayson. — Vamos ver se está bom.

Por um minuto inteiro a flor continuou a abrir-se e Leia descobriu-se olhando o brilho no espaço. Não havia motivo naturalmente. Dada o tamanho do espaço orbital, era improvável que logo na primeira tentativa largassem a nuvem na órbita de um dos asteróides. Mesmo que o corpo celeste camuflado passasse por lá, ainda assim não seria visível no monitor tático, a não ser no momento em que o escudo de camuflagem fosse destruído. Parece que o campo dobrava a luz e os sinais dos sensores ao redor de si mesmos, o que significava que não haveria um ponto negro visível através da poeira.

— A nuvem está começando a se abrir, almirante — informou o oficial encarregado dos sensores. — A taxa de dissipação subiu para doze.

— O vento solar está chegando — murmurou Rieekan.

— Conforme o esperado — lembrou Drayson. — Cargueiro Dois: pode lançar.

Um segundo cargueiro afastando-se do grupo de naves.

— Esse é o método mais lento — comentou Bel Iblis.

— Concorde — afirmou Rieekan. — Gostaria que eles não tivessem perdido aquele emissor CGT que você tinha, em Svivren. Teríamos bastante uso para ele aqui.

Leia assentiu. O emissor CGT, que utilizava campos gravitacionais de cristais, fora projetado inicialmente para detectar a massa de naves camufladas a milhares de quilômetros de distância. Seria ideal para aquele trabalho.

— Pensei que a Inteligência tivesse a pista de um aparelho desses.

— Eles têm pistas sobre a localização de três deles. O problema é que os três se encontram em território do Império — esclareceu Rieekan.

— Ainda não estou convencido de que o emissor CGT seria tão útil aqui — afirmou Bel Iblis. — Nesse alcance curto, acho que a gravidade de Coruscant iria mascarar quaisquer leituras dos asteróides.

— Seria difícil, sem dúvida — admitiu Rieekan. — Mas acho que é nossa melhor opção.

Permaneceram em silêncio enquanto, no monitor principal, o segundo cargueiro atingia a zona de alvo e repetia o procedimento do primeiro. Mais uma vez não obtiveram resultados.

— O vento solar vai ser um aborrecimento — comentou Bel Iblis, quando o terceiro cargueiro partiu. — Podemos até considerar a possibilidade de usar partículas maiores no próximo lançamento.

— Ou mudar o horário da operação para a noite — sugeriu Rieekan. — Isso pelo menos anularia o efeito do...

— Turbulência! — avisou o oficial aos sensores. — Vetor um, um, sete... beirando quatro, nove, dois.

Houve uma corrida para o console dos sensores. Na borda da segunda nuvem, ainda em expansão, aparecera uma linha alaranjada, marcando a turbulência criada pela passagem do asteróide invisível.

— Alinham os sensores nesse vetor — ordenou Drayson. — *Harrier*, dispare quando quiser.

No monitor visual, linhas avermelhadas partiram dos turbolaser do Dreadnaught, em direção à trajetória calculada do objeto. Leia observou, apertando as costas da cadeira do oficial a sua frente... e de repente, lá estava: um asteróide amorfo, flutuando à luz das estrelas.

— Cessar fogo — disse Drayson. — Muito bem, cavalheiros. Certo, *Allegiant*, agora é sua vez. Retire o grupo de técnicos de lá e...

Ele interrompeu-se, pois no monitor visual vários riscos vermelhos apareceram ao redor do asteróide. Por um momento brilharam, depois sumiram.

— Desconsiderar a ordem, *Allegiant* — disse Drayson. -4 Parece que o Grande Almirante não quer que ninguém examine mais de perto seus brinquedinhos.

— Pelo menos conseguimos encontrar um deles — opinou Leia. — Já é alguma coisa.

— Certo. Agora só faltam trezentos — comentou Rieekan Leia assentiu outra vez e começou a voltar-se. Iria demorar e ela podia voltar para onde estavam Winter e Ghent.

— Colisão! — avisou o oficial dos sensores.

Ela voltou-se. No monitor visual o terceiro cargueiro girava no espaço, a proa danificada e em chamas, com a carga de poeira brilhante espalhando-se em todas as direções.

— Consegue estabelecer um vetor? — indagou Drayson. As mãos do oficial pareciam borboletas sobre o teclado.

— Negativo. Dados insuficientes. Tudo o que posso fazer é estabelecer um cone de probabilidades.

— Tudo bem. Todas as naves, abram fogo. Padrão de bombardeio: sigam o cone, conforme indicado.

O cone apareceu no monitor tático e o agrupamento de naves iniciou o bombardeio.

— Abram o cone para obter probabilidade de cinquenta por cento. Estações de combate, vocês ficam com o cone exterior. Quero que encontrem esse asteróide — disse Drayson.

O encorajamento foi desnecessário. O espaço acima de Coruscant tornara-se uma tempestade de fogo, com disparos turbolasers e torpedos de prótons preenchendo o cone de probabilidades. A zona do alvo expandia-se e contraía-se à medida que os computadores calculavam os caminhos possíveis do asteróide, para a correção instantânea da mira das armas.

Mas não havia coisa alguma... e depois de alguns minutos, Drayson admitiu a derrota.

— Todas as unidades. Cessar fogo! Não adianta. Nós o perdemos.

Não parecia haver mais nada a ser dito. Ficaram ali, em silêncio, observando o cargueiro avariado, bem além do alcance dos raios tratores da frota, girando na direção do escudo planetário, onde encontrariam seu fim. A proa destruída atingiu a superfície do escudo, e os gases resultantes da combustão tornaram-se esbranquiçados, assumindo o tom das ligações atômicas quebradas. Um relâmpago quando o cargueiro se partiu, e novo lampejo de luz quando a parte traseira atingiu o escudo, espalhando estilhaços escuros quando a fuselagem se despedaçou...

E com um clarão final e difuso, foi destruído.

Leia observou até que as últimas chamas se apagassem, fazendo exercícios Jedi para acalmar-se e retirar a raiva da mente. Permitir-se à luxúria de odiar Thrawn por fazer isso a eles só iria embotar a própria capacidade de raciocínio. Pior ainda, tal ódio seria um passo perigoso em direção ao lado negro.

Sentiu um movimento próximo ao ombro, e ao voltar-se, deparou com Winter, olhando para o monitor, com um traço de dor nos olhos.

— Tudo bem — garantiu Leia. — Não havia ninguém a bordo.

— Sei disso. Estava pensando sobre outra nave que vi terminar assim em

Xyquine. Um transporte de passageiros... — disse ela; depois suspirou, e Leia pode perceber o esforço consciente para afastar as memórias sempre vividas e dolorosas. — Quando terminar aqui, gostaria de conversar um pouco, Alteza.

Leia estendeu os sentidos além da expressão neutra de Winter e tocou-lhe os sentimentos. Fosse o que fosse, não se tratava de uma boa notícia.

— Vou agora — decidiu Leia.

Deixaram a sala de guerra e deram a volta aos turboelevadores em direção ao corredor de serviço e a sala secreta de decodificação. De fato, as novas não eram encorajadoras.

— Mas isso não pode ser — argumentou Leia, sacudindo a cabeça ao reler a análise de Ghent. — Nós *sabemos* que existe vazamento de informações no palácio.

— Verifiquei várias vezes, de trás para frente e de dentro para fora — afirmou Ghent. — Sempre obtenho a mesma coisa. Entrei com o nome das pessoas que ouviram e que não ouviram o material que a Fonte Delta enviou; comparei com o nome das pessoas que ouviram ou não ouviram o material que a Fonte Delta *não enviou*; a resposta é a mesma. Zero Ninguém.

Leia digitou a prancheta para ver de novo o procedimento e observou como os nomes da lista desapareciam um a um até não sobrar nenhum.

— Então a Fonte Delta tem de ser, forçosamente, mais de uma pessoa — concluiu ela.

— Já experimentei isso — declarou Ghent, gesticulando sua impotência. — Não funcionou, também. Seriam necessárias um mínimo de quinze pessoas. Sua Segurança não pode ser tão ruim assim.

— Nesse caso, ele está escolhendo o que transmite. Mandando uma parte do que escuta, mas não tudo.

Ghent olhou para o monitor.

— Acho que é possível — admitiu ele, relutante. — Mas, não sei. Se você examinar algumas das coisas estúpidas que são enviadas... quero dizer, havia um na última transmissão que relatava a conversa de um casal arcona falando sobre que nomes um deles ia dar à ninhada. Ou esse sujeito não se lembra bem das coisas, ou tem uma lista de prioridades muito esquisita.

A porta abriu-se e Bel Iblis entrou.

— Vi quando saiu — disse ele à Leia. — Descobriram alguma coisa?

Sem dizer nada, ela entregou a prancheta de leitura. O general estudou os números, percorrendo-os por duas vezes.

— Interessante... ou essa análise está errada, ou a memória de Winter está começando a falhar... ou a Fonte Delta percebeu nossa presença.

— Por que está dizendo isso? — indagou Leia.

— Porque não está transmitindo mais tudo o que escuta — sugeriu Bel Iblis. — Algo deve ter despertado suspeitas.

— Não acredito nisso. Nunca topamos com nenhum indício de suspeita.

— A alternativa é acreditar que temos um verdadeiro ninho de espões por aqui... — afirmou o general, interrompendo-se ao ter uma idéia. — Esperem um pouco. Isso não é tão mal assim. Se presumirmos que ele não percebeu logo, ainda assim poderíamos usar as listas dos primeiros dois dias para obter uma lista com um número razoável de suspeitos.

— Garm, estamos falando sobre cerca de cem membros confiáveis da Nova República. Não podemos acusar tantas pessoas assim de traição — argumentou Leia. — As acusações de Fey'lya contra o almirante Ackbar já provocaram agitação suficiente. E essas seriam de uma magnitude muito maior.

— Sei disso, Leia. Mas não podemos deixar o Império continuar escutando nossos segredos. Ofereça uma alternativa — pediu Bel Iblis.

Leia mordeu os lábios, a mente trabalhando depressa.

— E quanto aquele comentário que você fez na sala de guerra? Você disse que talvez a Fonte Delta fosse alguma forma exótica de gravação.

— Se isso é verdade, deve ficar próxima ao Grande Corredor — disse Winter, antes que Bel Iblis tivesse oportunidade de responder. — Foi onde todas as conversas transmitidas se originaram.

— Tem certeza disso? — indagou o general, franzindo a testa.

— Absoluta. Todas elas.

— Então só pode ser isso — disse Leia, excitada com a nova perspectiva. — De alguma forma, alguém colocou um sistema de escuta no Grande Corredor.

— Não se anime muito — avisou Bel Iblis. — Sei que parece uma boa teoria, mas não é tão fácil assim. Sistemas de microfones possuem características bem definidas, todas bem conhecidas dos técnicos, e que podem ser localizadas com urna varredura bem feita.

— A menos que fique inerte quando os agentes fazem a varredura — sugeriu Ghent. — Já vi sistemas que fazem isso.

O general balançou a cabeça num gesto negativo.

— Nesse caso você está falando sobre algo que possua, no mínimo, capacidade de tomar decisões. Qualquer coisa com o nível de inteligência de um dróide seria...

— E isso! — interrompeu Ghent. — A Fonte Delta não é uma pessoa. É um dróide.

— Isso é possível? — perguntou Leia a Bel Iblis.

— Não sei. Implantar programação secundária de espionagem num

dróide é uma coisa viável. O problema é como conseguir que essa programação passe despercebida pelas verificações rotineiras do palácio e como evita as varreduras da contra-inteligência.

— Teria de ser um dróide com um bom motivo para andar pelo Grande Corredor — lembrou Leia. — Mas que também possa sair sem atrair atenção, sempre que comece um procedimento de varredura.

— E com o tipo de informações de alto nível escutadas no Grande Corredor, essas varreduras são bastante freqüentes — concordou o general. — Ghent, você pode penetrar nos arquivos da Segurança e conseguir uma listagem do número de varreduras realizadas nos últimos três ou quatro dias?

— Claro — respondeu o rapaz. — Só que vai demorar um par de horas. A menos que não se importe que eles percebam.

Bel Iblis olhou para Leia.

— O que acha?

— Não queremos que ele seja apanhado. Por outro lado, não queremos dar trânsito livre à essa maldita Fonte Delta no palácio por um tempo maior do que o necessário.

— Alteza? — chamou Winter. — Desculpe, mas me parece que se as varreduras são tão freqüentes, tudo o que precisamos fazer é observar o Grande Corredor quando estiverem fazendo a varredura, para ver quais os dróides que saem do local.

— Vale a pena tentar — concordou Bel Iblis. — Ghent, mãos à obra. Leia, Winter... vamos.

— Estão chegando — avisou Winter, pelo comunicador de Leia.

— Tem certeza que são da Segurança do palácio? — perguntou Bel Iblis.

— Tenho. Vi o coronel Bremen dando ordens a eles. E estão trazendo dróides e equipamento — respondeu Winter.

— Parece que é agora. Fique de olho — avisou Leia, esperando que os três kubaz sentados no sofá perto dela não reparassem em seu comportamento estranho.

Escutou os murmúrios de assentimento de todos os que estavam a postos. Baixando a mão para o colo, Leia olhou ao redor. Chegara a hora de deflagrar o mais eficaz golpe na Fonte Delta. Com uma reunião da assembléia terminando de abrir as portas, e uma reunião do Conselho a ponto de começar, o Grande Corredor estava cheio de oficiais de alta patente. Ao lado deles, os ajudantes e assessores e seus dróides.

Por um lado, Leia sempre soube como os dróides eram comuns no Palácio Imperial. Por outro lado, começava a compreender que não tinha a menor idéia sobre o número deles. Existiam alguns dróides de protocolo 3PO à vista, a maior parte acompanhando grupos de diplomatas alienígenas,

mas alguns com grupos oficiais do palácio. Pairando sobre a multidão em seus microrrepulsorlifts, um par de dróides insetóides de manutenção, que limpavam sistematicamente os entalhes e os vitrais que se alternavam ao longo das paredes. Uma fila de dróides MSE passou perto da parede mais distante, entregando mensagens complexas demais para serem transmitidas pelo comunicador, ou sigilosas, todos tentando não serem atingidos pelos pés dos transeuntes. Na árvore ch'hal mais próxima, às vezes visível através da multidão, havia um dróide de manutenção MN-2E, retirando com cuidado as folhas mortas.

Qual deles teria o Império tornado num espião?

— Estão começando — avisou Winter. — Em fila no corredor...

Um ruído estranho surgiu no comunicador, como se Winter tivesse colocado a mão sobre o microfone. A seguir, mais uma série de sons abafados. Leia imaginava se deveria ou não locomover-se para investigar, quando uma voz de homem se fez ouvir.

— Conselheira Organa Solo?

— Ela mesma. Quem está falando?

— Tenente Machel Kendy, conselheira. Da Segurança do palácio. Está consciente de que existe outra pessoa ligada neste canal?

— Estávamos conversando com o general Bel Iblis, tenente — garantiu Leia.

— Estou vendo — disse Kendy, parecendo desapontado.

— Terei de pedir para suspender a conversa por alguns minutos, conselheira. Estamos a ponto de fazer uma varredura no Grande Corredor e não podemos ter comunicadores ligados na área.

— Entendo. Vamos esperar até que você tenha terminado — concordou Leia.

Desligou o comunicador e colocou-o no cinto, sentindo nos ouvidos o coração bater. Girando de forma casual no banco, certificou-se de poder observar a ponta do Grande Corredor. Se houvesse um dróide espião presente, ele viria naquela direção assim que notasse os homens da segurança vindo pelo outro lado.

Acima, os dróides flutuadores de limpeza foram substituídos por um outro tipo de dróide, que verificavam toda a superfície das paredes e dos entalhes no teto, procurando microfones ou sistemas de gravações implantados desde a última varreduras. Diretamente abaixo deles, Leia enxergou o tenente Kendy e seu grupo caminhando em formação militar pelo corredor e observando os mostradores dos aparelhos pendurados ao ombro. A fila alcançou a área do saguão, passou por ela e continuou sem incidentes até o final do corredor. Lá aguardaram, deixando que os dróides SPD e um

grupo de MSE terminassem sua parte da varredura. Com a formação estabelecida, todo o grupo desapareceu na direção dos escritórios do Conselho Interno.

Havia acabado. Todo o Grande Corredor sofrerá uma varredura, que resultará em nada... e nem um único dróide abandonara a área.

Um movimento na lateral chamou sua atenção. Porém era apenas o dróide de manutenção MN-2E que cuidava da ch'hala que crescia ao lado do sofá. Resmungando consigo mesmo, o dróide começou a enfiar sensores delicados entre a folhagem, procurando folhas mortas, ou que estivessem morrendo.

Mortas ou morrendo. Como a teoria que desenvolveram.

Com um suspiro, Leia apanhou o comunicador.

— Winter? Garm?

— Estou aqui, Alteza.

— Eu também — disse Bel Iblis. — O que aconteceu?

— Absolutamente nada. Não vi nenhum dos dróides evitá-los.

— Certo — respondeu o general, fazendo um instante de silêncio. — Bem... pode ser que nosso dróide não tenha vindo, hoje. Precisamos enviar Winter até Ghent e pedir que ela adicione dróides à lista.

— O que acha, Winter?

— Posso tentar. O problema será identificar dróides específicos. Externamente, um dróide de protocolo parece com outro.

— A gente trabalha com o que puder — afirmou Bel Iblis. Está em algum lugar por aqui. Posso sentir isso.

Leia conteve o fôlego, projetando seus sentidos Jedi. Não possuía o instinto de combate do general, nem a habilidade de Luke, mas também podia sentir. Era alguma coisa no Grande Corredor...

— Acho que tem razão, Garm. Winter, é melhor começar logo.

— Pois não, Alteza.

— Vou com você, Winter — ofereceu Bel Iblis. — Quero ver o que está acontecendo com o Projeto Stardust.

Leia desligou o comunicador e inclinou-se no assento, fatigada e desestimulada, teve de acompanhar sua mente, apesar dos esforços para contê-la. Parecia uma boa idéia, usar os códigos decifrados de Ghent para identificar a Fonte Delta. Mas até então, cada pista parecia dissolver-se.

E o tempo se esgotava. Mesmo que pudessem manter secreto o trabalho de Ghent, o que não era certo, cada um desses recursos os levavam ao dia inevitável em que a Fonte Delta iria reparar em toda a atividade gerada e cessaria as transmissões. Quando isso acontecesse, a chance de identificar o espião do Império entre eles desapareceria.

Isso se constituiria num desastre. Não pelo vazamento de informações em si, pois a Inteligência do Império sempre roubara informações, desde o tempo da Aliança Rebelde e eles davam um jeito de sobreviver. O que era muito mais perigoso para a Nova República era a aura de suspeita e desconfiança que a própria existência da Fonte Delta no palácio provocava. As acusações do conselheiro Fey'lya contra o almirante Ackbar já haviam demonstrado o que a desconfiança poderia acarretar a uma coalizão multirracial, de equilíbrio delicado. Se fosse descoberto um verdadeiro agente do Império entre a liderança da Nova República...

Do outro lado do sofá circular, os três kubaz levantaram e afastaram-se, dando a volta à árvore ch'hala com o dróide e desaparecendo no fluxo de transeuntes. Leia descobriu-se examinando o dróide, observando como o braço respeitava as folhas vivas ao apanhar um pequeno tufo de folhas mortas, tempo todo resmungando baixo. Recordou o breve encontro que tivera com um dróide-espião no planeta de Honoghr, a terra dos noghri. Naquela oportunidade conseguira evitar o desastre com esse encontro, que salvara a raça dos noghri. Se gel Iblis estivesse certo, e a Fonte Delta fosse mesmo um dróide e não um traidor...

Mas o Império não teria conseguido infiltrar um dróide-espião no palácio sem a colaboração de um ou mais dos seres que viviam ali. A Segurança invariavelmente fazia uma verificação completa de todos os dróides que entravam no palácio, fosse em base permanente ou temporária; sabiam o que procuravam. Programação secundária de espionagem saltava aos olhos como o vermelho contra um fundo neutro, como o padrão na árvore ch'hala...

Leia franziu a testa, olhando para a árvore, enquanto a corrente de pensamentos cessava. Viu mais uma mancha vermelha aparecer no tronco esguio, enviando círculos concêntricos encarnados pelo tronco, até desaparecer em um torvelinho violeta. Os círculos desapareciam um após o outro, originando-se todos do mesmo local no tronco. E cada um deles sincronizado com os ruídos do dróide MN-2E.

De repente a idéia chegou, como um balde de água gelada. Retirou o comunicador do cinto com dificuldade, pois os dedos tremiam. Digitou a chamada para a operadora na central do palácio.

— Aqui é a conselheira Leia Organa Solo — identificou-se ela. — Me ligue com o coronel Bremen, na Segurança.

Respirou fundo para acalmar-se e continuou.

— Diga a ele que encontrei a Fonte Delta.

Tiveram de cavar quase oito metros para baixo antes de encontrarem o que buscavam. Um tubo longo, largo e marcado pela idade, que estava

enterrado ao lado das raízes finas da árvore ch'hala; num dos lados entravam milhares de pontas finíssimas das raízes e do outro saíam fibras de transmissão. Mesmo então, precisaram de mais uma hora e dos relatórios preliminares antes que Bremen ficasse convencido.

— Os técnicos dizem que nunca viram nada parecido —. disse o chefe de segurança para Leia, Bel Iblis e Mon Mothma ao lado do buraco cavado. — Aparentemente é razoável. Qualquer pressão no tronco das árvores, incluindo as ondas sonoras, dispara mudanças químicas nas camadas internas do tronco.

— Que é o que provoca a alteração de cores e os padrões? — quis saber Mon Mothma.

— Exato — anuiu Bremen. — Os padrões são rápidos demais para não serem bioquímicos. Aqueles tubos implantados nas raízes analisavam continuamente as substâncias e as enviavam para o módulo enterrado. Esse módulo transforma os dados químicos em pressão outra vez e daí para a fala. Algum outro módulo, talvez enterrado mais fundo, escolhe as conversas e prepara tudo para a codificação e transmissão. É só isso.

— Um microfone orgânico — disse Bel Iblis. — Nenhuma parte eletrônica à vista para ser detectada por uma varredura.

— Na verdade, uma série de microfones — corrigiu Bremen, olhando para as fileiras duplas de árvores ch'hala ao longo do Grande Corredor. — Vamos nos livrar delas, de qualquer forma.

— Um plano tão brilhante — comentou Mon Mothma. — Parecido com ele. Sempre me perguntei como ele conseguia as informações que usava contra nós no Senado... mesmo depois da morte, o Imperador consegue nos atingir.

Bem, essa parte pelo menos deixou de ser um problema — afirmou Bel Iblis, aliviado. — Vamos reunir um bom grupo de homens, coronel e cavar algumas árvores.

À distância, sobre a planície ressecada, fez-se notar um brilho de luz refletida.

— Mazzic está chegando — anunciou Karrde. Gillespee retirou a atenção da mesa de petiscos e estreitou os olhos além das paredes em ruínas da fortaleza de pedra.

— Alguém está chegando, de qualquer forma — concordou ele, largando a xícara e o pedaço de brualki que mastigava e limpou as mãos na túnica. Apanhou o macrobinóculo e usou-o. — E ele mesmo. Engraçado... tem mais duas naves com ele.

Karrde franziu a testa.

— Mais duas naves?

— Dê só uma olhada — convidou Gillespee, oferecendo o macrobinóculo.

Karrde levou o dispositivo aos olhos. Havia três naves chegando; um elegante iate espacial e duas naves de aspecto malévolo, e desenho desconhecido.

— Acha que ele resolveu trazer convidados?

— Ele não disse nada sobre convidado algum quando falou com Aves, há poucos minutos — informou Karrde, pensativo.

Enquanto observava, as duas naves saíram da formação, percorreram a planície em outra direção e desapareceram numa das ravinas existentes.

— Talvez seja melhor verificar — sugeriu Gillespee.

— E melhor — disse Karrde, entregando o macrobinóculo e apanhando o comunicador. — Aves? Tem a identidade de nossos visitantes?

— Claro. As três identidades são falsas: *Distant Rainbow Skyclaw* e *Raptor*.

Karrde sorriu. O desenho podia não ser familiar, mas os nomes eram. O transporte pessoal de Mazzic e dois dos seus caças preferidos.

— Obrigado.

— Bem? — quis saber Gillespee.

Karrde desligou o comunicador e colocou-o no cinto.

— E só Mazzic.

— O que estão falando sobre Mazzic? — indagou a voz forte de Niles Ferrier.

Karrde voltou-se. O ladrão de espaçonaves estava em pé atrás deles na mesa de comida, com uma generosa porção de nozes pirki numa das mãos.

— Eu disse que Mazzic vinha vindo — repetiu ele.

— Ótimo — assentiu Ferrier, arrebatando uma das nozes na boca. — Já não era sem tempo! Finalmente vamos começar essa reunião.

Afastou-se enquanto mastigava, seguido por um olhar de Gillespee.

— Pensei que você não o quisesse aqui — comentou ele, com Karrde.

— Não quero. Mas acho que alguém quer.

— Está querendo dizer que outra pessoa o convidou? Quem teria feito isso?

— Não tenho a menor idéia — admitiu Karrde, observando o andar bamboleante de Ferrier, que se juntava a Ellor e seu grupo. — Ainda não encontrei uma forma de perguntar sem parecer pouco hospitaleiro, ou mal educado. De qualquer forma, deve ser algo trivial. Alguém presumindo que todos da reunião de Trogan deveriam estar presentes.

— Mesmo com a falta de convite?

Karrde deu de ombros.

— Vamos presumir que se tratasse de um esquecimento. De qualquer forma, chamar atenção para esse ponto só iria criar tensão. Alguns dos outros parecem se ressentir de que eu tenha assumido a liderança dessa operação.

Gillespee atirou o último pedaço de brualki na boca.

— Sim, talvez ele seja inocente — comentou ele, soturno. — Mas talvez não seja.

— Vamos manter um olho nas abordagens prováveis. Se Ferrier fez um acordo com o Império, vamos ver pelo menos um destróier daqui a algum tempo.

— Espero que demore, mesmo — comentou Gillespee. — Detesto correr de estômago cheio.

Karrde sorriu; estava começando a voltar-se, quando o comunicador tocou. Ele o apanhou e ligou-o, o olhar voltando-se para o céu.

— Aqui Karrde.

— Aqui é Torve — identificou-se o outro. Pelo tom de voz, parecia haver algo errado. — Pode vir até aqui embaixo por um instante?

— Claro — concordou Karrde, baixando a mão para o coldre. — Devo levar alguém?

— Não precisa... não estamos dando uma festa, nem nada parecido.

Tradução: reforços já estavam a caminho.

— Entendido — disse Karrde. — Já estou saindo. Desligou o comunicador e colocou-o no cinto.

— Problemas? — perguntou Gillespee, olhando por sobre os óculos.

— Temos um intruso. Faça um favor para mim e mantenha um olho nas coisas por aqui, sim?

Nenhum dos outros contrabandistas estava olhando em sua direção.

— Devo vigiar alguém em particular?

Karrde olhou na direção de Ferrier, que deixara o grupo de Ellor e dirigia-se para o de Par'tah e seu amigo Ho'Din.

— Providencie para que Ferrier não saia.

A parte principal da base fora estabelecida três níveis abaixo dos andares mais altos da fortaleza arruinada, nas dependências que teriam sido utilizadas como cozinha e áreas de serviço para um ambiente com o teto em cúpula, talvez um recinto para banquetes. O *Wild Karrde* estava acomodado no próprio salão... moderadamente apertado para um nave de seu porte mas somando as vantagens duplas de ser um ótimo esconderijo e um lugar com possibilidade de saída rápida. Karrde chegou às portas duplas para encontrar Fynn Torve e cinco dos tripulantes do *Starry Ice* com os desintegradores nas mãos.

— Relatório! — pediu ele.

— Achamos que há alguém lá dentro — disse Torve. — Chin foi levar os vornskr para uma volta ao redor da nave e viu algo se mover nas sombras da parede sul.

Era a parede mais próxima à rampa abaixada da nave.

— Há alguém a bordo no momento?

— Lachton estava trabalhando no console secundário de comando — declarou Torve. — Aves disse a ele para ficar na ponte com o desintegrador apontado para a porta até que coloquemos mais alguém para dentro. Chin chamou o pessoal do *Etherway* que estava por ali e começou a procurar nas salas ao sul. Dankin está fazendo o mesmo nas salas ao norte.

Karrde assentiu.

— Isso deixa a nave para nós. Vocês dois — ele apontou para dois tripulantes do *Starry Ice*. — Fiquem aqui de guarda nas portas. Vamos lá! Devagar e com calma.

Abriram uma das portas duplas e entraram. Diretamente à frente, surgiu a popa do *Wild Karrde*; cento e cinquenta metros além, podia-se avistar trechos azulados do céu de Hijarna por entre trechos quebrados da parede.

— Gostaria que a iluminação aqui fosse melhor — resmungou Torve, olhando ao redor.

— Esconder-se parece mais fácil do que é, na verdade — lembrou Karrde, apanhando o comunicador. — Dankin. Chin. Aqui fala Karrde. Relatório.

— Até agora nada na ala norte — disse a voz de Dankin. — mandei Corvis buscar sensores portáteis, mas ele ainda não voltou.

— Nada por aqui também, capitão — informou Chin.

— Certo. Vamos passar à estibordo da nave, direto para a entrada. Fiquem prontos a dar cobertura se precisarmos.

— Estamos prontos, capitão.

Karrde colocou o comunicador de volta ao cinto. Respirando profundamente, avançou.

Deram uma busca na nave, no salão de banquete e em todas as salas da periferia. Ao final, não encontraram nada.

— Eu devo ter imaginado — declarou Chin quando todos se reuniram ao pé da rampa de desembarque. — Desculpe, capitão. De verdade.

— Não se preocupe — disse Karrde, olhando ao redor. Verificado ou não, o ambiente não lhe dava tranqüilidade. — Todos nós fazemos isso, às vezes. Se é que foi mesmo imaginação sua. Torve, tem certeza que você e Lachton cobriram toda a nave?

— Cada centímetro cúbico — garantiu Torve. — Se alguém entrou no *Wild Karrde*, saiu antes de chegarmos.

— E quanto àqueles animais de estimação, senhor? — indagou um dos tripulantes do *Starry Ice*. — São bons para encontrar cheiros?

— Só se estiverem caçando ysalamiri ou um Jedi. Muito bem. Seja o que for, já não está mais aqui. Ainda assim, podemos tê-lo assustado antes que terminasse seja lá o que for que tivesse vindo fazer. Torve, quero que coloque toda a área sob guarda. Mande Aves alertar o pessoal de serviço a bordo do *Starry Ice* e do *Etherway*.

— Certo. E quanto aos convidados lá em cima? Vamos avisá-los, também?

— Não somos mãos deles — protestou um tripulante. — Eles são bem grandinhos. Podem tomar conta de si mesmos.

— Claro que podem. Mas estão aqui sob meu convite. Enquanto estiverem sob nosso teto, estão sob nossa proteção.

— Será que isso inclui quem quer que tenha mandado o intruso que Chin avistou? — indagou Lachton.

Karrde olhou para a nave, acima.

— Isso depende do quê o intruso veio fazer — disse ele percebendo que era hora de voltar para junto dos convidados. Mazzic já deveria estar com eles e Ferrier não era o único impaciente. — Lachton, assim que Corvis chegar com os sensores, quero que os dois façam uma verificação completa na nave, começando com o casco. Nosso visitante pode ter deixado um

presente e não pretendo sair daqui com um "grampo", nem com uma bomba em algum lugar da fuselagem. Estarei na sala de reunião se precisarem de mim.

Ele os deixou em seu trabalho, sentindo novamente a ausência de Mara Jade no grupo. Logo que fosse possível, iria arranjar tempo para ir buscá-la em Coruscant.

Presumindo que lhe fosse permitido fazer isso. Suas fontes de informação captaram rumores perturbadores de que uma mulher desconhecida fora apanhada dando auxílio a um comando da Inteligência do Império em Coruscant. Dado o desdém que Mara sentia pelo Grande Almirante Thrawn, era pouco provável que ela ajudasse o Império de alguma forma. Porém, por outro lado, existia uma certa histeria de guerra em alguns membros da Nova República... e como o passado dela era pouco recomendável, Mara seria um alvo fácil para esse tipo de acusação. Mais uma razão para que ele a retirasse de Coruscant sem demora.

Karrde retornou ao salão de reuniões e confirmou a chegada de Mazzic. Ele estava com o grupo de Ho'Din, conversando com Par'tah; um passo atrás, sua bela guarda-costas, que o acompanhara em Trogan, tentando não chamar atenção.

Assim como os dois homens atrás dela. E os quatro a alguns metros de distância. E os seis espalhados pelos cantos do pátio.

Karrde parou sob o arco de entrada, uma sensação conhecida de alarme na parte traseira da cabeça. Que Mazzic quisesse trazer um par de naves para protegê-lo no espaço, tudo bem. Mas trazer um esquadrão inteiro a uma reunião amistosa era outra coisa, completamente diferente. Ou o ataque do Império a Trogan o tornara nervoso de repente... ou ele não planejava uma reunião muito amigável.

— Ei... Karrde — chamou Ferrier. — Vamos começar logo.

— Claro — respondeu ele, envergando seu melhor sorriso de anfitrião.
— Boa tarde, Mazzic. Obrigado por ter vindo.

Entrou no aposento, e caminhou para o interior, sabendo que era tarde demais para trazer seu pessoal e equilibrar as forças. Esperava que o outro estivesse apenas sendo cauteloso.

— De nada — respondeu Mazzic, sem devolver o sorriso.

— Temos assentos mais confortáveis preparados numa sala à esquerda. Se quiserem me acompanhar...

— Tenho uma idéia melhor — interrompeu Mazzic. — O que acha de fazermos a reunião a bordo do *Wild Karrde*?

Karrde olhou para ele, surpreso. Mazzic encarou-o, sem mover um músculo. Parecia que não era simples cautela.

— Posso perguntar por quê?

— Está sugerindo que tem algo a esconder?

— Claro que tenho coisas a esconder — respondeu Karrde, sorrindo. — Assim como Par'tah, Ellor e como você. Somos competidores comerciais, afinal de contas.

— Então não permite que entremos a bordo do *Wild Karrde*? Karrde olhou para cada um dos chefes contrabandistas. Gillespie, Dravis e Clyngunn estavam franzindo a testa, em atitude de quem não sabia o que estava se passando. Os rostos de Par'tah e Ho'Din eram difíceis de interpretar, mas davam a impressão de que havia algo errado. Ellor evitou seu olhar e Ferrier...

Ferrier sorria. Não de forma acintosa... quase invisível, por trás da barba cerrada. Porém o suficiente. Mais do que o suficiente.

E agora, tarde demais, ele compreendeu. O que Chin vira... e o que todos eles deixaram passar... fora o defeito de Ferrier.

Os homens de Mazzic estava ali. Os de Karrde a três andares de distância, guardando sua nave e sua base contra um perigo que já terminara. E todos os convidados estavam aguardando sua resposta.

— O *Wild Karrde* está lá embaixo. Querem vir atrás de mim?

Dankin e Torve estavam juntos à entrada da rampa quando o grupo chegou.

— Oi, capitão — cumprimentou Dankin, surpreso. — Precisa de ajuda?

— Não, obrigado. Resolvemos fazer a reunião à bordo da nave, só isso — informou Karrde.

— A bordo da nave? Desculpe, mas eu não tinha sido informado — declarou ele, olhando o grupo sem gostar do que viu.

Entre os assessores, ajudantes e guarda-costas, os reforços de Mazzic chamavam a atenção como um farol na escuridão.

— Foi uma decisão momentânea — declarou Karrde. Com o canto do olho, percebeu que o resto de seu pessoal na câmara de banquete começava a aproximar-se ao avistar o sinal da mão de Dankin. Em posição de cercar o grupo...

— Claro — respondeu Dankin, um tanto embaraçado. — É que a nave não está preparada para uma ocasião dessas. Quero dizer, está uma bagunça lá dentro...

— Não estamos interessados na decoração — interrompeu Mazzic. — Por favor, deixe a gente passar... temos negócios a discutir.

— Claro. Eu compreendo perfeitamente. O problema é que temos uma turma a bordo nesse momento, efetuando uma varredura. Vai atrapalhar as

leituras se tivermos mais gente lá dentro.

— Que atrapalhe — opinou Ferrier. — Quem você pensa que é, afinal?

Dankin não teve chance de responder. Um agitar de ar perfumado próximo a Karrde e a ponta de um desintegrador encostada ao corpo dele interromperam a conversa.

— Bela tentativa, Karrde — comentou Mazzic. — Mas não vai funcionar. Afaste seus homens. Agora.

Com cuidado, Karrde espiou por sobre o ombro. A bela guarda-costas encarou-o com olhar profissional.

— Se eu não chamar?

— Então teremos um tiroteio — disse Mazzic. — Bem aqui. Houve uma certa agitação entre os que compunham o grupo.

— Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo por aqui? — pediu Gillespee.

— Dentro da nave eu conto — prometeu Mazzic, os olhos fixos em Karrde. — Presumindo que vamos entrar. Isso depende de nosso anfitrião.

— Não vou deixar que meus homens se rendam aos seus sem luta — declarou Karrde.

— Não tenho o menor interesse em seus homens. Nem na sua nave, ou na sua organização. Esse é um assunto particular, entre eu e você. E nossos camaradas contrabandistas.

— Então vamos resolver — sugeriu Dankin. — A gente abre um espaço e vocês escolhem as armas...

— Não estou falando de alguma coisa pessoal — cortou Mazzic. — Estou falando de traição.

— De quê? — espantou-se Gillespee. — Mazzic...

— Cale a boca, Gillespee. Bem, Karrde... o que vai ser? Lentamente, Karrde olhou ao redor, avaliando a situação.

Não havia aliados; não tinha amigos que ficassem a seu lado contra qualquer prova que Mazzic e Ferrier tivessem forjado. O respeito e os favores que deviam a ele... naquele momento eram esquecidos. Todos iriam observar enquanto seus inimigos o abatessem... depois disputariam o mercado de sua organização, que ele trabalhara tanto para conseguir.

Contudo, até que isso acontecesse, os homens e outros seres ali ainda eram seus associados. E ainda eram sua responsabilidade.

— Não há espaço para todos no salão de oficiais. Só cabem oito — declarou Karrde. — Todos os ajudantes, guarda-costas e seu pequeno exército terão de ficar aqui. Você dá uma ordem para deixarem meu pessoal em paz?

Por um bom tempo, Mazzic encarou-o. Depois assentiu com um

movimento rápido de cabeça.

— Se não forem provocados, não vão incomodar ninguém Shada, pegue o desintegrador dele. Karrde... pode ir na frente

Karrde olhou para Dankin e Torve, que se afastaram da entrada da rampa e começou a subir. Seguido de perto pelas pessoas que ele esperara unificar numa frente contra o Império.

Devia ter calculado melhor.

Acomodaram-se na sala dos oficiais, Karrde sentado à cabeceira e os outros ao redor.

— Muito bem — disse ele. — Estamos aqui. E agora?

— Quero ver seus cartões de dados — declarou Mazzic. — Todos eles. Vamos começar com os que estão em sua cabine.

Karrde fez um sinal com a cabeça.

— Pelo corredor é o primeiro camarote à direita.

— Códigos de acesso?

— Nenhum. Confio no meu pessoal.

— Ellor, vá pegar. E traga um par de pranchetas de leitura quando vier.

Sem dizer nada, o duri levantou e saiu.

— Enquanto esperamos, talvez eu possa apresentar a vocês a proposta que provocou essa reunião — sugeriu Karrde, no silêncio carregado.

— Você tem coragem, Karrde. Isso eu tenho de admitir. Tem coragem e tem estilo. Mas vamos ficar quietos mais um pouco, sim? — respondeu Mazzic.

Karrde olhou para o desintegrador apontado em sua direção.

— Como quiser.

Ellor voltou um minuto depois, trazendo uma bandeja cheia de cartões de dados.

— Muito bem — declarou Mazzic. — Dê um dos cartões para Par'tah e comecem a procurar. Vocês dois sabem o que queremos.

— Quero dizer desde o começo que não gosto disso — declarou Ellor.

— Concordo — disse Par'tah, agitando os apêndices na cabeça. — Lutar contra um competidor faz parte do negócio. Mas isso é bem diferente.

— Nosso assunto não tem nada a ver com negócio — afirmou Mazzic.

— Claro que não. Ele já disse que não tem interesse em minha organização, lembra?

— Não tente torcer minhas palavras, Karrde. Odeio isso da mesma forma que odeio ser levado pelas orelhas — afirmou Mazzic.

— Não estou levando ninguém pelas orelhas — protestou Karrde. — Sempre joguei limpo com vocês todos.

— Pode ser. E o que vamos descobrir daqui a pouco. Karrde olhou ao redor da mesa, lembrando-se do caos que agitara o mundo impreciso do contrabando depois do colapso da organização de Jabba. Todos os grupos da Galáxia saíram correndo para disputar os pedaços da organização: naves, pessoal e contratos; às vezes travavam verdadeiras guerras de extermínio por elas. As organizações maiores, principalmente, haviam lucrado muito com a morte de Jabba.

Imaginou se Aves seria capaz de mantê-los afastados. Aves e Mara.

— Acharam alguma coisa? — indagou Mazzic, impaciente.

— Nós avisamos se encontrarmos, pode deixar — declarou Par'tah, num tom que traía seu desagrado com a situação.

Karrde olhou para Mazzic.

— Será que se importaria em me dizer do que sou pretensamente acusado?

— E, também quero ouvir — pediu Gillespee. Mazzic inclinou-se na cadeira e colocou a arma no colo.

— É muito simples. Aquele ataque em Trogan... onde morreu meu amigo Lishma... foi preparado.

— Como assim, preparado? — quis saber Dravis.

— Muito simples. Alguém contratou um tenente do Império para nos atacar.

— As tropas do Império não trabalham por dinheiro — observou Clyngunn, pigarreando.

— Pois esse esquadrão recebeu dinheiro — respondeu Mazzic.

— Quem disse isso? — indagou Gillespee. Mazzic sorriu.

— A fonte mais confiável que existe. O Grande Almirante Thrawn.

O silêncio seguiu-se à espantosa revelação. O primeiro a recobrar a voz foi Dravis:

— Não diga! Foi assim mesmo, quer dizer, ele mencionou o assunto casualmente, enquanto conversavam?

— Eles me apanharam no sistema Joio! e me levaram para o *Quimera* — continuou Mazzic, ignorando o sarcasmo. — Depois do incidente nos estaleiros de Bilbringi, pensei que viriam atrás de mim. Mas Thrawn me disse que não ia haver represália para que as coisas entre nós ficassem quites, porque ele não havia ordenado o ataque de Trogan e que eu não deveria pensar que o Império fora responsável. Depois me deixou ir embora.

— Tendo sugerido, convenientemente, que eu era o implicado — completou Karrde.

— Ele não citou o seu nome, mas quem mais teria algo a ganhar nos fazendo abrir hostilidades contra o Império?

— Estamos tratando com um Grande Almirante, Mazzic. Um Grande Almirante que adora estratégias complicadas. E que tem interesse pessoal em me destruir.

Mazzic sorriu.

— Não estou levando apenas a palavra de Thrawn em consideração, Karrde. Tenho um amigo que fez um pouco de pesquisa nos arquivos militares do Império antes que eu viesse. Ele me forneceu os detalhes completos dos arranjos de Trogan.

— Registros do Império podem ser alterados — lembrou Karrde.

— Como eu disse, não estou levando em conta só a palavra deles. Mas se encontrarmos outros registros do negócio aqui... eu os chamaria de provas.

— Certo... — concordou Karrde, olhando para Ferrier. Esse fora o serviço do defel em sua nave. Plantar provas. — Acho que é um pouco tarde para mencionar, mas alguém invadiu minha nave alguns minutos antes de vocês chegarem.

— Bela tentativa, Karrde. Mas como você mesmo disse, é tarde — respondeu Ferrier.

— Um pouco tarde para quê? — quis saber Dravis, franzindo a testa.

— Ele está tentando jogar as suspeitas em mais alguém, é isso — declarou Ferrier. — Tentando fazer você pensar que um de nós colocou aquele cartão na nave dele.

— Que cartão? Ainda não achamos nenhum cartão — argumentou Gillespee.

— Achamos, sim — informou Ellor, num fio de voz. Karrde olhou para ele. O rosto de Ellor parecia rígido e as emoções controladas quando passou a prancheta para Mazzic, que examinou os dados. Seu rosto também enrijeceu.

— Aqui está. Bem, suponho que não haja mais nada a dizer.

— Espere um pouco — protestou Gillespee. — Karrde tem razão sobre o intruso. Eu estava com ele lá em cima quando recebeu o recado.

— Muito bem, acho que não custa nada — declarou Mazzic, dando de ombros. — O que viu?

Karrde sacudiu a cabeça, tentando afastar o olhar do cano do desintegrador de Mazzic.

— Infelizmente, nada. Chin diz que viu um movimento perto da nave, mas não conseguimos localizar ninguém.

— Não reparei em muitos lugares onde alguém possa se esconder, por aqui — argumentou Mazzic.

— Um humano, não — concordou Karrde. — Por outro lado, na hora

não ocorreu a ninguém verificar quantas sombras havia nas paredes e perto das portas.

— Isso quer dizer que está acusando minha ira, não é? —». cortou Ferrier. — Isso é típico, Karrde. Lance algumas dúvidas e tente mudar de assunto. Isso não vai adiantar.

Karrde franziu a testa. Reparou no rosto agressivo, mas no olhar alerta... e compreendeu que estivera errado até então. Ferrier não estava trabalhando com Mazzic. Tratava-se apenas de Ferrier, provavelmente seguindo ordens do próprio Thrawn.

Isso significava que Mazzic acreditava que Karrde traía a todos. Esse fato trazia uma esperança de convencê-lo do contrário.

— Deixe colocar de outra forma. Acha que eu seria tão descuidado a ponto de deixar a prova de minha traição onde qualquer um pudesse encontrar?

— Você não sabia que iríamos procurar — disse Ferrier, antes que Mazzic respondesse.

— O que, então agora é "nós", Ferrier? — perguntou Karrde. — Você está ajudando Mazzic em tudo isso?

— Ele tem razão, Karrde. Pare de mudar de assunto. Pensa que Thrawn se daria a todo esse trabalho só para pegar você? Ele podia ter feito isso diretamente, em Trogan.

— Ele não podia encostar um dedo em mim, lá — argumentou Karrde. — Não com todos vocês olhando. Teria arriscado a voltar todos contra ele. Da forma que ele está fazendo é muito melhor. Ele me destrói, desacredita meus avisos sobre ele e fica com a boa vontade e os serviços de vocês.

Clyngunn sacudiu a cabeça, numa negativa.

— Não. Thrawn não é como Vader. Ele não iria desperdiçar soldados num ataque destinado a falhar.

— Concorro. Não estou dizendo que ele tenha dado ordem para o ataque em Trogan, acho que outra pessoa planejou aquele ataque e que Thrawn está fazendo disso o melhor uso possível...

— Aposto que vai tentar empurrar essa para mim, também — cortou Ferrier.

— Não acusei ninguém, Ferrier. Cuidado, a gente pode imaginar que você tem a consciência culpada.

— Lá vai ele. Mudando de assunto outra vez — disse o ladrão de naves, olhando ao redor da mesa antes voltar-se para Karrde. — Você praticamente acusou minha ira de plantar aquele cartão aqui.

— Foi sua sugestão, não minha. Mas já que estamos falando no assunto, onde está seu defel?

Karrde observava Ferrier, percebendo que ele poderia trair-se, se fosse bastante pressionado.

— Está na minha nave. No pátio, junto com as naves de todos. Está lá desde que desembarquei.

— Por quê?

— Como assim, por quê? Está aqui como parte de minha tripulação.

— Não foi isso o que eu perguntei. Por quê não está fora da nave, como todos os outros guarda-costas?

— Quem disse que a ira é guarda-costas? — protestou Ferrier.

Karrde deu de ombros.

— Presumi que fosse. Estava fazendo esse papel, em Trogan, não estava?

— Estava mesmo — confirmou Gillespee. — Apoiada contra a parede. Onde estava pronta a acertar os soldados do Império, quando entrassem.

— Quase como se soubesse que vinham — completou Karrde.

— Karrde... — ameaçou Ferrier, o rosto irado.

— Chega! — interrompeu Mazzic. — Não são provas, Karrde, e você sabe disso. De qualquer forma, o que Ferrier teria a lucrar contratando um ataque como aquele?

— Talvez ele pudesse aparecer no combate que provocou. Na esperança de que isso afastasse nossas suspeitas de que ele era um espião do Império.

— Torça as palavras como quiser — disse Ferrier, apontando a prancheta de leitura. — Esse cartão não diz que *eu* contratei Kosk e seus homens. Diz que foi *você*. Aliás, pessoalmente acho que já escutamos muitas...

— Espere um pouco — cortou Mazzic, voltando-se para Ferrier. — Como sabe o que o cartão diz?

— Você falou. Disse que foi...

— Eu não disse o nome do tenente.

A sala ficou em silêncio. Por trás da barba, Ferrier empalidecia.

— Deve ter dito.

— Não. Não disse nada.

— Ninguém mencionou esse nome até você falar nele — afirmou Clyngunn.

— Isso é loucura! — protestou o ladrão de naves, olhando para os lados. — Todas as provas apontam direto para Karrde... e vocês vão deixar ele sair desse jeito só porque eu mencionei esse nome, Kosk, que devo ter escutado em algum lugar? Talvez tenha sido um dos soldados em Trogan, gritando durante a luta... como vou saber?

— Então vou fazer uma pergunta mais fácil de responder — interveio

Karrde. — Diga como ficou sabendo da nossa reunião. Eu não mandei convite para você.

— Você não convidou ele? — espantou-se Mazzic.

— Nunca confiei nele, desde que fiquei sabendo do papel que representou quando Thrawn conseguiu a Frota *Katana*. Ele não teria ido a Trogan se Gillespee não tivesse feito um convite aberto.

— Bem, Ferrier? Ou vai dizer que algum de nós o convidou?

— quis saber Dravis.

— Eu interceptei a transmissão para Mazzic. Decifrei o código e vim para cá — alegou Ferrier.

— Deve ter um belo decifrador — comentou Gillespee. — Estávamos usando um código difícil. Você naturalmente guardou uma cópia desse código, certo?

— Eu não preciso ficar aqui e escutar essas mentiras! Karrde é que está sendo julgado. Não eu.

— Sente, Ferrier — avisou Mazzic, apontando-lhe a pistola.

— Mas o culpado é ele! — insistiu o ladrão de naves, apontando um dedo acusador para Karrde.

— Cuidado! — gritou Gillespee.

Porém, era tarde demais. Com a mão direita acenando na direção de Karrde, a esquerda de Ferrier mergulhara no traje e agora estava à sua frente.

Segurando um detonador termal.

— Muito bem, quero ver as mãos de todo mundo sobre a mesa — ordenou ele. — Largue a arma, Mazzic.

Com gestos lentos, Mazzic apoiou o desintegrador sobre a mesa.

— Você não pode querer escapar daqui, Ferrier — disse ele. — E um exército inteiro atirando.

— Ninguém vai disparar nenhum tiro em mim — declarou o ladrão de naves, apanhando o desintegrador. — Ira! Pode entrar.

Atrás dele, a porta do salão dos oficiais deslizou e uma sombra escura penetrou no aposento. Eram visíveis os olhos avermelhados e as presas longas.

Clyngunn resmungou baixinho uma velha praga ZeHethbra.

— Então Karrde estava certo sobre tudo o que disse. Você nos traiu para o Império.

— Vigie a todos — ordenou Ferrier à ira, ignorando a observação. — Vamos Karrde, você vai comigo.

Entregou a arma de Mazzic ao defel e sacou a sua.

— E se eu recusar? — perguntou Karrde, sem se mover.

— Mato você e fujo com sua nave. Aliás, talvez eu deva mesmo fazer

isso... Thrawn com toda certeza pagaria um bom dinheiro por sua cabeça.

— Tudo bem. Vamos lá.

Os dois chegaram à ponte sem incidentes.

— Você vai levantar vôo — ordenou Ferrier, indicando o assento do piloto e passando os olhos pelos monitores. ~_ Ótimo. Achei que ela estava pronta para partir.

— Onde vamos?

Sentando-se em seu posto, Karrde via seu pessoal, que não o percebera, entretido em vigiar os homens de Mazzic.

— Para cima. Vamos começar assim que está bom.

— Certo. E depois?

Enquanto Karrde fazia a verificação dos instrumentos com a esquerda, a direita baixou até o joelho. Sob o console, naquela posição, ficava um interruptor para acender as luzes externas da nave.

— O que acha que vai acontecer? — perguntou Ferrier, voltando-se para examinar o console. — Tem alguma nave em alerta de comunicação?

— O *Starry Ice* e o *Etherway* — informou Karrde, ligando as luzes externas por três vezes consecutivas. Do lado de fora, alguns rostos voltaram-se para a cabine. — Acredito que você não vá muito longe.

— O que foi? Está com medo que eu roube sua preciosa nave?

— Você não iria roubá-la — declarou Karrde, encarando-o. — Eu a destruiria primeiro.

— Bela bravata para alguém do lado errado do desintegrador.

— Não estou blefando.

Karrde ligou outra vez as luzes e arriscou uma olhada para fora. Depois dos avisos e da arma aparente que Ferrier apontava, a multidão percebera o que acontecia. Pelo menos era o que ele esperava. Se não, a partida do *Wild Karrde* provavelmente iria desencadear um tiroteio.

— Sei que não está — disse Ferrier. — Calma... não pretendo fazer papel de herói. Eu gostaria muito de tirar o *Wild Karrde* das suas mãos, mas não pretendo tentar manobrar uma nave destas com metade da tripulação. Não, tudo o que você vai fazer é me levar de volta para minha nave. Pretendo sair daqui I sumir até esse assunto todo esfriar. Muito bem, vamos indo!

Cruzando mentalmente os dedos, Karrde acionou aos poucos os repulsorlifts, e impeliu a nave para a frente, esperando uma barragem de disparos da multidão lá embaixo. Mas ninguém abriu fogo enquanto ele manobrava entre os muros destruídos e ganhava espaço aberto.

— Todos eles saíram dali. Devem ter saído correndo para as naves, querendo vir atrás de nós.

— Você não parece muito preocupado.

— Não estou. Tudo o que preciso fazer é chegar à minha nave antes deles — declarou Ferrier. — Consegue fazer isso, não consegue?

— Farei o melhor possível — declarou ele, olhando para o desintegrador.

Conseguiram com facilidade. Enquanto o *Wild Karrde* pousava na pedra, ao lado de uma canhoneira corellian modificada, os outros começavam a aparecer nos arcos que levavam à parte principal da fortaleza, a alguns minutos de distância.

— Sabia que iria conseguir — cumprimentou Ferrier com certo sarcasmo, acionando o intercomunicador. — Ira? Vá para a porta. Vamos embora já.

Não houve resposta.

— Ira? Está me ouvindo?

— Ele não vai escutar nada por algum tempo — disse a voz de Clyngunn. — Acho que vai ter de carregá-lo.

Com raiva, Ferrier desligou o comunicador.

— Que idiota. Eu devia saber que não se pode confiar numa ira estúpida. Devia ter matado todos vocês logo de cara.

— Pode ser — admitiu Karrde; em seguida apontou a multidão que se aproximava. — Mas não acho que tenha tempo de corrigir sua falha agora.

— Terei de fazer isso mais tarde, eu acho. Mas posso cuidar de você agora.

— Só se quiser ir junto. Como disse, prefiro destruir a nave do que deixá-la para você.

Karrde mostrou a mão apoiada sobre um botão do painel. Por um instante, pensou que Ferrier iria atirar, de qualquer maneira. Em seguida, demonstrando relutância, o ladrão de naves mudou o desintegrador de direção e disparou duas vezes sobre o console de controle de incêndio.

— Outro dia, Karrde — prometeu Ferrier, recuando para a porta.

Olhou de modo breve para o lado de fora, depois saiu.

Karrde respirou fundo e exalou devagar. Soltou o controle das luzes de aterrissagem que ele mantivera acionado e levantou-se. Quinze segundos mais tarde, avistou Ferrier pelo visor, correndo na direção da canhoneira.

Evitando com cuidado os buracos fumegantes no console, ele acionou o intercomunicador.

— Aqui é Karrde. Podem abrir a porta agora. Ferrier já deixou a nave. Precisam de alguma ajuda com o prisioneiro?

— Não — respondeu a voz de Gillespee. — Os defel podem ser muito bons para espionar por aí, mas não são carcereiros competentes. Então, Ferrier abandonou o cenário, é?

— Nem mais nem menos do que eu teria esperado dele — comentou Karrde. Pelo visor, enxergou a canhoneira elevando-se no ar e girando para oeste. — Ele está decolando agora. Avise a todos para não saírem da nave... é capaz dele ter preparado alguma.

Tinha mesmo.

Karrde mal acabara de falar, quando a nave que pairava lançou um grande volume metálico para fora. Apareceu um clarão luminoso e repentinamente o céu explodiu numa confusão de fios metálicos. A rede esticou a si mesma pela área, e caiu, provocando faíscas nos locais onde tocava as naves estacionadas.

— Uma rede Coner — disse a voz de Dravis atrás dele. — Um truque típico de ladrões de naves.

Karrde voltou-se. Dravis, Par'tah e Mazzic estavam em pé no interior, observando a área do espaçoporto e a canhoneira que partia.

— Temos muitos do lado de fora — lembrou ele. — Não deve demorar muito para cortar a rede.

— Ele não deve escapar — insistiu Par'tah, fazendo um gesto Ho'Din de desprezo na direção da canhoneira.

— Ele não vai escapar — garantiu Karrde. A canhoneira mantinha-se, no momento, fora do alcance de tiro das naves imobilizadas pela rede. — O *Etherway* e o *Starry Ice* estão aguardando, ao norte e ao sul daqui. Mas dada as circunstâncias, acho que deveria dar a Mazzic a primazia.

Mazzic devolveu o sorriso e apanhou o comunicador.

— Obrigado. Griv! Amber! Canhoneira a caminho. Derrubem-na.

Karrde seguiu com o olhar a nave, que já se aproximava do horizonte e começava a subida para o espaço. Os dois caças de Mazzic surgiram de seus esconderijos e começaram a perseguição.

— Acho que fico devendo um pedido de desculpas — disse Mazzic, atrás dele.

— Esqueça... ou melhor, não esqueça. Use para se lembrar como o Grande Almirante costuma fazer negócios. E o que pessoas como nós significam para eles.

— Não se preocupe. Não vou esquecer a lição.

— Ótimo. Bem, vamos colocar o pessoal para trabalhar nessa rede... acho que eu preferia estar fora de Hijarna antes que o Império perceba que o esquema falhou. — A distância, pouco acima do horizonte, surgiu um clarão de luz.

— Enquanto esperamos — lembrou Karrde. — Tenho uma proposta para apresentar a vocês.

— Muito bem — disse Han a Lando, os dedos tateando a perna esquerda de Artoo à procura de apoio. — Prepare-se.

O dróide emitiu alguns sons.

— Ele lembra para que tenha cuidado — traduziu Threepio, distante o suficiente para que não gritassem com ele. — Não esqueça de que a última vez...

— Nós não o largamos de propósito — resmungou Han. — Se ele quiser esperar por Luke, está ótimo.

Artoo voltou a manifestar-se.

— Ele diz que não será necessário. Confia em vocês — disse Threepio.

— Fico contente em saber disso — agradeceu Han, descobrindo que não havia nenhum apoio melhor. — Vamos lá, Lando. Levante!

Juntos fizeram força; com um safanão que quase deslocou as costas de Han, o dróide saiu do embaraço de trepadeiras onde se metera.

— Pronto — disse Lando, enquanto o largavam sem muita suavidade sobre o solo de folhas e sujeira do leito seco do riacho. — Que tal?

Daquela vez a explicação foi longa.

— Ele disse que os danos parecem reduzidos a um mínimo.

— Tradução: ele está só enferrujando — manifestou-se Han, esfregando as costas.

Cinco metros adiante, Luke utilizava o sabre-laser para cortar uma touceira grande de trepadeira que bloqueava o caminho. A seu lado, Chewbacca e Mara estavam abaixados com as armas prontas, prontos a atirar nas criaturas que atacavam quando perturbadas. Como tudo o mais em Wayland, tiveram de aprender da forma mais difícil.

Lando caminhava ao lado, retirando o que restava da raiz ácida com as mãos.

— Lugarzinho divertido, não?

— Eu devia ter aterrissado o *Falcon* mais perto — resmungou Han. — Ou podíamos ter nos aproximado quando vimos que não poderíamos usar as motos.

— Se você tivesse feito isso, agora a gente estaria lidando das patrulhas do Império ao invés de raízes ácidas e ninhos de cobras — afirmou Lando. — Pessoalmente, considero uma troca justa.

— Acho que sim.

À curta distância, algo emitiu um complicado assobio, obtendo uma resposta em outro local. Han olhou na direção do ruído, mas não conseguiu enxergar nada entre as trepadeiras e os dois níveis diferentes de árvore.

— Não parecem predadores — comentou Lando.

— É difícil dizer — afirmou Han, olhando por sobre o ombro para onde Threepio limpava Artoo. — Ei, baixinho, coloque os sensores para trabalhar.

Obediente Artoo estendeu sua pequena antena e começou a movê-la para diante e para trás. Por um minuto permaneceu assim, depois emitiu alguns sons.

— Ele diz que não existem animais grandes num raio de vinte metros — traduziu Threepio. — Além desse limite...

— Ele não pode ler por causa da mata fechada — completou Han, já familiarizado com as respostas. — Obrigado.

Artoo retraiu a antena, e ele e Threepio continuaram sua discussão.

— Onde acha que foram todos? — indagou Lando.

— Os predadores? — Han balançou a cabeça. — Não tenho a menor idéia. Talvez para o mesmo lugar que os nativos

— Não gosto disso, Han — declarou Lando, depois de olha ao redor. — Eles devem saber que estamos aqui a uma hora dessas. O que estão esperando?

— Talvez Mara estivesse errada sobre eles. Talvez o Império tenha se cansado de dividir o planeta com os nativos e os tenha exterminado.

— E uma idéia animadora. Mas ainda assim não explicaria porque os predadores nos ignoraram nos últimos dois dias e meio.

— Não. — Han olhou para amigo, pensando que ele tinha razão. Alguma coisa espreitava; podia sentir isso em suas entranhas. Alguma coisa, ou alguém. — Talvez os que fugiram depois do tiroteio, quando chegamos, tenham avisado os outros para manter distância.

— Aquelas coisas eram mais burras do que percevejos do espaço e você sabe disso — argumentou Lando.

— Foi só idéia — disse Han, dando de ombros. Adiante, o halo esverdeado da lâmina luminosa de Luke apagou-se.

— Tudo limpo — declarou ele. — Conseguiram desembaraçar Artoo?

— Ele está ótimo — respondeu Han. — Encontrou cobras?

— Dessa vez, não. Mas parece que perdemos a oportunidade de lidar com outro bando de pássaros de rapina.

Luke apontou para uma das árvores que margeavam o riacho seco.

Han seguiu a direção indicada pelo sabre-laser e viu outro ninho de lama e vegetação, num galho baixo. Threepio esbarrara num deles no dia anterior,

e Chewbacca ainda estava cuidando dos arranhões recebidos no braço esquerdo pelos pássaros que saíram do ninho, até que conseguissem abater todos a tiros e golpes de lâmina-laser.

— Não toque nisso!

— Não se preocupe, Han. Está vazio — assegurou Luke, tocando o ninho com a mão. — Devem ter se mudado.

— É... — concordou Han, aproximando-se.

— Algo errado?

— Não. Sem problema. Por quê? — Atrás deles, Chewbacca rugiu. Antes que Luke respondesse, Han apressou-se a continuar: — Quero avançar mais um pouco antes que escureça. Luke, você e Mara levem os dróides na frente. Chewie e eu vamos na retaguarda.

Luke não deixou de perceber a tentativa de adiar o assunto, mas não disse nada.

— Certo. Vamos indo, Threepio.

Reiniciaram a caminhada pelo leito seco do riacho, com Threepio queixando-se da maneira habitual. Lando olhou para Han, mas absteve-se de fazer comentários.

Ao lado, Chewbacca rosnou uma pergunta.

— Vamos descobrir o que aconteceu com os pássaros, é isso o que vamos fazer — respondeu Han, olhando para o ninho, que não parecia ter sido atacado. — E você que consegue farejar carne fresca a dez passos, contra o vento. Pode começar a cheirar.

Ao final não precisaram utilizar as habilidades do wookiee. Um dos pássaros estava deitado embaixo de um arbusto próximo à árvore, as asas esticadas e rígidas. Morto.

— O que acha? — indagou Han enquanto Chewbacca examinava o animal. — Foi algum predador?

As garras do wookiee apareceram, e uma delas afastou a penugem no peito do pássaro, colocando a descoberto uma mancha sob a asa esquerda. Era um corte. Rosnou sua conclusão.

— Tem certeza de que foi feito com uma faca? Não foi algum tipo de garra, assim como a sua?

O wookiee manifestou-se, lembrando o óbvio: se fosse obra de algum predador, só teriam encontrado penas e ossos.

— Certo... — admitiu Han, enquanto Chewbacca devolvia o pássaro ao local onde fora encontrado. — Era só uma forma de imaginar que os nativos não estivessem por perto. E devem estar bem perto.

Chewbacca olhou ao redor, rosnando sua preocupação.

— Não tenho a menor idéia. Talvez estejam só observando Ou

esperando reforços.

O wookiee rugiu, apontando o pássaro e Han abaixou-se para olhar de perto. Ele tinha razão: o local do ferimento indicava que as asas estavam abertas quando a lâmina penetrara. O que significava que fora morto no ar, em vôo. Com um único golpe.

— Você está certo, Chewie. Eles não iriam precisar de reforços. Vamos logo, para alcançar os outros.

Solo planejara continuar até o escurecer, mas depois de mais um desentendimento entre o dróide astromecânico e outra moita de cipós ácidos, desistiu e resolveu parar ali mesmo.

— Então, o que vai ser? — indagou Mara, enquanto Luke tirava sua mochila das costas e esticava o corpo. — Vamos ter de carregá-lo?

— Acho que não. Chewie acha que pode consertá-lo — respondeu Skywalker, olhando para onde Lando e o wookiee haviam colocado Artoo de lado e examinavam as rodas.

— Você podia trocá-lo por alguma coisa que não fosse projetada para andar em solos metálicos planos — comentou ela.

— Às vezes tenho vontade, mesmo. Mas considerando tudo, até que ele se vira bem. Devia ter visto quanto ele percorreu no deserto de Tatooine, na noite em que eu o comprei...

Mara olhou para onde Solo estava estendendo seu saco-de-dormir, com um olho na floresta à frente dele.

— Vai me contar o que estava conversando com Solo lá atrás? Ou é alguma coisa que eu não deva saber?

— Ele e Chewie encontraram um daqueles pássaros do ninho vazio — disse Skywalker. — Aquele próximo ao segundo enroscado de cipós que desembaraçamos hoje. Foi morto voando, por um único golpe de faca.

Mara engoliu em seco, pensando nas histórias que havia escutado quando estivera ali com o Imperador.

— Provavelmente os myneyrshi. Eles fizeram desse tipo de combate uma arte.

— O que eles sentiam pelo Império? — quis saber Skywalker.

— Como eu já disse, não gostam de humanos. Começando com os que vieram como colonizadores, bem antes do Imperador se apossar do planeta.

Olhou para Skywalker, que encarava um ponto indefinido no céu, a testa franzida.

Mara respirou fundo, projetando a Força com toda a energia. Os sons e cheiros da floresta penetraram em sua mente, servindo de fundo para as formas animais ao redor. Árvores, arbustos, animais, pássaros...

E ali, à beira de sua consciência, havia outra mente. Alienígena e impossível de ler... porém, superior.

— Quatro deles... — sussurrou Skywalker. — Não. Cinco.

Mara esforçou-se mais e concentrou-se o suficiente para reparar que ele tinha razão; havia mais do que uma mente ali. Mas não conseguia separar os vários componentes do sentido geral.

— Procure as diferenças — disse Luke. — A forma como elas são diferentes umas das outras. E a melhor técnica para resolver essas mentes.

Mara experimentou; para sua surpresa, descobriu que ele tinha razão. Havia essa segunda mente... a terceira... E de repente, desapareceram todas. Ela olhou para Skywalker.

— Não sei. Senti uma emoção intensa, e eles se voltaram e saíram.

— Talvez não saibam que estamos aqui — sugeriu Mara hesitante.

Assim que acabou de pronunciar as palavras, percebeu que não poderiam ser verdadeiras. Entre os rugidos do wookiee perante tudo o que vinha na direção deles e dróide-protocolo que não parava de reclamar, era de espantar que o planeta inteiro não soubesse de sua presença.

— Eles sabem, sim. Na verdade, tenho certeza que se dirigiam direto para nós, quando foram... — Luke hesitou. — Já dizer que se assustaram, mas isso não faz sentido.

— Poderíamos ter sido avistados por patrulhas do Império?

— Não. Eu saberia se houvesse mais humanos por perto — afirmou ele, enfático.

— Aposto que é uma capacidade bem útil, essa — comentou Mara.

— E só uma questão de treino.

Ela olhou para Skywalker, de soslaio. Percebera um tom diferente na voz dele.

— O que você está querendo dizer? Ele sorriu.

— Nada... eu só estava pensando nos gêmeos de Leia. Pensando em como vai ser quando eu tiver de ensinar a eles.

— Está preocupado sobre quando começar?

— Estou preocupado em saber se sou capaz de fazer isso. Ela deu de ombros.

— Qual o problema? Você ensina a eles como enxergar mentes, mover objetos e usar o sabre-laser. Você fez isso com a sua irmã, não fez?

— Fiz. Mas isso quando pensei que era apenas isso. Na verdade, é só o começo. Eles serão poderosos na Força e com esse poder vem a responsabilidade. Como ensino isso a eles? Como ensino a eles sabedoria e compaixão e que é errado abusar da Força?

Mara estudou-lhe o perfil enquanto ele fitava a floresta. Não se tratava

apenas de jogos de palavras; ele estava falando sério. Havia definitivamente um lado heróico, nobre e infalível no Jedi, que ela não vira antes.

— Como alguém ensina essas coisas para outra pessoa? — indagou ela.
— Dando o exemplo, eu imagino.

Ele pensou um pouco e concordou, com certa relutância.

— Acho que sim. Quanto do treinamento Jedi o Imperador ensinou a você?

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— O suficiente. A parte básica, eu acho. Por quê? — quis saber Mara, abafando o ódio que vinha com as palavras do Imperador. — Está procurando a sabedoria e a compaixão?

— Não... mas já que temos alguns dias juntos até chegar ao monte Tantiss, podia ser uma boa idéia rever essa parte básica. Sabe como é... como se fosse uma recapitulação.

Ela olhou para Skywalker, um arrepio percorrendo-lhe o corpo. Ele parecia casual demais sobre o assunto.

— Você por acaso teve alguma visão do que temos pela frente? — indagou Mara, desconfiada.

— Na verdade, não... — respondeu ele, hesitante. — Algumas imagens que não fazem muito sentido. Só achei que seria uma boa idéia que fosse utilizasse o máximo possível da Força, quando entrarmos.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Você vai estar lá. Por quê preciso utilizar a Força?

— Para o que quer que seu destino exija — declarou ele, com voz firme.
— Temos uma hora ou duas antes do pôr-do-sol. Vamos começar.

Wedge Antilles deslizou para o seu lugar no longo banco semicircular, ao lado dos outros comandantes de esquadrilha. Acomodou-se e olhou ao redor. A multidão já era grande e outros homens ainda chegavam. Fosse o que fosse que Ackbar tinha em mente, era algo grande.

— Oi, Wedge — cumprimentou alguém sentando-se a seu lado. — Que bom encontrar você aqui.

Wedge voltou-se surpreso para o recém-chegado. Era Pash Cracken, filho do legendário general Airen Cracken e um dos Melhor comandantes de esquadrilha em ação.

— Posso dizer o mesmo, Pash. Pensei que estivesse no setor Atrivis, tomando conta do Cinturão Externo de Comunicação.

— Você está atrasado, Wedge — respondeu Pash, amuado — Generis foi tomada três dias atrás.

— Não sabia — desculpou-se Wedge. — Foi muito ruim?

— Bastante. Perdemos o centro de comunicação, mais menos intacto, e a

maior parte dos depósitos de suprimento do setor. Por outro lado, não deixamos nenhuma nave ou eles pudessem aproveitar. E conseguimos causar um bocado de encrenca na volta, de forma que o general Kryll conseguiu passar com Travia Chan e seu povo bem por baixo do nariz do pessoal do Império.

— Já é alguma coisa, eu acho — declarou Wedge. — O que foi que venceu vocês? Superioridade nas forças, ou tática?

— Os dois. Não acho que Thrawn estivesse lá em pessoa mas certamente foi ele quem planejou o ataque. Sabe, Wedge, esses clones dele me dão arrepios. É como lutar contra as tropas de choque: a mesma dedicação incansável, o mesmo sangue-frio, a mesma precisão e frieza para matar. A única diferença é que estão agora em todas as posições, em vez de serem apenas soldados das tropas de choque.

— Nem me diga! Tivemos de lutar contra duas esquadrilhas deles no primeiro ataque a Qat Chrystac. Eles estavam usando truques que eu nunca tinha visto um TIE fazer.

Pash concordou.

— O general Kryll acha que Thrawn está escolhendo os melhores homens para modelo de clones.

— Ele seria muito estúpido se fizesse outra coisa. E que tal Varth? Conseguiu escapar?

— Não sei. Perdemos contato com ele durante a retirada. Mas espero que ele tenha sido capaz de furar o cerco e ter encontrado uma outra esquadrilha de combate em Fedje ou Ketaris.

Wedge pensou nas poucas vezes que estivera ao lado do comandante de esquadrilha Varth, envolvendo tempo de espera antes do ataque, ou de manutenção. O sujeito era um tirano amargo, e de boca suja, com a única vantagem de ser capaz de voar com seu caça contra possibilidades ridículas,

Ter o impossível e depois voltar são e salvo.

— Ele vai conseguir, sem dúvida — comentou Wedge. — c contrário a se deixar morrer para conveniência do Império, ele não iria colaborar.

— Pode ser... parece que já vai começar.

Wedge voltou-se para a frente ao mesmo tempo que o burburinho de conversas cessava. O almirante Ackbar estava em pé ao lado do monitor holográfico central, ladeado pelo general Crix Madine e o coronel Bren Derlin.

— Oficiais da Nova República — cumprimentou, solene, Ackbar, com os grandes olhos protuberantes dos mon calamari girando ao redor de toda a sala de guerra. — Nenhum de vocês precisa ser lembrado de que nas últimas semanas nossa guerra com o Império tornou-se do que parecia um exercício

numa verdadeira luta pela sobrevivência. Por enquanto, a vantagem de recursos e de pessoal ainda é nossa, porém mesmo essa vantagem está a ponto de desaparecer. Menos tangíveis, mas igualmente perigosas são as formas que o Grande Almirante Thrawn encontra para abater nossa moral. É hora de jogarmos algumas coisas na cara do Império. General Madine, prossiga, por favor.

— Presumo que todos tenham sido informados sobre a nova forma de sítio que o Império criou ao redor de Coruscant — começou Madine, batendo um pequeno bastão na palma da mão. — Eles conseguiram progressos na destruição dos asteróides camuflados, mas o que de fato precisam para terminar o serviço, é de um cristal emissor de campo gravitacional. Fomos designados para conseguir um para eles.

— Parece divertido — comentou Pash.

— Quietos — pediu Wedge.

— A Inteligência localizou três deles — continuou o general. — Todos em espaço do Império, naturalmente. O mais simples Para se atacar é o de Tangrene, que ajuda a guardar a nova base Ubiquitate que estão montando lá. Muitas naves cargueiras e em construção estão por lá, mas poucas naves de combate. Conseguimos infiltrar nosso pessoal nas tripulações de cargueiros e informam que o local está pronto para ser tomado.

— Parece com Endor — comentou alguém no banco ao lado de Wedge. — Como podemos saber se não é uma armadilha?

— Na verdade temos bastante certeza disso — respondeu Madine com um sorriso. — Por isso é que vamos para esse lugar.

Ele tocou um botão, e o projetor holográfico levantou-se do centro da mesa, produzindo um esquema luminoso no ar.

— Estes são os estaleiros do Império em Bilbringi. Sei que estão dizendo para vocês mesmos: é grande, é bem defendido, o que será que o Alto Comando está pensando? A resposta é simples. É grande, bem defendido, e o último lugar onde o Império espera um ataque.

— Além do mais, se formos bem sucedidos, teremos abalado seriamente a capacidade de construção de naves do inimigo — acrescentou Ackbar. — Assim como terminaremos com o mito da infalibilidade dos Grandes Almirantes.

O que presumia, naturalmente, que Thrawn *era* falível. Wedge pensou em lembrar esse fato, mas resolveu ficar quieto. Se o Grande Almirante fosse infalível mesmo, não poderiam fazer nada a respeito. Todos os outros deviam estar pensando o mesmo.

— A operação consiste em duas fases — explicou o general Madine. — Não queremos desapontar o Império deixando de atacar Tangrene, portanto o

coronel Derlin está encarregado de criar a ilusão de que esse sistema é nosso único alvo. Enquanto ele faz isso, o almirante Ackbar e eu estaremos organizando o verdadeiro ataque, a Bilbringi. Alguma pergunta?

Houve um instante de silêncio. A seguir Pash levantou a mão.

— O que acontece se o Império ficar sabendo sobre o ataque a Bilbringi e desconhecer as preparações para atacar Tangrene?

— Ficaremos muito desapontados com eles — sorriu o general. — Muito bem, cavalheiros, temos uma força de ataque para organizar. Mãos à obra.

O quarto estava escuro e quieto, os ruídos típicos da Cidade Imperial penetrando pela janela, juntando-se aos sons mais sutis das respirações dos bebês. Inalando os aromas familiares do lar, Leia olhou para o teto e imaginou o que a teria acordado.

— Precisa de alguma coisa, Lady Vader? — indagou uma voz noghri das sombras próximas à porta.

— Não, obrigada Mobvekhar — respondeu Leia, espantada com a percepção, pois não fizera ruído algum... deve ter sido a alteração do ritmo da respiração. — Não quis perturbá-lo.

— Não foi nada. Está apreensiva?

— Não sei... — Agora começava a recordar-se. — Tive... uma espécie de sonho. E mais como um lampejo subconsciente de visão. Um pedaço de quebra-cabeças tentando encaixar em algum lugar.

— Sabe qual pedaço?

— Não sei nem qual é o quebra-cabeças — respondeu Leia, balançando a cabeça.

— Está relacionado com o cerco das pedras no céu? — indagou Mobvekhar. — Ou talvez com a missão de seu consorte e do filho de Vader?

— Não estou certa — disse Leia, franzindo a testa ao concentrar-se na escuridão e realizou a técnica Jedi de aprimoramento da memória. Devagar, as imagens do sonho começaram a retornar e ficar mais nítidas. — Foi uma coisa que Luke disse. Não, foi *Mara* quem disse. Alguma coisa que Luke *fizera*. Encaixavam-se de alguma forma. Não sei como, mas sei que é importante.

— Então encontrará a resposta — afirmou o noghri, enfático. Você é a Lady Vader, a *Mal'ary'ush* do Lorde Vader. Vai obter sucesso em qualquer objetivo que estabeleça para si mesma.

Leia sorriu na escuridão. Não eram apenas palavras. Mobvekhar e os outros noghri acreditavam de verdade naquilo.

— Obrigada — murmurou ela.

Respirou fundo, sentindo o próprio espírito mais forte. Sim, iria obter sucesso. Ainda que não tivesse nenhum outro motivo, a fé dos noghri seria razão suficiente para vencer.

Do outro lado do aposento, percebeu a inquietude e o aumento da fome nos gêmeos, o que significava que acordariam em pouco tempo. Esticando a mão além do sabre-laser escondido embaixo do travesseiro, apanhou o robe. Fosse o que fosse esse tal quebra-cabeças, teria de esperar até a manhã seguinte.

A última nave rebelde oscilou com o pseudomovimento e desapareceu no hiperespaço... depois de uma batalha de trinta e seis horas, o coração do setor Kanchen era finalmente deles.

— Suspenda o estado de alerta de combate, capitão — ordenou Thrawn, com a voz satisfeita. — Mudem para bombardeamento planetário e mande o capitão Harbid transmitir nossos termos de rendição com o governo de Xa Fel.

— Sim, senhor — aquiesceu Pellaeon, digitando a ordem. O Grande Almirante voltou o rosto para o lado dele.

— E pode acrescentar mais uma mensagem a todas as naves: Parabéns!

— Sim, senhor.

O capitão transmitiu a mensagem sorrindo. Sim, o Grande Almirante sabia como liderar homens, pensou ele, enquanto digitava. Em seu console, uma luz acendeu-se, indicando que a decodificação de outra mensagem se completara. Ele a recebeu e tomou conhecimento do conteúdo...

— Um relatório de Tangrene? — indagou Thrawn, ainda olhando para o planeta indefeso abaixo.

— Sim, senhor. Os rebeldes enviaram mais dois cargueiros ao sistema. Varreduras de longo alcance sugerem que descarregaram alguma coisa no sistema interior quando estavam a caminho, mas até agora a Inteligência foi incapaz de localizar ou identificar essa carga.

— Diga a eles para não tentar — avisou Thrawn. — Não queremos assustar nossa presa.

Pellaeon assentiu, maravilhado com a habilidade do Grande Almirante ao prever as ações dos oponentes. Até vinte horas atrás teria jurado que os Rebeldes não seriam audaciosos a ponto de empatar uma grande frota numa única batalha para obter um emissor CGT. Tudo indicava que foram.

— Estamos também recebendo relatórios sobre naves rebeldes passando devagar pela área de Tangrene. Naves de guerra, naves de apoio... todo o aparato — informou o capitão.

— Ótimo.

Havia algo de intranquilo na forma como o Grande Almirante cruzou as mãos atrás das costas.

No monitor à frente de Pellaeon, nova informação: o governo de Xa Fel aceitara os termos de rendição.

— Mensagem do *Mão da Morte*, Grande Almirante. Xa Fel rendeu-se.

— Nada inesperado. Informe ao capitão Harbid que ele vai organizar as aterrisagens e movimentos das tropas de desembarque. Você, capitão, vai reconfigurar a frota em formação defensiva até que as defesas planetárias sejam colocadas sob nosso comando.

— Sim, senhor. Algo está errado, senhor?

— Não sei. Vou para minha sala de comando. Encontre-me lá em uma hora — respondeu Thrawn, devagar. Depois sorriu. — Talvez eu tenha a resposta para essa pergunta.

Gillespee terminou a leitura e passou a prancheta a Mazzic.

— Você nunca deixa de me surpreender, Karrde — murmurou ele, num volume suficiente para ser ouvido. — De onde você garimpou esse material?

— Por aí... — respondeu Karrde, agitando a mão num gesto vago. — Numa das minhas andanças.

— Isso não me diz nada — reclamou Gillespee.

— Acho que não era mesmo para dizer — comentou Mazzic, devolvendo a prancheta para Karrde. — Concordo; é muito interessante. A pergunta é se podemos acreditar nisso.

— A informação em si é de fonte confiável — garantiu Karrde. — Minha interpretação dela está aberta a discussões.

— Não sei. Parece um pouco desesperado para mim — opinou Mazzic.

— Eu não diria desesperado... ao invés disso, chamaria de uma tática ousada da Aliança Rebelde, que era muito comportada. Pessoalmente, acho que um ataque desse tipo deveria ter sido realizado há mais tempo... estão mais na defensiva do que deveriam.

— Isso não muda o fato de que se isso não funcionar vamos perder um bocado de naves — lembrou Mazzic. — De uma a duas frotas de setor, se consegue acreditar num número desses.

— Certo. Mas se funcionar, eles conseguem uma grande vitória sobre Thrawn e uma grande elevação do moral. Sem mencionar o emissor CGT.

— Isso é outra coisa — disse Gillespee. — Para que eles precisam de um emissor CGT, afinal?

— Acho que está relacionado ao motivo pelo qual Coruscant suspendeu todo o tráfego civil nos últimos dias — relatou Karrde. — E tudo o que sei.

Mazzic inclinou-se em seu assento e enviou a Karrde um olhar especulativo.

— Esqueça o motivo pelo qual precisam do emissor. O que você pretende fazer a respeito?

Karrde deu de ombros.

— Me parece que a Nova República está bastante desesperada para

colocar as mãos num CGT. Se estão com vontade de brigar por causa de um, presumi que também pagariam por um.

— Parece razoável — concordou Mazzic. — O que você quer que a gente faça? Entre escondido em Tangrene antes que eles cheguem lá?

— Na verdade, não. Pensei que enquanto estão todos ocupados, lutando em Tangrene, a gente podia apanhar o CGT em Bilbringi.

O sorriso desapareceu do rosto de Mazzic.

— Deve estar brincando.

— Não é má idéia — comentou Gillespee, bebericando o que restava na xícara. — A gente entra antes do ataque começar, apanha o CGT e se manda.

— Passando por metade da frota do Império? Que é isso? Já vi o poder de fogo que eles mantêm lá — argumentou Mazzic.

— Duvido que agora tenham mais do que o estritamente necessário. A menos que você acredite que Thrawn não vai antecipar e preparar-se para o ataque em Tangrene — disse Karrde.

— Nisso, você tem razão. Eles não podem se permitir a deixar a Nova República obter sucesso lá.

— Especialmente em Tangrene. Foi onde Bel Iblis atingiu o Império, há algum tempo.

Mazzic resmungou e puxou de novo a prancheta para reler as informações e analisá-las. Karrde aguardou e aproveitou para examinar o café onde se encontravam. Próximo à entrada principal, Aves e Gaughn, o tenente de Gillespee estavam sentados juntos numa das mesas, numa atitude bastante natural. A guarda-costas de Mazzic, Shada, estava flertando com Dankin e Torve, um ato que convencia até mesmo Rappapor e Oshay, dois homens de Gillespee. Mais três mesas com pessoal de apoio estavam espalhadas pelo café, pronta para a ação. Dessa vez, nenhum deles queria arriscar-se com a interferência do Império.

— Não vai ser fácil — avisou Mazzic, por fim. — Thrawn ficou furioso quando fizemos o ataque. Com certeza reorganizaram a segurança.

— Melhor. Não terão encontrado as falhas ainda — argumentou Karrde. — Vai participar?

Mazzic olhou para a prancheta antes de responder.

— Acho que estou dentro. Mas só se você obtiver uma confirmação sobre o momento desse ataque a Tangrene. Não quero que Thrawn esteja a menos de cem anos-luz de Bilbringi quando chegarmos lá.

— Isso não deve ser problema — declarou Karrde. — Conhecemos os sistemas onde a Nova República está reunindo suas forças. Vou mandar meu pessoal dar uma espiada para ver o que descobrem.

— E se eles não conseguirem nada?

— De qualquer forma, preciso que Ghent nos inscreva na folha de pagamentos deles. Já que ele vai ter de entrar no sistema, pode verificar também os planos de combate.

Mazzic ficou a encará-lo por alguns instantes. Depois, caiu na risada.

— Sabe, Karrde, nunca vi ninguém jogar dos dois lados para chegar ao meio do jeito que você faz. Estou com vocês.

— Seja bem vindo. Gillespee?

— Já vi os clones de Thrawn em ação. Estou dentro, claro. Além do mais, se ganharmos, talvez eu recupere com a terra que o Império me tirou, em Ukio.

— Vou falar sobre isso com o pessoal da Nova República — prometeu Karrde. — Muito bem. Vou levar o *Wild Karrde* a Coruscant, mas vou deixar Aves encarregado de coordenar minha parte no grupo de ataque. Ele vai fornecer o plano de operação.

— Parece bom — concluiu Mazzic, enquanto todos se levantavam. — Sabe, Karrde, só espero que eu esteja por perto para ver o dia em que a Nova República perceber. Não sei se vai ganhar uma medalha, ou ser fuzilado... mas de qualquer forma, vai ser um belo espetáculo.

Karrde sorriu.

— Também tenho muita esperança de chegar a ver esse dia. Boa viagem, cavalheiros. Encontro com vocês em Bilbringi.

O disparo luminoso esverdeado partiu do destróier desfocalizado à distância. Chocou-se contra o escudo planetário invisível, depois reapareceu a uma curta distância, continuando em direção à atmosfera.

— Pare aí — pediu o almirante Drayson.

A gravação congelou-se, a mancha nebulosa de turbolaser com contornos angulares ficou com aparência artificial, parada em seu movimento no monitor principal.

— Peço desculpas pela qualidade da imagem — disse ele avançando com um marcador-laser. — A imagem do macrobinóculo só pode ser ampliada até certo ponto antes que os algoritmos comecem a granular. Mas acho que todos conseguem ver o que está acontecendo. O disparo do destróier estelar não está, em absoluto, penetrando no escudo planetário de Ukio. O que parece ser o mesmo disparo, na verdade é um segundo disparo, disparado por uma nave camuflada no *interior* do escudo.

— Tem certeza? — indagou Leia, olhando para a imagem indefinida.

— Temos. Conseguimos leituras de espectro nesses pontos — indicou ele, mostrando o local da interrupção. — Essa falha é tudo o que precisamos para provar a descontinuidade dos raios. A zona escura configura a silhueta de um cruzador Carrack, pelo tamanho. — Drayson baixou o feixe luminoso

e olhou ao redor da mesa. — Em outras palavras: a super-armas do Império não passa de um truque muito bem feito.

Leia pensou sobre a reunião no quarto do almirante Ackbar, quando ele estivera confinado.

— Ackbar uma vez preveniu a Han e a mim, de que o Grande Almirante iria encontrar formas de usar o escudo de camuflagem contra nós.

— Acho que ninguém vai discutir esse ponto. De qualquer jeito, isso deve colocar um fim nesse golpe, em particular. Vamos enviar um alerta a todas as forças de defesa planetária que da próxima vez que o Império tentar fazer isso, basta concentrar o fogo no local onde o raio dá a impressão de penetrar o escudo.

— Truque ou não, é um espetáculo impressionante — comentou Bel Iblis. — A posição e o sincronismo foram manejados de uma forma magistral. O que acha, Leia? Pode ser aquele Jedi esquisito que Luke encontrou em Jomark?

— Não tenho nenhuma dúvida — afirmou Leia, sentindo um arrepio. — Já vimos esse tipo de ação coordenada em outras batalhas de Thrawn. E sabemos, por Mara, que C'baoth e Thrawn trabalham juntos.

Fora um erro mencionar Mara. Sentiu um desconforto geral, mudanças de posição nas cadeiras e nas emoções dos presentes. Todos haviam escutado seus motivos para tomar a resolução unilateral de libertar Mara e nenhum gostara.

Bel Iblis quebrou o momento de constrangimento:

— De onde veio essa gravação de macrobinóculo, almirante?

— Daquele contrabandista, Talon Karrde. Uma pessoa de fora que veio oferecer informações valiosas que não resultaram em nada — declarou Drayson, olhando de forma significativa para Leia.

— Não é justo. O fato de termos perdido a Frota *Katana* não foi culpa de Karrde — protestou ela, olhando para Fey'lya. — Não foi culpa de ninguém. Fizemos o possível...

Fey'lya estava em seu período bothan de penitência, mantendo-se em silêncio à mesa. Leia deixou que o ressentimento contra ele se esvaísse. O reconhecimento do erro já o deixara paralisado. Não podia deixar que a raiva a tornasse amarga e a aproximasse do lado negro da Força.

Bel Iblis limpou a garganta.

— Acho que o que Leia está tentando dizer, é que sem Karrde teríamos perdido muito mais do que a Frota *Katana*. Qualquer que seja a opinião pessoal de vocês a respeito de contrabandistas, estamos devendo a ele.

— Interessante ter dito isso, general, Karrde parece ver a coisa da mesma forma — disse Drayson, com voz fria. — Em troca dessa gravação e certos

itens menores de Inteligência ele sacou uma quantia bem polpuda de uma linha de crédito especial da Nova República. Um crédito aparentemente autorizado pelo irmão da conselheira Organa Solo.

O comandante Sesfan, representante de Ackbar no Conselho, rolou os olhos protuberantes na direção de Leia.

— O Jedi Skywalker autorizou pagamento a um contrabandista?

— Autorizou — respondeu Drayson. — Sem passar pelas vias competentes, claro. Vamos fechá-la imediatamente.

— Não vão fazer isso — interveio Mon Mothma, com voz calma. — Se Karrde está do nosso lado ou não, o fato é que está motivado a nos ajudar. Isso já o faz digno de apoio.

— Mas ele é um contrabandista — protestou Sesfan.

— Han também era — lembrou Leia. — E Lando Calrissian, também já foi. Os dois se tornaram generais.

— Depois que se juntaram a nós. Karrde não assumiu esse compromisso.

— Isso não interessa. Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. Oficialmente, ou por outros meios — afirmou Mon Mothma, com determinação.

— A não ser que estejam preparando alguma. Mandaram essa gravação para conquistar nossa confiança e depois enviar informações falsas. Nesse meio tempo, ainda juntam um bom dinheiro — sugeriu o almirante.

— Precisamos nos certificar de que seremos capazes de verificar e perceber essa duplicidade. Mas não acredito que vá acontecer. Luke Skywalker é um Jedi... e claramente confia nesse homem, Karrde. Além disso, por enquanto, nosso enfoque deve recair sobre a parte do destino que está em nossas mãos mudar. Almirante Drayson, tem o último relatório sobre a operação em Bilbringi?

— Tenho.

O almirante produziu um cartão de dados e ajustou-o à ranhura do monitor principal. Nesse instante, Leia escutou o ruído de um sinal eletrônico atrás de si. Winter apanhou o comunicador no cinto e falou baixinho nele. Leia sentiu a mudança na disposição dela.

— Algum problema? — sussurrou ela.

— Se eu puder ter a atenção de todos, agradeço — disse Drayson, em voz alta.

Leia voltou-se, sentindo o rosto ruborizar-se, enquanto Winter levantava e ia até a porta. O almirante seguiu-a com os olhos, desistindo de invocar a lei do aposento cerrado. A porta abriu-se e uma pessoa não percebida entregou um cartão de dados para Winter.

— Acredito que isso seja algo que não podia esperar, certo?

— Tenho certeza que podia — respondeu Winter, com olhar frio, retornando ao lugar e entregando o cartão para Leia. — Aqui está, Alteza. As coordenadas do planeta Wayland.

Um murmúrio de surpresa percorreu os presentes.

— Foi rápido — comentou almirante. — Tive a impressão de que esse lugar seria bem difícil de encontrar.

Leia deu de ombros, pois estava impressionada também.

— Parece que não demorou muito.

— Mostre a todos — pediu Mon Mothma.

Leia colocou o cartão no dispositivo apropriado e um mapa de setor apareceu no monitor, com nomes familiares em várias estrelas. Ao centro, cercada por vários pontos luminosos sem nome, um dos sistemas piscava, em vermelho. No rodapé do mapa havia um pequeno texto, contendo dados planetários.

— Então essa é a toca do Imperador — comentou Bel Iblis, inclinando-se para a frente. — Sempre me perguntei onde ele escondia aqueles dispositivos interessantes que davam a impressão de desaparecer misteriosamente dos depósitos oficiais.

— Se é que o lugar é esse mesmo — murmurou Drayson.

— Presumo que possa confirmar a informação com o capitão Solo — disse Mon Mothma, olhando para Winter.

Ela hesitou.

— Na verdade, não veio direto dele.

— Como assim? — estranhou Leia. — Foi de Luke?

— Tudo o que posso dizer é que a fonte é confiável —; declarou Winter.

Houve um momento de silêncio enquanto todos pensavam

— Confiável? — repetiu Mon Mothma.

— Sim.

Mon Mothma voltou-se para Leia.

— Este Conselho não está habituado a que se neguem informações. Quero saber de onde vieram essas coordenadas.

— Desculpe, mas o segredo não me pertence para que eu possa revelar — afirmou Winter.

— A quem pertence?

— Também não posso revelar.

O rosto de Mon Mothma tornou-se pétreo. Bel Iblis interveio antes que ela voltasse a falar.

— Não interessa, pelo menos por enquanto. Se esse planeta é ou não o centro de clonagem, não há nada que possamos fazer quanto a isso, até que termine a operação Bilbringi.

— Não vamos mandar apoio? — quis saber Leia, apreensiva.

— Impossível — afirmou Sesfan, sacudindo a cabeçorra. — Todas as naves e o pessoal disponível já está comprometido no ataque a Bilbringi. Da forma que está, teremos de deixar vários sistemas desguarnecidos.

— Em especial quando não sabemos se é o lugar certo — insistiu Drayson. — Poderia ser uma armadilha do Império.

— Não é uma armadilha — protestou Leia. — Mara não trabalha mais para o Império.

— Só temos sua palavra quanto a...

— Mesmo assim, não importa — interrompeu Bel Iblis, a voz dominando o ambiente. — Veja ao pé do mapa, Leia. Diz que todas as indicações apontam o fato de que aterrissaram sem ser percebidos. Quer mesmo arriscar o elemento surpresa enviando outra nave para a área?

Leia sentiu medo. Garm tinha razão.

— Então talvez o ataque a Bilbringi deva ser adiado — disse Fey'lya.

Leia voltou-se para o bothan, percebendo que os outros faziam o mesmo. Era a primeira vez que ele falava, desde o incidente com a Frota *Katana*.

— Acredito que isso esteja fora de questão, conselheiro Fey'lya — declarou Mon Mothma. — Sem mencionar os preparativos que teriam sido em vão, é absolutamente imperativo que retiremos esses asteróides camuflados de sobre nossas cabeças.

— Por quê? O escudo nos protege. Temos suprimento para vários meses e comunicações com o resto da Nova República. É só pelo medo de parecer fraco e indefeso? — perguntou o bothan, com o pelo arrepiado.

— Aparências são importantes para a Nova República — lembrou Mon Mothma. — O Império governa pela força e pela ameaça; nós governamos pela liderança e inspiração. Não podemos permitir que eles nos prendam aqui contra a nossa vontade.

— Isso está além das aparências. Os bothan conheciam o Imperador... conheciam seus desejos e ambições, talvez até melhor do que muitos aliados dele. Existem coisas naquele depósito que nunca mais deveriam ser expostas à luz outra vez. Armas e dispositivos que Thrawn um dia vai encontrar e lançar contra nós a menos que possamos evitar.

— Faremos isso — garantiu Mon Mothma. — E não vai demorar. Mas depois de danificarmos os estaleiros de Bilbringi e de conseguirmos um emissor CGT.

— E o capitão Solo e o irmão da conselheira Organa Solo? As linhas ao redor da boca de Mon Mothma enrijeceram.

Por mais que a lógica militar indicasse, Leia percebeu que ela não gostava de abandoná-los à própria sorte.

— Tudo o que podemos fazer por eles no momento é continuar com nossos planos. Atrair a atenção do Grande Almirante para o nosso ataque falso a Tangrene — afirmou ela, voltando-se para Drayson. — O que estávamos a ponto de discutir, almirante?

Drayson aproximou-se outra vez do monitor holográfico

— Vamos iniciar com o estado das preparações para a ataque em Tangrene — começou ele, acionando seu marcador luminoso.

Leia olhou de lado para Fey'lya e para os sinais óbvios de agitação ainda visíveis no rosto do bothan. O que existiria guardado naquelas montanhas, que pudesse provocar tanto medo nele?

Talvez fosse melhor não saber.

Pellaeon penetrou na ante-sala pouco iluminada que levava aos aposentos de Thrawn, os olhos procurando ao redor, sabendo que Rukh encontrava-se em algum lugar, entretido em seus irritantes jogos noghri. Deu um passo na direção da porta da sala do Grande Almirante, depois mais um...

Sentiu uma agitação no ar próxima à nuca. Pellaeon virou-se, as mãos saltando para a postura de defesa ensinada na academia.

Porém não havia ninguém ali. Olhou ao redor, procurando um local que pudesse servir de cobertura para o noghri...

— Capitão Pellaeon — murmurou a voz felina, atrás dele.

Virou outra vez. Novamente não havia ninguém ali; enquanto seus olhos procuravam, Rukh avançou, vindo de suas costas.

— O senhor é esperado — disse o noghri, apontando com sua faca de assassino em direção à porta.

Pellaeon encarou-o. Prometeu a si mesmo que um dia iria conseguir convencer Thrawn de que um Grande Almirante do Império não precisava de um guarda-costas alienígena arrogante para protegê-lo. E quando isso acontecesse, ele teria um prazer especial em mandar matá-lo.

— Obrigado.

Entrou, esperando ver o aposento cheio de arte alienígena. Em parte, estava certo, mas havia uma diferença: mesmo os olhos leigos de Pellaeon podiam perceber que duas espécies de arte estavam sendo representadas. Estavam distribuídos em lados opostos da sala, com um grande holograma táctico do sistema Tangrene preenchendo o centro.

— Entre, capitão — chamou Thrawn, do anel de comando.

— Quais as novidades de Tangrene?

— Os rebeldes estão movendo as forças para posições de ataque — informou Pellaeon, caminhando entre as esculturas e o holograma na direção do superior. — Esgueirando-se para cair na armadilha.

— Que cooperativos eles são — comentou o Grande Almirante, gesticulando para o grupo de esculturas à sua direita.

— Arte Mon Calamari. O que acha?

Pellaeon observou as reproduções enquanto se aproximava. Pareciam tão primitivas e repulsivas quanto os próprios mon calamari.

— Muito interessante.

— É mesmo. Aquelas duas peças em particular... foram criadas pelo próprio almirante Ackbar.

O capitão examinou as esculturas mencionadas.

— Não sabia que o almirante Ackbar se interessava por arte.

— Há algum tempo. Essas esculturas foram feitas na época em que ele nem haviam aderido à Rebelião. Ainda assim, nos dá informações valiosas sobre o caráter dele. Como aquelas

— apontou Thrawn, indicando a coleção ao lado oposto. — Foram escolhidas pessoalmente por nosso adversário corellian.

Pellaeon observou com interesse renovado. Então o senador Bel Iblis escolhera aquelas obras pessoalmente...

— De onde vieram? Do escritório no Senado?

— Aquelas, sim — respondeu o Grande Almirante, indicando um grupo menor. — As outras são da casa dele; e aquelas ali, de sua nave particular. A Inteligência descobriu quase por acidente essas gravações, nos dados entre o que recolhemos em Obroa-skai. Com que então os rebeldes estão se dirigindo para a ratoeira, é?

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, contente por retorna a um assunto do qual entendia. — Recebemos mais dois relatórios indicando movimentos de naves de apoio rebeldes para posições no sistema Draukyze.

— Mas não de forma óbvia?

— Como assim, senhor?

— Estou perguntando se eles estão mesmo sendo cuidadosos com esses preparativos. Se estão recrutando aos poucos as naves de Inteligência de outras missões... movendo e reformulando as frotas de setor para poder liberar naves importantes... esse tipo de coisa. Nunca de forma óbvia. Sempre fazendo a Inteligência do Império trabalhar duro para juntar os pedaços — explicou Thrawn, com uma expressão diferente no olhar rubro. — Quase como se Tangrene fosse mesmo o alvo verdadeiro.

Pellaeon abriu a boca, surpreso.

— Está dizendo que não é?

— Exatamente, capitão.

Pellaeon olhou para o holograma de Tangrene. A Inteligência oferecera noventa e quatro por cento de probabilidades para esse ataque.

— Mas se não vão atacar Tangrene... então onde vai ser?

— No último lugar que esperamos — afirmou Thrawn, acionando um controle e trocando a imagem de Tangrene por outro planeta.

— *Bilbringi*? — exclamou Pellaeon, sem conseguir conter-se. — Mas, senhor, isso é...

— Loucura? Claro que é. A insanidade de humanos e alienígenas que aprenderam da forma mais difícil que não podem me enfrentar frente a frente. Sendo assim, tentam utilizar minha própria habilidade estratégica e tática contra mim. Fingem cair na minha armadilha, torcendo para que eu repare na sutileza dos movimentos e interprete como declaração de veracidade desse ataque. E enquanto eu fico feliz com a minha perspicácia, eles preparam o verdadeiro ataque.

Pellaeon olhou para as esculturas de Bel Iblis.

— _ Devíamos esperar alguma confirmação antes de remover efetivos de Tangrene, Grande Almirante — sugeriu ele, cautelosamente. — Poderíamos intensificar nossa atividade de Inteligência na região de Bilbringi. Ou talvez a Fonte Delta possa confirmar isso.

— Infelizmente a Fonte Delta foi silenciada — disse Thrawn. — Mas não precisamos confirmar essa informação. Esse é o plano da Rebelião e nós não podemos arriscar tudo com a presença óbvia da Inteligência. Eles acreditam que me enganaram. Nossa tarefa agora é fazer com que continuem acreditando nisso.

Pellaeon viu o sorriso do Grande Almirante alargar-se.

— Afinal, capitão, não faz diferença se vamos esmagá-los em Tangrene ou em Bilbringi. Diferença nenhuma.

A forma da semente, em hélice, pairou a cerca de um metro e meio de Mara, desafiando-a a atingi-la. Ela encarou o alvo, com o sabre-laser de Skywalker seguro nas duas mãos, de forma pouco ortodoxa, mas firme. Já errara duas vezes; não tencionava deixar que acontecesse pela terceira vez.

— Não se apresse — avisou Skywalker. — Concentre-se e deixe a Força fluir em você. Tente antecipar o movimento da semente.

Era fácil falar, pensou ela com amargura. Afinal de contas, era ele que controlava o alvo. A semente moveu-se um milímetro para a frente, desafiando-a...

Repentinamente, Mara decidiu que estava cansada daquele jogo. Projetando a Força, ela mesma controlou a semente. Imobilizada, a hélice vegetal estremeceu um instante antes que ela atirasse o sabre-laser para a frente, atingindo o alvo no centro exato.

— Pronto — disse ela, recolhendo a lâmina luminosa. — Consegui.

Ela imaginou que Skywalker fosse ficar zangado. Para sua surpresa, e um certo aborrecimento, percebeu que ele não ligara para o método usado.

— Bom. Muito bom. É difícil dividir a atenção entre duas atividades, física e mental da forma que fez. E bem feito.

— Obrigada — resmungou ela, afastando o sabre-laser na direção dos arbustos, onde flutuou até a mão estendida de Skywalker. — Só isso?

Skywalker olhou por sobre o ombro. Solo e Calrissian estavam debruçados sobre o dróide dourado, que parará de queixar-se sobre o terreno de Wayland, sobre as plantas e animais e só reclamava do pé danificado pelo solo de pedra. O outro dróide estava por perto, produzindo o habitual repertório de comentários eletrônicos. Afastado alguns passos, o wookie remexia numa mochila, procurando uma ferramenta ou algo parecido.

— Acho que temos tempo para mais alguns exercícios — resolveu Skywalker, voltando-se para ela. — Essa técnica sua é muito interessante. Obi-wan nunca me ensinou nada sobre o uso da ponta do lâmina.

— A filosofia do Imperador era usar tudo o que estivesse disponível — declarou Mara.

— De alguma forma, não me surpreende. Vamos tentar outra coisa. Apanhe o sabre-laser.

Projetando a Força, Mara apanhou-o da mão dele, imaginando o que

Skywalker faria se ela tentasse ligar a lâmina antes da hora. Não tinha certeza de poder lidar com algo tão pequeno quanto o controle, mas valeria a pena tentar só para vê-lo correr da lâmina.

E se, no processo, ela acidentalmente o matasse?

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Segurou com firmeza a arma. *Ainda não*, disse à voz. *Ainda preciso dele*.

— E agora? — indagou em voz alta.

Ele não teve chance de responder. Atrás dele, o dróide astromecânico começou a emitir ruídos excitados.

— O quê? — gritou Solo, com o desintegrador em punho.

— Ele está dizendo que reparou em algo que vale a pena investigar ali ao lado — traduziu o dróide de protocolo, gesticulando. — Um grupo de trepadeiras, ele disse, embora eu possa estar errado... com todo o estrago que esse ácido fez...

— Vamos até lá, Chewie, dar uma olhada — interrompeu Solo, levantando-se e subindo o leito seco.

Skywalker olhou para Mara.

— Vamos também.

Não precisaram andar muito. Logo após a primeira fileira de árvores, escondida da vista por um arbusto, estava outro feixe de trepadeiras como as que cortaram ocasionalmente nos últimos dias.

Com a exceção de que essas já estavam cortadas. Ceifadas e levadas para fora do caminho, amarradas como um feixe de corda.

— Acho que isso põe fim a qualquer discussão sobre se alguém está ou não nos ajudando — comentou Calrissian, examinando um dos talos cortados.

— Acho que tem razão — disse Solo. — Nenhum predador teria arrumado tudo desse jeito.

O wookiee rugiu alguma coisa e puxou a moita que escondia o feixe de trepadeiras. Para a surpresa de Mara, saiu do chão sem esforço algum.

— Nem teria se incomodado com camuflagem — acrescentou Calrissian, quando o wookiee a virou. — Parece cortada a faca, como as trepadeiras.

— E como os pássaros, ontem — lembrou Solo. — Luke? Temos tido companhia?

— Pressenti alguns nativos. Mas nunca se aproximaram muito — disse Skywalker, olhando para o dróide dourado. — Acha que pode ter alguma relação com os dróides?

— Quer dizer, como em Endor, quando aquelas bolas de pelo pensaram que Threepio era um deus?

— Algo parecido. Eles poderiam estar chegando perto o suficiente para escutar Threepio ou Artoo.

— Talvez — admitiu Solo. — A que horas costumam vir?

— Quase sempre ao pôr-do-sol. Até agora, pelo menos — afirmou Skywalker.

— Bem, da próxima vez que eles vierem, me avise — pediu Solo, guardando a arma. — Já está na hora de termos uma conversinha com eles. Vamos indo.

A escuridão era cada vez maior, e o acampamento estava quase montado para a noite, quando a sensação retornou.

— Han! Eles estão por perto — sussurrou Luke.

— Quantos são? — quis saber Han, sacando a arma. Luke focalizou a mente, separando cada indivíduo da sensação geral.

— Cinco ou seis deles, vindos dessa direção.

— Isso só no primeiro grupo — perguntou Mara. *Primeiro grupo?* Luke franziu a testa, diminuindo a focalização para obter uma impressão geral. Ela tinha razão: havia um segundo grupo vindo atrás do primeiro.

— Só no primeiro grupo — confirmou ele. — No segundo... acho que são também cinco ou seis. Não tenho certeza, mas podem ser de espécie diferente que os primeiros.

— O que acha? — indagou Han, olhando para Lando.

— Não gosto nem um pouco. Mara, como as espécies se relacionam?

— Não muito bem. Havia um pouco de comércio e outras trocas quando estive aqui; mas também histórias de uma guerra tripla entre as duas tribos e os colonizadores humanos.

Chewbacca grunhiu uma sugestão: que os alienígenas pudessem juntar forças contra eles.

— E um pensamento engraçado. O que acha, Luke? Luke esforçou-se, mas não conseguiu nada.

— Desculpe, há um bocado de emoções lá, mas não tenho base para julgar de que tipo.

— Eles pararam — afirmou Mara, o rosto tenso de concentração. — Os dois grupos.

Han sorriu.

— Lando, Mara, fiquem aqui para guardar o acampamento. Luke, Chewie, vamos até lá verificar.

Escalaram a encosta pedregosa e penetraram na floresta, movendo-se com o maior silêncio possível entre arbustos e folhas mortas.

— Eles sabem que estamos chegando? — murmurou Han, por sobre o

ombro.

— Não sei dizer — respondeu Luke, projetando a Força.

— Mas eles não estão avançando.

Chewbacca resmungou algo que o Jedi não escutou.

— Pode ser — respondeu Han. — Mas seria muito estúpido realizar um conselho de guerra tão próximo ao alvo.

Nesse instante, Luke captou um movimento à frente, uma sombra movendo-se próxima a um tronco de árvore.

— Cuidado! — avisou ele, acionando a lâmina do sabre-laser.

A luz esverdeada revelou uma figura pequena num macacão, recuando para trás do tronco enquanto Han disparava retirando um belo naco da árvore. Uma fração de segundo depois, a besta de Chewbacca arrancava um pedaço do outro lado. Por entre a fumaça, puderam observar um movimento rápido abandonando a proteção cada vez menor para um tronco mais grosso, pouco adiante. Han movia o desintegrador para novo disparo, quando um som estranho cortou o ar, como se fosse um bando de pássaros alienígenas.

Com um ruído que indicava surpresa e reconhecimento, Chewbacca afastou o braço de Han, mudando a direção do disparo.

— Chewie! — protestou ele.

— Não, ele tem razão — interveio Luke. — Você! Pare onde está.

A ordem fora desnecessária. A figura sombria já parará, ficando em pé no espaço aberto, o capuz ocultando o rosto da luz esverdeada da lâmina.

Luke deu um passo na direção dele.

— Sou Luke Skywalker, irmão de Leia Organa Solo, filho do Lorde Darth Vader. Quem é você? — disse ele com formalidade.

— Sou Ekhrikhor, do clã Bakh'tor — respondeu a voz felina.

— Eu o saúdo, filho de Vader.

A clareira para onde Ekhrikhor os levou estava perto, apenas a vinte metros ao longo do vetor que Luke apontara. Os alienígenas estavam mesmo lá: dois tipos diferentes, cinco de cada em pé ao lado mais distante de um grande tronco de árvore caída. Do lado mais próximo havia dois noghri, usando o mesmo traje camuflado, com os capuzes nas costas. Enfiada entre os dois lados, estava uma espécie de lâmpada de trabalho, que emitia luz suficiente para que Han conseguisse distinguir os detalhes dos alienígenas mais próximos.

Não era muito encorajador. O grupo à direita era uma cabeça mais alto do que o noghri e outro tanto mais baixo do que Han. Cobertos com placas avantajadas, pareciam mais uma pilha de pedras do que uma coisa viva. O grupo à esquerda era constituído de indivíduos quase tão altos quanto Chewbacca, com quatro braços e uma pele brilhante e azulada que lembrava

a coisa marrom que tiveram de arrancar de Threepio no primeiro dia.

— Que aparência amistosa — comentou ele, com Luke, enquanto caminhavam para a última linha de árvores entre eles e a clareira.

— Esses são os myneyrshi e os psadan — disse Ekhrikhor. — Foram enviados para combater vocês.

— E vocês os mantêm à distância? — quis saber Luke.

— Eles procuravam confronto. Não podíamos permitir isso — explicou o noghri.

Pararam na fímbria da clareira. Um murmúrio percorreu os alienígenas, que não pareceu nada amigável.

— Não sei porque, estou achando que não somos bem vindos — comentou Han. — Luke?

A seu lado, sentiu que Luke balançava a cabeça.

— Ainda não consigo nada de sólido. O que está acontecendo, Ekhrikhor?

— Eles demonstraram que querem conversar conosco. Talvez para decidir se vão nos combater.

Han deu uma olhada ao grupo alienígena. Todos pareciam usar facas, e havia pelo menos um par de arcos em evidência mas não enxergou nada mais potente.

— E melhor que tenham trazido um pequeno exército com eles — disse Han.

— O melhor é não lutar, se pudermos evitar — lembrou Luke. — Como vamos nos comunicar com eles?

— Um deles aprendeu um pouco de básico quando o depósito foi construído embaixo da montanha — informou o noghri, apontando o myneyrshi mais perto da luz. — Ele vai tentar traduzir.

— Talvez a gente possa melhorar isso — sugeriu Luke, levantando a sobrancelha e olhando para Han. — O que acha?

— Vale a pena tentar. Já é hora de Threepio trabalhar um pouco. — Han puxou o comunicador. — Lando?

— Estou aqui. Encontrou os alienígenas?

— Encontramos. Mais uma ou duas surpresas. Peça para Mara trazer Threepio até aqui. Se ela vier na mesma direção, vem direto para uma clareira, onde estamos.

— Certo. E o que quer que eu faça?

— Não acho que esse grupo vá dar trabalho. Você e Artoo fiquem tomando conta do acampamento. Ah, sim. Se enxergar uns sujeitos baixinhos com trajes camuflados e dentes pontudos, não se assuste. Estão do nosso lado.

— Que bom... eu acho. Mais alguma coisa?

Han encarou os grupos de alienígenas, todos olhando para eles.

— Sim. Cruze os dedos. Talvez a gente esteja a ponto de arranjar alguns aliados. Ou um bocado de encrenca pelo resto do caminho.

— Certo. Mara e Threepio estão saindo. Boa sorte.

— Obrigado — disse Han, desligando e colocando o aparelho no cinto.
— Eles vêm vindo.

— Não há necessidade de proteger o acampamento — disse Ekhrikhor.
— Os noghri estão guardando o local.

— Certo. Mas já temos gente demais por aqui — disse Han, encarando o noghri. — Então eu estava certo. *Fomos* seguidos.

— Sim — admitiu Ekhrikhor, baixando a cabeça. — E peço desculpas por termos vindo sem avisá-lo, consorte da Lady Vader. Eu e os outros sabíamos que não era uma coisa honrosa; mas Cakhmaim do clã Eikh'mir queria manter nossa presença oculta.

— Por quê?

— Cakhmaim sentiu hostilidade de sua parte no quarto de Lady Vader. Acreditou que não iria aceitar uma guarda de noghri como proteção.

Han olhou para Luke e pilhou-o tentando esconder um sorriso.

— Bem, da próxima vez que encontrar Cakhmaim, diga a ele que parei de recusar ajuda grátis há muitos anos. E já que estamos falando de hostilidade, é melhor parar com essa história de consorte da Lady Vader. Me chame de Han, ou Solo. Ou capitão. Ou qualquer outra coisa.

— Talvez Han, clã Solo — sugeriu Luke. O rosto de Ekhrikhor iluminou-se.

— Pedimos seu perdão, Han, clã Solo.

— Acho que você foi adotado — comentou o Jedi, disfarçando um sorriso.

— Certo. Muito obrigado — disse Han.

— Um pouco de cerimônia não machuca ninguém. Lembre-se de Endor.

— Ainda estou tentando esquecer.

Em Endor a tribo dos ewok haviam contribuído com sua parte na luta contra a Estrela da Morte. Isso não alterou o fato de que a cerimônia de adoção à tribo fora uma das coisas mais ridículas que ele já enfrentara.

Apesar disso, os ewok haviam superado as tropas de choque pelo número. Os noghri, por outro lado...

— Quantos de vocês vieram?

— Oito. Dois vão na frente, dois atrás e dois de cada lado quando vocês andam — esclareceu o noghri.

Han assentiu, sentindo um novo respeito pela raça. Oito deles,

silenciosamente matando ou afastando os predadores e os nativos. Dia e noite. E ainda encontraram tempo para lidar com pequenos aborrecimentos, como os pássaros e as trepadeiras.

Dessa vez seu processo de adoção não parecia tão ridículo

De algum lugar atrás deles veio um ruído familiar. Han voltou-se e um instante mais tarde enxergou a figura de Threepio aproximando-se. Atrás dele vinha Mara, com o desintegrador na mão.

— Mestre Luke — chamou Threepio, a voz na habitual mistura de ansiedade e alívio.

— Estou aqui, Threepio. Acha que pode traduzir para nós?

— Vou fazer o melhor que puder. Como sabe, conheço fluentemente seis milhões de...

— Encontraram os nativos, afinal — interrompeu Mara. Seus olhos caíram sobre Ekhrikhor. — E uma pequena surpresa, também.

O desintegrador voltou-se para o noghri.

— Não se preocupe, eles são amigos... — assegurou Luke.

— Acho que não. São noghri. Servem ao Grande Almirante Thrawn.

— Não trabalhamos mais para ele — afirmou Ekhrikhor.

— É verdade, Mara — disse Luke.

— Pode ser — concedeu ela.

Pelo menos o desintegrador não apontava mais para Ekhrikhor.

Do outro lado da clareira, um myneyrshi pousou o que parecia ser um pássaro predador empalhado, tingido de branco. Murmurando inaudivelmente, depositou o objeto em frente a ele, sob a iluminação.

— O que é isso? Almoço?

— É chamado de *satna-chakka* — informou Ekhrikhor. — É um símbolo de paz enquanto essa reunião durar. Estão prontos para começar. Threepio-dróide, venha comigo.

— Claro. Mestre Luke?

— Vou com você, Threepio, não se preocupe. Han, Chewie, fiquem por aqui.

— Sem problema — assentiu Han.

Com perceptível relutância, o dróide acompanhou Luke e Ekhrikhor na direção do tronco. O chefe myneyrshi levantou as duas mãos acima da cabeça, as palmas voltadas para baixo.

— *Bidaesi charaa* — disse ele, com voz surpreendentemente melodiosa. — *Lyaaunu baaraemaa dukhnu phaeri*.

— Ele anuncia a chegada de estrangeiros — traduziu Threepio. — O fato se refere a nós. Ele teme que possamos trazer perigo ao seu povo.

Ao lado de Han, Chewbacca rosou um comentário sarcástico.

— É parece que eles vão direto ao assunto — concordou Han. — E não têm muita diplomacia.

— Trazemos esperança para o seu povo — argumentou o líder noghri. — Se nos deixarem passar, vamos libertá-los do domínio do Império.

Threepio traduziu, nos melodiosos sons myneyrshi. Um dos psadan fez um gesto de cortar, acompanhado de um grito distante, cheio de consoantes.

— Ele diz que o povo psadan possui memória longa. Aparentemente, já vieram grupos antes de nós, porém nada mudou.

— Bem vindo ao mundo real — comentou Han. Luke olhou para ele por sobre o ombro.

— Peça a ele para explicar, Threepio.

O dróide emitiu sons parecidos com o dos psadan, depois acrescentou uma versão myneyrshi. A resposta do psadan durou vários minutos e os ouvidos de Han já começavam a doer quando o alienígena terminou.

— Bem — começou Threepio, movendo a cabeça e assumindo o ar professoral que Han tanto detestava. — Existem muitos detalhes, que vou deixar passar por enquanto. Os humanos que vieram como colonizadores foram os primeiros invasores. Expulsaram os nativos de suas terras e só pararam quando os arcos de raios e pássaros de metal... são termos deles, claro... começaram a falhar. Bem mais tarde veio o Império, que como sabemos construiu o abrigo na montanha proibida. Escravizaram muitos nativos para ajudar e expulsaram os restantes de suas terras. Depois dos construtores chegou um que se chamava o Guardião e ele também procurou controlar os nativos. Finalmente, o que se intitulava de Mestre Jedi chegou e a batalha na qual derrotou o Guardião iluminou o céu. Por algum tempo os nativos imaginaram que seriam libertados, mas o Mestre Jedi juntou humanos e nativos para servi-lo, forçando-os a viver juntos sob a sombra da montanha proibida. Finalmente o Império retornou. Como pode ver, Mestre Luke, somos os últimos numa longa lista de invasores.

— Só que não somos invasores — lembrou Luke. — Viemos aqui para libertá-los do domínio do Império.

— Compreendo isso, mestre Luke, mas...

— Sei que compreende — cortou Luke. — Diga isso a eles.

— Oh, sim. Naturalmente, mestre Luke. Threepio começou a traduzir.

— Se me perguntar, acho que eles não foram tratados tão mal assim — comentou Han com Chewbacca. — O Império tomou o planeta inteiro de alguns povos.

— Os povos primitivos sempre têm essa reação com os visitantes — disse Mara. — Em geral possuem uma boa memória, também.

— E, pode ser. Acha que esse Mestre Jedi que eles mencionaram pode

ser nosso amigo C'baoth?

— Quem mais? Deve ter sido aqui que Thrawn o encontrou — opinou Mara.

— Acha que ele está aqui agora? — indagou Han, sentindo um frio no estômago.

— Não estou sentindo nada. Mas isso não quer dizer que ele não possa voltar.

O chefe myneyrshi falava novamente. Han relanceou o olhar pela clareira, perguntando-se onde estariam os outros nativos. Tinham de estar por perto, embora Luke não tivesse falado nada sobre reforços.

A menos que Ekhrikhor e seus amigos já tivessem cuidado deles. Se não conseguissem um bom termo nos debates, seria útil ter combatentes como os noghri.

O myneyrshi terminou de falar.

— Desculpe, mestre Luke, mas eles dizem que não possuem motivo algum para acreditar que vocês sejam diferentes daqueles sobre quem eles falaram.

— Compreendo os temores deles. Pergunte a eles como podemos provar nossas boas intenções? — pediu Luke.

Threepio começou a traduzir e Han sentiu uma forte cotovelada do wookie no ombro.

— O que foi?

Chewbacca gesticulou para o lado esquerdo, a besta pronta e já enquadrando o alvo. Han olhou para a direção indicada.

— O que foi? — quis saber Mara.

Han abriu a boca para responder, mas não teve tempo. O predador comprido que Chewbacca vira se arrastando pela árvore, enrolava-se, ficando prestes a saltar sobre o grupo que discutia.

— Cuidado! — disse ele, sacando o desintegrador. Chewbacca foi mais rápido. Com um rugido wookie de

caça, ele disparou e o projétil cortou em dois o predador. Caiu de onde estava, agonizou sobre as folhas do chão, permanecendo imóvel.

Ao lado do tronco, o grupo de myneyrshi recuou, com mostras de raiva.

— Cuidado, Chewie — avisou Han, cobrindo os nativos com a arma.

— Isso pode ter sido um erro — disse Mara, tensa. — Não se pode disparar armas durante uma conferência de paz.

— Também não pode deixar que os participantes sejam comidos — argumentou Han. — Threepio, diga isso a eles.

Ao lado dos myneyrshi, os psadan começavam a agitar-se e ele esperou que os companheiros de Ekhrikhor estivessem cobrindo a área.

— Pois não, capitão Solo — assentiu o dróide. — *Mulansaar*.. O chefe myneyrshi interrompeu com um movimento significativo com os dois braços esquerdos.

— Você — disse ele, em básico passável, apontando quatro mãos para Han. — Ele tem besta-raio?

Han franziu a testa. Claro que Chewbacca tinha uma arma, assim como todos, menos os dróides. Olhou para o wookiee... e de repente entendeu.

— Sim, ele tem uma arma — declarou ele, baixando o desintegrador. — E nosso amigo. Nós não temos escravos, como o Império.

Threepio iniciou a tradução, mas o líder já se comunicava, usando amplos gestos, com os outros de seu grupo.

— Belo trabalho — elogiou Mara. — Eu não tinha pensado nisso. Mas você tem razão... os últimos wookiee que viram aqui vieram como escravos do Império.

— Vamos esperar que isso faça alguma diferença.

A discussão transcorreu por mais dez minutos, entre os myneyrshi e os psadan. Por algum tempo, Threepio tentou traduzir, mas transformou tudo num resumo sobre os pontos mais importantes. Os myneyrshi, aparentemente, começavam a achar que essa era a última chance de se livrarem do opressor, primeiro o Império e depois o próprio Mestre Jedi. Os psadan não apreciavam os homens do Império mais do que a outra tribo, mas o fato de pensar em enfrentar C'baoth os fazia tremer.

— Não estamos pedindo que lutem ao nosso lado — disse Luke, assim que conseguiu atrair a atenção de todos. — Os combates são por nossa conta e podemos cuidar disso. Tudo o que estamos pedindo é que permitam nossa passagem por seu território até a montanha proibida, e a palavra de vocês que não vão nos trair ao Império.

Threepio efetuou a dupla tradução e Han preparou-se para outra discussão. Mas não foi o que aconteceu. O chefe dos myneyrshi levantou as mãos superiores, enquanto as inferiores apanhavam o pássaro branco no chão, oferecendo-o a Luke.

— Acredito que ele esteja oferecendo salvo-conduto, mestre Luke. Posso estar errado, mas enquanto os dialetos mudam com o tempo, os gestos e movimentos são...

— Agradeça a ele, Threepio — cortou Luke, aceitando o pássaro embalsamado. — Diga que aceitamos sua hospitalidade. E que não vão se arrepender de nos ajudar.

— General Covell? Devemos aterrissar na superfície em mais alguns minutos — informou a voz com entonação militar, pelo interfone da nave-

transporte.

— Recebido — avisou Covell, fechando o canal e voltando-se para seu único passageiro. — Estamos quase chegando.

— E, eu também escutei — respondeu C'baoth, divertido. — Diga-me, general Covell: estamos no final ou no início da viagem?

— No início, claro — disse o general. — A viagem que preparamos não tem fim.

— E quanto ao Grande Almirante Thrawn?

Covell franziu a testa. Não escutara essa pergunta antes, pelo menos não nessa forma. Enquanto hesitava, a resposta veio até seus pensamentos, aliviando-o. Como acontecia com todas as respostas, agora.

— E o início do fim do Grande Almirante Thrawn.

C'baoth riu, seu divertimento repercutindo de forma agradável na mente de Covell. O general chegou a pensar em perguntar o que era tão engraçado, mas preferiu relaxar e aproveitar a gargalhada. De qualquer forma, sabia bem que era muito engraçado.

— Sabe mesmo, não sabe? — concordou C'baoth em voz alta. — Ah, general, general... é tão irônico, não acha? Desde o início... daquele primeiro encontro em minha cidade, o Grande Almirante Thrawn tinha a resposta ao seu alcance. E mesmo agora, está tão longe de entender quanto estava naquela oportunidade.

— É sobre poder, Mestre C'baoth? — indagou Covell, pois aquele era um assunto familiar, onde sabia sua parte.

— Realmente, general Covell. Eu disse a ele no primeiro encontro que o poder não está em se conquistar mundos distantes. Ou em batalhas, guerras, ou esmagar os rebeldes.

Sorriu, os olhos brilhando na mente de Covell.

— Não, general... *este é* o verdadeiro poder. *Este*. Segurar outra vida na palma de sua mão. Ter o poder de escolher seu caminho, seus pensamentos e sentimentos. Reinar sobre sua vida e declarar sua morte — disse C'baoth, com ar sonhador, elevando a mão com a palma para cima e mantendo-a assim.

— Controlar sua alma.

— Uma coisa que mesmo o Imperador não compreendeu

— lembrou Covell.

Mais uma onda de prazer percorreu a mente do general. Era muito satisfatório que o Mestre apreciasse o jogo.

— Nem mesmo o Imperador — concordou C'baoth, deixando que os pensamentos corressem soltos. — Tanto ele quanto o Grande Almirante viam o poder apenas como uma questão de quão longe fora deles mesmos,

podiam alcançar. E isso o destruiu, como eu disse que destruiria. Pois se ele comandasse Vader... — ele deixou a frase em suspenso. — Foi tolo de muitas formas. Mas talvez não fosse seu destino viver de outro jeito. Talvez fosse a vontade do Universo que eu, eu sozinho, entendesse. Apenas eu possuo tanto a força quanto a vontade para alcançar esse poder. O primeiro... mas não o último.

Covell assentiu, engolindo em seco. Não era agradável quando C'baoth o deixava assim, mesmo por pouco tempo. Especialmente quando havia essa estranha solidão junto...

Mas, naturalmente, o Mestre sabia disso.

— Sente dor com a minha solidão, general Covell? Sim, claro que sente. Mas seja paciente. Está chegando a hora em que seremos muitos. E quando essa hora chegar, nunca mais nos sentiremos sós outra vez. Observe.

Ele sentiu a emoção distanciar-se, assim como todos os outros sentimentos, agora: filtrados e focalizados pela mente perfeita do Mestre.

— Está vendo? Eu tinha razão — disse C'baoth, examinando 0 sentimento. — Eles estão aqui. Skywalker e Jade, os dois. Eles serão os primeiros, general Covell... os primeiros dentre muitos. Pois eles virão a mim e, quando eu lhes mostrar o verdadeiro poder, entenderão e ficarão ao nosso lado. Acho que Jade será a primeira. Skywalker resistiu uma vez e resistirá a segunda; porém a chave para sua alma está aguardando na montanha lá embaixo. Jade é diferente. Já a vi em minhas meditações... aproximando-se e ajoelhando-se aos meus pés. Ela será minha e Skywalker virá logo depois. De um jeito ou de outro.

Sorriu outra vez. Covell retribuiu o sorriso, feliz com a felicidade do mestre e pelo pensamento de que haveria outros que estariam ali para aquecer sua mente.

Então, sem nenhum aviso, tudo ficou escuro. Não uma solidão, como a que sentira. Mas uma espécie de vazio.

Mal sentiu a cabeça sendo levantada pelo queixo. C'baoth estava lá, fitando-o nos olhos.

— General Covell! Pode me ouvir? — reboou a voz do Mestre.

Porém a forma como escutou foi diferente. Não parecia estar lá.

— Posso ouvir — respondeu ele, com a própria voz soando estranha,

Olhou para o rosto de C'baoth, para o interessante padrão de linhas no painel da nave. Sentiu-se sacudir.

— Olhe para mim! — ordenou C'baoth.

Covell fez o que foi pedido. Era estranho, porque podia ver o Mestre, mas ele não estava ali.

— Ainda está aí? — perguntou ele, assustado.

O rosto do Mestre se alterou. Algo... seria chamado sorriso?... alterou-lhe as feições.

— Sim, general, estou aqui — afirmou a voz distante.—

Não estou tocando sua mente, mas continuo aqui. Você vai continuar a me obedecer.

Obedecer. Um conceito estranho, não era como fazer apenas o que parecia natural.

— Obedecer?

— Vai fazer o que eu mandar — disse C’baoth. — Vou dar coisas para você dizer e vai repeti-las palavra por palavra.

— Certo. Se eu fizer isso, o Mestre voltará?

— Voltarei. A despeito da traição do Grande Almirante. Com sua obediência... fazendo o que eu mando... vamos anular a traição dele. Então não nos separaremos outra vez.

— Esse vazio vai embora?

— Vai. Mas só se fizer o que eu mandar.

O outro homem veio um pouco mais tarde. O Mestre ficou a seu lado o tempo inteiro e ele repetiu todas as palavras que mandou. Todos foram para algum lugar, e pouco depois o Mestre saiu também.

Covell olhou para o lugar onde o tinham deixado, observando os padrões de linhas e o vazio ao redor. Acabou adormecendo.

Um estranho chamado de pássaro soou à distância, suplantando o ruído de insetos e pequenos animais. Contudo, o perigo não parecia imediato e um minuto depois os sons noturnos recomeçaram. Mudando de posição contra o tronco da árvore, Mara esticou os músculos das costas, desejando que tudo já tivesse acabado.

— Não há necessidade de ficar acordada — disse uma voz noghri, à altura do ombro. — Nós estamos de guarda.

— Obrigada, mas se você não se importa, vou fazer a minha parte.

O noghri permaneceu um instante em silêncio.

— Você ainda não confia em nós.

Na verdade ela não pensara muito sobre o assunto.

— Skywalker confia em vocês. Não está bom assim?

— Não procuramos aprovação — afirmou o noghri. — Apenas uma forma de pagar nosso débito.

Ela deu de ombros. Eles protegeram o acampamento, fizeram os primeiros e delicados contatos com os nativos, e agora ali estavam vigiando outra vez o acampamento.

— Se for um débito com a Nova República, eu diria que estão fazendo

um ótimo trabalho. Vocês descobriram que estavam sendo enganados por Thrawn e o Império?

Houve um estalido quando os dentes pontiagudos bateram uns contra os outros.

— Você sabia sobre isso? — indagou a voz felina.

— Escutei rumores — admitiu Mara, reconhecendo que o assunto era perigoso, mas não dando a mínima. — Mais como piadas, na verdade. Nunca soube o quanto disso era verdade.

— Provavelmente a maior parte. E verdade, consigo imaginar o quanto nossas vidas e mortes devem divertir nossos algozes. Mas vamos fazer com que parem de rir.

Não havia raiva cega, nem ódio fanático. Tratava-se da mais fria determinação. Do tipo mais perigoso.

— O que vão fazer a respeito?

— Quando chegar a hora, os noghri se voltarão contra seus algozes. Alguns em mundos do Império, outros em naves de transporte. E cinco grupos virão para cá.

— Vocês já sabiam sobre Wayland? — indagou Mara, franzindo a testa.

— Não, até você nos trazer. Mas agora sabemos. Mandamos a localização para os que aguardam em Coruscant. A essa hora, já passaram adiante a informação.

— Vocês confiam um bocado em nós.

— Nossas missões complementam uma à outra — assegurou o noghri, com voz séria. — Vocês estabeleceram para si mesmos a tarefa de destruir a instalação que produz os clones. Com a ajuda do filho de Vader não duvidamos de seu sucesso. Para nós, escolhemos o objetivo de eliminar qualquer lembrança da presença do Imperador em Wayland.

Com certeza, as últimas relíquias da presença do Imperador na Galáxia. Mara brincou com aquela idéia na mente, imaginando por que não a irritava, ou deixava zangada. Talvez estivesse cansada.

— Parece um grande projeto — comentou ela. — Quem é esse filho de Vader que você disse que vem nos ajudar?

Houve um silêncio antes da resposta.

— O filho de Vader já está com vocês. Você também o serve.

Mara abriu os olhos e fitou o rosto escuro... de repente, seu coração esfriou.

— Você quer dizer... *Skywalker*?

— Não sabia?

Mara voltou-se para o outro lado, encarando o vulto adormecido a uma distância não maior do que um metro de seus pés. Sentia o corpo amortecido.

Finalmente, depois de tantos anos, o pedaço final do quebra-cabeças fora descoberto. O Imperador não desejava que matasse Skywalker pelo que tinha feito. Tratava-se de uma vingança contra o pai dele, Darth Vader.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

No espaço de alguns batimentos cardíacos, tudo o que Mara acreditara sobre si mesma... o ódio, a missão e a vida inteira... transformaram-se de certezas em confusão.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Não — murmurou ela para a voz em sua mente. — Assim, não. É minha decisão. São meus motivos.

Porém a voz não se abateu. Talvez fosse sua resistência a alimentá-la, ou talvez fosse o maior envolvimento com a Força que o treinamento com Skywalker produzira nos últimos dias.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER. VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Mas você é diferente, Mara Jade.

Mara teve um sobressalto, batendo a nuca contra o tronco atrás dela. Outra voz; que não vinha do interior dela. Vinha...

Eu a vi em minhas meditações, continuou a voz, com calma. Vi você caminhando até mim e ajoelhando-se a meus pés. Você será minha e Skywalker virá depois. De um jeito ou de outro.

Mara sacudiu com força a cabeça, tentando expulsar aquelas palavras e pensamentos. A segunda voz deu a impressão de rir; repentinamente as palavras e o riso deram lugar a uma pressão distante e firme contra sua mente. Cerrando os dentes, ela resistiu. Ao longe, escutou a voz zombando de seus esforços...

Depois, com uma rapidez que a fez perder o fôlego, a pressão desapareceu.

— Você está bem? — quis saber Skywalker.

Mara olhou para baixo. Ele se levantara num dos cotovelos, o rosto voltado para ela.

— Você também escutou?

— Não ouvi palavras, mas senti a pressão. Mara olhou para a copa das árvores.

— E C'baoth. Ele está aqui.

— É — concordou Skywalker, apreensivo.

Não era de estranhar... ele enfrentara C'baoth, em Jomark, e quase sucumbira.

— E agora? — indagou Mara. — Abortamos a missão? A silhueta deu

de ombros.

— Como? Estamos a apenas dois dias da montanha. Levaríamos muito mais do que isso para voltar ao *Falcon*.

— Só que agora os homens do Império sabem que estamos aqui.

— Pode ser que saibam. Mas talvez não — argumentou Skywalker. — O contato sumiu de repente para você também?

Ela franziu a testa; então percebeu.

— Acha que alguém se aproximou dele com um ysalamiri?

— Ou o colocaram num lugar cheio deles, como aquele tubo portátil que você estava usando, em Jomark. De qualquer forma, pode implicar em que ele seja prisioneiro.

Mara pensou sobre o assunto. Se isso fosse verdade, talvez ele não se interessasse em passar a informação sobre os invasores que se dirigiam à montanha.

Ela olhou para a silhueta recortada contra as brasas da fogueira, enquanto outro pensamento lhe ocorria.

— Você sabia que C’baoth viria? Por isso insistiu para que eu fizesse o treinamento Jedi.

— Eu não sabia que ele estaria aqui. Mas sabia que teria de enfrentá-lo algum dia. Ele mesmo disse isso em Jomark.

Mara estremeceu. *Ajoelhando-se a meus pés...*

— Não quero enfrentá-lo, Skywalker.

— Nem eu. Mas acho que vamos ter de fazer isso — declarou Skywalker, suspirando. Depois afastou as cobertas e levantou-se. — Por que você não tenta dormir um pouco? O ataque deve ter deixado você exausta. De qualquer forma, agora estou acordado.

— Está certo — concordou ela, cansada demais para discutir. — Se precisar, me acorde.

— Pode deixar.

Mara rastejou para o próprio saco de dormir, entre Calrissian e o wookiee. A última lembrança antes de pegar no sono foi a voz em sua cabeça.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

O relatório chegou do monte Tantiss durante o período noturno de descanso no *Quimera* e aguardava por Pellaeon quando este chegou à ponte pela manhã. O *Draklor* chegara a Wayland na hora prevista, desembarcara seus passageiros, e partira para o sistema Valrar, de acordo com as ordens. O general Covell recusara-se a assumir o comando até a manhã...

Pellaeon franziu a sobancelha. *Recusara-se a assumir o comando?* Não parecia uma atitude do general Covell.

— Capitão Pellaeon? Estamos recebendo uma chamada holográfica do coronel Selid, de Wayland — anunciou o oficial de comunicações. — Diz que é urgente.

— Coloque no monitor holográfico de popa — instruiu o capitão, levantando-se e dirigindo-se para lá. — Avise o Grande Almirante... pode deixar.

Interrompeu-se ao avistar Thrawn e Rukh aproximando-se.

— Algo errado, capitão?

— Mensagem urgente de Wayland, senhor — esclareceu Pellaeon, indicando o monitor holográfico, onde a imagem de um oficial imperial aguardava; mesmo a um quarto do tamanho real, percebia-se que o homem estava nervoso.

— Provavelmente C'baoth — previu Thrawn, de mau humor. Caminhou até a imagem. — Coronel Selid, aqui é o Grande Almirante Thrawn. Informe.

— Senhor... lamento informar a morte súbita do general Covell — disse o oficial, em postura rígida.

— Como? — indagou Thrawn.

— Ainda não sabemos, senhor. Aparentemente, ele morreu dormindo. Os médicos ainda estão fazendo testes, mas tudo sugere que grandes porções do cérebro dele foram como que lacradas.

— Não se lacra tecido cerebral, coronel — disse o Grande Almirante. — É preciso haver uma explicação.

— Sim, senhor. Desculpe, mas ainda não temos a resposta.

— E quanto aos outros passageiros?

— Os médicos estão verificando a todos nesse momento

— informou Selid. — Até agora, nenhum problema. Na verdade, estão

verificando os que ainda estão na guarnição. Os soldados do general Covell... a companhia que chegou no *Draklor* com ele... já havia se dispersado quando ele morreu.

— Como assim? A companhia inteira? Para quê?

— Não sei, senhor. O general Covell deu as ordens na grande reunião, antes de morrer.

— Talvez seja melhor escutarmos essa história desde o início — interrompeu Thrawn. — Conte tudo.

— Sim, senhor. O general Covell e os outros aterrissaram via transporte, há cerca de seis horas. Tentei entregar o comando da guarnição a ele, mas ele recusou-se. Insistiu em conversar com seus soldados em particular num dos refeitórios.

— Que soldados? Toda a guarnição?

— Não, senhor. Só os que o acompanharam no *Draklor*. Disse que tinha ordens especiais para eles.

Pellaeon olhou para o Grande Almirante.

— Seria de se imaginar que ele tivesse tido tempo suficiente para dar as ordens durante o vôo.

— Seria o mais lógico — concordou Thrawn.

— Talvez tenha sido idéia de C'baoth, senhor — sugeriu Selid. — Ele esteve ao lado do general desde que os dois desembarcaram. Resmungando, o tempo todo.

— É mesmo? — comentou Thrawn, interessado. Sua voz era calma, mas continha algo que gelou a espinha de Pellaeon. — Onde está o Mestre C'baoth, agora?

— Nos velhos aposentos do Imperador — informou o coronel. — O general Covell insistiu para que o abrissemos.

— Lá ele estaria fora da influência dos ysalamiri? — quis saber o capitão.

Thrawn sacudiu a cabeça.

— Duvido. De acordo com meus cálculos, toda a montanha e a área ao redor deve estar no interior de uma grande bolha na Força. O que aconteceu depois, coronel?

— O general passou cerca de quinze minutos conversando com seus soldados. Quando saiu, me disse que lhes dera ordens secretas, que tinham vindo diretas do senhor, Grande Almirante. Disse que eu não devia interferir.

— Então eles saíram da montanha?

— Depois de pegar todo o material de um depósito de explosivos — relatou Selid. — Passaram mais duas horas na guarnição, antes de saírem. Segundo o general, estavam se familiarizando com o local. Depois que

partiram, C'baoth acompanhou o general até o quarto dele, depois foi levado por dois homens das tropas de choque até o quarto imperial. Coloquei o resto da guarnição de volta à rotina noturna e foi só. Até essa manhã, quando o ordenança encontrou o general.

— Então C'baoth não estava com Covell no momento da morte? — quis saber Thrawn.

— Não, senhor. Embora os médicos não acham que ele tenha vivido muito tempo depois que C'baoth saiu.

— E ele estava até então com o general.

— Sim, senhor.

O capitão olhou de soslaio para o Grande Almirante, que estreitava os olhos, fitando um ponto indefinido.

— Diga-me, coronel, qual sua impressão sobre o general Covell?

— Bem... — Selid hesitou. — Devo confessar que fiquei um pouco desapontado, senhor.

— Como assim?

— Ele não era como eu esperava, Grande Almirante — declarou Selid, parecendo pouco à vontade. Pellaeon não o condenava, pois criticar um superior para o comandante era um ponto delicado. — Ele parecia... acho que *distante* seria a palavra adequada, senhor. Insinuou que meu esquema de segurança não era bom, e disse que faria importantes mudanças, mas não quis dizer nada sobre isso. Na verdade, mal falou comigo durante o tempo em que estive aqui. Ele também foi seco com todos os oficiais que tentaram falar-lhe. Era privilégio dele, claro, e pode ter sido apenas cansaço. Só que não combinava com o que eu já ouvira sobre a reputação do general.

— De fato, não combina — concordou Thrawn. — O monitor holográfico na velha sala do trono do Imperador está funcionando, coronel?

— Sim, senhor. Embora C'baoth talvez não esteja lá.

— Ele estará. Ligue-me com a sala do trono.

— Sim, senhor.

A imagem do coronel Selid foi substituída pelo símbolo de pausa.

— Acha que C'baoth fez alguma coisa com Covell? — indagou Pellaeon.

— Não vejo outra explicação. Minha estimativa é que nosso amado Mestre Jedi estava tentando controlar a mente de Covell, talvez até substituindo pedaços dela pela própria mente. Quando atingiu a bolha de ysalamiri e perdeu o contato direto, não havia sobrado o suficiente de Covell para mantê-lo vivo muito tempo.

— Compreendo — disse Pellaeon, voltando a cabeça para ocultar a onda de raiva que sentia. Avisara o Grande Almirante sobre o perigo que C'baoth

representava. — O que vai fazer a respeito, senhor?

O símbolo de pausa desapareceu antes que Thrawn pudesse responder, porém não apareceu uma imagem padrão, um quarto do tamanho real. Ao invés disso, o rosto de C'baoth, enorme, surgiu sobre eles, fazendo com que Pellaeon recuasse um passo.

Thrawn nem ao menos piscou.

— Bom dia, Mestre C'baoth. Vejo que descobriu a regulamentação preferida do Imperador no monitor holográfico.

— Grande Almirante Thrawn — respondeu C'baoth, com voz arrogante. — É assim que recompensa todo o trabalho para realizar suas ambições? Com um ato de traição?

— Se existe traição, é pelo seu lado — respondeu o Grande Almirante. — O que você fez com o general Covell?

C'baoth ignorou a pergunta.

— A Força não é desafiada com tanta facilidade quanto imagina. E não se esqueça, Grande Almirante, que minha destruição significará a sua própria. Previ isto.

Ele parou de falar e permaneceu olhando os dois. Por um instante Thrawn permaneceu silencioso.

— Já terminou?

C'baoth franziu a sobrancelha, o rosto aumentado visivelmente incerto e nervoso. Apesar de ser impressionante, e intimidar os interlocutores, a regulamentação preferida do Imperador também apresentava seus inconvenientes.

— Por enquanto. Tem alguma coisa a dizer em sua defesa, Grande Almirante Thrawn?

— Não tenho nada do que me defender, Mestre C'baoth. Foi o senhor quem insistiu em partir para Wayland. Agora me diga o que fez com o general Covell, sim?

— Primeiro me devolva a Força.

— Os ysalamiri vão ficar no lugar em que estão. Agora me conte o que fez com o general Covell.

Por um instante os dois se defrontaram. O olhar de C'baoth baixou primeiro e deu a impressão de que iria render-se. Mas seu maxilar projetou-se para a frente e mais uma vez personificou o arrogante Mestre Jedi.

— O general Covell era meu para fazer com ele o que desejasse. Assim como tudo mais em meu Império.

— Obrigado. Era tudo o que eu precisava saber. Coronel Selid?

O rosto monumental foi substituído pela imagem inteira de Selid.

— Sim, Grande Almirante?

— Em primeiro lugar, coronel, o Mestre C'baoth fica daqui por diante

sob prisão. Pode permitir que ele tenha trânsito livre nos aposentos imperiais, e na sala do trono, mas ele não pode sair de lá. Todos os circuitos de controle daquele andar serão desligados, naturalmente. Em segundo lugar, é preciso iniciar uma investigação imediata sobre as atividades dos soldados do general Covell.

— Podíamos perguntar aos próprios soldados, senhor. Devem estar com os comunicadores do equipamento padrão.

— O problema é que não estou certo de poder confiar nas respostas deles — explicou Thrawn. — O que me leva à terceira ordem. Nenhum dos soldados que deixou a montanha sob as ordens do general Covell deve voltar.

— Como, senhor? — indagou Selid, o queixo caído de surpresa.

— Você escutou muito bem. Deve chegar outra nave aí em mais alguns dias e então eles serão retirados do planeta. Porém, sob nenhuma circunstância deve ser permitido que retornem ao interior da montanha.

— Sim, senhor. Mas o que digo a eles, senhor?

— Diga a verdade. Que as ordens vieram do general Covell, e não da minha parte, mas de um traidor do Império. Até que a Inteligência possa descobrir os detalhes, toda a companhia deve ser considerada sob suspeita, como cúmplices de traição.

A palavra deu a impressão de pairar no ar, como um inseto desagradável.

— Compreendido, senhor — disse o coronel Selid.

— Ótimo. Naturalmente o senhor está outra vez exercendo o posto de comandante da guarnição. Mais alguma pergunta?

— Ótimo. Pode providenciar o cumprimento das ordens, coronel. *Quimera* desliga.

A figura dissolveu-se no monitor holográfico.

— Acha que é seguro deixar C'baoth lá, Grande Almirante?

— Não existe nenhum outro lugar mais seguro em todo o Império. Pelo menos, ainda não.

— Não estou entendendo, senhor.

— A utilidade dele para o Império está chegando ao fim, capitão. Entretanto, ele ainda tem um papel a desempenhar na consolidação do poder a longo prazo — disse o Grande Almirante, caminhando pela ponte. Voltou-se para Pellaeon. — C'baoth é louco... nós dois concordamos sobre isso. Porém essa insanidade está apenas na mente. Não no corpo.

O capitão encarou o superior, chocado.

— O senhor pretende *clonar* C'baoth?

— Por quê não? — indagou Thrawn. — Não seria feito no próprio monte Tantiss, dadas as condições. Também não vai demorar tão pouco

tempo quanto levamos para clonar pilotos de TIE e técnicos, mas pode ser um projeto delicado. Antevejo levar tal clone até a infância, depois permitir que cresça em ritmo normal por dez ou quinze anos. Sob condições adequadas, naturalmente.

— Compreendo — respondeu Pellaeon, esforçando-se para manter a voz calma. Imaginava um jovem C'baoth solto pela Galáxia. Ou dez, ou cem deles. — E onde o senhor iria estabelecer essa outra estação de clonagem?

— Em algum lugar seguro — disse Thrawn. — Talvez um planeta na Região Desconhecida, onde servi certa vez sob as ordens do Imperador. Você vai instruir a Inteligência para que procurem um local favorável depois que esmagarmos a Rebelião em Bilbringi.

Pellaeon sentiu o lábio mover-se. Recordou-se do ataque a Bilbringi; com essa história de C'baoth, ele quase esquecera o assunto principal do dia. Ou suas reservas em relação a ele.

— Sim, senhor. Mas sou forçado a lembrá-lo de que todas as evidências indicam Tangrene como ponto provável do ataque.

— Estou ciente de todas as evidências, capitão — disse Thrawn. — Apesar disso, eles estarão em Bilbringi.

Ele olhou através da ponte, sem deixar escapar nada. E os tripulantes sabiam disso. Em cada posto, desde os consoles do poço aos laterais, escutaram os sons de homens trabalhando conscientes dessa observação, querendo mostrar serviço.

— E nós também — concluiu o Grande Almirante. — Estabeleça o curso para Bilbringi, capitão. Vamos nos preparar para encontrar nossos convidados.

Wedge bebeu o restante do conteúdo da xícara e recolocou-a no tampo manchado da pequena mesa, olhando ao redor da movimentada cantina de Mumbri Storve. O lugar estava tão cheio quanto uma hora antes, quando ele, Janson e Hobbie haviam chegado, mas a textura da multidão se alterara bastante. A maior parte dos jovens partira, tanto casais quanto pequenos grupos e foram substituídos por freqüentadores mais velhos. Os tipos marginais começavam a chegar; o que significava que era hora de saírem.

Seus colegas da Esquadrilha Rogue também sabiam disso.

— Hora de ir? — sugeriu Hobbie, falando alto para se fazer ouvir acima do burburinho.

— Certo — concordou Wedge, levantando-se e procurando no bolso uma moeda para pagar a última rodada.

Era o bolso do traje *civil*. Ele odiava aquela roupa desajeitada, porém não podia andar por ali com o uniforme da Esquadrilha, com distintivo e tudo.

Encontrou uma moeda com o tamanho adequado e enfiou-a na ranhura apropriada ao centro da mesa.

— Onde vamos? — quis saber Janson, espreguiçando-se.

— De volta à base, eu acho.

— Ótimo. Pela hora, a manhã vai chegar cedo demais.

Wedge anuiu e dirigiu-se para a saída. A manhã poderia vir a qualquer hora que quisesse, naturalmente; bem antes dela estariam fora desse planeta, e dirigindo-se para o local combinado, nos estaleiros de Bilbringi.

Passaram entre as mesas, andando devagar por entre a multidão. Um homem alto e magro, de repente, recuou a cadeira sobre os joelhos de Wedge, e mal conseguiu colocar-se em pé, equilibrando-se com precariedade.

— Cuidado — resmungou ele, com voz pastosa, voltando-se para passar um braço pelos ombros de Wedge e apoiando ali o peso do corpo.

— Calma, amigo — pediu o piloto, lutando para equilibrar-se.

Pelo canto do olho, viu Janson aproximar-se pelo outro lado e passar um braço ao redor dele.

— Calma é bom — murmurou o homem com voz alerta e baixa, à medida que o braço apertava os ombros de Wedge.

— Vamos, todos os quatro... com toda a calma, ajudar o pobre bêbado a sair.

Wedge esfriou. Seguido, encurralado e apanhado na armadilha. No espaço de uma manobra de asa-X, a situação passara de uma noite de diversões na cidade a uma encrenca séria. Com seus movimentos e os de Janson tolhidos daquela forma, só restava Hobbie com a mão livre para sacar a arma. E seu atacante certamente não esquecera de trazer apoio.

O homem alto pareceu sentir-lhe a tensão.

— Ei... vá com calma — aconselhou ele, em voz baixa. — Não se lembra de mim?

Wedge franziu a sobrancelha, encarando o rosto que se encostava contra o seu. Não parecia familiar, mas em compensação à essa distância talvez não reconhecesse a própria mãe.

— Devia lembrar?

— Imagino que sim... quando a gente enfrenta um destróier estelar junto com outra pessoa, a gente espera que ele se lembre

— disse o estranho, sorrindo. — Em especial quando se está no meio do nada.

Wedge fez força para recordar-se daquela informação, vagamente consciente de que todo o grupo caminhava para a saída. No meio do nada...

De repente, lembrou-se. A Frota *Katana* e o pessoal de Talon Karrde

vindo do meio do nada para ajudar contra o Império Recordou-se das apresentações breves e preocupadas a bordo de um cruzador...

— Aves?

— Não foi tão difícil assim, foi? — comentou o outro. — Eu disse que você iria conseguir se tentasse. Agora vamos, sem chamar mais atenção do que já fizemos.

Não parecia haver outra opção. Mas enquanto Wedge movia-se na direção da saída, olhava para todos os lados, procurando algo para sair daquela situação. Karrde e seu pessoal haviam concordado em passar informações para a Nova República, porém estavam longe de serem aliados. E se o Império os tivesse ameaçado... ou oferecido mais dinheiro...

Porém nenhuma oportunidade de escapar apresentou-se antes de atingirem a porta de saída.

— Por aqui — indicou Aves, deixando de representar o bêbado, caminhando pela rua mal iluminada e deserta.

Janson levantou a sobrelanceira na direção de Wedge, que deu de ombros e seguiu Aves. Poderia ser algum tipo de armadilha, mas nesse ponto a curiosidade ultrapassou os vagos temores. Algo estava acontecendo e estava interessado em descobrir o que era.

Não teve de pensar muito sobre o assunto. A dois prédios do Mumbri Storge, Aves virou e desapareceu num beco. Wedge seguiu atrás, de uma certa forma esperando encontrar várias armas apontadas contra ele. Porém Aves estava sozinho.

— E agora? — quis saber Wedge, assim que Janson e Hobbie juntaram-se a eles.

Aves indicou a entrada do beco.

— Fiquem olhando. Se eu estiver certo... lá vem ele.

Um aqualish, com cara de leão-marinho diminuiu a velocidade ao passar. Mudou o passo, de maneira apreciável, ao mesmo tempo que olhava para a pequena travessa. Passou para o outro lado...

Escutaram um som abafado e de repente o aqualish retornou, o corpo inconsciente trazido por dois homens.

— Ele deu algum trabalho?

— Não — respondeu um dos homens, largando o corpo transportado sem muita delicadeza no solo. — Eles não são muito espertos.

— Esse até que era bem espertinho. Dê uma boa olhada nele, Antilles. Talvez da próxima vez reconheça um espião do Império quando encontrar um.

— Um espião do Império?

— Ele vende informações para o Império, de qualquer forma. Tão

perigoso quanto se fosse militar.

Wedge tentou manter sua expressão neutra.

— Acho que devíamos agradecer você.

— E verdade. Se não fosse por nossa intervenção, vocês seriam um item suculento no próximo relatório do Império.

— Acho que sim — concedeu Wedge, trocando olhares com Hobbie e Janson. Por outro lado, essa era a idéia. A parte deles para convencer o Grande Almirante Thrawn de que Tangrene era o alvo da Nova República. — O que pretende fazer com ele?

— Vamos tomar conta dele — afirmou Aves. — Não se preocupe, ele não vai fazer relatórios por algum tempo.

Wedge assentiu. Uma noite por água abaixo. Ainda assim, era bom saber que o pessoal de Karrde estava a seu lado.

— Obrigado outra vez — agradeceu ele, com sinceridade. — Devo uma a você.

Aves inclinou a cabeça.

— Quer pagar sua dívida hoje mesmo?

— Como?

— Temos um pequeno trabalho em andamento — comentou Aves, gesticulando para o alto. — Sei que vocês também. Ajudaria muito se pudessemos realizá-lo enquanto vocês mantêm Thrawn ocupado.

— Quer que eu diga quando nossa operação começa?

— Por quê não? Como disse, já sabemos que está em andamento. Repetir a atuação de Bel Iblis e tudo o mais.

Wedge olhou para seus pilotos, imaginando se estariam saboreando a ironia da situação tanto quanto ele. Lá estavam eles, com uma noite cheia de sugestões sutis perdida; agora lhes pediam que confirmassem os detalhes de toda a operação. A equipe do coronel Derlin poderia ter feito um trabalho melhor, se tentassem.

— Desculpe, mas você sabe que não posso revelar isso — afirmou ele.

— Por quê, não? — insistiu Aves, cheio de paciência. — Como já disse, temos conhecimento da operação. Podemos provar, se você quiser.

— Não aqui — recusou Wedge. O objetivo era plantar pistas, não despertar suspeitas sendo óbvio. — Alguém pode escutar você.

Janson bateu-lhe no braço.

— Senhor, precisamos voltar. Temos muito trabalho a fazer antes de partirmos.

— Sei disso — assentiu Wedge, agradecido pela intervenção. — Escute, Aves, vou lhe dizer o que faremos. Vai ficar por aqui algum tempo ainda?

— Poderia. Por quê?

— Deixe que eu converse com o comandante da minha unidade. Talvez consiga uma dispensa especial para você.

A expressão de Aves demonstrou o que ele pensava sobre a idéia.

— Vale a pena tentar — afirmou ele, diplomaticamente. — Quando pode conseguir essa resposta?

— Não sei. Ele está tão ocupado quanto o resto de nós. Vou tentar me comunicar com você; mas se não ouvir notícias minhas em vinte e oito horas, não espere mais.

Na penumbra, Wedge teve a impressão de ver Aves sorrir levemente.

— Certo. Acho que é melhor do que nada. Pode deixar mensagens a qualquer hora com o garçom noturno do café Dona Laza.

— Certo. Agora precisamos ir andando. Obrigado outra vez.

Juntos, ele e os dois pilotos saíram do beco e atravessaram a rua. Caminharam dois quarteirões antes de falar.

— Vinte e oito horas — comentou Hobbie. — Foi inteligente.

— Também achei — comentou Wedge modestamente. — Sair daqui nessa hora vai nos levar a Tangrene a tempo para a grande batalha.

— Vamos esperar que ele venda essa informação para o Império — murmurou Janson. Seria uma pena ter perdido a noite toda.

— Ah, ele vai vender, sim. É um contrabandista. Para que mais iria querer a informação?

Wedge pensou na batalha do *Katana*. Talvez fosse isso mesmo a definir Karrde e seu grupo: marginais, vendendo-se pela melhor oferta. Contudo, de alguma forma, ele não acreditava nisso.

— Vamos saber em pouco tempo — disse ele a Hobbie. — Vamos. Como Janson disse, temos muito trabalho a fazer.

A última página apareceu no monitor:

SUMÁRIO DE BUSCA TERMINADO. PRÓXIMO PEDIDO?

— Cancelar — disse Leia, apoiando-se em sua cadeira e olhando pela janela. Mais um beco sem saída. Exatamente como o último, e como o penúltimo. Estava começando a parecer que os pesquisadores tinham razão: se existisse alguma informação sobre as técnicas utilizadas nas Guerras Clônicas, ainda estaria na velha biblioteca do Senado, enterrado tão fundo que ninguém iria encontrar.

Do outro lado do aposento, sentiu o retornar de uma consciência. Levantando-se, caminhou até o berço e observou os filhos. Jacen, de fato, estava acordado, brincando consigo mesmo e colocando grande empenho em examinar os dedos da mão. Ao lado dele, Jaina ainda dormia, os lábios carnudos abertos o suficiente para deixar passar o ressonar a cada respiração.

— Oi — murmurou Leia para o filho.

Apanhou-o do berço e tomou-o no colo. O bebê esqueceu-se dos dedos e sorriu para ela.

Leia sorriu de volta, embevecida.

— Vamos lá. Vamos ver o que está acontecendo nesse mundão.

Carregou-o até a janela. Abaixo deles, a Cidade Imperial estava em plena azáfama matinal, com os veículos terrestres e flutuadores cruzando em todas as direções, como insetos frenéticos. Além da cidade, os picos nevados das montanhas Manarai, para o sul, enviavam reflexos ofuscantes. Acima, o azul do céu sem nuvens era escuro e sem nuvens; abaixo...

Ela estremeceu. Além do céu estava o escudo planetário. E os asteróides do Império, invisíveis.

Jacen manifestou-se. Leia voltou os olhos para ele, incrédula ao constatar o que parecia preocupação no semblante infantil.

— Está tudo bem — disse ela, aconchegando-o contra o peito. — Está tudo bem. Vamos encontrar esses malvados todos no céu e desaparecer com eles. Não se preocupe.

Atrás dela, a porta abriu-se e Winter entrou, com uma bandeja flutuando à sua frente.

— Alteza — saudou ela, com voz suave. — Achei que podia querer tomar uma bebida revigorante.

— Quero, sim, obrigada — agradeceu Leia, sentindo o aroma de paricha temperado. — Está acontecendo alguma coisa lá embaixo?

— Nada de interessante — declarou Winter, apoiando a bandeja numa mesa e começando a servir. — O grupo de busca não encontrou mais asteróides desde ontem de manhã. Segundo entendi, o general Bel Iblis acredita que já terminamos com todos.

— Duvido que o almirante Drayson acredite nisso.

— Não, mesmo — confirmou Winter, entregando a xícara fumegante para Leia. — Nem Mon Mothma.

Leia passou Jacen para um dos braços e aceitou a bebida. Para dizer a verdade, ela mesma não acreditava. Não interessa quão caros eram esses escudos de camuflagem, não podia ver o Império se dando todo esse trabalho com menos de setenta asteróides. E com facilidade o número poderia ser o dobro. Os vinte e um que encontraram deviam corresponder à ponta do iceberg.

— Como vai a pesquisa? — quis saber Winter, servindo uma xícara para si mesma.

— Não vai. Mas não sei por que eu deveria ficar surpresa com isso. Os especialistas da Pesquisa do Conselho me avisaram que já tinham verificado tudo sem encontrar nada.

— Mas você é Jedi. Tem a Força a seu lado.

— Mas não o suficiente, pelo jeito. Pelo menos, não o suficiente para me guiar até o arquivo certo. Não tenho mais certeza de existir o que estou procurando.

Por um momento, saborearam a bebida quente em silêncio. Leia sentiu o gosto suave do paricha, sabendo que podia se passar muito tempo até senti-lo outra vez. Todo o suprimento era trazido de fora do planeta.

— Estive conversando com Mobvekhar, ontem — comentou Winter. — Ele disse que você falou com ele sobre uma pista... algo que Mara Jade teria dito.

— Foi algo que Mara disse, ao lado de uma coisa que Luke fez. Ainda acho que aí existe uma pista importante. Mas não consigo descobrir o que é...

O comunicador tocou.

— Sabia que meu sossego não ia durar muito — disse Leia, largando a xícara e atendendo ao aparelho. Mon Mothma prometera uma manhã inteira de folga. — Conselheira Organa Solo.

Contudo, não era Mon Mothma.

— Conselheira, aqui é a Central de Comunicações — anunciou uma voz militar. — Há uma nave civil chamada *Wild Karrde* logo após a linha de defesa do planeta. O capitão insiste em falar com a senhora. Quer falar com ele ou o expulsamos do sistema?

Então Karrde finalmente viera apanhar seu pessoal. Ou estivera escutando os boatos sobre Coruscant e viera dar uma espiada. De qualquer forma, traria problemas.

— Vou falar com ele. Pode ligar.

— Sim, conselheira.

Leia ouviu um estalido na linha.

— Alô, Karrde. Aqui é Leia Organa Solo.

— Alô, conselheira — respondeu a voz agradável e modulada. — E bom falarmos outra vez. Acredito que tenha recebido minha encomenda?

Ela teve de pensar um pouco, até recordar-se da gravação feita com macrobinóculo do ataque de Ukio.

— Recebemos. Permita-me exprimir a gratidão da Nova República.

— A gratidão da Nova República já foi muito bem expressa — informou ele, com voz seca. — Tiveram repercussões desagradáveis sobre os pagamentos?

— Pelo contrário — afirmou Leia, torcendo um pouco a verdade. — Ficaremos felizes em pagar um preço equivalente por informação da mesma qualidade.

— Fico contente em ouvir isso. Por acaso está interessada em tecnologia?

Ela hesitou. De certa forma, estivera esperando por aquela pergunta.

— De que tipo?

— Um tipo semi-raro. Por que não me deixa passar, e então conversamos?

— Sinto, mas não será possível. Todo o tráfego não-essencial para pousos e decolagens em Coruscant está suspenso.

— Só o tráfego não-essencial?

Leia sorriu. Então ele escutara os rumores.

— O que você sabe?

— A maior parte é formada de rumores. E um deles me deixou muito preocupado. Me conte sobre Mara.

— O que tem Mara?

— Ela está presa?

Leia olhou para Winter, antes de responder.

— Karrde, acho que esse não é um assunto apropriado para discutir...

— Não me venha com essa — interrompeu Karrde. — Você me deve...

aliás, deve a ela.

— Sei disso. Se me deixar terminar, esse assunto não deve Ser discutido em canal aberto.

— Certo... vamos tentar outra coisa, então. Ghent está por aí?

— Está por aqui, em algum lugar.

— Encontre-o e consiga um terminal de acesso. Diga a ele para programar meu código pessoal, qualquer um deles. Isso deve conseguir alguma privacidade.

Leia pensou sobre o assunto. Pelo menos evitaria os ouvintes ocasionais de outras naves no sistema. Se enganaria um dróide-espião do Império era outra coisa.

— Já é um começo, pelo menos — admitiu ela. — Vou procurá-lo.

— Estou esperando.

O sinal tornou-se silencioso.

— Algum problema? — quis saber Winter.

Leia olhou para Jacen, com a estranha sensação outra vez na mente. Lá estava o sentimento de que uma informação valiosa estava escondida pouco além do alcance da memória. Luke e Mara estavam envolvidos. Será que Karrde poderia também estar envolvido?

— Provavelmente. Ele veio saber notícias de Mara.... e não acho que vai ficar contente quando descobrir que ela se foi. Tome conta dos gêmeos, por favor, Winter. Tenho que descobrir Ghent e descer para a sala de guerra.

A verificação dos dados correu até o fim e parou.

— Parece tudo certo — disse Ghent a Leia, fazendo o ajuste final no código a ser utilizado. — O pior que pode acontecer é perder algumas sílabas, de vez em quando. Vá em frente.

— Mas seja cuidadosa com o que diz — avisou Bel Iblis. — Ainda podemos ter dróides do Império escutando e não há garantia que o Império já não tenha decifrado o código de Karrde. Não diga nada que eles já não saibam.

— Certo — concordou ela, sentando-se e acionando o interruptor indicado. — Estamos aqui, Karrde.

— Eu também — respondeu ele, a voz pouco mais baixa do que normalmente. — Por que Mara está presa?

— Houve uma invasão de comandos do Império algumas semanas atrás — começou Leia, escolhendo suas palavras. — O líder do grupo implicou Mara, como informante dele.

— Isso é absurdo!

— Concordo com você. Mas uma acusação dessas precisa ser

investigada.

— E o que os seus investigadores descobriram?

— O que alguns de nós já sabiam. Que ela foi, em determinada época, membro da equipe pessoal do Imperador.

— E por isso que ela ainda está presa? Por coisas que possa ter feito muitos anos atrás?

— Não estamos preocupados com o passado dela — respondeu Leia, detestando ter de enganar Karrde, principalmente depois da ajuda que ele dera. Mas se ouvidos do Império estivessem à escuta, precisava fazer crer que Mara ainda era suspeita. — Certos membros do Conselho e do Alto Comando estão preocupados com as lealdades atuais dela.

— Pois esses membros são tolos — disse Karrde. — Quero falar com ela.

— Desculpe, mas isso é impossível. Ela não pode atender nenhuma comunicação externa.

O ruído que Leia escutou poderia ser um palavrão, ou um suspiro codificado.

— Me diga porque não posso aterrissar — pediu Karrde. — Já escutei vários rumores. Diga a verdade.

Leia olhou para Bel Iblis. A expressão não era agradável, mas ele assentiu, com óbvia relutância.

— A verdade é que estamos sitiados — admitiu Leia. — O Grande Almirante colocou um grande número de asteróides camuflados em órbita ao redor de Coruscant. Não sabemos quais são as órbitas, nem quantos são os asteróides. Até encontrar e destruir todos eles, o escudo planetário permanece.

— Que interessante — comentou Karrde. — Ouvi falar sobre o ataque rápido do Império, mas não sabia de nada sobre asteróides. A maior parte dos rumores sugere que vocês sofreram sérios danos e estão tentando encobrir o fato.

— Parece o tipo de história que Thrawn mandaria circular

— disse Bel Iblis. — Um golpe em nossa moral para mantê-lo entretido durante os ataques.

— Ele é adepto de todos os recursos de guerra — comentou Karrde. — Quantos desses asteróides vocês já encontraram? Suponho que estejam procurando, não?

Leia percebeu um tom diferente na voz dele.

— Encontramos e destruímos vinte e um. Vinte e dois no total, com um que o Império destruiu para que não o capturássemos. Mas nossos dados de batalha sugerem que eles podem ter lançado duzentos e oitenta e sete.

Karrde ficou em silêncio por um instante.

— Não são tantos assim. Acho que eu gostaria de arriscar a passagem.

— Não estamos preocupados com você — explicou Bel Iblis.

— Estamos pensando sobre o que aconteceria a Coruscant se um asteróide de quarenta metros passasse pelo escudo e atingisse a superfície.

— Eu poderia entrar com um intervalo de cinco segundos

— ofereceu Karrde.

— Desculpe, mas não podemos abrir o escudo — afirmou Leia.

— Nesse caso, não me resta alternativa senão negociar. Você disse, há pouco, que pagariam por informações. Pois muito bem: tenho algo que vocês querem. Meu preço é passar alguns minutos com Mara.

Leia olhou para Bel Iblis, que pareceu tão intrigado quanto ela. O que quer que Karrde estivesse tramando, não era óbvio para o general. Mas ele sabia que não podiam prometer que ele conversaria com Mara.

— Não posso fazer promessas — disse ela. — Me passe a informação e tentarei ser justa.

Houve um instante de silêncio antes que ele voltasse a falar.

— Acho que essa é a melhor oferta que vou conseguir. Muito bem: podem baixar o escudo quando quiserem. Todos os asteróides foram apanhados.

Leia olhou para o alto-falante.

— O quê?

— Você me ouviu. Já acabaram. Thrawn deixou vinte e dois; vocês destruíram vinte e dois. O sítio terminou.

— Como sabe? — indagou Bel Iblis.

— Eu estava no estaleiro de Bilbringi pouco antes do ataque relâmpago — disse Karrde. — Observamos um total de vinte e dois asteróides sob um forte esquema de segurança, com um grupo de homens trabalhando ao redor deles. Na época, naturalmente, não tinha a menor idéia do que o Império pretendia com eles.

— Fez alguma gravação de imagens enquanto estava lá? — indagou Bel Iblis.

— Tenho os dados dos sensores do *Wild Karrde*. Se estiverem prontos, posso passá-los a você.

— Vá em frente.

A luz de recebimento de dados acendeu-se e Leia olhou para o monitor visual principal. Tratava-se do interior dos estaleiros de Bilbringi, sem dúvida... ela soube disso pois examinara imagens de vãos de reconhecimento da Nova República. Ao centro, cercado por naves de apoio e operários com trajes de manutenção...

— Ele tem razão — murmurou Bel Iblis. — Vinte e dois.

— Isso não prova que não existam outros, senhor — lembrou o oficial do console de sensores. — Eles poderiam ter outro grupo como esse em Ord Trasi ou Yaga Minor.

— Não. Mesmo não considerando os problemas logísticos envolvidos, não consigo imaginar Thrawn espalhando sua tecnologia de camuflagem mais do que é obrigado a fazê-lo. A última coisa que ele pode permitir é que coloquemos nossas mãos num modelo que funcione.

— E nem mesmo uma varredura detalhada — completou Karrde. — Se encontraram uma fraqueza, uma das maiores vantagens que ele tem sobre vocês desaparece. Muito bem. Fiz minha parte do negócio. E quanto a sua?

Leia olhou para Bel Iblis, sem saber o que fazer.

— Por que deseja falar com ela? — indagou o general.

— Um das coisas mais difíceis é o sentimento de ter sido abandonado — disse Karrde. — Posso imaginar bem o sofrimento dela, porque há pouco tempo fui hóspede contra a vontade a bordo do *Quimera*. Faço questão de dizer... pessoalmente... que ela não foi abandonada.

— O que fazemos, Leia? — perguntou Bel Iblis.

Ela olhou para o general, escutando as palavras mas sem registrar o sentido. Lá estava, bem à frente dela: a chave pela qual ela estava procurando. A prisão de Karrde a bordo do *Quimera*...

— Leia? — repetiu o general.

— Eu ouvi — disse ela, sentindo as palavras distantes e mecânicas. — Deixem que ele aterrisse.

Bel Iblis olhou para o oficial.

— Talvez a gente devesse...

— Eu disse, deixem que ele aterrisse — cortou Leia, com mais veemência do que imaginara, a princípio. De repente, todas as peças recaíram em seus lugares... e o quadro que formavam indicava um desastre em potencial. — Eu assumo a responsabilidade.

Por um instante, o general estudou-lhe o rosto.

— Karrde, aqui fala Bel Iblis. Vamos dar uma abertura de cinco segundos. Prepare sua aterrissagem.

— Obrigado. Falo com vocês daqui a pouco.

Bel Iblis fez um gesto para o operador, que colocou mãos à obra.

— Muito bem, Leia. O que está acontecendo?

— É a clonagem, Garm. Sei como Thrawn está conseguindo desenvolvê-los tão depressa.

Toda a sala de guerra estava quieta.

— Como?

— É a Força — afirmou ela. Tinha sido tão óbvio... tão óbvio e ainda assim deixara passar. — Não vê? Quando eles fazem uma duplicata exata de um ser consciente, existe uma ressonância natural através da Força entre o ser duplicado e o ser original. E isso que danifica a mente do clone que cresce depressa demais... não há tempo suficiente para que a mente se adapte à pressão. Como não pode ajustar-se, algo se rompe.

— Certo — disse Bel Iblis, sem muita convicção. — E como Thrawn está lidando com o problema?

— E muito simples. Ele está usando ysalamiri para evitar que a Força atinja os tanques de clonagem.

O rosto de Bel Iblis ficou pálido. Alguém praguejou em meio ao silêncio.

— A chave para tudo foi a fuga de Karrde do *Quimera*. Mara me disse que o Império apanhou cinco ou seis mil ysalamiri nas florestas de Myrkr. Mas não os estavam usando nas naves de guerra, porque quando ela e Luke foram atrás de Karrde, ele não teve problemas para usar a Força.

— Porque os ysalamiri estavam em Wayland — argumentou Bel Iblis, olhando para Leia. — O que significa que quando o grupo chegar à montanha...

— Luke vai ficar indefeso — completou Leia, com um nó na garganta. — E nem vai suspeitar disso até que seja tarde demais.

Estremeceu outra vez, lembrando do sonho que tivera na noite do ataque dos comandos. Luke e Mara enfrentavam um Jedi enlouquecido e mais uma ameaça anônima. Ela acalmara-se com a idéia de que Luke seria capaz de pressentir a presença de C'baoth, e fazer o que fosse necessário para lidar com ele. Contudo, na presença dos ysalamiri, ele podia cair direto nas mãos do outro.

Não. *Iria sozinho* para as mãos de C'baoth. De alguma forma, sabia que aquilo aconteceria. O que ela vira naquela noite não fora um sonho, mas uma visão Jedi.

— Vou conversar com Mon Mothma — dizia Bel Iblis. — Mesmo com Bilbringi, talvez possamos destacar algumas naves para ir em auxílio deles.

Voltando-se, o corellian dirigiu-se para a saída e para os turboelevadores mais além. Por um instante Leia observou-o e escutou os ruídos da sala de guerra, que voltava à atividade normal. Sabia que ele iria tentar. Mas sabia também que iria falhar. Mon Mothma, o comandante Sesfan e o próprio Bel Iblis já haviam dito aquilo; não existiam recursos disponíveis para atingir Wayland e os estaleiros Bilbringi ao mesmo tempo. E ela sabia muito bem que nem todos no Conselho acreditaram na ameaça dos asteróides camuflados. Sabia que nem todos no Conselho iriam acreditar que a ameaça

dos asteróides terminara. Pelo menos não o suficiente para adiar o ataque a Bilbringi.

O que significava que havia apenas uma pessoa que poderia ir ao auxílio de seu marido e seu irmão.

Inalando profundamente, Leia partiu atrás de Bel Iblis. Havia muito a fazer antes que Karrde chegasse.

Havia três pessoas esperando quando Karrde saiu da nave, tentando não despertar atenção sob a cobertura que protegia os túneis de acesso. Avistou-os ainda no alto da rampa de desembarque do *Wild Karrde*, e a despeito das sombras, conseguiu identificar dois deles: Leia Organa Solo e Ghent. A terceira figura, atrás das outras, era baixa e usava a túnica marrom dos jawa. O que estaria um habitante do deserto fazendo ali, nem passava pela cabeça de Karrde... porém quando o grupo avançou em sua direção, pela expressão de Organa Solo, tornou-se claro que iria descobrir em pouco tempo.

— Bom dia, conselheira — cumprimentou ele, inclinando a cabeça. — Que bom ver você, Ghent. Espero que esteja sendo útil por aqui?

— Acho que sim. Pelo menos é o que me dizem — afirmou Ghent, pouco à vontade.

— Ótimo. E seu amigo é...

— Sou Mobvekhar, clã Hkh'khar — rosnou uma voz grave. Karrde resistiu ao impulso de dar um passo para trás. Seja o que for que estivesse abaixo daquela túnica, não era um jawa.

— E meu guarda-costas — esclareceu Leia.

Com esforço, Karrde afastou os olhos do ser que se escondia por baixo do capuz.

— Bem... — disse ele, indicando o acesso. — Vamos entrar? Organa Solo sacudiu a cabeça.

— Mara não está aqui.

Karrde olhou para Ghent, que parecia cada vez menos à vontade.

— Você me disse que ela estava.

— Eu concordei em que ela tenha sido presa. E que não podia falar mais em canal aberto — desculpou-se Organa. — Podia haver dróides do Império à escuta.

Com esforço, Karrde procurou controlar sua contrariedade. Afinal, estavam do mesmo lado.

— Onde ela está?

— Num planeta chamado Wayland. Com Luke, Han e mais alguns.

Wayland? Karrde não se lembrava de ter ouvido aquele nome antes.

— E o que eles descobriram nesse lugar de tão interessante?

— A fábrica de clones do Grande Almirante Thrawn — disse Organa Solo.

— Vocês a encontraram?

— Nós, não. Mara encontrou.

Karrde assentiu, com um gesto de cabeça. Então eles haviam encontrado as instalações de clonagem. Todo o trabalho que ele tivera, organizando os grupos de contrabandistas: derretidos como gelo de Kessel. O trabalho, o risco e isso sem mencionar o dinheiro para pagar a todos.

— Tem certeza de que a fábrica de clones é lá?

— Vamos saber em pouco tempo — afirmou Organa Solo, fazendo um gesto em direção à nave. — Preciso que me leve até lá. Agora.

— Por quê?

— Porque a expedição está em perigo. Eles ainda não sabem mas estão. E se ainda estão cumprindo o horário programado temos uma chance de alcançá-los antes que seja tarde.

— Ela me contou tudo a caminho daqui — declarou Ghent

— Acho que devíamos...

A voz dele foi sumindo com o olhar de Karrde.

— Simpatizo com seu pessoa, conselheira, mas tenho outros assuntos que exigem minha atenção.

— Isso quer dizer que abandona Mara.

— Não tenho sentimentos pessoais em relação à Mara. Ela é um membro da minha organização; nada mais.

— Isso não é o bastante para você?

Por um instante Karrde fitou-a. Ela manteve o olhar fixo, incentivando seu blefe... e nos olhos dela ele pôde ver que ela sabia que *era* um blefe. Ele não conseguiria ir embora e abandonar Mara para morrer, como não abandonaria Aves, ou Dankin, ou Chin. Não se pudesse fazer algo para evitar.

— Não é tão simples assim — afirmou ele, em voz baixa.

— Também tenho responsabilidades com o resto do meu pessoal. No momento, estamos nos preparando para lançar um ataque na esperança de obter um emissor CGT para vender a vocês.

— Um emissor CGT? — espantou-se Organa Solo.

— Não é o mesmo que estão procurando — garantiu Karrde.

— Mas marcamos a ação para a mesma hora, esperando que seu ataque possa distrair o inimigo. Preciso estar lá.

— Certo — murmurou Organa Solo, desistindo de perguntar como eles souberam do ataque a Tangrene. — E o *Wild Karrde* vai fazer tanta falta assim no ataque?

Karrde olhou para Ghent. Não faria diferença alguma, pelo menos não com Mazzic, Ellor e os outros reforços que Aves conseguira. O problema é que se partissem agora... pelo jeito que a conselheira falava, iriam entrar na nave e partir... não haveria nenhuma forma de instruir Ghent para que penetrasse os sistemas financeiros da Nova República e redirecionasse os fundos para pagar o grupo.

A menos que conseguisse o dinheiro de alguma outra forma.

— Não posso. Não posso abandonar meus homens. Pelo menos, não sem...

Abruptamente, a pequena criatura de túnica estalou um dedo. Karrde parou no meio da sentença, observando fascinado os movimentos do guarda-costas, que deslizou para a penumbra do túnel, com uma faca fina que parecia ter aparecido por encanto. Desapareceu pela porta e houve um instante de silêncio. Karrde levantou as sobrançelas para Organa Solo, recebendo um encolher de ombros como resposta.

Ouviram uma espécie de guincho no interior do acesso, seguido por um movimento rápido. Karrde descobriu que estava empunhando o desintegrador quando toda a atividade cessou, de repente. No instante seguinte, o alienígena apareceu, trazendo uma figura encurvada com ele.

Uma figura familiar.

— Bem, bem... conselheiro Fey'lya, eu presumo — disse Karrde, baixando o desintegrador, sem guardá-lo no coldre. — Reduzido a ficar escutando atrás das portas a conversa alheia?

— Ele está desarmado — anunciou com voz grave o guarda-costas.

— Pode soltá-lo — disse Organa Solo.

Fey'lya endireitou o corpo ao ser libertado, o pelo arrepiado na cabeça e no torso; tentou recompor sua dignidade, na medida do possível.

— Protesto contra esse tratamento indevido. E eu não estava escutando a conversa alheia. O general Bel Iblis me informou sobre a revelação da localização da fábrica de clones em Wayland. Vim aqui, capitão Karrde, para pedir que ajude a conselheira Organa Solo em seu desejo de ir a Wayland.

Karrde sorriu.

— Onde ficaria convenientemente fora do seu caminho, certo? Não muito obrigado, mas acho que nós já passamos por isso.

O bothan apurou o corpo.

— Agora não estamos mais falando de política. Sem o aviso dela, o grupo em Wayland pode não sobreviver. E se eles não sobreviverem, talvez o depósito do Imperador não seja destruído antes que o Grande Almirante possa transferir uma parte do conteúdo para outro lugar seguro — declarou

ele fixando os olhos violeta nos de Karrde. — E isso seria um desastre, tanto para o povo bothan, quanto para a Galáxia.

Por um instante, Karrde estudou-o, imaginando porque Fey'lya estaria tão preocupado. Alguma arma ou tecnologia que Thrawn ainda não encontrara? Ou seria mais pessoal do que isso? Talvez informações desagradáveis ou vergonhosas sobre Fey'lya ou sobre o povo bothan?

Não sabia e suspeitava que o conselheiro não iria revelar.

— Os desastres potenciais para o povo bothan não me incomodam — afirmou Karrde. — Preocupam muito a você?

— Seria um desastre para a Galáxia também.

— Isso você está dizendo. Vou repetir minha pergunta: quanto isso preocupa vocês?

Dessa vez Fey'lya entendeu o sentido. Seus olhos estreitaram-se e o pêlo arrepiou-se mais.

— Quanto de preocupação seria necessário? — indagou ele.

— Nada que não seja razoável. Vamos dizer... um crédito de setenta mil seria satisfatório — afirmou Karrde.

— Setenta *mil*? — repetiu Fey'lya, chocado. — O que você está...

— Esse é meu preço, conselheiro — cortou Karrde. — Aceite ou rejeite. E se a conselheira Organa Solo estiver correta, não temos muito tempo para gastar discutindo.

Fey'lya uivou como um predador.

— Você não é melhor do que qualquer mercenário. Assim você tira o sangue do povo bothan...

— Me poupe do discurso, conselheiro. Basta dizer sim ou não.

— Sim — sibilou Fey'lya.

— Ótimo — anuiu Karrde, voltando-se para Organa Solo: — A linha de crédito que seu irmão estabeleceu para mim continua lá?

— Sim. O general Iblis sabe como proceder.

— Pode depositar lá os setenta mil. E não esqueça que vamos parar para verificar antes de chegarmos a Wayland, no caso *de* ter alguma idéia em contrário.

— Eu SOM honesto, contrabandista. Costumo cumprir com meus compromissos. Ao contrário de outros aqui presentes.

— Ficou contente em saber, conselheiro — comentou Karrde. — Pessoas honestas são tão difíceis de encontrar hoje em dia. Conselheira Organa Solo?

— Estou pronta — respondeu ela.

Deixaram Coruscant e estavam quase prontos para saltar ao hiperespaço, quando Leia externou a pergunta que a preocupava desde que subira a bordo.

— Vamos mesmo parar para verificar se Fey'lya depositou o dinheiro?

— Numa hora dessas? Está brincando? — protestou Karrde. — Basta Fey'lya imaginar que vamos parar.

Leia observou-o por um instante.

— O dinheiro não é muito importante para você, é?

— Não acredite nisso, conselheira — avisou ele. — Tenho compromissos para saldar. Se Fey'lya tivesse recusado, a Nova República teria de pagar.

— Certo...

— Estou falando sério — argumentou Karrde, percebendo o tom de descrença. — Estou aqui porque isso se encaixa com meus propósitos. Não por sua guerra.

— Eu disse que tinha entendido — concordou Leia, sorrindo interiormente.

As palavras eram diferentes, mas o olhar no rosto de Karrde era o mesmo. *Olhe, não estou aqui por causa da sua revolução, e não estou nisso por você, princesa. Espero ser bem pago. Estou nisso pelo dinheiro.* Han dissera essas palavras depois de escapar da primeira Estrela da Morte. Na época, ela acreditara.

Seu sorriso desvaneceu-se. Ele e Luke haviam salvado sua vida naquela oportunidade. Imaginou se chegaria a tempo de salvar a deles.

A entrada do monte Tantiss aparecia como um brilho metálico, oculto de forma habilidosa abaixo de uma grande rocha, coroada de vegetação pendente. Entre eles e a porta, apenas visível da posição elevada onde se encontravam, havia uma clareira, que abrigava uma pequena cidade.

— O que acha? — indagou Luke.

— Que precisamos encontrar outra forma de entrar. De qualquer jeito, você nunca gostou mesmo da porta da frente — respondeu Han.

Fincou os cotovelos na camada de folhas para firmar o macrobinóculo. Havia um posto de soldados das tropas de choque ao lado de fora da entrada.

Luke bateu duas vezes em seu ombro, no sinal combinado para a aproximação de alguém. Han imobilizou-se, apurando os ouvidos. Com certeza, havia um som distante de passos sobre as camadas de folhas. Um minuto mais tarde, quatro soldados do Império, completamente equipados, emergiram das árvores alguns metros colina abaixo. Passaram sem olhar para cima, desaparecendo em outro grupo de árvores pouco adiante.

— Está começando a ficar perigoso — comentou Han.

— Acho que é a proximidade da montanha. Ainda não percebi nenhum indício de que estejam procurando por alguém. Não sabem que estamos aqui — disse Luke.

Han resmungou baixo e dirigiu a atenção para a pequena cidade na clareira. Grande parte das construções tinha uma aparência achatada e alienígena, com a maior delas abrindo-se para uma área quadrada. O ângulo de observação não era muito bom, mas parecia haver um bando de psadan perto desse prédio grande. Uma reunião de habitantes da cidade talvez?

— Não estou vendo nenhum sinal da guarnição — anunciou ele. — Devem estar patrulhando a floresta em frente à entrada.

— Isso nos facilitaria dar a volta à montanha.

— É...

Han assestou o macrobinóculo de volta à área quadrada. A multidão psadan que ele notara há pouco havia se reorganizado numa espécie de semicírculo, enfrentando outros nativos de aparência rochosa, de costas para o edifício. E o número parecia estar aumentando.

— Algum problema? — quis saber Luke.

— Não sei... acho que está havendo uma grande reunião lá embaixo.

Dois psadan... só que eles não parecem estar falando, estão segurando alguma coisa.

— Deixe eu tentar. Existem técnicas Jedi para melhorar a visão. Talvez funcionem também com o macrobinóculo.

— Pode experimentar — respondeu Han, passando o dispositivo para o cunhado.

Olhou para cima, reparando que havia algumas nuvens no céu, mas não parecia que o tempo iria ficar nublado a ponto de prejudicar a visibilidade. Ainda tinham cerca de duas horas de sol e depois...

Um murmúrio de Luke interrompeu-lhe os pensamentos.

— O que foi?

— Não tenho certeza absoluta, mas parece que estão segurando uma prancheta de leitura.

— Não sabia que eles usavam pranchetas de leitura — comentou Han.

— Nem eu — respondeu Luke, com voz diferente.

Han estranhou e olhou para o companheiro, que fitava a montanha, com um estranho olhar no rosto.

— O que aconteceu?

— É a montanha. Está escura. Completamente escura — respondeu Luke.

Escura? Parecia normal para Han.

— Do que você está falando?

— Está escura. Como era em Myrkr.

Han olhou outra vez para a montanha, depois para Luke.

— Está querendo dizer, como se existisse um bocado de ysalamiri bloqueando a Força?

O Jedi assentiu.

— Isso mesmo. Mas só vou saber com certeza quando a gente se aproximar.

— Que maravilha — comentou Han, sentindo um frio na barriga. — E agora, o que fazemos?

Luke deu de ombros.

— Vamos em frente. O que mais podemos fazer?

— Voltar para o *Falcon* e sairmos daqui correndo. A menos que tenha a intenção de entrar na armadilha do Império.

— Não acho que seja uma armadilha — opinou Luke, sacudindo a cabeça. — Ou pelo menos, não é uma armadilha para nós. Lembra que eu disse que o contato com C'baoth foi interrompido de repente?

Han cocou o queixo. Podia ver onde Luke queria chegar: os ysalamiri estavam ali para C'baoth, não para ele.

— Não sei se acredito nisso. Sempre imaginei que Thrawn e C'baoth estivessem do mesmo lado. Mara mesmo disse isso.

— Talvez eles tenham se desentendido — sugeriu Luke. — Ou talvez Thrawn o estivesse usando desde o começo e agora não o quer mais. Se o Império não sabe que estamos aqui, os ysalamiri são para ele.

— Certo, mas a verdade é que o motivo não importa muito. Eles vão bloquear seus poderes, assim como os de C'baoth — argumentou Han. — Vai ser como em Myrkr outra vez.

— Mara e eu nos viramos bem em Myrkr — lembrou Luk — Podemos nos dar bem aqui. De qualquer forma, viemos de muito longe para voltar agora.

Han sabia que o garoto tinha razão. Uma vez que o Império desistisse de usar a estratégia do planeta deserto, um novo grupo de ataque da Nova República não passaria além da atmosfera.

— Vai contar para Mara antes de sairmos daqui? — indagou Han.

— Claro. Mas vou contar a caminho — disse ele, olhando para o céu. — É melhor irmos andando enquanto temos luz do dia.

— Certo. Vamos embora — concordou Han, depois de dar uma última espiada.

Com Força, ou sem Força, tudo dependia deles. Os outros estavam aguardando no sopé da colina.

— Que tal? — quis saber Lando, assim que os dois se aproximaram.

— Eles ainda não sabem que estamos aqui — informou Han, procurando Mara com o olhar.

— Já é um começo.

Ela estava sentada perto de Threepio e Artoo, concentrando-se num grupo de cinco pedras que mantinha flutuando à sua frente. Luke a estava ensinando há alguns dias, mas agora parecia que o treino fora pura perda de tempo.

— Está pronta a nos levar até aquela porta traseira que mencionou?

— Posso prometer começar a procurar — respondeu Mara, mantendo as pedras no ar. — Como já disse, só vi o equipamento de ar condicionado pelo lado de dentro da montanha. Nunca disse que vi os respiradouros.

— A gente vai encontrar — garantiu Luke, caminhando até os dróides. — Como vai, Threepio?

Mara deixou que as pedras caíssem.

— Provavelmente não vamos mais encontrar armadilhas myneyrshi pela encosta da montanha. O Império desencoraja qualquer atividade dos nativos aqui por perto.

— Não se preocupem — disse Luke aos dróides. — Os noghri vão

encontrar uma trilha para nós.

— Cargueiro *Garret's Cold*, está liberado para aproximação final — disse a voz rígida do controlador de voo em Bilbringi pelo alto-falante do *Etherway*. — Plataforma Vinte e Cinco. Vetor retilíneo, conforme indicado pela bóia; ela vai enviar o curso a seguir para a plataforma.

— Entendido, controle — respondeu Aves, digitando o curso indicado. — E quanto aos campos de segurança?

— Se permanecer no curso fornecido não vai encontrar nenhum deles. Se desviar mais de quinze metros para qualquer direção, vai receber uma pancada no nariz. Pela aparência da sua nave, acho que não agüenta mais nenhuma batida.

Aves olhou para o alto-falante. Num daqueles dias iria se cansar dos sarcasmo barato dos burocratas do Império.

— Obrigado — disse ele, desligando.

— E tão divertido trabalhar com o Império, não? — comentou Gillespee, do assento do co-piloto.

— Gosto de imaginar qual será a expressão no rosto dele quando sairmos daqui com o emissor CGT.

— Espero que a gente não esteja por perto para confirmar — disse Gillespee. — Que sistema de voo complicado eles têm por aqui.

Meia dúzia de geradores de campo estavam visíveis à medida que se aproximavam, flutuando para definir a rota fornecida pela bóia.

— Não era assim antes do ataque de Mazzic. Acho que foi feito para evitar que as naves ficassem voando pelos estaleiros, como faziam antes.

— Só espero que o sistema funcione bem.

— Eu também — concordou Aves. — Nem quero que eles saibam quantas batidas essa nave agüenta.

Olhou para o console, a fim de confirmar o vetor e verificar o tempo. A frota da Nova República deveria estar atacando Tangrene dentro de pouco mais do que três horas. O tempo suficiente para que o *Etherway* aterrissasse, descarregasse os capacitores de raios tratores que estavam doando ao esforço de guerra do Império, e se colocassem em posição de dar cobertura a Mazzic, que tentaria apanhar o emissor CGT no centro de comando, a oito plataformas de distância.

— Lá vai Ellor — comentou Gillespee, apontando para estibordo.

Aves olhou. Era mesmo o *Kai Mir*, com o *Klivering* ao lado. Além dele, podiam ver o *Starry Ice* flutuando próximo a uma plataforma. Tudo indicava que as coisas corriam bem.

Porém, quando o inimigo era alguém como Thrawn, as aparências não

significavam muito. Por tudo quanto já ouvira falar dele, o Grande Almirante poderia já saber do ataque e só estar esperando a chegada de todos para prendê-los.

— Tem alguma notícia de Karrde? — indagou Gillespee.

— Ele não está desertando — declarou Aves. — Se diz que tem uma coisa mais importante a fazer, é porque tem algo mais importante a fazer. Ponto final.

— Eu sei disso. Mas pensei que alguns dos outros vão perguntar...

Aves percebeu que a coisa iria acontecer de novo. Seria de se pensar que depois de descoberta a traição de Ferrier em Hijarna, tudo tivesse ficado esclarecido. Devia saber que nunca era assim.

— Eu estou aqui. Assim como o *Starry Ice*, o *Dawn Beat*, o *Lastri's Ort*, o *Amanda Fallow*, o...

— Certo, certo, já entendi — interrompeu Gillespee. — Não precisa ficar irritado comigo. Minhas naves também estão aqui, lembra?

— Desculpe, mas eu estou ficando cansado de todos sempre suspeitarem de todos — desabafou Aves.

— Somos contrabandistas. Tivemos um bocado de prática nisso. Eu, pessoalmente, estou surpreso que o grupo esteja unido há tanto tempo. O que acha que ele está fazendo?

— Quem, Karrde? Não tenho a menor idéia. Mas com certeza é alguma coisa importante.

— Claro — Concordou Gillespee. — É essa a bóia de demarcação?

— Parece que sim — concordou Aves. — Apronte-se para apanhar os dados de curso. Prontos ou não, lá vamos nós!

As ordens foram dadas pelo comunicador de Wedge, que as verificou antes de passar para a frequência privativa da esquadrilha.

— Esquadrilha Rogue, aqui Rogue Líder. Acabei de receber as ordens: vamos com a primeira onda de ataque, flanqueando o cruzador de comando do almirante Ackbar. Mantenham posição até recebermos permissão para assumir nova formação. Todas as naves, acusem recebimento.

A medida que as respostas chegavam, em tom firme e animado, Wedge sorria para si mesmo. Havia uma certa preocupação, entre o oficialato de Ackbar, que o vôo longo até o ponto de encontro poderia deixar estafados os que haviam realizados missões próximas a Tangrene, para estabelecer o ataque forjado. Wedge não podia dizer nada sobre os outros, mas ficava claro que a Esquadrilha Rogue estava ansiosa e pronta para a batalha.

— Acha que Thrawn recebeu nossa mensagem, Rogue Líder? — indagou Janson, interrompendo-lhe os pensamentos.

Mensagem? Puxando pela memória, Wedge recordou-se da conversa na cantina em Mumbri Storve, com Aves, o amigo de Talon Karrde. Hobbie estava firmemente convencido de que ele iria direto para a Inteligência do Império.

— Não sei, Rogue Cinco. Na verdade, até espero que não.

— Se não, perdemos nosso tempo.

— Não necessariamente. Lembre-se de que ele disse que tinha outro esquema que queriam coordenar com o nosso.

Qualquer coisa que acerte ou distraia o Império só pode nos fazer bem.

— Eles devem ter alguma entrega de contrabando planejada — retrucou Rogue Seis. — Esperando fazer tudo enquanto o Império está com a atenção em outro lugar.

Wedge não respondeu. Luke Skywalker parecia pensar que Karrde estivesse ao lado da Nova República e isso era o bastante para ele. Mas não havia maneira de convencer disso o resto da esquadrilha. Algum dia, talvez, Karrde resolvesse assumir uma atitude mais aberta contra o Império. Até lá, pelo menos na opinião de Wedge, todos os que não estavam ao lado do Grande Almirante ajudavam a Nova República, quer admitissem ou não.

Às vezes, eles nem ao menos sabiam disso.

O monitor alterou-se: a vanguarda de cruzadores estelares assumira a formação em cone. Era o momento das naves de escolta fazerem o mesmo.

— Muito bem, Esquadrilha Rogue, temos o sinal. Vamos para os nossos lugares.

Fornecendo potência ao asa-X, Wedge dirigiu-se para as luzes adiante. Mais duas horas e meia, e se a reunião da frota obedecesse ao horário, estariam saindo da velocidade da luz dentro dos estaleiros de Bilbringi.

Uma pena que ele não pudesse enxergar as expressões dos soldados do Império.

O último grupo de relatórios da região de Tangrene passou pelo monitor. Pellaeon passou os olhos por todos eles, resmungando. Não havia erro... os Rebeldes ainda estavam ali. Ainda deslocavam forças para a região; ainda não faziam nada para atrair a atenção. E em duas horas, se os relatórios da Inteligência fossem confiáveis pelo menos cinquenta por cento, lançariam um ataque sobre um sistema sem defesas.

— Eles estão indo muito bem, não estão, capitão? — comentou Thrawn, atrás dele. — Um espetáculo muito convincente, sob todos os aspectos.

— Senhor — começou Pellaeon, lutando para controlar a voz. — Sugiro, com todo respeito, que essa atividade Rebelde não seja, em absoluto, nenhum tipo de espetáculo. Tudo evidencia Tangrene como o alvo provável.

Várias unidades essenciais e naves importantes foram reunidas num ponto que obviamente vai servir para o salto...

— Errado, capitão — interrompeu Thrawn. — Isso é o que eles desejam que pensemos, mas não passa de uma ilusão muito bem construída. As naves as quais se refere deixaram os setores mencionados, depois de desembarcarem pessoal com os uniformes apropriados para confundir nossos espiões. O grosso da força está nesse instante a caminho de Bilbringi.

— Sim, senhor.

Pellaeon controlou-se para não externar sua derrota com um suspiro. Mais uma vez, Thrawn escolhera ignorar seus avisos, bem como as evidências, em favor de palpites e intuições.

Se ele estivesse errado, não perderiam a base Ubiquitorate de Tangrene. Um erro dessa magnitude abalaria a confiança e o momento da máquina imperial de guerra.

— Toda guerra é um risco, capitão. Mas esse risco não é tão grande quanto imagina. Se eu estiver errado, perco uma base Ubiquitorate, que é importante, certamente, mas não insubstituível — declarou Thrawn, erguendo uma sobrancelha azulada. — Mas se eu estiver certo, temos uma ótima chance de destruir toda a frota Rebelde do setor. Considere o impacto que isso teria sobre o atual equilíbrio de poder.

— Sim, senhor — respondeu o capitão, sentindo os olhos do superior fixos nele.

— Não precisa acreditar. Mas esteja preparado para aceitar seu erro.

— Espero que sim, senhor.

— Ótimo. A nave está pronta, capitão?

Pellaeon sentiu as costas se esticarem num reflexo dos dias de ordem unida.

— O *Quimera* está ao seu comando, Grande Almirante.

— Então prepare a frota para o hiperespaço — comandou Thrawn. Os olhos vermelhos brilharam. — E para a guerra

Não existiam trilhas verdadeiras no monte Tantiss; porém como Luke predissera, os noghri tinham um certo dom para escolher caminhos. Progrediram em pouco tempo, mesmo com os dróides num ritmo mais lento, e enquanto o sol ainda desaparecia abaixo das árvores, atingiram os respiradouros.

Contudo, não eram como Luke os tinha imaginado.

— Parece mais uma torre retrátil de turbolaser do que um sistema de circulação de ar — comentou ele com Han, enquanto se aproximavam da pesada grade e da enorme estrutura metálica que a apoiava.

— Me lembra a casamata que tivemos de invadir, lá em Endor. Só que tem uma porta de tela. Vamos com calma, pode ter sensores por aí.

Em qualquer outro lugar, Luke teria projetado a Força no interior do túnel. Porém, ali, com o efeito dos ysalamiri, era como ser cego.

Como estar em Myrkr outra vez.

Olhou para Mara, imaginando se ela teria pensamentos e lembranças similares. Talvez. Mesmo à penumbra, podia perceber as linhas de tensão no rosto dela, uma ansiedade e um medo que não estavam ali antes do grupo penetrar na bolha produzida pelos ysalamiri.

— E agora? — indagou ela. — Ficamos sentados aqui até amanhecer?

Han assestara o binóculo para a entrada.

— Parece um terminal de computador enfiado ali do lado direito — comentou ele. — O resto de vocês fique onde está... vou levar Artoo até lá e tentar conectá-lo.

Ao lado, Chewbacca rugiu um aviso.

— Onde? — quis saber Han, sacando a arma.

O wookiee apontou com uma das mãos, enquanto a outra aprontava a besta.

Todo o grupo parou, com as armas prontas... e foi então que Luke escutou o ruído distante de disparos de desintegradores. A muitos quilômetros, na entrada da montanha, mas sem os sentidos Jedi não havia forma de saber.

Bem mais próximo, soou um chamado de pássaro.

— Um grupo de myneyrshi está se aproximando — avisou Ekhrikhor, apurando os ouvidos. — Os noghri os detiveram e pedem para avançar e conversar.

— Diga que fiquem onde estão — disse Han, hesitando um segundo antes de guardar a arma no coldre. Apanhou o *satna-chakka* no bolso e voltou-se para Threepio: — Vamos lá, Lata Velha Dourada, vamos ver o que esses nativos de quatro braços querem.

Ekhrikhor murmurou uma ordem e, logo, um dos noghri colocou-se ao lado de Han; Chewbacca cobriu o outro lado e, com Threepio protestando atrás, lá se foram os quatro na direção das árvores.

Artoo emitiu ruídos preocupados, girando seu domo entre o dróide que partia e Luke.

— Não se preocupe, ele vai ficar bem. Han não vai deixar que nada aconteça a ele.

Artoo externou sua opinião sobre a preocupação de Han.

— Temos problemas mais urgentes do que o bem estar de Threepio — lembrou Lando. — Acho que escutei desintegradores dentro da montanha.

— Eu também — afirmou Mara. — Provavelmente vieram da entrada do depósito. Talvez um resultado da tal reunião.

Lando olhou por sobre o ombro, para a grande entrada de ar.

— Vamos ver se conseguimos abrir essa grade. Pelo menos é outra rota de fuga.

Luke olhou para Mara, que evitou seus olhos novamente.

— Muito bem — disse ele a Lando. — Eu vou primeiro, você traz Artoo.

Com cuidado o Jedi moveu-se entre as árvores, aproximando-se do respiradouro. Porém se existia algum tipo de defesa contra intrusos, não estava funcionando. Conseguiu chegar sem incidentes e, com o vento que entrava a agitar-lhe os cabelos, estudou a peça. O que a princípio lhe parecera uma grade, era na verdade uma tela, protegida por uma larga moldura metálica, que penetrava vários centímetros no túnel. Uma barreira formidável, sem dúvida, mas nada que o sabre-laser não pudesse cortar.

Ouviu o som de folhas amassadas e viu Lando e Artoo atrás de si.

— A conexão é ali — indicou Luke. — Ligue-se aí e veja o que consegue descobrir.

Com a ajuda de Lando, o dróide dirigiu-se para o ponto indicado. >

— Não vai se abrir para você — disse Mara, que também viera.

— Artoo vai verificar. Você está bem?

Ele esperava um comentário sarcástico, ou pelo menos um olhar penetrante. Não estava preparado para o gesto dela, de segurar-lhe a mão.

— Quero que me prometa uma coisa — disse Mara, em voz baixa. — Custe o que custar, não me deixe passar para o lado de C'baoth. Está entendendo? Não deixe que ele me domine. Mesmo que tenha de me matar.

Luke encarou-a, com um sentimento lúgubre e pesado abatendo-se sobre ele.

— C'baoth não pode forçar você a passar para o lado dele. Não sem a sua cooperação.

— Tem certeza disso? Certeza *mesmo*!

— Não — respondeu Luke, consciente de que havia muito que ignorava sobre a Força.

— Nem eu. É isso o que me preocupa. C'baoth me disse em Jomark que eu me juntaria a ele. Disse outra vez aqui, na noite em que chegamos — confessou Mara.

— Talvez ele esteja enganado, ou mentindo...

— Não pretendo arriscar — afirmou ela, apertando a mão de Luke. — Não vou servir a ele, Skywalker. Quero que prometa que vai me matar antes de deixar que ele faça isso comigo.

Luke engoliu em seco. Mesmo sem a Força, podia perceber pela voz dela

que Mara falava sério. Mas um Jedi, prometer matar alguém a sangue-frio...

— Posso prometer o seguinte: aconteça o que acontecer lá dentro, você não vai enfrentá-lo sozinho. Estarei a seu lado para ajudar.

Ela desviou o rosto.

— E se você já estiver morto?

Então era aquilo: a mesma batalha que ela vinha travando contra si mesma, desde o dia em que se encontraram.

— Você não precisa fazer isso. O Imperador está morto. A voz que você escuta é só uma memória que ele implantou em você.

— Eu sei disso. Pensa que isso ajuda a ignorar tudo?

— Não. Mas você também não pode usar a voz como desculpa. Seu destino está em suas mãos, Mara. Não na vontade de C'baoth, ou do Imperador. Ao final, é você quem toma as decisões. Você tem esse direito... e essa responsabilidade.

Escutaram passos, dos lados da floresta. Mara largou a mão de Luke e recuou um passo.

— Ótimo. Você pode distribuir filosofia, se quiser. Mas lembre do que eu pedi — afirmou ela, voltando-se a seguir para o grupo que se aproximava. — O que está acontecendo, Solo?

— Conseguimos alguns aliados. Uma espécie de aliados, pelo menos — anunciou Han.

— Ei, Threepio! — chamou Lando. — Venha até aqui me dizer o que Artoo está dizendo.

— Pois não, senhor — respondeu com polidez o dróide, aproximando-se do terminal.

— Como assim, uma espécie de aliados? — quis saber Luke.

— E meio confuso — disse Han. — Pelo menos da forma como Threepio traduziu. Eles não querem nos ajudar, só querem entrar e combater os homens do Império. Eles nos seguiram porque acreditaram que iríamos descobrir outra maneira de entrar.

Luke estudou o grupo de alienígenas de quatro braços, bem mais altos do que a escolta noghri. Todos usavam quatro ou mais facas longas, e levavam bestas... não exatamente o tipo de armas para se enfrentar soldados do Império com armaduras.

— Não sei... o que você acha?

Antes que Han pudesse responder, Lando chamou-o, em tom de urgência.

— Venha cá! Você precisa escutar isso! Diga a eles, Threepio.

— Parece que está acontecendo um ataque na entrada principal da montanha — relatou Threepio. — Artoo apanhou vários relatórios

detalhando movimentos de patrulhas de guardas na área...

— Quem está atacando? — interrompeu Han.

— Acho que os psadan da cidade. De acordo com os relatórios dos portões, exigiram a libertação de seu mestre, o lorde C'baoth, antes do ataque.

— A prancheta! — exclamou Han, olhando para Luke.

— Faz sentido. Uma mensagem de C'baoth, incentivando o ataque. Imagino como fizeram para passá-la até o lado de fora.

— Isso confirma que ele está preso — lembrou Mara. — Espero que tenham bons guardas e uma cela sólida.

— Com licença, mestre Luke — disse Threepio. — Segundo os relatórios do portão, os atacantes estão armados com desintegradores, lança-mísseis e detonadores termais. São armas bastante modernas, se os relatórios estiverem corretos.

— Não importa onde conseguiram isso tudo, o problema é não deixar passar essa oportunidade gratuita para dividir a atenção do inimigo — lembrou Lando. — Vamos aproveitá-la agora.

Chewbacca rugiu, desconfiado.

— Tem razão, companheiro. É conveniente demais — comentou Han, espiando para o interior do respiradouro. — mas Lando também tem razão... precisamos aproveitar.

— Muito bem, Artoo. Desligue o sistema de ar — pediu Lando.

Após um ruído de assentimento, o dróide girou o braço acoplado ao terminal. O vento nos cabelos de Luke começou a diminuir, até cessar completamente.

Artoo emitiu novos ruídos.

— Ele diz que todos os sistemas para essa entrada de ar foram desligados — anunciou Threepio. — Avisa, entretanto, que uma vez que o ciclo de trabalho termine, os filtros e campos de transporte podem ser reativados por um controle central.

— E melhor irmos andando, então — disse Luke, acionando o sabre-laser, aproximando-se da grade.

Quatro cuidadosos golpes mais tarde, a entrada estava pronta.

— Parece vazio — comentou Han, subindo para a abertura e espiando o interior. — As luzes de manutenção estão acesas no túnel. Artoo, pode conseguir para nós a planta desse nível?

O dróide emitiu sua resposta enquanto acionava o braço rotatório no terminal.

— Sinto muito, senhor, ele tem o esquema para o próprio duto de ar, mas diz que não existem outras informações nesse terminal — traduziu Threepio.

— Existirão outros terminais lá dentro — disse Lando. — Vamos deixar alguém na retaguarda?

— Um dos noghri vai ficar — disse Ekhrikhor, perto de Han. — Ele manterá a saída segura.

— Ótimo. Vamos indo — chamou Han.

Haviam percorrido cerca de cinqüenta metros no interior do túnel, e já se aproximavam da primeira luz de manutenção que Han avistara, quando Luke olhou para trás e reparou nos silenciosos myneyrshi que os seguiam de perto.

— Han?

— E, eu sei. O que você quer que eu faça, diga para eles irem embora?

Luke olhou outra vez para trás, reconhecendo que ele tinha razão. Mas... facas e bestas contra desintegradores?

— Ekhrikhor?

— Qual seu desejo, filho de Vader?

— Quero que escolha dois dos seus para ir com aqueles myneyrshi. Devem guiá-los e ajudá-los em seus ataques.

— Mas é a você que devemos proteger, filho de Vader — objetou Ekhrikhor.

— Vocês estarão me protegendo — disse Luke. — Cada soldado do Império que os nativos derrubem será um a menos para a gente se preocupar. Mas acho que não vão matar nenhum se não forem orientados no primeiro ataque.

O noghri produziu uma espécie de miado infeliz no fundo da garganta.

— Escuto e obedeço.

Fez um sinal para dois companheiros. Enquanto Luke observava os três pelo túnel, teve um vislumbre do rosto de Mara. Ela ainda parecia com medo, porém exibia uma expressão determinada. O que quer que estivesse à frente deles, ela estava pronta para enfrentar.

Só podia esperar que ele também estivesse.

— Lá está — anunciou Karrde, apontando a montanha que se elevava acima da floresta, projetando a longa sombra do crepúsculo.

— Tem certeza? — indagou Leia.

Projetou a Força, com tanta intensidade quanto possível. Em Bespin, durante a fuga desabalada da Cidade das Nuvens, de Lando, ela fora capaz de pressentir o chamado de Luke de uma distância como a que estava da montanha. Porém não escutou nada.

— Pelo menos esse foi o ponto apontado pelas coordenadas que recebemos. A menos que tenham enviado a Ghent uma localização falsa — disse Karrde, olhando por sobre o ombro. — Alguma coisa?

— Nada, ainda — respondeu Leia, sem tirar os olhos da montanha,

sentindo o estômago doer. Depois de tanta esperança, estavam atrasados. — Eles já devem ter entrado.

— Estão no meio da encrenca, então — disse Ghent, operando as comunicações. — O Controle de Vôo diz que está acontecendo um tumulto à entrada da montanha. Estão pedindo que aterrissemos numa área de manutenção, dez quilômetros ao norte.

Leia negou com a cabeça.

— Precisamos nos arriscar para entrar em contato com eles.

— E muito perigoso — disse Dankin, o co-piloto. — Se nos apanharem usando um canal não-imperial, é provável que tentem nos abater.

— Talvez exista outra forma — sugeriu Mobvekhar, aproximando-se de Leia. — Ekhrikhor, clã Bakh'thor deve ter deixado um guarda no ponto de entrada. Existe um sinal noghri de reconhecimento, que pode ser reproduzido pelas luzes de aterrissagem.

— Prossiga, então — disse Karrde. — Sempre podemos dizer que foi um defeito se a guarnição reparar. Chin, Corvis... observem seus visores.

Aproximando-se do console de Dankin, o noghri acionou as luzes de aterrissagem cerca de meia dúzia de vezes, com intervalos variados. Leia continuava olhando para a encosta, à procura de algum indício, procurando abranger toda a montanha.

— Peguei — anunciou Corvis da torre de turbolaser. — Posição zero-zero-três, ponto dezessete.

Leia olhou por sobre o ombro de Karrde, para observar o monitor dele. Lá estava, fraca, mas visível: uma luz acendendo e apagando.

— São eles — confirmou Mobvekhar.

— Ótimo — disse Karrde. — Ghent, responda que vamos proceder conforme o que nos foi ordenado. E melhor achar um assento e prender as correias, conselheira; estamos a ponto de ter um defeito inesperado no repulsorlift.

Entre as árvores e as rochas escarpadas Leia teria julgado impossível encontrar um lugar para pousar uma nave do tamanho do *Wild Karrde*. Mas a tripulação certamente já empregara o truque antes, e com um disparo preciso de turbolaser, no último segundo, criaram espaço aberto para pousar.

— E agora? — quis saber Dankin.

Karde olhou para Leia e levantou uma sobrancelha.

— Vou entrar — anunciou ela, recordando a visão de Luke e Mara em perigo. — Você não precisa vir.

— A conselheira e eu vamos procurar uns amigos — disse Karrde a Dankin, retirando os cintos e erguendo-se. — Ghent, tente convencer a guarnição de que não precisamos de ajuda.

— E eu? — quis saber Dankin.

— Você fique pronto, para o caso deles não acreditarem em Ghent. Vamos, conselheira.

O noghri que respondera o sinal não estava à vista quando eles desceram a rampa do *Wild Karrde*.

— Onde está ele? — quis saber Karrde.

— Esperando — esclareceu Mobvekhar.

Assobiou e aguardou, ouvindo atentamente a resposta.

— Fomos reconhecidos. Ele pede que nos apressemos. Os outros estão menos de um quarto de hora a nossa frente.

Um quarto de hora. Leia olhou para a escuridão da montanha. Era tarde demais para avisá-los, mas talvez não fosse tarde demais para ajudar.

— Vamos, estamos perdendo tempo.

— Espere um minuto — pediu Karrde, olhando por sobre o ombro. — Precisamos esperar por... aí estão.

Leia voltou-se. Vindo pelo corredor na direção deles pelo corredor, um homem de meia-idade trazia dois animais quadrúpedes na coleira.

- Aqui está, capitão — disse o homem, passando as correias para Karrde.

— Obrigado, Chin — disse Karrde, agachando-se para acariciar os animais. — Acredito que não tenha conhecido meus vornskr, conselheira. Esse chama-se Drang; o outro, um pouco mais sério, é Sturm. Em Myrkr eles utilizam a Força para caçar sua presa. Aqui, vou usá-los para encontrar Mara. Certo?

Os predadores fizeram um ruído estranho, uma espécie de rosnado cheio de estalidos.

— Muito bom, muito bom — comentou Karrde, levantando-se. — Acredito que agora estamos prontos, conselheira. Vamos indo?

Os alarmes ainda soavam à distância enquanto Han arriscava com todo cuidado um olhar pela esquina. Segundo os diagramas que Artoo conseguira, aquela deveria ser a maior estação de defesa naquele setor da guarnição. Era provável que encontrassem guardas, que com aquela situação toda estariam em alerta.

Estava certo nos dois detalhes. A cinco metros de distância pela entrada do corredor, flanqueando uma porta pesada, estavam dois homens das tropas de choque. Alerta o suficiente para reparar no estrangeiro que espiava escondido e apontar os desintegradores na direção dele.

A coisa mais inteligente a fazer, que qualquer pessoa razoável e não suicida faria, seria recuar antes que o tiroteio começasse. Mas Han agarrou a quina da parede com a mão livre, atirando-se para o outro lado do corredor poucos centímetros antes dos disparos que arrancaram pedaços da parede.

Ainda atiravam quando Chewbacca terminou a contenda com dois disparos bem dados.

— Bom trabalho, Chewie — disse Han, examinando o terreno adiante.

Os homens estavam fora de combate, portanto só havia uma porta reforçada de metal a transpor.

O que também não se constituía em grande problema. Pelo menos não para esse grupo.

— Estão prontos? — perguntou Han, apontando o desintegrador.

Provavelmente haveria outro par de guardas do lado de dentro.

— Pronto — respondeu Luke, acionando o sabre-laser.

A lâmina esverdeada penetrou no metal da porta como se fosse manteiga. Em algum ponto ao longo do caminho encontrou o mecanismo interno e quando Luke cortou a parte de baixo, a secção subiu para seu encaixe original.

Pela forma como os dois soldados olhavam para a porta, ficou claro que não haviam escutado o tiroteio. Também ficou claro que não esperavam nenhuma invasão por ali. Han derrubou um deles antes que chegasse a apontar a arma e Luke cortou o outro ao meio com um golpe do sabre-laser.

O grupo de técnicos que manejava os consoles de sensores também não esperava companhia. Procuraram as armas no cinto e correram em busca de

abrigo. Han e Chewbacca abateram a todos, com cerca de uma dúzia de tiros. A sala ficou reduzida a destroços.

— Acho que assim fica melhor — comentou Han. — Mas é melhor a gente ir andando antes que os reforços cheguem.

Porém, entre o tumulto nos portões principais e o bando errante de myneyrshi, a capacidade de resposta do Império era bem menor. Os três intrusos retornaram pelo corredor, desceram as escadas de emergência e voltaram para a sala das bombas, três andares abaixo, onde haviam deixado os companheiros.

Dois noghri montavam guarda em silêncio atrás da porta quando Han a abriu.

— Alguma novidade? — quis saber Lando, de algum ponto do emaranhado de canos.

— Na verdade, não. Mas acho que não gostaria de repetir tudo — comentou Han, enquanto Chewbacca fechava a porta atrás deles.

— Acho que não vai ser necessário. Eles estão convencidos de que existe um grande ataque aéreo a caminho.

— Vamos esperar que sim — respondeu Han, acercando-se de onde Lando trabalhava numa mesa de controle com aparência arcaica. Artoo encontrava-se conectado a um terminal, enquanto Threepio agitava-se atrás dele, como um pássaro em torno dos filhotes. — Bela antigüidade...

— Sabia que você ia apreciar. Acho que o Imperador retirou toda a instalação de onde estava e mandou implantar aqui.

Artoo manifestou-se.

— Certo, incluindo os programas — completou Lando. — Conheço um pouco sobre esse assunto, Han, mas não o bastante para fazer um dano permanente. Acho que teremos de usar explosivos.

— Para mim está ótimo — disse Han. Teria odiado carregar todo aquele material sem usá-lo. — Onde está Mara?

— Lá, na sala principal — informou Lando, apontando para uma porta meio escondida entre os tubos.

— Vamos dar uma espiada, Luke — convidou Han. — Chewie, fique aqui com Lando. Para ver se vale a pena explodir algo.

Caminhando até a porta, ele a abriu. Além havia uma passarela circular, que corria o perímetro do que parecia ser uma caverna natural monstruosa. À frente, emoldurada contra uma torre de equipamentos que ia do teto ao chão no centro da caverna, estava Mara, debruçada contra a grade.

— É esse o lugar? — indagou ele, olhando ao redor. Cerca de vinte outras portas abriam-se para a passarela, a

intervalos regulares, e havia quatro pontes retrateis, estendendo-se em

direção a uma plataforma de trabalho que circundava a coluna central de equipamentos. Além dos noghri vigiando o local, não havia ninguém mais à vista.

Mas havia sons. Um zunido constante e abafado do maquinário, e vozes que pareciam não vir de nenhum lugar, pontuadas por estalidos e um estranho pulsar rítmico, chiado. Como se a caverna toda estivesse respirando.

— Esse é o lugar — confirmou ela, com voz estranha. — Venham e vejam.

Han olhou para Luke e ambos avançaram na direção da balaustrada e olharam para baixo.

O lugar era aquele, sem dúvida.

A caverna era enorme, estendendo-se para baixo pelo menos dez andares. Era semelhante a um estádio de esportes, cada nível com um balcão circular em toda a volta. Cada balcão era mais largo do que o superior, aproximando-se do centro e diminuindo o orifício ao redor da coluna central de equipamentos. Havia tubos por todos os lados: grandes tubos saindo dos dutos centrais, correndo ao redor das passarelas e os mais finos, alimentando os círculos de metal, caprichosamente arrumados nos balcões e no assoalho principal.

Centenas de círculos metálicos. Cada um era a parte superior de um cilindro Spaarti de clonagem.

Ao lado de Han, Luke produziu um som estranho na garganta.

— E difícil acreditar — comentou, por fim, entre abalado e impressionado.

— Pois pode acreditar — aconselhou Han, apanhando o macrobinóculo e assestando-o no soalho principal, lá embaixo. Apesar dos tubos bloquearem um bocado da visão, pode divisar alguns homens em uniforme de técnicos e soldados correndo pelo local. Nos terraços mais baixos também havia gente. — Estão agitados como num ninho de ratos, lá embaixo. Tropas de choque e tudo o mais no piso principal.

Ele olhou de lado para Mara. A expressão dela era tensa ao encarar os tanques de clonagem, como o rosto de alguém assombrado pelo passado.

— Traz de volta as lembranças? — indagou ele.

— Traz — respondeu ela, mecanicamente. Permaneceu mais um instante imóvel, depois endireitou o corpo. — Mas não podemos dar atenção a elas.

— Que bom que você concorda — comentou Han, estudando-lhe o rosto. — Aquela coluna no meio parece nosso melhor alvo. Sabe alguma coisa sobre ela?

Ela parecia bem, mas havia um bocado de coisas ocorrendo sob a

superfície. *Agüente firme, garota! Somais um pouco*, desejou ele mentalmente.

— Não — respondeu Mara, hesitante. — Mas pode haver outra maneira. O Imperador não era do tipo que deixava seus segredos para trás, para outros usarem. Não se puder evitar.

— Está querendo dizer que todo esse lugar tem um mecanismo de autodestruição? — indagou Han.

— É possível — disse ela, com aquele olhar assombrado outra vez. — Se for assim, o controle deve ficar na sala do trono. Podíamos ir até lá e dar uma olhada.

— Não sei, não... — murmurou Han, olhando para os cilindros abaixo. Parecia um lugar grande demais para ser destruído com um saco de explosivos... um controle de autodestruição simplificava tudo. Todavia, a idéia de Mara vagando com suas memórias pela sala do trono também não parecia nada boa. — Acho melhor nenhum de nós andar sozinho por esse lugar.

— Eu vou com ela — ofereceu Luke. — Ela tem razão, vale a pena verificar.

— Será seguro, não se preocupe — garantiu Mara. — Existe um turboelevador de serviço na passarela que cobre a maior parte da distância. E de qualquer jeito, a atenção dos soldados está presa ao tumulto na porta.

— Está bem, podem ir — concedeu Han. — Mas não esqueça de nos avisar antes de apertar o botão, certo?

— Pode deixar. Vamos indo, Mara?

— Onde vão eles? — quis saber Lando, que se aproximava.

— Para a sala do trono do Imperador. Ela acredita que deve existir um mecanismo de autodestruição acionado de lá — explicou Han.

— Artoo finalmente conseguiu uma ligação com o computador principal. Está procurando o esquema daquela coisa — informou Lando, apontando a torre central.

— Não podemos esperar — resolveu Han, voltando-se para Chewbacca, que se aproximava com a sacola de explosivos. — Chewie, você e Lando escolham uma dessas pontes, e mãos à obra.

— Certo. E você?

— Vou trancar os acessos — explicou Han, indicando as outras portas. — Ei, vocês... noghri. Venham aqui!

Os dois guardas moveram-se em completo silêncio para perto de Han, enquanto Lando e Chewbacca dirigiam-se para a ponte mais próxima.

— Sua ordem, Han, clã Solo?

— Você, fique aqui e vigie. E você... me ajude a selar essas portas. Um

bom tiro de desintegrador em cada caixa de controle deve resolver o assunto. Eu vou por esse lado, você vai pelo outro.

Percorrera cerca de dois terços do caminho pela passarela, quando escutou algo acima do lúgubre respirar da caverna. Olhando para trás, viu que Threepio o chamava da porta por onde entraram.

Resmungando que não podia deixar nada por conta do dróide, terminou a porta onde estava e voltou correndo.

— Capitão Solo! Graças à Grande Galáxia... Artoo está dizendo que...

— O que está tentando fazer? — cortou Han. — Atrair a guarnição inteira para cá?

— Claro que não, senhor. E que Artoo está dizendo...

— Se não sabe onde procurar, é preferível usar o comunicador — continuou Han, indicando o cilindro metálico preso ao dróide. — Por isso você carrega um. Certo?

— Certo, senhor — assentiu Threepio, lançando mão de toda a sua paciência mecânica. — Posso continuar?

Han suspirou. No fundo, sabia que era o mesmo que conversar com uma parede de tijolos. — Sim, o que é?

— E sobre Mestre Luke — disse o dróide. — Escutei um dos noghri dizer que ele e Mara Jade estão em missão na sala do trono.

— E verdade. O que tem isso?

— Bem, senhor, no curso de suas investigações, Artoo acabou de saber que o Mestre Jedi Joruu C'baoth está preso naquela área.

Han olhou para o dróide.

— Como assim, naquela área? Ele não está no centro de detenção?

— Não, senhor. Como eu tentei...

— Mas por que você não disse logo, Threepio? — indagou Han, apanhando o comunicador do dróide, apenas para descobrir que não estava funcionando.

— Foi isso o que descobri quando tentei entrar em contato. Por isso vim chamá-lo — justificou o dróide.

— Mas que ótimo — resmungou Han, ainda com a estática ecoando em seus ouvidos.

Luke e Mara, caminhando direto para os braços de C'baoth. E não havia nenhuma forma de preveni-los. A não ser uma.

— Mantenha Artoo ocupado, procurando aquelas plantas. E diga também para ele ver se consegue descobrir a causa dessa interferência nos comunicadores. Se puder, mande os noghri para restabelecer as comunicações. Depois vá até aquela ponte e avise a Chewie e Lando onde fui.

— Sim, senhor — concordou Threepio, um tanto surpreso com a profusão de ordens de uma só vez. — Desculpe perguntar, mas *onde* o senhor vai?

— Onde acha que vou? — respondeu Han, por sobre o ombro, caminhando pela passarela.

Nunca acontecia de outra forma. Não falhava. De um jeito ou de outro, não importa onde estivessem, ou o quê estivessem fazendo, ele sempre acabava tendo que ir atrás de Luke.

Mais e mais, parecia ter sido uma boa resolução, a de vir junto.

— Muito bem, *Garret's Gold*, as escotilhas estão fechadas por aqui — avisou o controlador de vôo. — Fiquem a postos para receber curso de trânsito.

— Certo, controle — disse Aves, liberando o *Etherway* do guindaste de atracação.

Começaram uma vagarosa manobra. Estavam prontos; e pelo jeito como iam as coisas, todos também estavam.

— Lá está ele — apontou Gillespee. — Bem no horário.

— Tem certeza que é ele? — quis saber Aves.

— Quase. Quer que tente falar com a nave?

Aves deu de ombros, observando os arredores, no estaleiro. Havia estabelecido um bom código de comunicação, mas seria estupidez utilizá-lo sem que fosse necessário.

— Vamos esperar um pouco. Pelo menos até termos algo a dizer.

Acabou de pronunciar essas palavras quando tudo foi por água abaixo.

— Destróieres estelares! — gritou Faughn, no console de comunicação. — Chegando do hiperespaço.

— Vetores? — indagou Gillespee.

— Não se dê ao trabalho — disse Aves, sentindo uma lâmina nas entranhas.

Viu as naves aparecendo ao lado do estaleiro. Além de destróieres, viu cruzadores *Dreadnaught*, fragatas *Lancer*, cruzadores de ataque e esquadrilhas *TIE*. Uma frota completa de assalto.

E praticamente todas as naves da confederação de contrabandistas estava ali. Ao lado de toda aquela potência de fogo.

— Então *era mesmo* uma armadilha — comentou Gillespee, com voz calma.

— Parece que sim — concordou Aves, observando a formação das naves.

Uma formação que parecia errada, de alguma maneira.

— Aves, Gillespee, aqui é Mazzic — avisou uma voz pelo comunicador.
— Parece que fomos vendidos. Não pretendo me render. E quanto a vocês?

— Acho que eles merecem perder pelo menos um par de destróieres estelares por causa disso — afirmou Gillespee.

— Era o que eu estava pensando. Pena que Karrde não esteja aqui para nos ver partindo num furacão de glória — comentou Mazzic.

Aves sentiu os olhos dos companheiros sobre ele. Iriam para a morte acreditando que Karrde os traía. Todos eles.

— Estou com vocês. Se quiser, Mazzic, pode ficar com o comando.

— Era o que eu pretendia, mesmo. Fiquem em alerta. Podemos disparar juntos os primeiros tiros.

Aves olhou mais uma vez para a frota lá fora... e compreendeu tudo.

— Esperem! Mazzic... todo mundo, esperem. Essas naves não estão aqui por nossa causa.

— Do que você está falando? — indagou Gillespee.

— Veja o cruzador interceptador, logo depois daquele grupo de destróieres... está vendo? Repare na posição que eles estão.

Houve um instante de silêncio. Mazzic foi o primeiro a entender.

— Essa não é uma formação de cerco — disse ele.

— Tem razão. Veja lá, mais distante... um segundo grupo — afirmou Gillespee.

— É uma formação em pinça, para apanhar quem entra — declarou Mazzic, como se não acreditasse em suas próprias palavras. — Estão preparando alguma para quem venha do hiperespaço. Pretendem mantê-lo ali o suficiente para atirar bastante.

Aves olhou para Gillespee, que devolveu o olhar.

— Não — murmurou Gillespee. — Você não está imaginando...? Eu pensei que eles iam atacar Tangrene.

— Eu também. Acho que estávamos errados — observou Aves.

— Pode ser que Thrawn esteja errado — sugeriu Gillespee, olhando para a frota e sacudindo a cabeça. — Não. Acho que não é muito provável.

— Muito bem, não vamos entrar em pânico — afirmou Mazzic. — Se a Nova República vier mesmo, significa que vão distrair ainda mais a atenção do Império. Vamos manter nosso horário e ver o que acontece.

— Certo. Bem no meio de um ataque da Nova República contra o Império. Que senso de oportunidade — comentou Aves.

— Vou dizer uma coisa, Aves. Se a gente escapar daqui, preciso ter uma pequena conversa com seu patrão.

— Por mim tudo bem. Aliás, até pode ser que eu vá com você — disse Aves.

Cuidadosamente, Mara esticou o pescoço para fora da escada de emergência e espiou o corredor. A precaução fora desnecessária; aquele andar encontrava-se deserto, assim como os três andares abaixo.

— Tudo bem — anunciou ela, caminhando pelo corredor.

— Também não tem guarda nenhum? — estranhou Skywalker, olhando ao redor.

— Não faz muito sentido, mesmo. Com exceção da sala do trono e dos aposentos reais, não existia quase nada por aqui.

— Acho que continua assim. Onde é esse turboelevador privativo?

— Para a direita, depois de dobrar aquela esquina — informou Mara, apontando com o desintegrador.

Mais por hábito do que por necessidade, ela tentou manter os passos silenciosos ao prosseguir pelo corredor. Chegou ao ponto indicado e dobrou à direita.

Dez metros à frente, dois soldados das tropas de choque guardavam a porta do turboelevador; os rifles-desintegradores moveram-se na direção dela.

No centro do corredor, apanhada num movimento para o lado errado, Mara não podia fazer outra coisa senão atirar-se ao chão. Mergulhou para a frente, disparando antes mesmo de chegar ao solo. Um dos soldados deu um passo para trás quando sua armadura foi atingida; a segunda arma corrigiu a pontaria...

E moveu-se, desajeitada, quando o sabre-laser de Skywalker veio girando pelo corredor, na direção dele.

Não produziu outro efeito além de distrair o inimigo, pois o Jedi não contava com a Força para guiar sua arma. Mas o instante de distração era tudo o que Mara precisava. Enquanto o soldado se desviava da arma solitária, ela o abateu com dois disparos. O corpo caiu e permaneceu imóvel.

— Acho que não querem que ninguém suba — observou Skywalker, aproximando-se.

— E, acho que não — concordou ela, ignorando a mão estendida para ajudá-la a levantar-se. — Vamos.

O carro do turboelevador estava travado, mas não levou nem um minuto para que Mara o colocasse em funcionamento. Só havia quatro alternativas de parada; aquela onde estavam, o hangar do transporte de emergência, os aposentos reais e a sala do trono. Ela marcou esse último destino e a porta fechou-se. A viagem foi curta; depois de alguns segundos, a porta do lado oposto abriu-se. Preparando o espírito, Mara saiu.

Para a sala do trono do Imperador... envolta numa torrente de

lembranças.

Estava tudo ali, da forma como ela lembrava. A iluminação lateral e indireta da penumbra que o Imperador achava tão convidativa para meditar. Os níveis mais elevados ao final do aposento, serviam para que ele ficasse sempre acima dos visitantes que subiam as escadas. Havia monitores nas paredes, em ambos os lados do trono, que no momento se encontravam às escuras. Dali ele controlara seu domínio.

Ela voltou-se para a esquerda, olhando por sobre a grade para o enorme espaço vazio além do trono. Flutuando ali, numa explosão de luz de vinte metros de diâmetro, estava a Galáxia.

Não se tratava de um holograma comum que qualquer escola ou empresa grande poderia possuir. Nem ao menos das versões mais precisas que só podiam ser encontradas nas salas de guerra de alguns setores militares selecionados. Esse holograma era esculpido em cada detalhe único, com um único ponto luminoso para cada uma das centenas de bilhões de estrelas. As regiões políticas eram marcadas por sutis diferenças de cor: os Sistemas Interiores, o Anel Externo, o Espaço Inexplorado, as Regiões Desconhecidas. De seu trono o Imperador podia manipular a imagem, selecionar um setor escolhido, localizar qualquer ponto desejado, ou conduzir uma campanha militar.

Era tanto uma obra de arte quanto uma ferramenta. O Grande Almirante Thrawn iria adorar aquilo.

Com esse pensamento, as lembranças do passado deram lugar às realidades do presente. Thrawn estava no comando agora, um homem que desejava recriar o Império, à sua própria imagem. Desejava tão ardentemente que não hesitava em desencadear novas Guerras Clônicas para obter o que queria.

Mara suspirou.

— Muito bem, se está aqui, deve estar embutida no trono — declarou ela, expulsando o passado da cabeça.

Com esforço, Skywalker tirou os olhos da Galáxia holográfica e pousou-os no trono.

— Vamos até lá.

Seguiram pelo caminho de dez metros que conduzia do turboelevador para a parte principal do aposento, passando sob a passarela elevada que corria pela frente do poço do holograma e entre as guaritas elevadas que flanqueavam a escada. Mara olhou para as plataformas enquanto subiam os degraus para o nível superior e imaginou os guardas imperiais, com seus uniformes vermelhos, que ali costumavam montar vigília silenciosa. Acima do nível onde estavam, visível entre os degraus, o monitor do Imperador

permanecia escuro. Além do holograma, todos os sistemas estavam desligados.

Atingiram o alto dos degraus e caminharam para o trono, virado na direção da parede de granito, logo à frente. Mara estranhou a posição, imaginando por que o Imperador teria deixado o trono de costas para a Galáxia, quando ele começou a girar.

Apontando o desintegrador para o trono, ela agarrou com a outra mão o braço de Skywalker. O grande assento completava o movimento...

— Finalmente vieram até mim — pronunciou ameaçador e solene Joruu C'baoth, olhando para eles. — Sabia que viriam. Juntos, ensinaremos ao Universo o que significa servir aos Jedi.

— Eu sabia que viriam a mim essa noite — declarou C’baoth, levantando-se do trono. — Desde o instante em que saíram de Coruscant, eu sabia que viriam. Por isso escolhi essa noite para que o povo da minha cidade atacasse os opressores.

— Isso não era necessário — disse Luke, recuando um passo à medida que suas lembranças de Jomark retornavam.

Lá, C’baoth tentara corrompê-lo com sutileza para o Lado Negro... e quando falhara, quis matar a ambos.

Mas não poderia tentar nada parecido naquele momento. Não sem a Força.

— Claro que era necessário. Vocês precisavam de uma distração para chegar até minha prisão — argumentou ele. — E eles precisavam de motivação. Que melhor motivação pode haver do que morrer a serviço de um Jedi?

Mara resmungou alguma coisa.

— Acho que você entendeu ao contrário — disse Luke. — Os Jedi eram os guardiões da paz. Os servidores da Velha República e não seus mestres.

— E exatamente por isso a Velha República não deu certo, Jedi Skywalker. Por esse motivo falharam e morreram todos.

— A Velha República durou um milhar de gerações — argumentou Mara. — Isso não me parece um fracasso.

— Talvez não. Mas vocês são jovens, ainda não enxergam as coisas com clareza.

— E você, sim. C’baoth sorriu para ela.

— Sim, minha jovem aprendiz. Enxergo com clareza, assim como vocês vão enxergar.

— Não conte com isso. Não estamos aqui para libertar você.

— A Força não se apoia no que você pensa que são seus objetivos. Nem os verdadeiros mestres da Força. Quer saibam disso, ou não, vieram até aqui a meu comando.

— Pode acreditar nisso, se quiser — respondeu Mara, movendo ameaçadora o cano do desintegrador. — Afaste-se daí.

— Pois não, minha jovem aprendiz — disse C’baoth, dando três passos

na direção indicada. — Ela tem grande força de vontade, Jedi Skywalker. Será uma mulher de grande poder na Galáxia que construiremos.

Mara aproximou-se para examinar os consoles embutidos no descanso.

— Não — objetou Luke, numa última tentativa de trazer o Jedi louco à razão. Salvá-lo, como salvara Vader, a bordo da Estrela da Morte. — Você não está em condições de construir coisa alguma, Mestre C'baoth. Você não está bem. Mas posso ajudá-lo se colaborar.

O rosto barbado fechou-se.

— Como ousa dizer uma coisa dessas? Como ousa sequer *pensar* uma blasfêmia dessas contra o Mestre Jedi C'baoth?

— Esse é o problema — insistiu Luke, com delicadeza. — Você não é o Mestre Jedi C'baoth. Pelo menos, não o original. A prova está nos registros do *Katana*. Jorus C'baoth morreu há muito tempo, durante a Missão Intergaláctica.

— Ainda assim, estou aqui.

— Sim. *Você* está. Mas não é Jorus C'baoth. Você é clone dele.

O corpo de C'baoth ficou rígido.

— Não. Não pode ser. Luke balançou a cabeça.

— Não existe outra explicação. Com certeza esse pensamento já ocorreu a você antes.

C'baoth inspirou longamente... e de repente, atirou a cabeça para trás e riu.

— Cuidado com ele — avisou Mara, observando-o ao lado do trono. — Ele tentou o mesmo truque em Jomark, lembra?

— Está tudo bem — disse Luke. — Ele não pode nos fazer mal.

— Ah, Skywalker, Skywalker... — disse C'baoth, sacudindo a cabeça. — Você também? O Grande Almirante Thrawn, a Nova República e agora você. Por que essa súbita fascinação com clones e clonagem? — Ele gargalhou outra vez e numa fração de segundo tornou-se sério: — Ele não entende, Jedi Skywalker. Nem o Grande Almirante Thrawn, nem ninguém. O verdadeiro poder do Jedi não é fazer truques simples com matéria e energia. O verdadeiro poder do Jedi é que só nós, em toda a criação, possuímos o poder de crescer além de nós mesmos. Estender a nós mesmos em todos os cantos do Universo.

Luke olhou para Mara e encolheu os ombros.

— Também não entendemos. O que quer dizer com isso? C'baoth deu um passo na direção dele.

— Eu já o fiz, Jedi Skywalker — sibilou ele, com um brilho malévolo nos olhos. — Com o general Covell. Algo que o próprio Imperador nunca fez. Tomei a mente dele em minhas mãos e a alterei. Remodelei tudo à

minha própria imagem.

Luke sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

— Como assim, remodelou?

Uma espécie de sorriso secreto torceu os lábios de C'baoth.

— Reconstruí tudo. E foi só o começo. Abaixo de nós, nas profundezas da montanha, um exército Jedi está em formação para nos servir. O que fiz com o general Covell vou fazer uma vez depois da outra. O que o Grande Almirante nunca chegou a compreender, é que o exército que ele pensa ser dele, está sendo criado para mim.

Num relance, Luke entendeu. Os clones crescendo na caverna não eram apenas idênticos ao modelo original. Suas mentes também eram ou parecidas o suficiente para ter apenas pequenas variações do padrão. Se C'baoth aprendesse a penetrar a mente de qualquer um deles, faria o mesmo a todos daquele grupo.

Olhou para Mara. Ela também compreendera.

— Ainda acha que ele pode ser salvo? — indagou ela.

— Não preciso ser salvo por ninguém, Mara Jade. Me diga uma coisa: acredita mesmo que eu permitiria que o Grande Almirante me prendesse aqui?

— Não acho que ele tenha pedido sua permissão — respondeu Mara, erguendo-se ao lado do trono. — Não há nada para nós aqui, Skywalker. Vamos embora.

— Ainda não dei permissão para saírem — disse C'baoth, a voz alterada. Ergueu a mão, que segurava um pequeno cilindro. — E não sairão.

Mara gesticulou com o desintegrador.

— Você não está pretendendo nos deter com isso, está? Um acionador remoto precisa de alguma coisa para acionar.

— Tem toda a razão — concordou C'baoth, sorrindo. — Eu pedi que meus soldados preparassem algo para mim. Antes, eu os mandei para fora da montanha, com as armas e ordens para o meu povo.

— Claro — disse Mara, dando um passo na direção da saída e localizando com o olhar o corrimão antes de segurá-lo. — A gente aceita sua palavra.

— Não precisam aceitar minha palavra — declarou C'baoth, pressionando o interruptor.

No fundo da mente de Luke algo alienígena deu a impressão de gritar em agonia...

E uma onda de energia e consciência pareceu preenchê-lo. Como se estivesse acordando de um sonho profundo, ou saindo de um quarto escuro para a luz.

A Força estava com ele outra vez.

— Mara! — gritou ele.

Porém era tarde. O desintegrador de Mara já fora arrancado da mão dela e atirado para o outro lado do aposento. Ao mesmo tempo em que Luke saltou na direção dela, faíscas azuladas brotaram da mão estendida de C'baoth.

A descarga apanhou Mara em cheio, no peito, atirando-a para trás, contra o corrimão metálico.

— Pare! — gritou Luke, acionando seu sabre-laser. C'baoth ignorou-o, disparando novo feixe de faíscas. Luke

apareceu a maior parte com a lâmina, fazendo uma careta ao ser atingido por uma delas. C'baoth disparou mais uma carga, depois uma quarta e uma quinta... E de repente baixou a mão.

— Você não pode me dar ordens, Jedi Skywalker. Eu sou o mestre e você é o servo.

— Não sou seu servo.

Luke recuou e olhou para Mara. Ela ainda estava em pé, apoiando-se no gradil. Os olhos abertos não pareciam conscientes e a respiração se efetuava em pequenos gemidos. Apoiando a mão livre no ombro dela, Luke fez uma careta ao sentir o cheiro forte de ozônio; observou-a para avaliar os ferimentos.

— Você é meu servo — afirmou C'baoth, com arrogância. — Assim como ela. Deixe-a, Jedi Skywalker. Ela precisou de uma lição, que agora foi aprendida.

Luke não respondeu. Nenhuma das queimaduras parecia grave, mas os músculos ainda se contorciam em espasmos. Projetando a Força, ele tentou retirar um pouco de dor.

— Eu disse, deixe-a em paz — repetiu C'baoth, a voz ecoando de forma lúgubre pela sala do trono. — A vida dela não está em perigo. Economize sua força para o julgamento que o aguarda.

Dramaticamente, levantou a mão e apontou.

Luke voltou-se. Ali, em silhueta contra o modelo holográfico da Galáxia, havia uma figura usando o mesmo tipo de túnica marrom que C'baoth usava. Uma figura que de alguma forma parecia familiar...

— Não há escolha, meu jovem Jedi — disse C'baoth, com voz suave. — Não compreende? Você deve servir a mim, ou não será capaz de salvar a Galáxia dela mesma. Portanto, deve enfrentar a morte para emergir ao meu lado... ou morrer para que outro possa tomar seu lugar. — Ele levantou os olhos para a figura. — Venha, e enfrente seu destino.

A silhueta avançou na direção da escada, retirando o sabre-laser do cinto

enquanto caminhava. Com o brilho das estrelas no holograma atrás de si, ainda era impossível distinguir-lhe as feições.

Luke deu um passo para a frente, com uma estranha pressão formando-se na mente. Havia algo de perturbante e familiar sobre aquele confronto. Como se estivesse a ponto de enfrentar alguém ou algo que já tivesse enfrentado antes...

De repente, a memória funcionou. Dagobah... seu treinamento Jedi... e a caverna negra onde Yoda o enviara. Seu breve confronto no sonho com uma visão de Darth Vader...

Luke passou a respirar como se fosse perder o fôlego, com uma horrível suspeita em seu coração. Mas, não... a figura silenciosa que se aproximava não tinha altura para ser Darth Vader. Mas então quem seria?

Então o vulto atingiu a luz. Tarde demais, Luke recordou-se como o combate no sonho terminara. A máscara de Vader se havia quebrado e a face atrás dela era o rosto de Luke.

Assim como as feições que o fitavam, sem demonstrar emoção alguma.

Luke sentiu a si mesmo afastando-se dos degraus, a mente paralisada com o choque e com a pressão.

— Sim, Jedi Skywalker — disse C'baoth, baixinho. — Ele é você. Luke Skywalker, criado a partir da mão que você perdeu na Cidade das Nuvens, em Bespin. Empunhando o sabre-laser que você perdeu lá.

Luke reparou na arma nas mãos do clone. O sabre-laser que Obi-wan lhe dissera que seu pai deixara para ele.

— Por quê?

— Para fazer com que você entenda de verdade. E para que seu destino seja cumprido. De uma forma ou de outra, vai me servir.

Luke olhou rápido para o Mestre Jedi, que o observava, os olhos repletos de antecipação. E de loucura.

Naquele instante, o clone Luke atacou.

Saltou para o topo da escadaria, acionando o sabre-laser e impulsionando a luz azulada contra o peito de Luke, que saltou para o lado e aparou o golpe com a própria lâmina. O impacto do encontro desequilibrou-o e quase derrubou a própria arma. O clone Luke saltou em sua direção, já preparando novo ataque; projetando a Força, Luke atirou-se para trás, passando sobre a grade e caindo numa das guaritas elevadas que se elevavam da parte inferior da sala trono. Precisava de tempo para pensar e planejar, e para encontrar uma maneira de eliminar as distrações de sua mente.

Mas o clone Luke não pretendia lhe dar esse tempo. Apoiando-se na grade, ele usou o sabre-laser contra a plataforma onde estava Luke. Não foi um golpe perfeito, pois a lâmina cortou apenas metade da base, mas foi o

suficiente para inclinar a guarita. Utilizando a Força, Luke saltou para trás, tentando atingir a passarela que conduzia ao trono, cinco metros atrás.

Contudo, a distância revelou ser maior do que ele calculara, ou sua mente estava distraída demais para utilizar a Força. A parte traseira do joelho bateu contra a grade, e ao invés de cair em pé, Luke caiu de costas.

— Não queria que isso acontecesse a você, Jedi Skywalker — disse a voz de C'baoth. — Não quero que aconteça. Junte-se a mim e deixe-me ensinar você. Juntos, podemos salvar a Galáxia das pessoas inferiores, que a destruiriam.

— Não — disse Luke, com voz abalada pelo esforço. Enquanto recuperava o fôlego, viu o clone apanhando a arma, e começando a descer as escadas, em sua direção. O clone. Seu clone. O que estaria causando aquela pressão em sua cabeça? Seria a presença de uma duplicata exata de si mesmo?

Não sabia, assim como ignorava o propósito de C'baoth em promover o confronto. Obi-wan e Mestre Yoda tinham-no avisado que matar enraivecido, ou cheio de ódio podia levá-lo para o lado negro. Será que matar um clone teria o mesmo efeito?

Ou C'baoth imaginara algo diferente? Acreditando que matar o próprio clone enlouqueceria Luke?

De qualquer forma, não estava nada ansioso para descobrir. Ocorreu-lhe que não precisava ficar ali. Poderia saltar para o outro lado da passarela, entrar no turboelevador e escapar dali.

Deixando que Mara enfrentasse C'baoth sozinha.

Levantou os olhos. Mara ainda estava apoiada no gradil, ainda não consciente de todo. Com certeza impossibilitada de correr.

Cerrando os dentes, Luke levantou-se. Mara pedira a ele... suplicara... que a matasse ao invés de deixá-la nas mãos dele. O mínimo que podia fazer era ficar com ela até o fim.

Fosse o fim dela... ou dele.

A explosão viajou por toda a extensão da caverna como um trovão distante, ainda que abafado.

— Escutou isso, Chewie? — indagou Lando, olhando com cautela por sobre a borda da ponte. — Acha que explodiram alguma coisa por lá?

Chewbacca, com as mãos cheias de cabos e equipamentos diversos, colocando o corpo para fora da coluna central, fez uma correção: não fora uma grande explosão, mas muitas explosões simultâneas. Pequenas cargas de tempo, ou algo com o mesmo poder destrutivo.

— Tem certeza? — indagou Lando, pouco à vontade, espiando os

tanques de clonação abaixo.

Aquilo não parecia nenhum defeito de funcionamento.

Enrijeceu. Pequenas colunas de fumaça elevavam-se dos substratos nutrientes no alto de cada tanque de clonação. Muitas delas, elevando-se simultaneamente, indicando um padrão. Como se algo no alto de cada cilindro Spaarti tivesse explodido...

Escutou o som de metal contra metal atrás de si. Voltou-se para deparar com Threepio em pé na plataforma de trabalho, a cabeça voltada para a caverna.

— Isso é fumaça? — indagou o dróide, sem saber se queria mesmo escutar a resposta.

— Para mim, é o que parece — confirmou Lando. — O que está fazendo aqui?

— Ah, sim — lembrou Threepio, olhando para Lando. — Artoo encontrou os esquemas dessa coluna de equipamentos. Sugere que a possibilidade de desviar um acoplador de fluxo negativo à linha de força principal deve ser examinada.

Recebendo o cartão de dados que o dróide estendia, Lando passou-o a Chewbacca. Ele e o wookie não estavam muito visíveis contra as cores apagadas da coluna e a rocha do teto, porém Threepio se destacava como um pingo de ouro na lama.

— Agora saia daqui antes que alguém o veja!

— Ah, sim. Já vou sair. E que lembrei que Artoo localizou a fonte da interferência nos comunicadores. O capitão Solo nos deu ordens para...

— Claro. Vão em frente — cortou Lando, ficando com a impressão de ter visto algo se mover no andar de baixo. — E levem os noghri com vocês.

— Artoo e eu? — espantou-se o dróide. — Mas, senhor... Um raio brilhante e azulado interrompeu a frase, vindo do andar abaixo.

— Um disparo de efeito moral! Saia daí, Threepio — gritou Lando, atirando-se contra o piso da plataforma.

Um segundo disparo ricocheteou na coluna, acima de sua cabeça, e ele sacou o desintegrador.

— Sim, senhor — respondeu o dróide e sem precisar de mais incentivo, saiu da ponte.

Chewbacca rosnou uma pergunta.

— Lá de baixo, parece — respondeu Lando. — Mas cuidado, é capaz de ter mais gente chegando.

Um terceiro disparo atingiu a parte inferior da plataforma e dessa vez Lando avistou o soldado abaixado atrás de um dos cilindros de clonação. Disparou duas vezes, derrubando o inimigo e destruindo o cilindro Spaarti.

Atrás dele, o tiro da besta de Chewbacca provocou outra faísca azul.

Lando percebeu a situação. Não estavam em situação desesperadora, pois os homens do Império não utilizariam nada muito potente enquanto estivessem ao lado da coluna de equipamentos. Ao mesmo tempo, os próprios homens do Império não tinham cobertura alguma, exceto os tanques de clonagem. O que significava que eles só podiam permanecer ali, sem incomodar os invasores, e ainda ser atingidos, junto com os cilindros.

Ou então podiam mover-se até um ângulo tal que o equipamento não corresse riscos.

Do outro lado, Chewbacca rugiu. Os homens do Império se retiravam.

— Provavelmente vão subir até o nosso andar — concordou Lando, olhando para as portas que se abriam para a passarela.

Pareciam bastante resistentes, quase como uma porta blindada de espaçonave. Se Han e os noghri tivessem feito um bom trabalho ao lacrá-las, elas deveriam segurar os soldados do Império por algum tempo.

Exceto a porta da sala das bombas, onde Artoo estivera trabalhando. Han deixara aquela porta para que eles saíssem. Lando fez uma careta, mas não tinha nenhuma outra opção. Apoiou a arma na grade, apontou com cuidado para a caixa de controle e apertou o gatilho. A cobertura externa da caixa brilhou e deformou-se; por alguns segundos emitiu um fio fino de fumaça.

E pronto. Os homens do Império estavam trancados ao lado de fora. Ele e Chewbacca estavam trancados do lado de dentro.

Mantendo-se abaixado, rastejou até o outro lado da coluna. Chewbacca estava de volta ao trabalho, com as mãos cheias de graxa enfiadas no meio dos cabos e tubulações. A prancheta estava aos pés dele.

— Algum progresso? — quis saber Lando.

O wookie tocou com o pé a prancheta de leitura, a seus pés, e Lando entortou o pescoço para olhar. Tratava-se de uma secção esquemática do chicote de cabos, mostrando uma junção com oito cabos.

Exatamente acima da junção, havia um regulador de fluxo positivo.

Lando concordou com um gesto de cabeça, sentindo uma sensação estranha.

— Você, por acaso, não está pensando naquele acoplador de fluxo negativo que Artoo sugeriu, está?

Como resposta Chewbacca retirou a mão do meio dos cabos, puxando o acoplador, com o fio um pouco exposto.

— Espere um pouco. O que esse fio é capaz de fazer? Escutara muitas histórias sobre o que acontecia quando se

dirigia um acoplador de fluxo negativo num detonador de fluxo positivo, e usar uma corrente positiva ao invés de um detonador não parecia nada

seguro.

O wookiee contou. Ele tinha razão. Usar um regulador não seria nada seguro. Na verdade, era até mais perigoso.

— Não vamos exagerar aqui, Chewie. Viemos para destruir os cilindros de clonagem, não para derrubar a caverna em cima de nós.

Chewbacca rosnou, com insistência.

— Muito bem, mas então vamos deixar como último recurso.

O wookiee voltou ao trabalho. Lando guardou o desintegrador e apanhou duas cargas em sua mochila. Era bom ele manter-se ocupado enquanto tentava descobrir como iria passar pelas portas lacradas e depois pelos soldados da tropa de choque.

Nesse ponto, as alternativas acabavam por cair de volta à idéia de Chewbacca, e seu esquema de ressonância arritmica do núcleo de energia... e naquele caso, sair dali seria uma questão acadêmica.

Abriendo com a mão um espaço nos cabos de energia, Lando começou a trabalhar.

O contador emitiu seu aviso de cinco segundos... e Wedge inspirou profundamente. Chegara o momento. Esticou a mão para os controles de hiperespaço...

E o céu pintalgado do hiperespaço transformou-se em riscos luminosos, depois em estrelas. Ao seu redor, a Esquadrilha Rogue apareceu, ainda em formação; à frente, padrões de luzes e o contorno de um estaleiro espacial.

Haviam chegado aos estaleiros de Bilbringi. Só que chegaram alguns segundos antes. O que devia significar...

— Alerta de combate! — disse Rogue Dois. — Caças TIE se aproximando, a dois-nove-três, ponto vinte.

— Todas as naves... estado de combate de emergência — comandou a voz grave do almirante Ackbar. — Formação de defesa. Comando de batalha estelar mantenham posição. Parece ser uma armadilha.

— Parece mesmo — resmungou Wedge para si mesmo. Manobrou para bombordo e arriscou-se a dar uma olhada

nos monitores. Com certeza havia cruzadores interceptadores, que os haviam trazido do hiperespaço, recuado do grupo principal de naves que começavam a assumir posições de batalha. A julgar pela forma com que foram abordados, as naves da Nova República não retornariam tão cedo para a velocidade da luz.

A seguir, os caças TIE caíram sobre eles e não houve mais tempo para conjecturar porque o ataque-surpresa planejado com todo cuidado falhara antes mesmo de começar. No momento, a única questão admitida era relativa

à sobrevivência, uma nave e um combate de cada vez.

Os passos aproximavam-se da esquina a dez metros de distância e continuaram em sua direção; Han pressionou o corpo contra uma porta levemente recuada, a única proteção relativa à vista. Abandonou a idéia de que os inimigos não o veriam e preparou-se para o inevitável tiroteio.

Na verdade, não havia motivo algum para que estivessem ali em cima. A julgar pelos relatórios que examinou, parecia que todos os que pudessem segurar um desintegrador se encontrariam vinte andares abaixo, combatendo os nativos, que haviam invadido a guarnição. Os níveis superiores não pareciam estar ocupados e nada havia ali que necessitasse proteção, a não ser C'baoth.

Os passos aproximaram-se. Seria muito azar encontrar um par de desertores querendo fugir da luta.

De repente, a cinco metros de distância, o ruído cessou... e no silêncio que se estabeleceu, ele escutou um arfar.

Fora avistado.

Han não hesitou. Empurrando a porta, ele saltou para o corredor, tentando repetir seu truque anterior, ou pelo menos fazer o melhor que pudesse sem Chewbacca para fornecer apoio. Havia menos gente do que esperara a princípio, e perdeu quase meio segundo apontando o desintegrador na direção deles...

— Han! — gritou Leia. — Não atire!

A surpresa fez com que ele se esquecesse do impulso e o resultado foi um encontrão na parede oposta. Era Leia, mesmo. Acompanhada por Talon Karrde, com aqueles dois mascotes dele.

— O que diabo está fazendo aqui? — indagou ele.

— Luke está em dificuldades — disse ela, sem fôlego, avançando e abraçando-o com força. — Ele está aí na frente, em algum lugar...

— Calma, meu bem — pediu Han, segurando-lhe o braço. — Está tudo bem. Sabíamos dos ysalamiri quando entramos.

— Esse é o problema. Não estão mais aqui. A Força voltou. Pouco antes de você buscar cobertura.

— C'baoth... tem de ser ele — murmurou Han.

— Ele mesmo — confirmou Leia, estremecendo. Han olhou para Karrde.

— Fui contratado para destruir o depósito do Imperador — afirmou o contrabandista. — Trouxe Sturm e Drang para nos ajudar a encontrar Mara.

Han voltou a atenção para os vornskr.

— Trouxe alguém mais com você? — perguntou ele a Leia. Ela balançou a cabeça, numa negativa.

— Encontramos um grupo de soldados três andares abaixo vindo para

esse lado. Nossos dois noghri ficaram atrás para combatê-los.

— E quanto ao seu pessoal? — quis saber Han, olhando para o contrabandista.

— Estão no *Wild Karrde*. Guardando nossa fuga, caso tenhamos a oportunidade de sair daqui.

— Então somos só nós — concluiu Han, girando com Leia e dirigindo-se corredor abaixo. — Vamos, eles estão na sala do trono... sei onde fica.

Enquanto corriam, ele tentou não pensar sobre a última vez em que enfrentara um Jedi do Mal. Fora na Cidade das Nuvens, em Bespin, quando Vader o torturou, depois mandou congelá-lo em carbonita.

De alguma forma, pelo que Luke contara, não esperava que C'baoth fosse tão civilizado.

As lâminas brilhavam, branco-azuladas contra branco-esverdeadas, chiando e zunindo quando encontravam uma à outra, e cortando metal ou qualquer outro material no caminho. Agarrando a grade com as duas mãos, lutando contra o rodaminho que lhe envolvia a mente, Mara observava fascinada o combate que se desenrolava na sala do trono. Era como uma versão distorcida daquela última visão do Imperador no instante de sua destruição, seis anos antes.

Com a exceção que daquela vez não era o Imperador que estava enfrentando a morte. Tratava-se de Skywalker.

E não era visão. Era real.

— Observe bem, Mara Jade — disse C'baoth, do alto dos degraus. — A menos que se curve à minha autoridade, algum dia enfrentará a mesma batalha.

Mara olhou de soslaio para ele. C'baoth observava o duelo que orquestrara com uma fascinação quase mórbida. Ela percebera isso em Jomark, no primeiro encontro. O trabalho que ele realizara para Thrawn fizera com que sentisse o gosto do poder e, a exemplo do Imperador, a quantidade abocanhada não fora suficiente.

Porém, ao contrário do Imperador, ele não se contentaria simplesmente com mundos e exércitos. O império dele seria mais pessoal, com as mentes dos habitantes reformadas segundo a concepção dele.

O que significava que Mara estivera certa em outro ponto: C'baoth era mesmo louco varrido.

— Não é loucura oferecer a riqueza da minha glória aos outros — murmurou ele. — É um presente pelo qual muitos morreriam.

— Você parece estar dando a Skywalker uma ótima oportunidade para fazer isso — resmungou ela.

Além das próprias memórias, ela percebeu o eco da estranha pressão que captava na mente de Skywalker e a presença marcante de C'baoth a dois metros de distância; tentar manter uma linha de raciocínio era como tentar controlar um veleiro numa tempestade.

Porém, havia um padrão mental que o Imperador lhe ensinara muito tempo atrás, um padrão para quando ele quisesse as instruções escondidas

até mesmo de Vader. Se ela conseguisse clarear a mente mais um pouco...

Através do torvelinho, sentiu uma pontada de dor.

— Não tente esconder seus pensamentos de mim, Mara Jade — avisou C'baoth. — Agora você é minha. Não está certo a aprendiz esconder seus pensamentos do mestre.

— Então, já sou sua aprendiz, é? — indagou Mara, procurando ganhar tempo para mais uma tentativa. Desta vez conseguiu. — Pensei que antes eu precisasse ajoelhar a seus pés.

— Você está zombando da minha visão. Mas a verdade é que *vai* ajoelhar-se à minha frente.

— Assim como Skywalker, é isso? Quer dizer, se ele sobreviver...

— Ele será meu. Assim como a irmã dele e os dois filhos — afirmou o Mestre Jedi, com arrogância.

— Sei. E juntos irão curar a Galáxia — disse Mara, experimentando a zona de privacidade que criara em sua mente.

A barreira parecia funcionar. Se pudesse mantê-la apenas mais um pouco...

— Você me desaponta, Mara Jade — disse C'baoth, balançando a cabeça. — Acredita mesmo que eu precise escutar seus pensamentos para decifrar seu coração? Como os seres inferiores da Galáxia, você procura me destruir. Uma idéia tola. Será que o Imperador não lhe ensinou nada sobre o Destino?

— Ele não fez um trabalho muito bom nem ao ler o próprio destino — argumentou Mara.

Reparou que o coração batia forte enquanto observava C'baoth. Se aquela mente errática decidisse que ela representava um perigo verdadeiro e lançasse outra descarga de raios azuis...

O Mestre Jedi sorriu e abriu os braços.

— Você sente vontade de medir forças contra mim, Mara Jade? Pois faça isso.

Por um instante ela o observou, com vontade de tentar. Ele parecia tão idoso e indefeso; ela possuía sua barreira mental e o melhor treinamento em combate desarmado que o Império podia providenciar. Só levaria alguns segundos...

Ela respirou fundo e baixou os olhos. Agora, não. Assim, com essas pressões e distrações a vantagem seria dele.

— Se você me matar agora, não vou poder me ajoelhar à sua frente — resmungou ela, deixando cair os ombros, em atitude de derrota.

— Muito bem — aplaudiu C'baoth. — Isso significa que você tem um pouco de sabedoria, afinal. Veja e aprenda.

Mara voltou-se para a grade. Mas não para observar o duelo. Em algum lugar lá embaixo estava o desintegrador que C'baoth arrancara de sua mão com a Força. Se conseguisse encontrá-lo antes que ele percebesse o que...

No piso inferior, Skywalker saltava outra vez para a passarela. O clone estava preparado para o movimento e impulsionou sua arma para cima, por trás. A lâmina azulada errou o corpo de Skywalker por milímetros, cortando o piso da passarela e uma das vigas de suporte que a prendiam ao teto. Com um ruído de arrepiar os cabelos, o metal cedeu ao peso de Skywalker, derrubando-o.

Chegou ao solo mais ou menos ereto, aterrissando sobre um joelho. Estendeu a mão e o sabre-laser, que ia contra o clone, mudou de direção. Realizou um arco para a mão de Skywalker...

E parou no ar. Skywalker realizou o esforço, os músculos de sua mão retesando-se à medida que a mente trabalhava.

— Assim, não, Jedi Skywalker — disse C'baoth, em tom de reprovação.

Mara olhou e reparou que a mão dele estava estendida na direção do sabre-laser flutuante. O clone, por sua vez, encontrava-se imóvel, como se soubesse que C'baoth estaria a seu lado no combate.

Talvez estivesse. Ou talvez seu corpo fosse apenas uma extensão da mente de C'baoth.

— Este duelo deve prosseguir até a morte — continuou C'baoth. — Deve ser disputado arma contra arma, mente contra mente, alma contra alma. Qualquer coisa menos do que isso indica que não possuem a sabedoria necessária para servir-me.

Skywalker era bom. Com a estranha pressão na mente ele deve ter sabido que não era páreo para a força de C'baoth. Mara sentiu a mudança sutil em sua concentração; e de repente ele balançou o próprio sabre-laser sobre o ombro, o curso da lâmina visando o cabo da arma flutuante.

Porém, se C'baoth não deixou Skywalker desarmar o oponente, também não iria permitir que a arma fosse destruída. Enquanto a lâmina luminosa descia, um pequeno objeto partiu das sombras à direita de Skywalker, acertando-o no ombro e deslocando-o o suficiente para errar o golpe. Um instante mais tarde, o velho Jedi arrancara a arma do controle mental de Skywalker, enviando-o para seu proprietário, do outro lado do aposento. O clone levantou o sabre-laser em posição de defesa; alerta, Skywalker começou a levantar, empunhando a própria arma, disposto a continuar o combate.

No momento, Mara não estava interessada no desenrolar da luta. No chão, talvez a dois metros dos pés de Skywalker, estava o objeto que C'baoth atirara contra ele.

O desintegrador de Mara.

Ela olhou para C'baoth, imaginando se ele a estaria observando. Não estava. Na verdade, não estava enxergando nada, pois os olhos pareciam desfocalizados em algum ponto elevado. Havia um sorriso infantil em seus lábios.

— Ela veio — sussurrou ele, a voz quase inaudível contra o sibilar dos sabres-laser. — Eu sabia que ela viria. Ela está aqui, Mara Jade.

C'baoth apontava na direção do turboelevador que haviam usado, os olhos fitos em Mara. Sem saber se seria capaz, ela desviou o olhar e fitou o ponto indicado. A porta do turboelevador abriu-se e Solo saiu com o desintegrador pronto. Logo atrás dele...

Mara prendeu a respiração e sentiu a tensão tomar conta de seu corpo. Era Leia Organa Solo, segurando um desintegrador numa das mãos e o sabre-laser na outra. Atrás dela, dois vornskr puxavam sua coleira, segura por... Karrde.

Organa Solo? E Karrde?

— Leia... Han... voltem — gritou Skywalker, acima dos ruídos da luta, enquanto os recém-chegados avançavam pela passarela, até a área principal do aposento. — E perigoso...

— Bem vindos, meus novos aprendizes! — gritou C'baoth alegremente, a voz engolindo a de Skywalker. — Venha a mim, Leia Organa Solo. Vou ensinar a você os verdadeiros caminhos da Força.

Solo tinha algo diferente em mente. Apoiou a mão sobre a grade, apontou e disparou.

Porém mesmo enlevado, um Jedi do poder de C'baoth não podia ser vencido com tanta facilidade. A arma de Mara saiu voando do chão para a linha de tiro, provocando uma chuva de fagulhas ao dissipar ali mesmo toda a energia do disparo. O segundo foi bloqueado da mesma forma; o terceiro acertou a fonte de energia da arma, tornando-a uma verdadeira bola de fogo.

O desintegrador foi arrancado da mão de Solo antes que ele tivesse oportunidade de disparar um quarto tiro.

E C'baoth ficou enlouquecido.

Gritou, um guincho horrível de raiva e traição, que pareceu incendiar o próprio ar. Mara encolheu-se quando o som lancinante feriu seus ouvidos.

E no instante seguinte, quase caiu por sobre a grade quando o equivalente do grito em termos de Força a atingiu.

Nunca havia experimentado nada parecido; nem com Vader e nem com o próprio Imperador. A ferocidade animal... a perda total de autocontrole... deram a Mara a impressão de que estava sozinha no meio de uma tempestade súbita e violenta. Onda após onda, a fúria abatia-se sobre ela, arrebatando a

barreira mental que criara e inundando-lhe a mente com o que parecia ser ódio e dor. Ao longe, percebeu que Skywalker e Organa Solo se dobravam com o ataque; escutou ainda os uivos dos vornskr.

E das mãos esticadas de C'baoth irrompeu um feixe de raios.

Mara encolheu-se com a dor que Solo deve ter sentido ao ser atirado para trás, de encontro ao gradil. Através dos estalidos sinistros das faíscas, escutou Organa Solo chamando pelo marido e saltando para o lado dele, acionando o sabre-laser bem a tempo de aparar a terceira descarga com a lâmina esverdeada. Repentinamente, C'baoth colocou os braços para cima e as faíscas foram, de novo, emitidas.

Com um ruído de metal que se arrebenta, a passarela veio abaixo. Girando em torno no único suporte, avançou na direção de Organa Solo.

Ela viu, ou talvez o treinamento de Skywalker a tenha ensinado como usar a Força para antecipar o perigo. Enquanto o enorme peça de metal balançava em sua direção, ela deu um golpe para cima com o sabre-laser, cortando o suporte lateral da passarela, apenas o suficiente para que desviasse a parte central, que passou a alguns centímetros de Solo e caiu à frente de Karrde e seus dois predadores. Mas não houve tempo para livrar-se do pedaço que cortara. Acertou-lhe os ombros, derrubando-a ao chão e arrancando-lhe a arma das mãos.

— Leia! — gritou Skywalker, lançando um olhar angustiado na direção da irmã.

Pareceu ter esquecido da pressão debilitante em sua mente, pois sua luta passou de defesa mecânica para um furioso ataque. O clone recuou perante aquela energia toda, mal conseguindo bloquear os golpes mortais. Saltou para a escadaria, subiu dois degraus na direção de C'baoth, depois saltou para a guarita restante. Por um instante Mara pensou que Skywalker iria persegui-lo para lá, ou cortar a base da plataforma para derrubá-lo.

Contudo, ele não fez nenhuma das duas coisas. A meio caminho da subida na escada, o rosto brilhante de suor, Skywalker olhou para C'baoth com uma expressão que deixou Mara arrepiada.

— Você também procura me destruir, Jedi Skywalker? Tais pensamentos são ilusórios. Eu poderia esmagá-lo como a um inseto.

— Talvez... mas se fizer isso, vai perder a oportunidade de controlar minha mente.

— O que quer?

Skywalker voltou a cabeça para o lado da irmã e de Solo.

— Deixe que eles vão embora. Todos. Agora. Mara também.

— Se eu fizer o que pede? — indagou C'baoth.

Um músculo moveu-se involuntariamente no rosto de Skywalker. Seu

dedo moveu-se e a lâmina do sabre-laser desapareceu.

— Deixe que eles vão embora... e eu fico.

Em algum lugar por perto iniciou-se um ruído de pancadas, adicionando um pulsar irregular aos sons macabros de respiração que sibilavam pela abóbada da caverna de clonagem. Talvez um rifle-desintegrador disparado contra metal pesado, pensou Lando, passando os olhos por todas as portas ao redor da passarela. Até então estavam seguros, mas sabia que isso não iria durar. Os soldados não estavam atirando nas portas para se divertir e, com certeza, haveria uma sacola de explosivos a caminho.

Do outro lado da coluna de equipamentos, Chewbacca rugiu um aviso.

— Estou mantendo a cabeça baixa — garantiu Lando, espiando pela fresta entre dois tubos no labirinto multicolorido.

Onde estaria mesmo aquela conexão da bomba repulsora?

Localizou o ponto procurado e seu comunicador soou uma fração de segundo antes que o de Chewbacca. Esperando ouvir a voz de algum figurão do Império, ele atendeu:

— Aqui Calrissian.

— Ah, general Calrissian... vejo que Artoo teve sucesso em eliminar a interferência — declarou a voz precisa de Threepio. — Foi surpreendente quão pouco tivemos de fazer para...

— Diga a ele que fizeram um ótimo trabalho — cortou Lando. — Mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Os noghri me pediram para perguntar se não querem que voltemos para ajudar.

Mais um estrondo, desta vez mais forte.

— Gostaria que pudessem, mas não conseguiriam chegar a tempo — suspirou Lando, ouvindo mais um estrondo. — Vamos ter de sair daqui por nós mesmos.

Do outro lado da plataforma, o wookiee emitiu a própria opinião.

— Mas se Chewbacca quiser que a gente volte... — começou Threepio.

— Vocês não iriam chegar a tempo — interrompeu Lando, com firmeza. — Diga aos noghri que se quiserem ser úteis podem ir até a sala do trono e dar uma ajuda para Han.

— É um pouco tarde para isso — murmurou uma nova voz.

Lando franziu a testa.

— Han?

— Não, é Talon Karrde — identificou-se o outro. — Vim com a conselheira Organa Solo. Estamos aqui na sala do trono...

— Leia está aqui? Mas que...

— Cale a boca e escute — cortou Karrde. — Aquele Mestre Jedi de Luke, Joruu C’baoth, também está aqui. Ele derrubou Solo e Organa Solo e está fazendo Skywalker lutar o que parece ser um clone dele mesmo. No momento não está prestando atenção em mim... estão conversando os dois. Mas sabe um pouco antes da gente tentar alguma coisa contra ele.

— Pensei que Luke tivesse garantido que a Força estava bloqueada.

— Estava. De algum jeito, C’baoth conseguiu restaurar a Força. Estão aí nos tanques de clonagem?

— Estamos sobre eles, sim. Por quê?

— Organa Solo sugeriu que poderia haver um grande número de ysalamiri espalhados pela área — informou Karrde. — Se puder arrancar alguns de seus nutrientes e trazê-los para cá, podemos ter a chance de impedi-lo.

Chewbacca soltou um rugido lamentoso e Lando sentiu o lábio se retorcer. Então aquele fora o motivo das centenas de explosões que haviam escutado antes.

— E muito tarde. C’baoth conseguiu que todos fossem destruídos.

Houve um instante de silêncio.

— Compreendo. Acho que isso explica tudo. Alguma sugestão?

Lando hesitou.

— Na verdade, não. Se pensarmos em alguma coisa, avisamos.

— Obrigado — disse Karrde, com voz fria. — Estarei esperando.

Escutaram o estalido quando ele saiu do canal.

— Threepio, ainda está aí?

— Sim, senhor.

— Leve Artoo de volta a um terminal de computador — disse Lando. — Peça que ele faça todo o possível para manter os soldados fora do túnel de ar por onde viemos. Então você e os noghri comecem a vir nessa direção.

— Estamos saindo, senhor? — indagou Threepio, parecendo surpreso.

— Isso mesmo — confirmou Lando. — Chewie e eu estamos atrás de você, portanto é melhor andarem depressa se não quiserem ser atropelados. E melhor avisar aqueles noghri que Luke mandou com os myneyrshi, também. Entendeu tudo?

— Sim, senhor — disse o dróide, hesitante. — E quanto a Mestre Luke e os outros?

— Deixe isso comigo. Mãos à obra!

— Sim, senhor — respondeu Threepio, desligando em seguida.

Quebrando o silêncio que se seguiu, Chewbacca fez a pergunta óbvia.

— Não acho que a gente tenha alguma escolha, agora — observou Lando. — Pela forma como Luke e Mara falaram sobre ele, C’baoth é pelo

menos tão perigoso quanto era o Imperador. Talvez mais. Vamos tentar explodir essa coisa toda e, com um pouco de sorte, nosso Mestre Jedi vai junto.

O wookiee objetou.

— Não podemos avisá-los. A não ser depois que já esteja instalado e ativado. Se avisarmos alguém, C’bath vai saber. E talvez tenha tempo para impedir.

Soou mais uma explosão.

— Vamos terminar logo com isso, Chewie — disse Lando, apanhando sua última carga.

Com sorte, teriam tempo de montar o dispositivo de ressonância arrítmica de Chewbacca antes que os soldados das tropas de choque entrassem. Com um pouco mais de sorte, poderiam sair vivos da caverna.

Com um pouco mais, conseguiriam descobrir uma forma de alertar Han e os outros antes que a montanha inteira explodisse sobre eles.

Por um bom tempo a sala do trono ficou silenciosa. Mara olhou para Skywalker, imaginando se ele tinha consciência do que estava dizendo. Oferecer-se para ficar ali, voluntariamente, com C’bath...

O olhar de ambos se encontrou e, apesar da pressão na mente dele, foi possível perceber o medo. Ele sabia o que estava dizendo, sim. E estava consciente. Se C’bath aceitasse sua oferta, iria de boa vontade com o Jedi louco. Sacrificando-se para salvar os amigos.

Incluindo a mulher que jurara matá-lo.

Ela desviou o olhar, sentindo-se incapaz de continuar a observar a cena. Deparou com Karrde, meio escondido atrás dos destroços da passarela, ajoelhado entre os dois vornskr. Falava com os dois, para tranquilizá-los depois da explosão de C’bath. Examinou os animais, mas não lhe pareceram feridos.

O movimento de cabeça deve ter chamado a atenção de Karrde. Olhou para ela, o rosto impassível. Ainda acalmando os vornskr, ele inclinou a cabeça na direção de Solo e de Organa Solo. Franzindo a testa, Mara seguiu-lhe o olhar...

E ficou aturdida. Atrás da passarela caída, Solo se movia. Devagar, apenas alguns centímetros por vez, arrastava-se pelo assoalho.

Na direção do desintegrador que Organa Solo havia largado.

— Você está pedindo demais, Jedi Skywalker — avisou C’bath, com voz suave. — Mara Jade será minha. Precisa ser minha. E o que o destino ordena, pela Força. Nem mesmo você pode se sobrepor a isso.

— Certo — disse Mara, encarando C’bath, e tentando colocar o máximo de sarcasmo possível na voz. Precisava atrair a atenção de C’bath,

para que não reparasse no outro extremo do aposento. — Ainda preciso ajoelhar aos seus pés, lembra?

— Está me insultando, Mara Jade? — disse C'baoth, sorrindo para ela. — Ainda acredita que sou assim tão iludido?

Sem deixar de observá-la, ele apontou um dedo.

E quando Solo esticava a mão para a arma, esta deslizou meio metro para fora de seu alcance. Da plataforma veio um leve ruído.

— Cuidado, Skywalker! — gritou Mara.

Ele girou, já acionando o sabre-laser, pronto a aparar o golpe. A coragem, ou a energia voltara ao clone, que estava a meio de um salto, com a lâmina voltada para baixo. As duas lâminas chocaram-se e o impacto impulsionou Skywalker para a borda da escadaria. Ele tentou manter o equilíbrio, mas caiu no degrau de baixo.

Mara olhou para Solo enquanto o clone atacava. Se o clone fosse apenas uma extensão da mente de C'baoth...

Mas, não. Enquanto Solo tentava outra vez apanhar o desintegrador, este deslizou mais uma vez para fora de seu alcance. Mesmo que C'baoth estivesse gastando alguma energia no duelo, possuía concentração suficiente para brincar com seus prisioneiros.

— Está vendo, Mara Jade? É inevitável... eu vou governar. E com Skywalker e a irmã dele, você vai servir ao meu lado. E seremos grandes juntos.

A fúria passara, assim como o breve divertimento com os prisioneiros; era hora de retornar à importante tarefa de construir o Império.

De repente, ele deu um passo para trás, afastando-se da grade. Bem a tempo de evitar Skywalker, que caiu de costas, vindo do nível mais baixo, onde lutava. Aterrissou de costas para Mara, lutando para não perder o equilíbrio. Outro clarão, desta vez azul, e o clone saltou por sobre a grade, balançando sua arma. Skywalker recuou e, além dele, Mara viu C'baoth recuar também um passo. O clone continuou atacando quando atingiu o solo, em amplos arcos horizontais. Skywalker continuou recuando, sem se dar conta de que ia em direção a uma parede sólida de pedra.

Contra a qual ficaria encurralado.

Passaram por ela e Mara descobriu que C'baoth ainda a fitava.

— Como eu disse, Mara Jade. É inevitável. E com você e Skywalker a meu lado, as pessoas inferiores da Galáxia vão nos seguir como folhas ao vento. Seus corações e almas serão nossos.

Olhou para o outro lado da sala e gesticulou. Ainda abaixado atrás dos destroços metálicos, Karrde teve uma surpresa quando seu desintegrador saiu do coldre e flutuou pelo ar, na direção de C'baoth. A meio caminho de

lá recebeu a companhia do sabre-laser que Organa Solo deixara cair e o desintegrador que Solo tentava alcançar.

— Assim como suas armas insignificantes — declarou o Mestre Jedi, estendendo a mão de forma casual para apanhar as armas e observando o combate, que se aproximava do desenlace final.

Era a chance pela qual Mara estivera esperando. Possivelmente a última chance que teria. Projetando a mente no caos circundante, focalizou os olhos nas armas que flutuavam pelo aposento, na direção das mãos de C'baoth. Sentiu o controle displicente que ele aplicava...

O sabre-laser de Organa Solo realizou um arco, vindo pousar em sua mão.

C'baoth girou para enfrentá-la, deixando os desintegradores caírem nas escadas.

— Não! — gritou ele, o rosto contorcendo-se com medo, confusão e pavor.

Mara sentiu-lhe o controle hesitante sobre o sabre-laser, mas ali também havia confusão e dessa vez ele não tinha o elemento surpresa a seu lado. No devido tempo, ele se recobriria do choque, mas Mara não tinha intenção de dar-lhe essa vantagem. Acionando a lâmina, ela atacou.

O clone deve tê-la escutado quando se aproximava; o som característico do sabre-laser não deixava margem a dúvidas. Porém, com Skywalker contra a parede, a tentação de terminar com um adversário primeiro foi grande demais para resistir. Vibrou novo golpe, a lâmina azulada penetrando na parede quando Skywalker abaixou-se...

E com um clarão típico, o cristal quebrou-se, revelando os componentes eletrônicos que explodiram, por sobre a cabeça e os ombros de Skywalker, direto no rosto do clone.

Afinal de contas, não era uma parede e sim um dos grandes monitores da sala do trono.

O clone Luke berrou, emitindo o primeiro som desde que Mara o vira. Girou na direção do som do sabre-laser, o rosto transtornado de dor e raiva, os olhos ainda ofuscados. Levantou a arma para atacar...

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Ela abaixou-se sob a lâmina luminosa, sem tirar os olhos do rosto do adversário. As feições que a haviam assombrado os pesadelos por quase seis anos. O rosto que o Imperador lhe ordenara destruir.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

Pela primeira vez desde que encontrara Skywalker e seu asa-X danificado no espaço, ela deixou que a voz tomasse conta de sua mente. Com toda a força, girou seu sabre-laser e abateu o inimigo.

O clone caiu, logo depois de sua arma.

Mara olhou para ele... e respirou o mais fundo que pôde, pois a voz em sua mente desaparecera.

Terminara. Cumprira a última ordem do Imperador.

Finalmente, estava livre.

— Parece que todos estão aqui, capitão — observou Thrawn, olhando através do visor da ponte de comando para as naves distribuídas ao longo das bordas do campo gravitacional emitido pelo cruzador interceptador. — Instrua o *Esmagador* e o *Sentinela* para deixar o trabalho de apreensão e assumirem suas posições na linha demarcatória. Todas as naves: preparar para atacar o inimigo.

— Sim, senhor — disse Pellaeon, balançando a cabeça maravilhado enquanto digitava as ordens.

Mais uma vez, contra todas as evidências, o Grande Almirante provou ter razão. A frota Rebelde chegara.

E, com certeza, estariam imaginando o que acontecera com seu truque.

— Me ocorre, Grande Almirante, que talvez não seja interessante destruir a todos — sugeriu ele. — Deveríamos permitir que alguém voltasse a Coruscant para dizer como foram vencidos pelos mais espertos.

— Concorde, capitão. Mas duvido que essa fosse a interpretação deles. E mais provável que concluam terem sido traídos.

— Provavelmente — concordou Pellaeon, olhando em volta a ponte de comando. — Mas isso também pode trabalhar a nosso favor.

Imaginara ter escutado um ruído, algo como um equipamento vibrando demais, ou alguém limpando a garganta com um som grave. Prestou atenção, mas o som não se repetiu.

— E verdade — admitiu Thrawn. — Acha que devemos designar a nave do almirante Ackbar para levar nossa mensagem?

Pellaeon sorriu. Ackbar. Que acabara de escapar da acusação de traição do conselheiro Borsk Fey'lya e de incompetência pelo ataque aos estaleiros de Sluis Van. Desta vez não escaparia com facilidade.

— Seria um belo toque, Grande Almirante.

— Obrigado, capitão.

Pellaeon olhou para Rukh, em guarda silenciosa atrás da cadeira de Thrawn e imaginou se o noghri conseguia apreciar a ironia da situação. Como a espécie não tinha sofisticação alguma, não acreditava nisso.

A frente, o espaço estava enchendo-se de disparos, pois as esquadrilhas de caças se encontravam. Acomodando-se confortável no assento, Pellaeon

observou seus monitores e preparou-se para a batalha. Para a batalha e para a vitória.

— Cuidado, Rogue Líder, tem dois na sua cauda — avisou Rogue Dois no ouvido de Wedge. — Rogue Seis?

— Estou com você, Rogue Dois. Golpe duplo no três. Um, dois...

Preparando-se, Wedge atirou o asa-X numa espiral em tesoura, o mais rápido que pôde. Os dois caças TIE, tentando alcançá-lo, e ao mesmo tempo não atirar um no outro, nem viram quando os asa-X assumiram posição atrás deles. Duas explosões mais tarde e Wedge estava livre.

— Obrigado, pessoal.

— Tudo bem. E agora?

— Não sei — admitiu Wedge, olhando ao redor.

Até então, o almirante Ackbar ainda conseguia manter seus cruzadores estelares em formação de combate. Porém pela forma como as naves de apoio periférico estavam sendo atingidas pelo Império, tudo poderia dissolver-se de um instante para outro. Nesse caso, as esquadrilhas de caça estariam por conta própria, acertando o que quer que conseguissem.

O que, de qualquer forma, correspondia ao que estavam fazendo agora. O truque seria arranjar alguma coisa que valesse a pena atingir...

Rogue Dois estava chegando a conclusões similares.

— Sabe, Rogue Líder, me ocorreu que aquelas naves não teriam tanto poder de fogo se fossem obrigadas a defender seus estaleiros ao mesmo tempo.

Wedge voltou o pescoço para observar um grupo de luzes à distância. Em silhueta contra eles, podiam divisar as linhas duras e escuras de pelo menos quatro estações Golan II de combate.

— Concorde. Mas acho que seria necessário algo mais do que um ataque de caças, mesmo sendo a famosa Esquadrilha Rogue...

— Comandante Antilles, aqui é o Centro de Comunicações da Frota — interrompeu uma voz impessoal. — Tenho um sinal codificado e urgente, chegando num correio diplomático da Nova República. Quer se incomodar com o assunto?

— Correio diplomático codificado? Aqui?

— Suponho que sim, senhor, mas na verdade não sei. Vou ligar.

— Oi, Antilles — cumprimentou uma voz, familiar. — Que bom ver você de novo.

— O sentimento é mútuo, com certeza... *quem* está falando?

— Ora, que é isso? Já esqueceu aqueles momentos maravilhosos que passamos na cantina em Mumbri Storve?

— Mumbri Storve... Aves?

— Isso, assim está bom. Sua memória está melhorando.

— Vocês estão começando a ficar difíceis de esquecer — comentou Wedge. — Onde estão?

— Bem ao lado desse grupo de luzes fortes do Império, no seu flanco — informou Aves, com voz magoada. — Você bem que podia ter me dito que atacaria esse lugar ao invés de Tangrene.

— E eu gostaria que você tivesse me contado sobre o que era aquele seu trabalhinho — respondeu Wedge. — Fizemos um bom trabalho enganando um ao outro, não foi?

— Foi mesmo. Enganamos todo mundo, a não ser o Grande Almirante.

— E o que o levou a chamar? Foi só um contato social?

— Poderia ser. Ou não. Veja, em mais ou menos noventa segundos alguns de nós vão tentar apanhar o emissor CGT que pretendemos levar. Afinal, é uma rápida despedida. Depois saímos à força.

Sair à força de um estaleiro do Império. Ele dizia isso como se fosse fácil.

— Boa sorte.

— Obrigado. O motivo que estou mencionando isso, é que não importa qual direção a gente escolha. Mas poderia fazer diferença para você.

— Já que você mencionou, até que poderia — sorriu Wedge. — Como, por exemplo, se você sáísse perto daquelas duas estações Golan e talvez acertar nelas por trás na saída?

— Parece uma boa rota para mim — concordou Aves. — Claro, vai ficar difícil fora do perímetro... todas aquelas naves trocando tiros por lá. Suponho que vocês poderiam nos escotar daquele ponto em diante?

Wedge olhou para as luzes, pensando no assunto. Poderia funcionar, sim. Se o pessoal de Aves fosse capaz de acertar pelo menos uma das estações de combate, o estaleiro ficaria exposto aos ataques da Nova República. A menos que os homens do Império quisessem sacrificá-lo, teriam de destacar algumas naves para preencher a lacuna e perseguir as naves que tivessem penetrado.

E do ponto de vista dos contrabandistas, ter uma escolta de caças da Nova República para abrir caminho era a melhor cobertura que poderiam obter nas redondezas. Parecia uma troca justa.

— Negócio fechado — disse ele a Aves. — Me dê dois minutos para providenciar essa escolta.

— Uma *escolta amigável*, não se esqueça. Se é que entende o que eu digo — avisou Aves.

— Entendo o que você quer dizer. Não se preocupe, eu mantenho tudo

em segredo.

A tradicional inimizade dos mon calamari pelos contrabandistas era voz corrente. Wedge não queria despertá-la mais do que Aves. Provavelmente fora esse o motivo de Aves ter vindo a ele ao invés e oferecer ajuda a Ackbar ou algum outro comandante da frota.

— Certo... Parece que lá vai a primeira carga. Vejo você depois.

O canal foi desligado.

— Vamos até lá? — quis saber Rogue Onze.

— Vamos — confirmou Wedge, manobrando o asa-X para estibordo. — Rogue Dois, dê ao comando uma atualização breve e diga que precisamos de apoio. Não mencione Aves... diga que estamos coordenando uma ação com um grupo independente de resistência, no interior dos estaleiros.

— Certo, Rogue Líder.

— E se Ackbar resolver não arriscar? — indagou Rogue Sete.

Wedge olhou para as luzes do estaleiro. Mais uma vez, como já acontecera em tantas oportunidades, tudo se resumia a uma questão de confiança. Confiança num garoto de fazenda, recém-chegado do interior, para liderar o ataque à primeira Estrela da Morte. Confiança num ex-jogador, que podia ou não ter experiência de combate, para liderar o ataque à segunda Estrela da Morte. E agora, confiança num contrabandista que poderia muito bem traí-lo por um bom preço.

— Não importa. Com ou sem apoio, vamos até lá.

O sabre-laser de Mara cortou impiedosamente o clone Luke. O clone caiu e sua arma retiniu no chão até imobilizar-se.

De repente a pressão na mente de Luke desapareceu.

Ele levantou-se em frente ao mecanismo do monitor que ainda soltava fagulhas, para onde atraía o inimigo e teve a impressão de respirar o primeiro ar limpo em várias horas. A provação terminara.

— Obrigado — disse ele, em voz baixa. Ela afastou-se do clone morto.

— Não tem de quê. A cabeça está clara agora?

Então ela conseguira sentir a pressão em sua cabeça. Pensou um pouco sobre isso.

— Está. E a sua?

Mara atirou-lhe um olhar entre meio divertido e meio irônico. Mas pela primeira vez desde que se conheceram, percebeu que não havia mais dor ou ódio nos olhos dela.

— Fiz o que ele queria que eu fizesse. Agora acabou. Luke olhou para o outro lado da sala do trono. Karrde amarrara as correias dos vornskr à grade da passarela destrocada e avançava com cautela. Han, já em pé, ajudava

Leia, que parecia tonta ainda, a sair debaixo dos escombros.

— Leia? Você está bem? — quis saber Luke.

— Estou ótima... só um pouco tonta — respondeu ela. — Vamos sair daqui, sim?

Luke voltou-se para C'baoth. O velho Jedi fitava o clone morto, as mãos abrindo e fechando ao lado do corpo, e os olhos perdidos, sem o menor traço de sanidade.

— Vamos, sim. Mara?

— Vão na frente. Estarei com vocês em menos de um minuto.

Luke encarou-a.

— O que pretende fazer?

— O que acha? Terminar o serviço. Como eu devia ter feito em Jomark.

Lentamente, C'baoth levantou os olhos para ela.

— Vai morrer por isso, Mara Jade — afirmou ele, a voz baixa e ameaçadora. — Bem devagar e com dores horríveis.

Ele inspirou, fechou os olhos e cerrou as duas mãos à altura do peito.

— Isso é o que nós vamos ver — resmungou Mara. Levantou o sabre-laser e avançou contra ele. Começou com um tremor distante, mais sentido do que

ouvido. Luke olhou ao redor da sala, os sentidos vibrando com a premonição do perigo. Mas não pode perceber nada ali. O som aumentou de intensidade e profundidade...

E com uma grande explosão, as secções da sala do trono acima dele e de Mara desabaram, numa chuva de fragmentos.

— Cuidado! — gritou Luke, usando os braços para proteger a cabeça e a nuca, e tentando saltar para longe.

Porém, o foco da tempestade de pedra moveu-se com ele. Tentou outra vez, dessa vez quase perdendo o equilíbrio quando seu pé ficou preso na camada já funda de britas pouco menores do que punhos. O número era grande demais para usar a Força e os pequenos projéteis continuavam caindo sobre ele. Através da poeira, enxergou Mara retorcendo-se num outro foco de queda de pedras, tentando cobrir a cabeça com uma das mãos, enquanto a outra brandia inútil o sabre-laser. Do outro lado da sala do trono, Luke escutou Han gritando alguma coisa, e supôs que eles também estariam sofrendo o mesmo tipo de ataque.

Incólume, sem ser atingido pela tempestade de pedras que provocara, C'baoth levantou as mãos.

— Sou o Mestre Jedi C'baoth! — gritou ele, a voz acima do troar no aposento. — O Império... o Universo... é meu.

Luke baixou seu sabre-laser de volta à posição, os sentidos repletos da

sensação de perigo. Porém uma vez mais, o conhecimento não lhe trazia nenhum benefício. Os raios azulados que C'baoth emitiu atingiram de novo sua arma, o impacto desequilibrando-o e fazendo-o cair de joelhos. Enquanto lutava para levantar-se, uma das pedras atingiu-lhe o lado da cabeça. O corpo caiu de lado, apoiado numa das mãos. Outra vez as terríveis faíscas azuladas foram projetadas das mãos do Mestre Jedi enfurecido. O sabre-laser foi arrancado de suas mãos; através de uma névoa ele o viu ser atirado para o outro lado da sala do trono.

— Pare! — gritou Mara. — Se vai todo mundo, faça isso de uma vez.

Luke percebeu que ela estava enterrada até os joelhos nas pedras, a lâmina movendo-se inutilmente, tentando afastá-las.

— Paciência, minha futura aprendiz. Você não pode morrer ainda. Não até que eu a leve até a câmara de clonagem do Grande Almirante.

Entre a nuvem de poeira, Luke notou o sorriso sonhador de C'baoth e a expressão desesperada de Mara.

— O quê?

— Eu previ que Mara Jade iria ajoelhar-se à minha frente — lembrou C'baoth. — Uma Mara Jade... ou outra.

— Está pronto — disse Lando, ligando o detonador à última carga. — Mais um pouco e estamos fora daqui.

Do outro lado da coluna de equipamentos, Chewbacca ros-nou seu assentimento. Apanhando o desintegrador, Lando ficou em pé, dando a cada uma das portas uma rápida olhada. Até então, tudo bem. Se pudessem manter os soldados fora só mais dois minutos, o suficiente para que ele e o wookie saíssem da plataforma de trabalho...

Chewbacca rugiu um aviso. Apurando os ouvidos, Lando percebeu o zunido malévolos do acoplador de fluxo negativo, já em posição.

— Ótimo, Chewie. Vamos indo — disse Lando, erguendo-se e caminhando para o outro extremo da ponte...

Quando a porta bem em frente explodiu.

— Cuidado! — gritou ele, atirando-se ao piso metálico.

Imediatamente começou a disparar contra a nuvem de fumaça que se evolava da abertura. As faíscas azuis dos desintegradores indicavam a potência controlada utilizada contra eles. Atrás dele, o som da besta de Chewbacca respondia, a intervalos regulares. Não tinham conseguido os dois minutos.

Colando o rosto ao metal do piso, Lando observou a estrutura da ponte. Os dois corrimãos finos, mas resistentes, apoiando os dois lados...

Era uma idéia maluca. Mas isso não significava que não funcionaria.

— Chewie, venha até aqui — chamou ele, rolando de lado e localizando o painel de controle, no alto da plataforma de trabalho. Controle de extensão... parada de emergência...

A ponte balançou quando Chewbacca caiu a seu lado.

— Mantenha-os ocupados — pediu Lando.

Com agilidade, pulou para cima, atingindo o controle de retração e parada de emergência, em rápida sucessão. A ponte retraiu-se o suficiente apenas para que os corrimãos se desengatassem.

Chewbacca rugiu sua pergunta, à medida que a ponte inclinava-se sob o peso dos dois.

— Você vai ver. Segure no corrimão e continue disparando. Enquanto duas portas mais explodiam, Lando encontrou um apoio firme e começou a disparar.

Mas não em direção aos soldados das tropas de choque que os atacavam, de toda a passarela. Os disparos foram dirigidos ao extremo da ponte, fazendo estragos no assoalho e na estrutura de sustentação. A ponte inclinou-se mais um pouco e Lando continuou atirando para destruir a sustentação. Ao lado, Chewbacca usou uma frase que Lando jamais escutara antes...

E com um ruído horrível de metal destroçado, a ponte ruiu. Ligada à passarela apenas pelos corrimãos, ainda intactos, girou para baixo. Lando agarrou-se ao metal enquanto sua posição passava de horizontal para vertical...

Com um impacto que lhe abalou o cérebro, a ponte bateu contra a grade, três andares abaixo.

— Nós ficamos aqui. Pule! — gritou ele, assim que conseguiu falar.

O aviso fora desnecessário. Vindo de uma espécie arborícola, o wookiee já saltara e ainda auxiliou o pulo de Lando. Começaram a correr.

Estavam a meio caminho da porta de saída, abrigando-se entre as fileiras de cilindros spaarti, quando a coluna central explodiu.

As cargas foram as primeiras, arrebentando feixes de cabos e canos, e produzindo uma série de bolas de fogo ao redor da coluna. Uma nuvem de fumaça misturava-se aos nutrientes vaporizados e à poeira, num rodamoinho de aparência doentia; por todos os lados, fluidos opacos e multicoloridos começaram a espirrar. A plataforma de trabalho onde haviam pisado saiu dos suportes e deslizou ao longo da coluna, rasgando e danificando mais equipamento ao longo da queda. Do interior da nuvem veio o ruído de estalidos dos circuitos abertos, provocando explosões secundárias na coluna central.

Os grandes suportes da base cederam com um guincho desagradável e

pedaços enormes de equipamento caíram, aumentando a destruição.

Chewbacca rosnou.

— Nem eu. Vamos sair logo daqui — respondeu Lando. Dez segundos mais tarde, passando com facilidade pelo

único guarda deixado naquele andar, haviam saído. Estavam a dois corredores de distância quando sentiram a vibração provocada pela queda da coluna central na caverna.

Lando só parou para orientar-se quando atingiram um corredor lateral. Toda a área parecia deserta; Artoo fizera um bom trabalho na redistribuição das tropas inimigas.

— A saída fica naquela direção — disse ele por fim, tirando o comunicador do cinto. — Vamos avisar os outros e cair fora daqui.

Pressionou o controle para falar com Han... E um troar alto, parecido com interferência, soou no aparelho.

— Han?

— Lando? — respondeu uma voz quase inaudível por causa do barulho.

— Isso. O que está acontecendo por aí?

— Esse Jedi maluco está derrubando o teto em cima de nós — berrou Han. — Leia e eu temos proteção, mas ele pegou Luke e Mara em espaço aberto. Onde está você?

— Perto da caverna de clonagem. Quer que a gente vá ajudar? — ofereceu Lando.

Se a teoria da ressonância arritmica funcionasse, um dos reatores da montanha iria começar a apresentar instabilidades.

— Não se incomode — afirmou a voz de Karrde. — Já tem uma pilha enorme de pedras na frente da porta do turbocorredor. Parece que vamos ficar aqui para sempre.

Chewbacca rugiu, exprimindo sua frustração.

— Esqueça, Chewie, você não pode fazer nada — declarou Han. — Ainda temos Luke e Mara... talvez consigam pará-lo.

— E se não conseguirem? — indagou Lando, um bolo formando-se no estômago. — Escute... vocês não têm muito tempo... acho que provocamos uma ressonância arritmica no âmag do reator.

— Ótimo. Isso significa que C'baoth também não vai sair

— disse Han.

— Han...

— Vamos, saia logo daí — interrompeu Han. — Chewie, foi ótimo; mas se não conseguirmos sair daqui, alguém além de Winter precisa cuidar de Jacen e Jaina. Entendeu bem?

— O *Wild Karrde* deve estar no lugar por onde entraram — disse

Karrde. — Estão esperando vocês.

— Certo. Boa sorte — desejou Lando, os dentes cerrados com força.

Desligou e enfiou o comunicador de volta ao cinto. Han tinha razão, não havia nada que pudessem fazer contra C’baoth de onde estavam. Mas com os canhões turbolaser do *Wild Karrde* e as plantas de Artoo...

— Vamos indo, Chewie — disse ele, começando a correr.

— Ainda não acabou.

— Talvez seja para melhor — murmurou C’baoth, olhando triste para Luke ao aproximar-se dele.

Piscando em virtude da poeira nos olhos, Luke olhou para o velho Jedi, tentando controlar a agonia que se formava em seu interior.

Sentia o peso da derrota. Ajoelhado no chão, preso nas pedras até a cintura, e embaixo da chuva incessante, enfrentava um Mestre Jedi que desejava matá-lo...

Mas, não. *Um Jedi precisa agir quando está calmo. Em paz com a Força.*

— Mestre C’baoth, escute — disse ele. — O senhor não está bem. Sei disso. Mas posso ajudá-lo.

Uma dezena de expressões cruzou o rosto de C’baoth, como se ele estivesse experimentando várias emoções em seguida.

— É mesmo? E por que você faria isso por mim?

— Porque você precisa — afirmou Luke. — E porque precisamos de você. Você tem muita experiência e poder, que podia usar para o bem da Nova República.

— O Mestre Jedi Joruu C’baoth não serve aos inferiores, Jedi Skywalker.

— Por quê não? Todos os grandes Mestres Jedi da Velha República fizeram isso...

— E foi o erro deles — cortou C’baoth, apontando um dedo para Luke.

— Por isso os seres inferiores se rebelaram e acabaram com eles.

— Mas eles não...

— Chega! — rugiu C’baoth. — Não interessa por que você acha que as pessoas precisam de mim. Sou *eu* quem decide isso. Eles aceitarão minha lei, ou morrerão. Você teve essa escolha, Jedi Skywalker. E mais... você poderia ter reinado a meu lado. Ao invés disso, preferiu a morte.

Luke sentiu uma gota de suor ou sangue escorrer pelo rosto.

— E quanto a Mara?

O Mestre Jedi balançou a cabeça, numa negativa.

— Mara Jade não é mais problema seu. De agora em diante, eu lido com ela. E vou fazer isso mais tarde.

— Não vai, não. Vai fazer isso *agora* — disse ela.

Luke olhou para ela. As pedras ainda caíam sobre sua cabeça, mas a pilha que a prendia havia sumido. Para espanto seu, constatou que ela não estivera cortando as pedras com a arma, e sim o assoalho; isso provocara o escoamento das pedras para o espaço abaixo.

Levantando o sabre-laser, ela atacou.

C’bath girou para enfrentá-la, o rosto contorcido pela raiva.

— Não! — Gritou ele.

De novo, as faíscas azuladas brotaram de seus dedos. Mara apanhou a carga com o sabre-laser, interrompendo a corrida à medida que era envolvida por um contorno azulado. C’bath continuou emitindo as faíscas enquanto recuava na direção do trono e Mara se manteve avançando devagar, num esforço doloroso.

Repentinamente a queda de pedras sobre ela cessou. Da pilha que cercava Luke, vários pedaços voaram na direção de C’bath, passando por trás dele e partindo direto para o rosto de Mara. Ela inclinou-se para trás, apertando os olhos e defendendo-se com o cotovelo do braço livre.

Luke cerrou os dentes, realizando um esforço para afastar as pedras que lhe tolhiam os movimentos. Não podia deixar que Mara lutasse sozinha contra ele. Porém a tentativa não resultou em nada; os músculos ainda estavam enfraquecidos pelo último ataque de C’bath. Tentou outra vez, ignorando a dor que lhe percorreu o corpo. Olhou para Mara...

E percebeu que o rosto dela se alterou. Franziu a testa, e escutou a voz de Leia, falando na mente dela...

Mantenha os olhos fechados Mara e escute minha voz. Posso enxergar; vou guiá-la.

— Não! — gritou C’bath. — Não! Ela é minha.

Luke olhou para o outro lado da sala do trono, imaginando o que C’bath poderia fazer contra Leia. Mas não aconteceu nada. Mesmo as pedras haviam cessado de cair ali. Talvez a longa batalha estivesse começando a drenar a energia de C’bath e ele não podia mais arriscar-se a dividir a atenção.

Além da passarela, meio enterrado na pilha de pedras que agora bloqueava a porta do turbocavaleiro, Luke divisou o brilho metálico de seu sabre-laser. Se pudesse trazê-lo para ajudar Mara...

Então outro movimento captou a atenção de seus olhos: amarrados à passarela e incólumes, os dois vornskr de Karrde tentavam libertar-se das correias. Olhavam, raivosos, na direção de Mara e C’bath.

Um vornskr selvagem quase matara Mara durante o trajeto pela floresta de Myrkr. Parecia justo que agora ajudassem a salvá-la. O sabre-laser

moveu-se sob seu comando e elevou-se no ar, livre da pilha de pedras, a lâmina verde e brilhante produzindo faíscas nas pedras que tocava. Luke aumentou sua força e a arma veio pelos ares em sua direção.

Ao passar pela passarela, a trajetória da lâmina passou pelas correias esticadas dos dois predadores.

C'baoth percebeu que eles vinham, claro. Estava com as costas quase na parede atrás do trono, e dispersou sua atenção, enviando uma descarga na direção dos vornskr quando atingiram a escadaria. Um deles uivou, encolheu-se e caiu ao chão, o outro vacilou, mas continuou avançando.

Essa distração era tudo o que Mara precisava. Ela saltou para a frente com as pedras ainda batendo contra o rosto, cobrindo a distância até C'baoth; ele voltou-se procurando em desespero atingi-la.

Mara caiu de joelhos e impulsionou o sabre-laser para cima.

Com um último gemido, C'baoth cambaleou...

E assim como acontecera com o Imperador na Estrela da Morte, a energia do lado negro que havia nele explodiu numa bola de fogo azulado.

Luke estava preparado. Usando cada reserva de suas forças, agarrou Mara com a Força, afastando-a do estouro de energia tão rápido quanto pôde. Sentiu a onda de impacto chegar e só veio algum alívio quando Leia juntou-se a ele.

De repente, tudo terminara.

Por um bom tempo ele permaneceu onde estava, lutando contra a inconsciência e procurando respirar. Vagamente, percebeu que retiravam as pedras à sua volta.

— Você está bem, Luke? — indagou Leia.

Forçou-se a abrir os olhos. Cobertos de pequenos arranhões e poeira, não melhoraram muito sua visão.

— Estou bem — respondeu ele, ajudando a retirar as últimas pedras de sobre as pernas. — E os outros?

— Não estão mal — afirmou ela, ajudando-o a levantar-se. — Mas Han vai precisar de tratamento médico. Está bastante queimado.

— Mara também — disse Karrde, subindo os degraus com Mara no colo, inconsciente. — Precisamos levá-la para o *Wild Karrde* o mais rápido possível.

— Nesse caso, ligue para eles — sugeriu Han, ajoelhado ao lado do clone morto. — Diga para virem nos apanhar.

— Nos apanhar onde?

— Bem ali — disse Han, apontando o local onde C'baoth morrera.

Luke voltou-se e olhou. A enorme descarga do lado negro da Força havia destruído aquele trecho da sala do trono. As paredes e o teto ficaram

escurecidos como se queimados; o metal onde C'baoth pisara estava torto e meio derretido; o trono em si fora arrancado e estava a um metro de sua base.

E na escuridão além, através da cratera formada na parede traseira, ele enxergou o brilho cintilante de uma estrela.

— Certo — concordou Luke, respirando fundo. — Leia?

— Estou vendo — disse ela passando-lhe o sabre-laser e apanhando o próprio. — Vamos ao trabalho.

As duas fragatas de assalto rebeldes irromperam uma de cada lado da estação de combate Golan II, atirando cargas completas desde a chegada. Uma secção da estação apagou-se; contra esse fundo escuro destacou-se a nova onda de caças rebeldes espalhando-se pelo estaleiro mais além.

Pellaeon não sorria mais.

— Não entre em pânico, capitão — disse Thrawn, ele mesmo soando desanimado. — Não estamos derrotados ainda. Nem de longe.

O console emitiu seu sinal. Pellaeon olhou na direção do som.

— Senhor, estamos recebendo uma mensagem prioritária vinda de Wayland — anunciou ele a Thrawn, um horrível pressentimento começando a formar-se. Wayland... a fábrica de clones.

— Leia, capitão.

— Está sendo decodificada. Começa a chegar, senhor — disse Pellaeon, ansioso, com os dedos tamborilando no console. Era o que ele temia. — A montanha está sendo atacada, senhor. Duas forças diferentes de nativos, mais um grupo de sabota-dores rebeldes, mais... — interrompeu-se, incrédulo. — Um grupo noghri...

Nunca chegou a terminar de ler aquele relatório. De repente surgiu do nada a mão de pele escura, que o golpeou na garganta.

O corpo caiu sobre o assento, flácido.

— Pela traição do Império contra o povo noghri — disse baixo a voz de Rukh. — Fomos traídos. Agora nos vingamos.

Num sussurro de movimento, ele se foi. Ainda tentando respirar e lutando contra a inércia de seus músculos, Pellaeon lutou para erguer a mão até o console. Com um esforço desesperado, acabou conseguindo apoiá-la na borda. Em três tentativas conseguiu disparar o alarme de emergência.

Enquanto a sirene uivava no interior do destróier estelar, no meio da batalha, o capitão conseguiu virar a cabeça para o lado do Grande Almirante.

Thrawn estava sentado ereto em seu lugar, com o rosto calmo. No meio do peito, uma mancha vermelha espalhava-se ao longo do branco impecável do uniforme de Grande Almirante. No centro da mancha brilhava a ponta da

faca de Rukh.

Thrawn percebeu que ele estava observando e para seu espanto, sorriu.

— Foi feito com arte — murmurou ele.

O sorriso desapareceu. O brilho nos olhos vermelhos esmaeceu... e Thrawn, o Grande Almirante, se foi.

— Capitão Pellaeon? — chamou o oficial de comunicações.

— O *Nêmesis* e o *Tempestade* estão pedindo ordens. O que eu digo a eles?

A equipe médica entrou no aposento, correndo tardiamente para o assento do Grande Almirante. Pellaeon voltou os olhos para o visor. Em meio ao caos que irrompera atrás das linhas de defesa supostamente seguras do estaleiro; viram-se perante a necessidade de dividir as forças para a defesa planetária, e os Rebeldes aproveitaram a oportunidade. Num piscar de olhos, as coisas haviam tomado um rumo oposto.

Thrawn ainda podia extrair dali uma vitória para o Império. Mas ele, Pellaeon, não era um Grande Almirante.

— Sinalize a todas as naves — articulou ele, com dificuldade. A dor incomodava, mas parecia desligada de seu corpo.

— Preparem-se para a retirada.

O sol acabara de esconder-se atrás da fina camada de nuvens ocidentais e as cores do ocaso já se irmanavam na escuridão da noite de Coruscant. Apoiada no muro alto de pedra que corria pelo perímetro do terraço sobre o Palácio Imperial, Mara prestou atenção aos sons da brisa, fitando as luzes noturnas dos veículos em trânsito pela Cidade Imperial, abaixo. Apesar da atividade, havia algo de relaxante ali.

Ou talvez a paz estivesse agora em seu interior. De qualquer forma, era uma boa mudança.

Vinte metros atrás, a porta de acesso ao telhado abriu-se. Ela projetou a Força, mas sabia quem era mesmo antes disso. Tinha razão.

— Mara? — chamou Luke.

— Aqui — respondeu ela, sem tirar os olhos das luzes da cidade.

Sabia que ele estava ali para ouvir sua resposta.

— É uma bela vista, não é? — comentou ele, apoiando-se no muro ao lado dela. — Deve trazer recordações a você.

Ela lançou um olhar cheio de paciência, antes de responder.

— Tradução: Como estou me sentindo sobre voltar para cá dessa vez? Sabe, Skywalker... aqui entre nós... você fica quase patético quando tenta fazer algo escondido. Se eu fosse você, desistia do gênero e voltava à sinceridade tipo rapaz da fazenda.

— Desculpe. Acho que passo tempo demais com Han.

— E comigo e Karrde, certo?

— Quer que eu responda isso com a sinceridade de um rapaz criado na fazenda?

Ela sorriu.

— Certo, desculpe ter tocado nesse assunto.

— Então, como está se sentindo?

— Um pouco estranha... — confessou Mara. — É um pouco como voltar para casa... só que não é igual. Eu nunca fiquei aqui e *olhei* de verdade para a cidade, como estou fazendo agora. As únicas vezes em que eu subia aqui era para vigiar uma determinada nave, ou algum prédio. Negócios do

Imperador. Acho que ele jamais enxergou a Cidade Imperial como pessoas e luzes... para ele, não passavam de poder e oportunidades.

— Era a forma como ele enxergava tudo — concordou Luke. — E falando sobre oportunidades...

Mara ficou séria. Tinha razão. Ele viera para saber sua resposta.

— Essa situação toda é ridícula. Você sabe disso, e eu também.

— Karrde não pensa assim.

— Karrde é um idealista pior que você, algumas vezes — retorquiu ela. — Em primeiro lugar, ele nunca vai conseguir manter unida essa coalizão de contrabandistas.

— Pode ser que não, mas pense só nas possibilidades se ele conseguir. Existem muitos contatos e fontes de informação lá na fronteira aos quais a Nova República não tem acesso.

— E para que você precisa de fontes de informação? Thrawn está morto e o centro de clonagem destruído. O Império está em retirada outra vez. Você ganhou.

— Ganhamos em Endor, também — lembrou Luke. — Isso não nos impediu de trabalhar anos para consolidar as defesas e tomar as providências políticas necessárias. Ainda temos muito trabalho para fazer.

— Ainda não faz sentido nenhum me colocar no meio disso

— argumentou Mara. — Se você quiser uma ligação entre vocês e os contrabandistas, por que não escolhe Karrde para fazer isso?

— Porque Karrde é um contrabandista. Você é assistente dele.

— Grande diferença — comentou ela, dando de ombros.

— Para algumas pessoas, é importante. Todo esse processo de negociação está baseado mais nas aparências e nas imagens do que em realidade. De qualquer forma, Karrde já disse que não quer o cargo. Agora que os vornskr já se recuperaram, só quer voltar para casa.

— Não sou política e muito menos diplomata — protestou Mara.

— Mas você é alguém em quem os dois lados confiam. Isso é o importante nesse caso.

— Você diz isso porque não conhece essas pessoas, Skywalker. Confie em mim... Chewbacca e os caras que vocês mandaram para mudar os noghri para o novo planeta vão se divertir muito mais.

Ele tocou-lhe a mão.

— Você pode fazer isso, Mara. Sei que pode.

— Vou ver o que posso fazer — disse ela, com um suspiro.

— Tudo bem. Pode descer quando estiver pronta.

— Claro — respondeu ela, olhando-o com o rabo dos olhos.

— Mais alguma coisa? Ele sorriu.

— Você está ficando boa nisso.
— A culpa é sua, por me ensinar bem. Vamos lá, desem-buche.
— E só isso — disse Luke, apanhando um objeto no interior da túnica.
— O que é? — indagou Mara, franzindo a testa.
— É meu velho sabre-laser — disse Luke, devagar, estendendo a arma.
— O que perdi na Cidade das Nuvens e que quase me matou em Wayland. Gostaria que ficasse com ele.

Ela olhou para ele, surpresa.

— Para mim? Por que para mim?

— Por vários motivos. Primeiro, porque mereceu. Está a ponto de se tornar uma Jedi e irá precisar dele. Mas principalmente porque quero que fique com você.

Devagar, quase com relutância, ela apanhou a arma.

— Obrigada.

— Por nada — respondeu Luke, tocando-lhe a mão outra vez. — Estarei no sala de reunião com os outros. Desça quando tiver decidido.

Voltou-se e caminhou para a porta de acesso. Mara voltou a observar as luzes da cidade, o metal frio do sabre-laser apertado contra sua mão. O sabre-laser de Luke Skywalker. Provavelmente um de seus últimos elos com o passado... e ele o entregara a ela.

Havia ali uma mensagem? Provavelmente. Como ela mesmo apontara, a sutileza não era um dos pontos fortes de Luke. Mas se fizera esse gesto com outras intenções, perdera tempo. Seu último elo com o passado fora quebrado na sala do trono, no monte Tantiss.

Seu passado terminara. Era tempo de continuar, em direção ao futuro. E o futuro era a Nova República. Gostasse disso, ou não.

Atrás dela, escutou a porta grossa de madeira rangendo nos gonzos.

— Espere um pouco, Luke — disse Mara. — Vou com você.

Sobre o Autor

Timothy Zahn é um escritor de ficção científica bastante popular nos Estados Unidos, conhecido por destacar aspectos humanos das histórias que narra, contra um fundo bem pesquisado de ciência e tecnologia. Ganhou o Hugo Award por seu romance *Cascade Point* e é autor de onze livros de ficção científica, entre os quais destacam-se *Cobra*, *The BlackcoUar* e *Warhorse*, assim como mais duas coletâneas de contos.